

*Benedicto Monteiro*



SENTIDOS DA CULTURA | BELÉM-PA  
| ANO 11 | N.21 IAGO-DEZ 2024

**Universidade do Estado do Pará**

**Reitor**

*Clay Anderson Nunes Chagas*

**Vice-Reitor**

*Ilma Pastana Ferreira*

**Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação  
(PROPESP)**

*Jofre Jacob da Silva Freitas*

**Pró-Reitora de Graduação (PROGRAD)**

*Ednalvo Apostolo Campos*

**Pró-Reitora de Extensão (PROEX)**

*Vera Regina da Cunha Menezes Palácios*

**Pró-Reitor de Gestão e Planejamento (PROGESP)**

*Carlos José Capela Bispo*

**Diretor do Centro de Ciências Sociais e Educação  
(CCSE)**

*Anderson Madson Oliveira Maia*

**Coordenador da Editora da UEPA (EDUEPA)**

*Nilson Bezerra Neto*

**Líderes do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias  
Amazônicas (CUMA)**

*Dia Ermínia da Paixão Favacho*

*Nazaré Cristina Carvalho*

**Editoras da Revista**

*Dia Ermínia da Paixão Favacho*

*Josebel Akel Fares*

*Maria Roseli Sousa Santos*

**Editoras do V.11, N.21**

*Josebel Akel Fares*

*Paulo Jorge Martins Nunes*

*Marcia Daniele dos Santos Lobato*

**Conselho Editorial**

*Mailson de Moraes Soares*

*Marcia Daniele dos Santos Lobato*

*Marco Antônio da Costa Camelo*

*Nazaré Cristina Carvalho*

*Renilda do Rosário Moreira Rodrigues Bastos*

**Projeto Gráfico:**

*Jamile Freitas Machado*

*Maria Roseli Sousa Santos*

**Foto de capa**

Acervo da família Monteiro

**Equipe de revisão**

*Jessiléia Guimarães Eiró*

*André Monteiro Diniz*

*Délcia Pereira Pombo*

**Secretaria**

*Ana Maria de Carvalho*

**Comitê Científico**

Prof. Dr. Allison Marcos Leão da Silva, UEA, BR

Profª. Drª. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, UNB, BR

Prof. Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza, UFCG, BR

Profª. Drª. Christiane Stallaert, Universidade de Antuérpia,

Universidade de Leuven, BE

Prof. Dr. Ernani Chaves, UFPA, BR

Prof. Dr. Frederico Garcia Fernandes, UEL, BR

Prof. Dr. José Guilherme dos Santos Fernandes, UFPA, BR

Profª. Drª. Maria Helena Menna Barreto Abrahão, PUCRS, BR

Prof. Dr. Mario César Silva Leite, UFMT, BR

Profª. Drª. Nádia Regina Barbosa da Silva, Universidade Católica

de Petrópolis/ Profª. Da Universidade Estácio de Sá/RJ, BR

Prof. Dr. Roberto Vecchi, Universidade de Bolonha, IT

**Política Editorial.**

Sentidos da Cultura é um periódico semestral do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA), que publica artigos, relatos de experiência, entrevistas, resenhas, no campo referente às linhas de pesquisa do Núcleo, ligadas às áreas de letras, linguística, artes, ciências humanas e sociais, incluindo educação/ensino, com contribuições de autores brasileiros e estrangeiros. A nomeação da revista Sentidos da Cultura é uma escolha originária de projetos do Núcleo, que objetivam promover espaços de disseminação de estudos, pesquisa e reflexão sobre a cultura, trocas de experiência e estímulo à produção intelectual. Cultura, eixo temático, é entendida como amálgama de elementos materiais ou imaginários construídos ou modificados por homens e mulheres que dão forma às sociedades. No CUMA, tentamos visibilizar essa pluralidade cultural na organização das linhas de pesquisa, composta de Audiovisual, Diversidade Linguística, Estudos em PLE/PLA (Português como Língua Estrangeira/ Língua Adicional); Memória e História, Ludicidade, Poéticas, Contadores de Histórias e ainda aberto para novas possibilidades. Na capa, a cada edição, trará um brinquedo de miríti, que representa a cultura ribeirinha materializada em forma de brinquedo, que tem como matéria prima o braço da palmeira do miritizeiro, cujo nome científico é *Mauritia flexuosa*. São canoas, barcos, pássaros, borboletas, cobras, elementos da fauna e da flora amazônica, cenas do cotidiano ribeirinho, que ganham forma nas mãos dos artesãos.

**Revista Sentidos da Cultura**

**Universidade do Estado do Pará/ Centro de Ciências Sociais e Educação**

Trav. Djalma Dutra, s/n, Bloco IV Telégrafo- Belém-PA.

CEP: 66.113-010

Fone: (91) 4009-9561.

Email: [sentidosdaculturarevista@gmail.com](mailto:sentidosdaculturarevista@gmail.com)

<https://periodicos.uepa.br/index.php/sentidos>

**Editora da Universidade do Estado do Pará**

Tv. Dom Pedro I, 519- Umarizal- CEP: 66.050-100- Belém-PA-Brasil

Fone/Fax: (91) 3222-5624- E-mail: [eduepa@gmail.com](mailto:eduepa@gmail.com)

[www.uepa.br/eduepa](http://www.uepa.br/eduepa)

**DOI - 10.31792/rsc.v11i21**

Semestral ISSN- Eletrônico: 2359-3105.

Revista Sentidos da Cultura/ Universidade do Estado do Pará.

**V.11, N.21. Belém: EDUEPA, Ago./Dez. 2024.**

## SUMÁRIO

**5. BENEDICTO MONTEIRO: ROMANCE, POESIA, RESISTÊNCIA E IDENTIDADES AMAZÔNICAS**

*Josebel Akel Fares  
Paulo Jorge Martins Nunes  
Marcia Daniele dos Santos Lobato*

## ARTIGOS

**8. A Voz indomável**  
*Wanda Monteiro*

**17. As Amazônias como territorialidades de enunciações na tetralogia amazônica**  
*Airton Souza de Oliveira  
Fábio Fonseca de Castro*

**31. A magia dos objetos na narrativa de Benedicto Monteiro**  
*José Guilherme de Oliveira Castro  
Luis Fernando Ribeiro Almeida  
Milena Silva Castro*

**46. Cartas de Zuleika no Minossauro de Benedicto Monteiro – violação dos Direitos Humanos na ditadura militar pós-1964 na Amazônia brasileira**  
*Maria de Fatima do Nascimento*

**62. A simbologia da fé amazônica em “O peixe” de Benedicto Monteiro**  
*Geovane Silva Belo  
Diemerson Ribeiro*

**76. A memória na Amazônia sob o olhar de Miguel dos Santos Prazeres, de Benedicto Monteiro**

*Cristina Dias Nogueira  
Denise de Souza Simões Rodrigues*

## ENTREVISTAS

**86.** O Verde Mundo de Benedicto Monteiro  
*Aristóteles Guilliod de Miranda*

**95.** Memórias de Belém em testemunho do escritor Benedicto Monteiro  
*José Denis de Oliveira Bezerra*  
*Josebel Akel Fares*  
*Venize Nazaré Ramos Rodrigues*  
*Wellingson Valente dos Reis*

## **123.** RETRATOS, REFIGURAÇÕES E POESIA DE BENEDICTO MONTEIRO

**124.** Metáfora e ousadia: com apresentações de poemas de Benedicto Monteiro  
*Paulo Jorge Martins Nunes*

## **128.** OUTRAS PUBLICAÇÕES LITERÁRIAS:

Literatura infantil  
Literatura erótica  
Narrativas Fotográficas  
Família, infância e juventude  
Registros da atuação política

## **171.** ALGUMAS PRODUÇÕES JORNALÍSTICAS DO AUTOR E SOBRE O AUTOR

## **BENEDICTO MONTEIRO: ROMANCE, POESIA, RESISTÊNCIA E IDENTIDADES AMAZÔNICAS**

Benedicto Wilfredo Monteiro (1924/2008), nascido em Alenquer, Pará, Amazônia, foi homem de variados ofícios, bacharel em Ciências Jurídicas pela antiga Universidade do Brasil, atual UFRJ, promotor de justiça, secretário de Estado, político, militante pela reforma agrária, Benedicto se destacou como escritor de poemas, contos e romances, entre outros gêneros textuais, pertenceu a várias entidades literárias, como a Academia Paraense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico do Pará. Entre suas escrituras, salienta-se a tetralogia do romance amazônico, composta por *VerdeVagomundo* (1972), *O Minossauro* (1975), *A Terceira Margem* (1983) e *Aquele Um* (1985). Estudado no Brasil e no exterior, sua obra literária é reconhecida como um exemplar da ficção contextual amazônica e que faz jus a um exímio artista da palavra.

Benedicto Monteiro foi publicado por diversas editoras brasileiras, hoje tem seu trabalho reeditado pela Imprensa Oficial do Pará/Editora Pública Dalcídio Jurandir. Em 2024, celebra-se o centenário do autor alenquerense e em comemoração alguns eventos foram realizados para marcar a data. A Universidade do Estado do Pará (UEPA) Centro de Ciências Sociais e Educação, organizou através do grupo de pesquisa Sociedade, Ciência e Ideologia (SOCID) programação de palestras e debates com a presença da poeta Wanda Monteiro, filha do autor, e relançamento de obras. A Fundação Cultural do Pará (FCP), realizou programação na Biblioteca Arthur Vianna, com exposição, workshop para professores, palestras com Abílio Pacheco, Fátima Nascimento e Wanda Monteiro, já citada, performance do poeta Juraci Siqueira e música de Andréa Pinheiro. No Museu de Arte Sacra, a Exposição na Galeria Fidanza, com curadoria do Sistema de Museus e Memoriais (SIMM/Secult). A Defensoria Pública do Estado Pará, criada por Benedicto Monteiro, entre outras instituições, incluindo escolas estaduais e municipais, também participaram das homenagens, que, além de demonstrar a qualidade estético-social de seu trabalho, também significa reavivar a tinta da memória para lembrar que, em 2024,

completou-se sessenta anos do golpe civil-militar no país, que após romper com a democracia instituiu um regime de exceção, uma ditadura que perdurou por mais de vinte anos no Brasil, “página infeliz da nossa história” sofrida por Benedicto e tantos homens, mulheres e crianças que viverem a suspensão daquilo que chamamos de estado democrático de direito, além da truculência, violência do estado brasileiro àqueles que se opunham ao regime.

E na intenção de celebrar e rememorar Bené, como também era conhecido, a Revista Sentidos da Cultura compartilha o Dossiê intitulado **Benedicto Monteiro: romance, poesia, resistência e identidades amazônicas**, ANO 11, V. 21/2024. Uma vez que esta edição estuda um autor contemporâneo da Amazônia, o número conta, especialmente, com a colaboração de professores pesquisadores de Instituições de Ensino Superior do Pará, e tem a composição de seis produções ensaísticas e duas entrevistas. Os textos versam sobre a obra do ‘pai’ de Miguel dos Santos Prazeres, o “cabra da peste”, a **Voz indomável**, inclusive título do primeiro artigo, que atravessa a “ressonância do tempo, suas claridades, seus escuros, seu grito e seu silêncio”. Texto que nos traz o presente de mergulhar nos rios da memória de Wanda Monteiro.

Inicia-se em então um percurso entre estudos que refletem muitas nuances possíveis na escrita do autor, como no texto **As Amazônia como territorialidades de enunciações na tetralogia amazônica** traz inquietante reflexão sobre como Benedicto Monteiro, de forma lúcida e contundente nos revela pela sua ficção a violência colonial forjada para Amazônia pelo colonizador e entender o processo de invisibilização do território e cultura amazônica.

Adentramos o universo de Miguel, acompanhados do terçado 128, a canoa e a cachaça avançamos para o texto, **A magia dos objetos na narrativa de Benedicto Monteiro**, a partir de observações sobre o épico, o artigo traz em diálogo elementos mágicos utilizados por nosso herói, Miguel dos Santos Prazeres. Já no estudo **Cartas de Zuleika no Minossoauro de Benedicto Monteiro - violação dos Direitos Humanos na ditadura militar pós-1964 na Amazônia brasileira**, conhecemos Zuleika, que escreve cartas para seu noivo Roberto, em um momento em que no Brasil, para muitos só é possível a escrita por códigos com tinta feita de silenciamento. Este texto, suscita de forma instigante, lembrarmos que ainda hoje, é preciso estar vigilante ao fantasma que ronda a democracia.

No artigo **A simbologia da fé amazônica em “O peixe” de Benedicto Monteiro**, é apresentado e discutido o projeto narrativo do autor que é imerso nas vivências ribeirinhas amazônicas e suas relações de subsistência e fé, a partir do regimento da natureza, temática sempre presente na escrita do autor, que relaciona os saberes e processos educativos não formais na tetralogia de Benedicto, como é possível apreciar no estudo **A memória da Amazônia sob o**

**olhar de Miguel dos Santos Prazeres, de Benedicto Monteiro**, que pela rememoração trazida por Miguel, personagem principal na ficção monteiriana.

Ainda neste dossiê, temos acesso a duas entrevistas, a primeira realizada no ano de 1999, intitulada **O Verde Mundo de Benedicto Monteiro** apresenta a rotina, projetos e memórias, vida e escritura, do autor Benedicto Monteiro. **Memórias de Belém em testemunho do escritor Benedicto Monteiro**, a segunda nos leva para a pesquisa *Memórias de Belém em Testemunho de Artistas* (2005-2006) coordenada e executada por professores e discentes do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas da Universidade do Estado do Pará- CUMA/UEPA. Nesta entrevista, Benedicto comenta sobre seu processo como escritor, sua inserção à política, sua prisão durante a ditadura e sua opinião sobre questões de diversos assuntos como incentivo à cultura.

Para além, na seção pós artigos, em **Retratos, Refigurações e Poesia de Benedicto Monteiro** encontram-se poemas do autor e alguns registros fotográficos, reportagens, material didático, gentilmente, cedidos pela família Monteiro. Em oportunidade, agradecemos de forma especial à poeta Wanda Monteiro, pela cessão dos arquivos que compõem nossa revista.

Por fim, o próprio Miguel dos Santos Prazeres, vindo de *Como se faz um guerrilheiro*, se achega para o convite à leitura, “vou contar a minha história, mas por viagens. Depois que larguei minha canoa jita, perdi todo o mundo na linha d’água. Pro senhor que me ouve hoje, pode parecer uma extravagância de memória. Mas, para mim, foi um salto muito grande nos rumos das distâncias” (Monteiro, 1995, p. 5).

Vamos embarcar na canoa de Miguel? Ou será de Bené?

Cordialmente,

os editores.

*Josebel Akel Fares*  
*Paulo Jorge Martins Nunes*  
*Marcia Daniele dos Santos Lobato*

## A VOZ INDOMÁVEL

Wanda Monteiro

É inverno nesse meridiano. Estou ao pé da serra, à minha frente tenho o mar aberto, ao meu lado uma laguna. Estou bem longe de meu rio Amazonas. Estou em um outro rio que não é rio, mas guarda um nome de santo e chamam de São Sebastião do Rio de Janeiro. É uma madrugada fria e molhada. Vou dormir com a música da chuva. Eu adoro essa cantilena da chuva. Ela caindo no barro da telha, caindo sinuosa, batendo na minha janela.

Não consigo dormir, escuto a voz de Miguel dos Santos Prazeres falando de seu pai:

*... Eu sei, eu sei que ele amava a chuva, porque eu via nos seus olhos a alegria de ver a água escorrendo, banhando as árvores, caindo sobre a mata, crivando o rio de pingos e respingos, descendo as ribanceiras. Ele gostava da chuva, porque ele entendia o barulho da conversa que ela fazia nas barracas de palha. A chuva tem uma cantiga antiga de enganar o sol, de misturar o dia com a noite e de ensinar o pobre adormecer com fome, A chuva tem uma conversa-fiada-tecida-na-palha que até é doce de se escutar.*

Com a voz de Miguel no pensamento, agora mesmo é que não conseguirei dormir. É tão difícil dormir. Sempre que vou dormir, ocupo muito de mim com esse desassossego de olhar para vida e dela saber o seu deslimite. Quando a madrugada chega, tenho em mim essa inquietude de escutar a ressonância do tempo, suas claridades, seus escuros, seu grito e seu silêncio.

Preciso muito dormir, soltar o fio do pensamento e descansar para escrever sobre Benedicto, o Bené como eu gosto de chamá-lo. Escrever sobre ele é sempre um desafio.

Acordei ao meio-dia com a cantilena da chuva.

Sim. Ainda chove nesse início da tarde. É uma chuva amiúde.

Não resisti. Fui ter com a chuva. Sempre tenho esse gesto atávico de olhar para chuva, de correr para dentro da chuva, de olhar de dentro dela, de chover com ela. Bené meu pai, dizia que nisso, eu parecia muito com sua mãe, minha avó Heriberta. Minha avó

Berta, assim eu a chamava, gostava de ficar sob a chuva, de olhar para ela caindo sobre o rio. Em sua casa, na beira do rio, ela sentava na cadeira de balanço e fincava seus pés na terra molhada, olhando a chuva fazer seus caminhos para o rio.

Para nós, de vida ribeira, a chuva é o rio suspenso no ar.

A chuva é um talento da natureza.

Nesse quando de chuva, de um inverno ao pé serra, me vejo diante da janela, olhando para chuva. Pareço escutar a voz de meu pai, a voz de minha avó Berta e a voz de Maria. Sim. Escuto a voz de Maria de todos os rios, ela falando de sua mãe e seu encantamento pela chuva.

*... Nas horas que chovia, minha mãe saía pra fora de casa e tomava banho na chuva. Deixava que a água lavasse o seu rosto, virado pro céu, num gesto parado e de súplica.*

*... Nunca compreendi essa inquietação de minha mãe. Eu pensava que era uma doença. Nem tive capacidade de interpretar os seus gestos, como esse de se entregar todinha pras águas da chuva...*

Penso que ao escrever sobre a mãe de Maria, Bené lembrava de sua mãe e de seu estado de maravilhamento ao ver a chuva cair. Minha avó fazia assim como dizia Maria de sua mãe:

*... Com olhos fechados ou fitando entre os respingos, nunca imaginei que ela podia estar procurando, muito longe, o firmamento. Era paresque a procura de uma brecha, pra olhar mais longe. Uma janela pro rio, com leito largo e águas correntes...*

Com essa escuta, me veio um sentimento antigo e só nesse agora, tomo consciência de que Miguel e Maria são como irmãos. Meus irmãos metafísicos, é certo. Mas, irmãos.

Miguel e eu nascemos no mesmo ano. No ano de 1958. Eu nasci à margem esquerda do rio Amazonas, num de seus braços líquidos, o igarapé chamado Surubiú, numa cidade ribeira chamada Aldeia de Alenquer. Miguel, nasceu no anverso de um papel, hoje, um manuscrito amarelado pela travessia do tempo, perdido nos escaninhos de memórias. O fato é que Miguel dos Santos Prazeres, o Minossauro, foi concebido no campo das ideias. Foi pensado, sonhado e gestado sobre as águas, quando Bené fazia suas viagens rios adentro, em cima de uma canoa gita como ele dizia, ou em cima de suas voadeiras, como eram chamados os barcos movidos a motor. A semente de Miguel foi plantada pela palavra, no Conto O Precipício, escrito 1958 e publicado no ano seguinte, na revista literária editada por um outro bendito Benedito, nosso genial Benedito Nunes.

Miguel e eu nascemos sob o signo da liberdade. Nascemos antes do golpe que tomou de assalto a liberdade de meu pai. Maria é fruto do exílio. É fruto deste sempre verbo conjugado por Benedicto Monteiro: o verbo resistir. Maria de todos os rios, foi concebida por Bené, em seu longo e doloroso tempo de exílio, cumprido em sua casa, sua ilha dentro da ilha, sua ilha avenida. Foi na solidão das matas, no cárcere e na sua própria ilha que Bené encontrou se encontrou com o espaço, com o tempo, com o homem amazônica. Foi na solidão, que meu pai, encontrou consigo mesmo e constatou que só poderia exercer sua mais íntima liberdade no ato de escrever. Posso ouvir sua voz dizendo:

*Pois foi nas matas de Alenquer e nesse cárcere de quartel que me encontrei comigo mesmo. E também com o tempo, com o espaço e o homem amazônico. A partir daí, a minha vida íntima se confundia com esse tempo, com esse espaço e com a vida dessa gente que mais tarde se transformariam nas personagens de meus livros. Confirmei, naquele período, que escrever, para mim, era também o único exercício da minha mais íntima liberdade, e de tal forma, que quando me deparei com a liberdade propriamente dita, que tive que enfrentar a sociedade na condição de marginal, proscrito ou vivente do ostracismo, quase não percebi que não tinha voltado para a minha mesma cidade. Para a minha mesma casa. Mesmo no convívio com a minha família, ao lado de minha mulher e meus filhos, eu tinha bruscamente caído numa ilha, numa ilha do mundo, numa ilha social, numa ilha da avenida.*

Nessa dobra tempo, em que mergulho nesse rio de palavras para escrever sobre Bené, me vejo em busca de seu gesto inicial, de suas primeiras visões, de sua primeira pulsão pela escrita e na escrita. Mas a memória quando é escavada em suas fundas camadas, corre esse risco de reinvenção. Assim acontece com Bené, na escritura de seu Transtempo, quando ele tenta falar de sua identidade em suas memórias:

*É muito difícil, ainda hoje, separar os meus sentimentos religiosos, políticos e sociais neste meu processo permanente de dúvida e conhecimento. É muito difícil classificar-me, codificar-me, identificar-me.*

Sou escritora, dizem que também sei escrever poemas. Sobre escrever poemas, não tenho muita certeza disso. Mas, sobre meu amor e devoção pelas palavras e pela literatura, sobretudo como leitora voraz que fui. Disso eu não tenho dúvidas. Acho que herdei de meu pai esse amor e devoção pelas palavras. Estou escrevendo um livro de poemas sobre meu encontro com o mar. Nesse momento em que escrevo sobre Bené, tento me depreender das paisagens que componho em meu livro. Não consigo.

Ouço o barulho do mar. Posso ouvir e sentir o átimo do instante em que a crista da onda quebra e cai com toda força sobre a areia. O mar está em ressaca e sua ressonância pode ser sentida ao compasso de minha respiração. Moro ao pé de um afloramento rochoso. E nessa noite, essa coluna rochosa está à espreita de Urano em fúria. Já é noite. Esse dorso, feito de sal e espuma, inclina-se para ouvir o rumor do tempo.

O mar. Se signo fosse, seria um deus a repetir-se na estranha força de ondular infindo, em e por si, sob pétrea regência suspensa no abismo das equidistâncias. Fosse deus, seria o mar, esse corpo erguido ao vento, a forma viva de uma nave-mãe, nave líquida, mãe movente, face oculta do deserto.

Vou dormir com o mar.

Hoje acordei com essa lembrança. Que um dia, ao ser provocado por mim sobre o começo de sua paixão pela literatura, Bené disse-me que embora essa pulsão pela escrita literária tenha sido deflagrada quando ele ainda era um jovem adolescente de 16 anos e foi arrebatado pela leitura de *Chove nos Campos de Cachoeira*, do escritor Dalcídio Jurandir, ela só se consolidou com a escrita de seu *Verdevagomundo*. Esse livro foi seu primeiro romance e mais tarde, faria parte de sua trilogia amazônica.

Essa conversa aconteceu em plena ditadura militar, portanto, embora o recrudescimento da ditadura militar e de suas forças opressoras tenham sido, de alguma forma, estancados por movimentos políticos de resistência que abririam para o caminho da redemocratização, meu pai ainda vivia em sua/nossa ilha e sempre afirmava que o ato da escrita, para ele, era um ato de resistência.

Esse maravilhamento, experimentado por Bené ao ler o livro *Chove nos Campos de Cachoeira*, o despertou para uma nova e inquietante visão sobre esse microcosmo chamado Amazônia e ainda, lhe acenou para novas percepções sobre o viver dos ribeirinhos. Nesse momento, aos 18 anos de sua vida, nascia *Bandeira Branca*, seu primeiro livro de poesia e nele, o escritor que também nascia, dava os primeiros sinais de que sua escrita estava sendo fundada em uma consciência potencialmente política e de resistência.

Seu poema *Insatisfação* dá claros sinais dessa inquietação:

*Trago no corpo*

*o frio desfibrilador das endemias*

*a lama das terras alagadas*

*e o soturno roncar do Amazonas*

*quebrando e inundando*

*verdes matarias!*

*Trago nos olhos*

*o horizonte verde, sempre verde,  
da terra imensa e misteriosa,  
a realidade triste, sempre triste,  
dos homens que vivem  
nas lendas maravilhosas.*

*Desses homens que lutam*

*a guerra dos fortes;  
brigando com a terra,  
brigando com a água  
e com a ferocidade  
das forças desconhecidas.*

*Trago nos olhos*

*a monotonia das paisagens,  
a poesia triste das paragens,  
a triste poesia que brota da terra,  
transformando em lenda a miséria da vida!*

*Trago na alma*

*os quadros trágicos e possantes  
que guardam ainda a cor  
e a impetuosidade  
das criações remotas.*

*Trago na alma*

*a impressão marcada  
da gente infeliz e desgraçada  
que já enfrentou todas as derrotas!*

*Tudo isto eu trago*

*no meu coração  
para escrever  
a minha grande poesia  
de insatisfação...*

Após a publicação de *Bandeira Branca*, Bené fez um longo interlúdio em sua caminhada literária. Continuou escrevendo, aqui e ali, poemas, contos, ensaios. Mas quase não publicava. Foi viver uma vida de lutas onde conjugava, com vigor, o verbo resistir. Percorreu uma senda que lhe levou à carreira política, e essa se colocou à frente da carreira literária. Esse percurso político, de lutas por liberdade, igualdade e justiça social o levou para um lugar potencialmente perigoso diante de um golpe militar que tomou de assalto sua liberdade por longos anos.

No depois da senda de palavras, até aqui lidas, escritas por mim e por Bené meu pai, me veio à escuta não de sua voz, mas sim de seu silêncio.

Se ele estivesse entre nós, aqui e agora, ele me diria sobre o silêncio que sempre me acomete diante das mortes de cada dia. E eu lhe diria do vazio dessa estação chamada saudade.

A saudade de Bené será sempre um silêncio.

Cultivo em mim esse silêncio de revolver a memória deitada no leito mais fundo, sobre seixos de relvas afogada. Esse silêncio de escavar o fundo do tempo. O que me há sempre deságua nele: o rosto silente do pai a me olhar das distâncias, de viver e correr entre uma margem de lembrança e outra margem de espera. Essa espera densa de sílaba a sílaba, concentrada em cristal arenoso. Mas, há uma terceira margem de incontornável geografia: o agora e essa saudade a consumir o pensamento em amplidão de ausências. A saudade essa clareira no peito ancho de ecos. A saudade esse lembrar à exaustão. A saudade. Esse algo, a pesar sobre o dorso do tempo partido por uma estação sem nome. E há outra margem. A margem onde busco a palavra: uma palavra que seja rio para assim ser palavra, uma palavra de ter começo, mas, de não ter fim, pois que não ter fim é seu destino.

No dorso desse tempo de guelras abertas, há a voz do pai dizendo das palavras que sustentam o mundo, que suspendem o céu, que inventam a vida e agasalham, na memória, o mistério de todo sentir.

Meu silêncio foi quebrado pela chegada de meus netos, em minha cabana ao pé serra. Os netos são para mim esse amor em desmesura, um laço inquebrantável. Neles, eu

posso exercer minha afetuosidade e meu bem-querer livremente. Eles quebram em mim qualquer silêncio.

Só hoje, nessa noite fria com ventos soprando à sudoeste, sob à constelação do Cruzeiro do Sul, em agosto de 2024, eu me dei conta que Miguel dos Santos Prazeres, assim como eu, completou 66 anos de existência. A diferença é que Miguel não envelheceu como eu envelheci. Sobre Miguel não incide nem o peso nem os atravessamentos do tempo. Nas palavras, Miguel vive e revive com o mesmo vigor.

Bené vive em Miguel. Ele tem, nas palavras, sua cotidiana ressurreição. Nas palavras, sua voz indomável pode ser ouvida cotidianamente.

Sobre o tempo, sua travessia e seus efeitos, posso dizer que sinto o seu peso sobre o corpo e sobre a maturidade nos ossos das palavras. No entanto, o tempo me trouxe o que considero uma virtude: já não tenho pressa. No começo desse meu anoitecer, cultivo a contemplação.

Antes de partir, meu pai Benedicto Wilfredo Monteiro anoiteceu. Estive ao seu lado nos últimos meses de sua noite. Ele, adoecido, sem chances de cura, muitas vezes, acordou, olhou sorrindo para mim, dizendo: *Filha! Estou partindo.*

Vendo-me revisar seu último romance, dizia: *Filha, antes de partir, preciso lançar meu Homem Rio, preciso libertar Miguel.*

Hoje, digo para mim que esse foi mais um de seus atos de resistência.

Ele partiu.

Posso ouvir sua voz:

*Tantos anos andei pelo. Sempre transitoriamente. Aprendi que porto, mesmo, é só a maturidade. E chegada, mesmo, é só o último regresso.*

Bené, em seus últimos dias, nesse quando e onde vivemos, raramente dizia a palavra morte. Falava sempre em partir. E nesse exato ato de escrevê-lo, lembro de seu sentimento sobre a morte, e sobretudo, lembro de quão era importante ele reafirmar a vida, conjugando o verbo resistir. Esse sentimento é traduzido na voz de seu alter ego Miguel:

*Nego as mortes! Nego e renego as mortes, todas as mortes. As mortes de ficar calado, as mortes de ver a água correr, as mortes de ver o rio sempre passar, as mortes gerais dos homens que envelhecem. Eu nego e renego as mortes. Eu só afirmo a vida. Minhas afirmativas, só são de bem-querer, de bem-viver e de bem-lutar.*

Sinto que sempre vou lembrar desse dia. O dia em que eu e meu irmão Ben levamos as cinzas de Bené para se misturarem às águas de seu rio Amazonas.

Sáimos de Santarém, numa lancha de um amigo da família, atravessamos as águas azuis do rio Tapajós e cruzamos o encontro das águas. Após cruzar o encontro, a lancha deu defeito. Ficamos à deriva, por várias horas. Eu disse para meu irmão: *Bené está querendo nos dar algum recado*. Ele riu. Era um dia de sol inclemente. A situação era bem perigosa. Estávamos com pouca água doce a bordo e sob um céu nu de nuvens, portanto sem sombra alguma que pudesse nos proteger da luz espelhada no ouro das águas barrentas do gigante Amazonas. Para todo lado que firmávamos a visão, só víamos água. Era um mundão de águas. Todos os horizontes pareciam dar em abismos. Nossos olhos não alcançavam terra firme e nenhuma ilha. Estávamos no topo do mundo. Só havia a água. Ao longe, podíamos ver as ilhas de ninfeias chamadas mururés, flutuando sobre as águas. Havia o espaço contido no tempo e o tempo contido no espaço. Havia mil tons de verdes e de azuis. Havia mil tons de ouro e de prata. Nesse momento, eu e meu irmão nos abraçamos, e eu lhe disse: *Mano! Estamos dentro do verdevagomundo de Bené*.

O piloto, finalmente consertou a lancha. Mas, perdemos o furo do rio que nos levaria ao igarapé Surubiú. Esse era o recado de Bené. Ele queria ficar no topo do mundo, no alto do rio, em sua correnteza mais revolta, em suas águas mais fundas.

Deixamos nosso pai misturado às águas de seu rio Amazonas.

Naquele exato instante, das cinzas se misturando ao rio, parecia ouvir a voz do meu pai:

*Guardo-me em tuas águas. Peça-te! Guardes, na eternidade, os sonhos que sonhei e os sonhos que não me deixaram sonhar.*

Era uma oração. Sua última oração.

Nossa oração, foi a voz do pai, na voz de Miguel:

*Tudo era espaço e tempo vago. Verde e vago. Verde vagomundo. Foi aí que me perdi na pura claridade. Era paresque claridade do verde, da água, da noite e do silêncio. Pensei que era a morte, que eu estava morto. Pensei que eu estava bem no fundo. Mas nesse mesmo instante, nesse justo e exato momento, foi que a água e o céu se abriram e surgiu uma praia branca. Muito branca. Todos os verdes e todas as cores se resumiram naquela praia. E não tinha princípio nem fim: era uma distância. Era paresque também uma margem. Mas, uma outra margem<sup>1</sup>.*

---

<sup>1</sup> Nota: os excertos em itálico, foram extraídos (respectivamente) dos livros de Benedicto Monteiro: O Precipício, o Conto; Maria de Todos os Rios; Transtempo; Bandeira Branca: Verdevagomundo e Aquele Um

Sobre a autora

**Wanda Monteiro**

Wanda Benedicto Marques Monteiro nasceu no dia 21 de março de 1958, em Alenquer, lado Oeste do Pará. Advogada, escritora e poeta. Filha do escritor Benedicto Monteiro, cultivava o gosto pela leitura e pelo exercício da escrita desde a infância. Herdou do pai a veia poética e a voz militante, usando da literatura a extensão mais profunda de sua alma. Autora de diversas obras, entre ensaios, poemas, contos e romances. Seus textos foram publicados dezenas de antologias e revistas literárias, entre as quais Mallamargens, Gueto e Acrobata. É autora das obras: "O beijo da chuva" (Ed. Amazônia, 2008); "Anverso" (Ed. Amazônia, 2011); "Duas mulheres entardecendo" (Ed. Tempo, 2015), com Maria Helena Latinni; "A liturgia do tempo e outros silêncios" (Ed. Patuá, 2019); e "Aquatempo - Aquatiempo" (Ed. Patuá, 2020), com edição bilíngue em português e espanhol. Wanda Monteiro agora recorre à prosa para denunciar a perseguição sofrida por sua família durante a ditadura militar. Publicou recentemente o livro "Chão de exílio" (Amo! Editora, 2022) é o primeiro volume de uma trilogia em homenagem ao pai da autora, Benedicto Monteiro, um dos maiores intelectuais nascidos e atuantes no Pará no século XX. O livro, que reúne contos e testemunhos poéticos.<sup>2</sup>

Texto submetido em: 06/06/2024

Aceito em: 12/06/2024

---

<sup>2</sup> Informações colhidas na página <https://doi.com.br/entretenimento/cultura/702659/paraense-lanca-livro-sobre-perseguaoc-na-ditadura-militar?d=1>

**AS AMAZÔNIAS COMO TERRITORIALIDADES DE ENUNCIÇÕES NA  
TETRALOGIA AMAZÔNICA, DE BENEDICTO MONTEIRO**

**THE AMAZON AS TERRITORIALITIES OF STATEMENTS IN THE  
AMAZON TETRALOGY, BY BENEDICTO MONTEIRO**

Airton Souza de Oliveira<sup>3</sup>

Fábio Fonseca de Castro<sup>4</sup>

“Antes mesmo de vencer a barreira labiríntico-urbano-burocrática, somos alertados pelos ecólogos, antropólogos e sociólogos, de que o Baixo-Amazonas, como região característica de uma civilização fluvial, está ameaçado de total depredação por parte das chamadas frentes de progresso. Essas frentes de penetração, ou frentes de trabalho, ou ainda frentes de progressos, como chamadas pelas autoridades, são turmas pioneiras de construção de estradas de rodagem. Elas estão dirigindo em pinças sobre esta região, para destruir o que resta de sua civilização fluvial e de sua conformação natural.”

Benedicto Monteiro – fragmento do romance *A Terceira Margem*.

Vicente Franz Cecim escreveu, no início da década de 1980, o ‘Flagrados em delito contra a noite/ Manifesto Curau’, que é um dos textos críticos mais emblemáticos escritos sobre as Amazônias nas duas décadas finais do século XX, assim como é também toda a sua obra poética centrada na viagem onírica a Andara, tendo como territorialidade o espaço-tempo da Amazônia reinventada, mas reinventada a partir de dentro dela, de suas experiências endógenas.

---

<sup>3</sup> Professor da Educação Básica nos municípios de Marabá e Itupiranga. Licenciado em História, pela Uniasselvi. Licenciado em Letras pela Unifesspa. Mestre em Letras pela Unifesspa e doutor em Ciências da Comunicação, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia – PPGCOM, na UFPA.

<sup>4</sup> Professor associado da Universidade Federal do Pará. Pesquisador no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU), do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (Naea, UFPA), no Programa de Pós-graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) e na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA).

O texto ‘Flagrados em delito contra a noite/ Manifesto Curau’ convoca-nos a repensar a História e interrogar a suposta verdade a respeito do Ocidente autossuficiente, que considerou o restante do mundo como um reduto colonial. Neste manifesto, o escritor e poeta Vicente Franz Cecim nos convoca a ocuparmos o nosso lugar na história. Por isso, ele afirma que “as fábulas do Ocidente culto são, assim, quando existem, frequentemente documentos de um terror” (Cecim, 2020, p. 100). Um documento de ação, diga-se de passagem. A princípio, o que nos interessa em ‘Flagrados em delito contra a noite/ Manifesto Curau’ são os seus primeiros parágrafos:

Vítimas de uma sociedade violentamente gerada pelos mais evidentes padrões de colonização, nossas chances de mudá-la começam na visualização da face oculta de quem nos fez isso. Este é um esforço que precisa voltar bem atrás e que deverá se espalhar, interrogativamente, em várias direções, para obter êxito (Cecim, 2020, p. 100).

Assim sendo, segundo o poeta Cecim (2020), uma de nossas primeiras tarefas é *visualizar a face oculta* que fez perdurar até nossos dias, especificamente, no caso das Amazônias, enquanto territorialidade enunciada, visões de territorialidade que foram e vêm sendo, por um longo período, estereotipada. Violentada. Espoliada por dinâmicas agressivas, como o processo de ocupação desenfreado e coordenado pela chamada frente pioneira através do projeto de colonização, intensificado ainda mais entre as décadas de 1960<sup>5</sup>. Vale enfatizar que as chamadas frentes pioneiras são consideradas, sobretudo, os projetos, as ações, a criação de órgãos e as dinâmicas de ocupações que foram, de maneira direta e indireta, incentivadas pelo Governo Federal, entre as quais a chamada ‘Marcha para o Oeste’, que incentivou a migração desordenada de nordestinos para as Amazônias.

Segundo Lúcio Flávio Pinto, essas frentes pioneiras sempre estiveram marcadas por grandes tensões sociais “onde os conflitos se sucedem sem a eficaz mediação dos órgãos do Governo” (Pinto, 1980, p. 7), e nas raras vezes em que essa suposta mediação acontece, ela sempre favorece os detentores do capital. De toda forma, essa falta de mediação deu-se, em alguns casos, de maneira planejada, com total ausência de ações do Estado brasileiro nas Amazônias. Para Violeta Refkalefsky Loureiro, as terras da Amazônia sempre tiveram algum tipo de ocupação, mas foi

a integração da Amazônia ao mercado nacional e internacional que provocou uma valorização da terra à qual se sucedeu o processo de

---

<sup>5</sup> A respeito disso as nossas principais referências aqui são as obras de Pinto (1980; 1982; 1991; 2002; 2012) e Loureiro (1992; 2009; 2015).

expulsão das populações naturais. A rigor, este processo somente se acelerou a partir da extensão dos incentivos fiscais aos projetos agropecuários, portanto, em 1966 (Loureiro, 1992, p. 61-62).

Dessa maneira, as espacialidades amazônicas passaram a ser “a matéria-prima da soberania e da violência” (Mbembe, 2018, p. 39). Ainda em relação a isso, a tarefa aqui é disseminar indagações capazes de fazer com que a noção de territorialidades de enunciações problematize a caracterização do espaço geográfico amazônico, assinalado como um *inferno verde* ou *verde vagonundo* e, com isso, possa alcançar várias direções, principalmente, para quando nos depararmos com falas como a do *narrador-escritor-compilador* e professor de geografia do romance *A terceira margem* (1983), ao fazer referência direta aos fatores geográficos nas Amazônias, afirmando pejorativamente que “são esses fatores os que mais determinam as civilizações no seu desenvolvimento histórico” (Monteiro, 1983, p. 14), sermos capazes, de pelo menos, compreendermos que:

Os sucessivos revezes das colonizações “norte-americana”, “francesa” e “açoriana” suscitaram, na época, a ideia de que o clima da Amazônia era inapropriado e a região inabitável. A explicação geográfica é, porém, insatisfatória (Santos, 1980, p. 91).

O que temos, pois, na fala do narrador, personagem e professor de geografia é ainda a forte presença do determinismo que foi, grosso modo, ‘conteúdo base’ para propagar a projeção histórica de uma suposta Amazônia interpretada, inicialmente, a partir dos olhares enviesados, vindos de fora e que será assimilado por alguns que estão na parte de dentro, às vezes, até de maneira imperceptível, inconsciente.

Nunca é demais lembrarmos que a visão determinista sobre a Amazônia vem desde o período colonial e reverbera até hoje. Esta visão foi concebida como verdade absoluta através de textualidades que primaram por elaborar percepções em que as Amazônias somente “uma espécie de sonho da futura colonização” (Bolle, 2010, p. 46), mas que, sem dúvida, refrata-se também em parte nas literaturas produzidas por escritores e escritoras brasileiras, como processo de permanência. Um exemplo instigante e, ao mesmo tempo, inusitado está na coleção *A literatura do Brasil*, publicada em 1955, revista e atualizada em 1986, e depois em 1997, sob a direção do crítico brasileiro Afrânio Coutinho e codireção de Eduardo de Farias Coutinho. O caso citado adiante está na seção intitulada ‘Ciclo Nortista’, escrita pelo crítico Peregrino Júnior. O texto referencial do ‘Ciclo Nortista’ é, de certa forma, assombroso, pela visão determinista que se propaga entre a relação direta do homem com a natureza amazônica. O pensamento totalmente

enviesado de Peregrino Júnior faz com que a ideia de Amazônia – como um *inferno verde* – e a disseminação de lógicas caricaturadas sobre a região amazônica se perpetuem e sejam sempre entendidas como verdade. Para exemplificar, vejamos um fragmento do texto:

O homem que penetra a Amazônia – o mistério, o terror, ou, se quiser, o deslumbramento da Amazônia – escuta desde logo uma voz melancólica: a voz da terra. Abandonado na vastidão potâmica das águas fundas, dos igarapés e igapós paludiais, das ásperas florestas compactas, perdido naquele estranho mundo de assombrações, acossado pelo desconforto do calor sem pausa e pela agressão da mata insidiosa, com seus bichos, suas febres, suas sombras, seu duendes, ele logo de entrada recebe um golpe terrível, e desde então trava a luta mais trágica da vida, que é a adaptação ao meio cósmico. As forças que o esmagam- forças telúricas de aparência indomável – são um convite permanente à retirada e ao regresso. [...] O homem daquele mundo é assim um “ser destinado ao terror e à humilhação diante da Natureza.” (Júnior, 1997, p. 239 – 240).

É sobre esta visão totalmente distorcida e determinista de Amazônia que este texto intitulado “Territorialidades de Enunciações: as Amazônias na *Tetralogia Amazônica*, de Benedicto Monteiro”, antes de qualquer coisa, quer problematizar. Contudo, é como escreveu o poeta Max Martins no poema “É cedo (ou tarde) para o poema”:

Eu/sou frágil/embora ágil sobre o arame://Por um fio te envio (viaja) meu lírio. Cresce//Até que a lua/- tua lua e ventre/(o luxo)/murche/e já não me vês/te apagas//Tu também és frágil/embora hábil campo de espera://Por um fio teu laço chama, meu rumo ateias. Teces//Até que o sol/no solo esfrie/e esfrie a fala/o seu destino: o salto/(queda no ar)/do arame-álibi. (Martins, 1980, p. 55).

Talvez seja por conta de fatores como estes que o poeta Vicente Franz Cecim (2020) se perguntará e nos perguntará: “A Amazônia é uma irreabilidade, então? Uma utopia? Um fantasma geográfico habitado por fantasmas humanos? É?” (Cecim, 2020, p. 103). Nota-se que os processos de estigmatizações sobre as Amazônia foram tão violentos que, de vez em quando, nós somos levados a elaborar interrogações como estas de Cecim (2020), sobretudo, em decorrência das deslegitimações históricas que atravessaram e atravessam as territorialidades geográficas, identitárias/identificações, políticas, econômicas, sociais, culturais, simbólicas, sentimentais e suas transfigurações em realidades comprimidas em determinado modelo estigmatizado. Por isso, ao propomos pensar as Amazônias em concordância com a noção de territorialidades de enunciações estamos, antes de tudo, agindo como o narrador, personagem e professor de geografia de *A terceira margem* (1983), quando este fala que:

Diante dessa oportunidade, confirma-se em mim o sentimento de que, como geógrafo, não posso ser um mero espectador ou apenas um frio analista de paisagens. Tenho que ser compreensivo e participante, integrando-me totalmente nelas, ao mesmo tempo em que as estudo e as descrevo. Não posso compreender, por exemplo, a paisagem apenas como um fato natural, mas tenho que senti-la em toda a complexidade das implicações humanas. Preciso mesmo apreender, flagrar a vida no momento de maior expressividade fisiográfica de sua humanidade. (Monteiro, 1983, p. 17).

A citação mostra-nos que a atitude inicial do narrador, personagem e professor de geografia, é a de tentar desviesar o próprio olhar endógeno diante das multiplicidades de realidades e tendo a sensação de que, mesmo imerso na espacialidade amazônica, haverá sempre nela uma inerente complexidade, principalmente porque ela possui uma “realidade sócio-espacial plural e diversa” (Trindade Júnior, 2012, p. 173) e, que segundo Benedito Nunes (2012, p. 61):

Do século XVIII em diante, a região Amazônica desempenhou, como estimuladora de variadas investigação científica, geográfica, geológica, econômica, etnográfica, arqueológica, botânica, zoológica, social e política, que dela fez, desde muito cedo, um atraente e privilegiado objeto de conhecimento.

É imprescindível observar que em sua autobiografia, intitulada *Transtempo* (1993), o escritor Benedicto Monteiro ficou muitas vezes impactado pela complexidade das realidades nas Amazônias. O exemplo mais contundente ocorreu durante um voo, em um bimotor, em que o escritor tinha como destino às Guianas, em decorrência da perseguição política que vinha sofrendo por conta da ditadura civil-militar do Brasil, mas que, por decisão do próprio Benedicto, foi alterado de última hora por motivos pessoais e sentimentais, antes da decolagem, indo em direção à cidade de Alenquer. Assim, o escritor Benedicto Monteiro transcreve esse diálogo e traz à tona o impacto que sofreu, vejamos:

- Não, já decidi que não saio de minha pátria e nem de meu Estado. Creio que ainda pode haver uma resistência.

- Então vamos para Alenquer?

Respondi apenas com a cabeça.

O avião voava muito alto, num céu completamente limpo. Limpo, quer dizer, azul. Embaixo, sem começo e nem fim, o horizonte, a planície Amazônica. E o imenso rio que não refletia nem o verde da mata, nem

o azul do céu. E nem a luz do sol amortecendo nas suas águas barrentas. Tentei mentalmente compreender e descrever aquelas cores verdes, e senti a carência quase absoluta das palavras. Diante dessa visão nova para mim, movendo-me num ponto neutro e oscilante do infinito, pensei que as palavras da nossa língua não teriam, talvez, condições de descrever mil verdes espalhados na água, na mata e na terra distante. Ainda mais que a incidência do sol multiplica e diversifica o verde a cada instante, a cada ângulo da minha alucinada e inusitada perspectiva (Monteiro, 1993, p. 53).

Assim, entrelaçando o impacto das múltiplas realidades no mundo amazônico, tal qual o “permanente deslocamento do olhar” (Bolle, 2022, p. 70), empiricamente presente na perspectiva das matizes do verde da planície amazônica, do horizonte e a intrínseca relação com a ficção da Tetralogia Amazônica, Benedicto faz incidir pontos fundamentais a respeito das Amazônias como múltipla, diversa, heterogênea. Emblematicamente, no romance *A terceira margem* (1983), há uma fala semelhante ao recorte da que foi citada acima, vejamos:

Dessas alturas e distâncias, não poderia ver mais os verdes-rios, os verdes-matas, os verdes-campos, os verdes-caminhos, os verdes-lonjuras. Só veria talvez os verdes-sombras, os verdes-águas-mortas, os verdes-distantes-das-distâncias (Monteiro, 1983, p. 20).

Esta fala é do narrador, personagem e professor de geografia e, que em um processo intersubjetivo, o que fica evidente é que ambas interconectam os tecidos sociais entre a ficção e as realidades. Além disso, reelaboram a imprecisão de como as Amazônias podem ser compreendidas como *a terceira margem*, tal qual as territorialidades de enunciações. Porém, analisando-as numa perspectiva instantânea, as falas parecem meramente contraditórias, principalmente, se partirmos da definição do verde como metonímia ou mesmo metáfora unívoca das Amazônias, mas é a impossibilidade da definição do próprio verde, aparecendo sempre matizado em ambas as falas, que se concatena essa diferença não apenas do verde, mas das representações imaginárias e reais das Amazônias. Embora a ideia *de verdes-distantes-das-distâncias* nos dê a impressão imediata de que estamos novamente perante a noção de Amazônia unívoca. Homogênea. Estereotipada. O vago mundo. Contudo, é essa incidência da imprecisão, centrada basicamente na multiplicidade, naturalmente pluralizada, que vai convergir para o impacto que teve tanto Benedicto Monteiro quanto o seu personagem, em direção as fissuras das Amazônias não como “o antiato da criação e o anteato da destruição” (Pinto, 1980, p. 53), mas sim, como as Amazônias em que:

Os sentidos se formam, anulam ou transformam por meio de processos diversificados: fundem-se para formar novos sentidos, decompõem-se em sentidos diferentes e mesmo contraditórios, multiplicam-se em sentidos novos, etc. (Castro, 2010, p. 24).

Para nós, a formação incessante de sentidos múltiplos, contraditórios, novos, heterogêneos e díspares, perpassa pela noção de territorialidades de enunciações, ao compreendermos que as Amazônias, segundo a fala do personagem o Cabra-da-Peste, “é desconforme por demais” (Monteiro, 1985, p. 36). À custa disso, pensar as Amazônias em conformidade com as territorialidades de enunciações é materializá-la. Vê-la. Sentí-la. Não apenas como fabulação. Abstrata. Mítica. Infernal. Selvagem. Antítese. Vaga. Conotada. Misteriosa. Entretanto, a noção de territorialidades de enunciações é a possibilidade intrínseca de revelar atos de *transmudar*<sup>6</sup> e ao mesmo tempo a de *transver*<sup>7</sup> outras Amazônias, abertas como um mundo marcado pelas diferenças, problematizando o suposto “círculo abstrato da verdade” (Monteiro, 1983, p. 95), e que:

Estava ali aberto na nossa frente: onda-rio-estrada; rio-no-céu-estrada-n'água; estrada-por-cima-de-rio; rio-por-baixo-de-estrada; mata-virando-onda; onda-virando-nuvem. Céu misturado em caminhos correntes pela água. Caminhos pelo meio da mata entrando pelas nuvens. Nuvens altas. Água e águas. Árvores e árvores. Nuvens e nuvens. Remansos de estradas. Estradas corredias. Corredeiras de estradas, águas bravias. Vento, muito vento. Vento levantando terra-folha-e-água. Remoinho-remoinho, n'água. Nem começo nem de tudo. (Monteiro, 1975, p. 23).

Um exemplo semelhante às falas de Benedicto Monteiro em *Transtempo* (1993) e a do narrador, personagem e professor de geografia de *A terceira margem* (1983) pode ser encontrando em outro romance da Tetralogia Amazônica, especificamente na obra *O Minossauro* (1975). Nessa narrativa, o narrador, personagem e geólogo Paulo, enfatiza em sua primeira fala que:

---

<sup>6</sup> *Transmudar* é o ato de alterar condições, sentidos, transformar. Essa palavra é usada por Guimarães Rosa com ligação direta ao mundo inventivo do sertão recriado em suas obras como, por exemplo, o romance *Grande Sertão: Veredas*. Ela é também referendada por Vicente Franz Cecim, em uma entrevista publicada na obra *Andara – Vicente Franz Cecim e a Narrativa Ontológica*, de Karina Jucá, publicada em 2010 e vencedora do Prêmio IAP de edições culturais, na categoria ensaio. No caso da referência a *Transmudar* por Vicente Franz Cecim é a compreensão da Amazônia como “regiões de metáforas da vida” (Cecim, 2010, p. 71).

<sup>7</sup> A palavra *transver* é utilizada nesta pesquisa da mesma maneira que o poeta Manoel de Barros a utilizou em seu poema ‘As lições de R. Q.’, publicado na obra *Livro sobre nada* (1996), e que se interliga diretamente também ao que concerne a ideia de *Transmudar*, reelaborando movimentos de sentidos como movências.

Aqui nesta Equipe, estou no lugar privilegiado para ler, estudar, analisar e escrever. Todas as tardes chegam as turmas de topografia e de sísmica, do trabalho, com material de campo. Se puder recolher a impressão que cada um traz dos lagos, das matas, da terra e do rio, vou ter material para escrever um grande livro.

Tenho que me libertar primeiro do condicionamento da literatura que li sobre a Amazônia. Já sei que não encontrar aqui, o mundo dos cientistas, dos cronistas e dos viajantes. (Monteiro, 1975, p. 41).

Uma das impressões imediatas que sentimos é a de que no projeto-estético-político de Benedicto Monteiro, deparamo-nos com processos que estão envoltos da pragmática da descolonização do imaginário sobre as Amazônias, a partir de procedimentos de imersões de olhares voltados para o dentro e indiretamente para o fora. Essas experiências, querendo ou não, são múltiplas. Dísparas. Heterogêneas. À custa disso, podem ser consideradas políticas, históricas, sociais, religiosas, diaspóricas, intersubjetivas e que contribuem para refratar, interrogar e borrar algumas das dimensões que foram, historicamente, elaboradas com elementos estigmatizadores e que resultaram em estereótipos. Elementos estigmatizadores que são, inclusive, encontrados facilmente nos romances que compõem a Tetralogia, seja nas falas dos personagens que vêm de fora das Amazônias, ou até mesmo de personagens amazônidas. Vejamos um exemplo clássico:

Tenho me debatido entre o efeito literal da palavra e a necessidade de aprofundar a linguagem a tal ponto que possa transmitir aquilo que realmente sinto neste vago mundo. [...] Mas, aqui na Amazônia onde o ar é quase água, a luz branca só se decompõe nas cores do arco-íris. Só que o verde predomina em todas as coisas e até nas criaturas vivas. Agora então, com a violência das águas e a transparência das chuvas, o verde torna-se espectral. (Monteiro, 1975, p. 173).

Ou representada de maneira ainda mais trágica como a fala do Major Antônio Medeiros, presente no romance *Verde Vagomundo* (1972):

Não sei bem, se é a noite escura e pesada da floresta próxima e asfíxiante, que me dá a sensação de estar escutando este rádio, no fundo de um buraco. De um buraco, que pode ser tanto a vala de uma trincheira, como a cratera de uma bomba ou o leito provisoriamente seco deste rio próximo a encher e transbordar. (Monteiro, 1972, p. 57).

Ou, às vezes, representada de maneira assimilada dentro dessa mesma lógica de *inferno*, que suplanta o homem e, ao mesmo tempo em que o determina, como esse exemplo extraído da fala de Miguel dos Santos Prazeres:

A natureza mesma suplantava o homem na maior crueza. Castigava em toda a violência. Meu padrinho possidônio dizia que as pelepas dos jagunços, as caçadas dos coronéis, as emboscadas da polícia não tinham panorama de arrojado naquelas brenhas de igapó. Aquela terra toda alagada, com aquela mata toda intrincada, não servia nem para o cangaço. (Monteiro, 1985, p. 24).

Foram formulações como essas que contribuíram para tornar o mundo amazônico na ideia de territorialidade enunciada, unívoca, dotada de um suposto movimento, primordialmente, determinista. Sobretudo, abarcada pela falácia e o estereótipo em torno do que foi e vem sendo considerado como o *vagomundo*. Às custas disso, grosso modo, podemos dizer que é também pelo processo de assimilação que se dá a relação tênue entre a noção de territorialidade enunciada e de territorialidades de enunciações. E é justamente no romance *Aquele Um* (1985) que temos a maior evidência, através das falas do personagem Miguel dos Santos Prazeres, vulgo Afilhado-do-Diabo, também conhecido com a alcunha de Cabra-da-Peste, desse processo de assimilação de uma Amazônia enunciada. Embora, seja preciso enfatizarmos que é também neste mesmo romance, nas falas e ações deste mesmo personagem, que temos os exemplos mais diretos das Amazônias como territorialidades de enunciações, maiormente através de tecidos sociais e as experiências sócio-históricas demarcadas por lógicas exógenas.

Contudo, como estamos diante de quatro romances que se interligam, por meio de vários elementos, até mesmo estéticos, como a presença, na maioria deles, de textos de outras naturezas e gêneros, não poderíamos deixar de fazer as seguintes interrogações: há de fato um projeto de Amazônias na obra de Benedicto Monteiro? Se há, que projeto é esse? Como e com quais elementos ele emerge? O que este projeto de Amazônias abrange dentro das relações históricas-sociais nas Amazônias? Como se dão os processos de territorialidades de enunciações dentro da Tetralogia Amazônica? Perguntas como estas, centradas em outras produções artísticas na América Latina, suscitaram e ainda suscitam debates imprescindíveis e que vêm sendo realizados em várias áreas dos pensamentos críticos, tanto na América Latina quanto em outras regiões, principalmente as que passaram pelo complexo processo colonial, a citar as pesquisas realizadas por Ángel

Rama, Walter Mignolo, Fernando Ortiz, Hugo Achugar, Boaventura de Souza Santos, Zilá Bernard e Ana Pizarro para ficarmos com alguns exemplos mais referenciados.

Portanto, pensar as Amazônias como territorialidade enunciada e territorialidades de enunciações não é, basicamente, reelaborar substratos de noções que estão em permanente desassociados, conformando uma espécie de binarismo, ou são puramente dois polos que estão constantemente em divergência. Pois, vimos na citada fala do personagem Miguel dos Santos Prazeres, através do elemento de assimilação, que, em algum momento, as ‘superfícies’ representacionais de territorialidade enunciada e de enunciações, mesmo em constante tensão, resvalam-se. Tocam-se. Por isso que pensar a partir das territorialidades de enunciações não é elaborar reflexões que negam o que acontece, transversalmente, na noção de territorialidade enunciada, mas, antes de qualquer coisa, seja capaz de interrogar os diversos elementos que tentam esboçar uma única visão de Amazônia. Entre os quais as ações centradas na formação discursiva e textual de territorialidade enunciada e que conformam as relações de poder que no fim das contas resultaram em processos de espoliações no mundo amazônico. Por isso, as perspectivas em torno das territorialidades de enunciações são capazes de trazer a lume elementos necessários a nos fazer visualizar *a face oculta*, aludida por Vicente Franz Cecim (2020), no manifesto ‘Flagrados em delito contra a noite/ Manifesto Curau’.

Deste modo, consideramos que territorialidades de enunciações são os processos capazes de corporificar, textual ou em ações, perspectivas críticas sobre os mais diversos aspectos; o reconhecimento das diferenças dos tecidos sociais; as práticas sócio-históricas; as relações econômicas; culturais; identitárias/identificações; os imaginários; as formas políticas; e interrogar constantemente a visão estereotipada sobre as Amazônias. Uma vez que as Amazônias não podem mais ser enxergadas apenas como o *verde vago mundo* a ser ocupado. O *inferno verde* determinista. A *selva*<sup>8</sup> punitiva. Arquetípica. Fetichezada. Constituída, principalmente, de terras devolutas, vazia, demograficamente, para justificar a expansão do capital e, que segundo Edna Castro “o avanço para novas fronteiras sempre foi episódio da expansão da civilização capitalista” (2010, p. 109), processo que a própria Edna Castro (2010) caracteriza como sendo uma

---

<sup>8</sup> A *Selva* é o título do romance do escritor português Ferreira de Castro, publicado em 1930, pela Editora Cavalo de Ferro. O enredo gira em torno do personagem Alberto e de sua relação direta com os seringais na Amazônia. Alberto é um imigrante português que veio para Belém, mas depois vai para uma parte da floresta amazônica trabalhar no seringal ‘Paraíso’, às margens do Rio Madeira, como seringueiro. No romance, é dessa relação que vem a noção de Amazônia como uma selva.

mera invenção da pseudointegração<sup>9</sup>, mas que está profundamente compreendida na sua própria face revelada ou introspectiva como a *terceira margem* possível. Isso por que:

A Amazônia não é um espaço homogêneo. [...] A integração de grandes porções do espaço amazônico à ordem espacial imposta pelo Estado submete-as à ordem de um espaço lógico, mas em que a lógica do conjunto homogêneo é desmentida pela fragmentação do detalhe. (Becker, 1990, p. 23).

É nesta fragmentação aludida por Becker (1990) que as territorialidades de enunciações atuam. Justamente nos movimentos e complexidades *dos detalhes*. Realçando ou recolocando em permanente estado de tensão as contradições. As diferenças. O múltiplo. Tensionando as matrizes que sempre estiveram por trás da noção de territorialidade enunciada, entre as quais: o falacioso projeto de progresso-desenvolvimento, a projeção de um estado nacional que visava apenas, discursivamente, a suposta noção de integração, pautada na ideia e em modelos externos da suposta civilidade e a falácia em torno da modernidade. Até porque,

O modelo de ocupação da terra, na Amazônia, incentivado pela SUDAM dos anos 1970 em diante, de grandes fazendas com financiamento público, e de intervenção maciça na exploração mineral, a exemplo do Programa Grande Carajás, ou de incentivo ao extrativismo de madeira, associado ao modelo de polos de desenvolvimento, acabou revelando ao mundo outra Amazônia, a da floresta em chamas, de chacinas e mortes de índios e camponeses, de conflitos, de acirramento das disputas na fronteira. (Castro, 2017, p. 9).

Em contrapartida a essa revelação de uma Amazônia espoliada, aludida por Castro (2017), há dentro dos quatro romances que compõem a Tetralogia Amazônica, diversos elementos e perspectivas que atravessam a noção de territorialidades de enunciações, entre os quais, podemos destacar: a diversidade dos espaços físicos e simbólicos das Amazônias; a presença dos saberes; a resignificação da fauna e da flora; as representações identitárias/identificações – moventes -, de vários personagens; as temporalidades; a relação política das Amazônicas com o país e com o mundo; o próprio processo estético dentro dos romances com a presença de enxertos de textos de outros gêneros, por exemplo; além do mais, as matizes de representação das cores é um exemplo muito significativo que, inclusive, está presente em três dos quatro romances, a saber:

---

<sup>9</sup> Segundo esta pesquisadora, isso contribuiu diretamente para que a Amazônia fosse transformada em “uma fronteira de *commodities*” (Castro, 2010, p. 114) e que vai resultar em uma incessante visão de Amazônia como o eterno *eldorado* ou o *verde vagonundo* a ser incessantemente espoliado. A amazônica como território enunciado.

*Verde Vagomundo* (1972), *O Minossauro* (1975) e *Aquele Um* (1985), entre outros fatores. Embora seja preciso enfatizar que um dos elementos mais contundentes para interpretarmos a noção de territorialidades de enunciações é a do personagem Miguel dos Santos Prazeres, pois este *persona* é parte emblemática do que Maffesoli (2005) caracteriza como *corpo social*, em uma conjugação entre o eu<sup>10</sup> e outro, político, comunitário, em mútua existência social.

## REFERÊNCIAS

BECKER, Berta. K.; MIRANDA, Mariana; MACHADO, Lia O. *Fronteira Amazônica – questão sobre a gestão do território*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Rio de Janeiro: Editora Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1990.

BOLLE, Willi. A travessia pioneira da Amazônia (Francisco de Orellana, 1541 – 1542). In: BOLLE, Willi, CASTRO, Edna, VEJMEKKA, Marcel. (Orgs.) *Amazônia região universal e teatro do mundo*. São Paulo: Globo, 2010.

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin*. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

CASTRO, Edna. Políticas de Estado e atores sociais na Amazônia Contemporânea. In: BOLLE, Willi, CASTRO, Edna, VEJMEKKA, Marcel. (Org.) *Amazônia: região universal e teatro do mundo*. São Paulo: Globo, 2010.

CASTRO, Fábio Fonseca de. *A cidade Sebastiana – Era do borracha, memória e melancolia numa capital da periferia da modernidade*. Belém: edições do autor, 2010.

CASTRO, Edna. Introdução a Territórios em transformação. In: CASTRO, Edna. (Org.). *Territórios em transformação na Amazônia – saberes, rupturas e resistência*. Belém: NAEA, 2017.

CECIM, Vicente Franz. Entrevista, In: JUCÁ, Karina. *Andara – Vicente Franz Cecim e a Narrativa Ontológica*. Belém: IAP, 2010.

CECIM, Vicente Franz. *Viagem a Andara O livro invisível – Os Animais da Terra - Manifesto Curau e outras visões de Andara*. Belém: Secult/PA, 2020.

JÚNIOR, Araripe. Ciclo Nortista. In: COUTINHO, Afrânio. FARIA COUTINHO, Eduardo. *A Literatura do Brasil*. Vol. 4. 4ª ed. rev. e atualizada. São Paulo: Global, 1997. Página 239 – 249.

---

<sup>10</sup> Em sua obra *A contemplação do mundo* Michel Maffesoli afirma que “é certamente o cotidiano do sujeito que vai determinar a vida social em seu conjunto” (Maffesoli, 1995, pág. 70), o eu, nesse caso, é coletivo, pois está afirmação pode ser compreendida, em parte, como um de seus conceitos mais caro que é o de *estar-junto*.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. *Amazônia – Estado – Homem – Natureza*. Coleção Amazônica nº 1. Belém: CEJUP, 1992.

MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Tradução: Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes & Ofícios Editora, 1995.

MAFFESOLI, Michel. *A Transfiguração do Político: a tribalização do mundo*. 3ª ed. Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MARTINS, Max. *O risco subscrito*. Belém: Mitograph Editora, 1980.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica – Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. Tradução: Renata Santini. 3ª ed. São Paulo: N -1 edições, 2018.

MONTEIRO, Benedicto. *Verde Vagomundo*. Brasília: EBRASA, 1972.

MONTEIRO, Benedicto. *O Minossauero*. Rio de Janeiro: Novacultura, 1975.

MONTEIRO, Benedicto. *A Terceira Margem*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.

MONTEIRO, Benedicto. *Aquele um*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1985.

MONTEIRO, Benedicto. *Transtempo*. Belém: CEJUP, 1993.

MONTEIRO, Benedicto. *Como se faz um guerrilheiro: novela*. Belém: CEJUP, 1995.

NUNES, Benedito. *Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura no Pará*. Organizador: Victor Sales Pinheiro. Belém: Secult/PA: Editora UFPA, 2012.

PINTO, Lúcio Flávio. *Amazônia: No rastro do Saque*. São Paulo: Editora Hucitec, 1980.

SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. *História econômica da Amazônia – 1800 – 1920*. São Paulo: Editora T. A. Queiroz, 1980.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. A cidade e o rio na Amazônia: mudanças e permanências face às transformações sub-regionais. In: CASTILHO, Alison Pureza e et.al. *Terceira Margem Amazônia*. v. 1, nº 1 (jun. 2012). São Paulo: Outras Expressões, 2012. Revista Semestral. Página 171 – 183.

Sobre os autores

#### **Airton Souza de Oliveira**

Doutor em Ciências da Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM/ UFPA). Mestre em Letras, pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Linguística, Letras e Artes –(ILLA/UNIFESSPA).Graduado nos seguintes cursos: Letras – Português (UNIFESSPA. 2014), História (Centro Universitário Leonardo da Vinci/UNIASSELVI /2012) e Pedagogia (Centro Universitário Internacional (UNINTER,2023). Pós-Graduado em História e Cultura Afro-Brasileiro (UNIASSELVI). Pós-Graduado em Administração Escolar, Supervisão e Orientação (UNIASSELVI). Escritor. Publicou 51 livros. Venceu mais de 160 prêmios literários.

CV: <http://lattes.cnpq.br/7472690533459967>

**Fábio Fonseca de Castro**

Professor titular da Universidade Federal do Pará, vinculado ao Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. Bolsista de Produtividade em Pesquisa (PQ) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Professor no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU) e no Programa de Pós-graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM). Foi professor visitante (visiting scholar) no Departamento de Sociologia da Universidade de Cambridge e conferencista da London School of Economics (2017-18). Estágio de Pós-doutorado em Etnometodologia ( Universidade de Montreal/2014). Doutor em Sociologia pela Universidade da Sorbonne (Paris V Descartes/2004). Mestre em Antropologia e Estudo das Sociedades Latino-Americanas (Universidade de Sorbonne-Nouvelle/2000). Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (1995). Graduado em Comunicação-Jornalismo (UFPA/ 1990). Vice-líder do Grupo de Pesquisa Socialidades, Intersubjetividades e Sensibilidades Amazônicas (SISA) e líder do Grupo de Pesquisa sobre Ontologias do Desenvolvimento (ONDE), no CNPq. Ocupou diferentes cargos no Governo do Estado do Pará, foi delegado pelo Pará à I Conferência Nacional de Comunicação. Atua no campo de investigação das experiências sociais amazônicas, com interesse nas dinâmicas de intersubjetivação, socialidade, sensibilidade, identidades/identificações e autoreflexividade e com apoio de metodologias compreensivas, fenomenológicas e hermenêuticas. Desde 2021 desenvolve também uma atividade de produção literária, iniciada com o romance "O Réptil Melancólico", Prêmio Sesc de Literatura 2021, lançado em outubro desse ano pela Editora Redor e que foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura 2022 e Semifinalista do Prêmio Oceanos de Literatura 2022.

CV: <http://lattes.cnpq.br/5700042332015787>

Texto submetido em: 14/08/2024

Aceito em: 28/08/2024

**A MAGIA DOS OBJETOS NA  
NARRATIVA DE BENEDICTO MONTEIRO**

**THE MAGIC OF OBJECTS IN  
BENEDICTO MONTEIRO'S NARRATIVE**

*José Guilherme de Oliveira Castro  
Luis Fernando Ribeiro Almeida  
Milena Silva Castro*

**Resumo:** Este artigo analisa a importância do maravilhoso épico, desde as epopeias mais antigas, como a *Ilíada* e a *Odisseia*, e as suas manifestações nas narrativas modernas. Neste texto, salienta-se a relevância de três elementos considerados mágicos pela personagem Miguel dos Santos Prazeres: o terçado 128, a canoa e a cachaça. No decorrer das histórias criadas pelo romancista Benedicto Monteiro, esses objetos são mostrados como possuidores de forças mágicas que ajudam o herói a vencer obstáculos, durante a sua viagem mítica. Ao final da pesquisa, se conclui que os três objetos mágicos se completam. O suporte teórico para a análise do tema está baseado nas ideias de Joseph Campbell (1994), de Gilbert Durand (1992), de Gaston Bachelard (1989), de Mircea Eliade (1992) e de outros escritores, no que se refere ao mito; de Chevalier & Gheerbrant (1994) e de Jean Suberville (1948), para o estudo da simbologia.

**Palavras-chave:** Narrativa; Maravilhoso; Mito; Benedicto Monteiro.

**Abstract:** This article analyzes the importance of the wonderful epic, from the oldest epics, such as the Iliad and the Odyssey, and its manifestations in modern narratives. In this text, the relevance of three elements considered magical by the character Miguel dos Santos Prazeres is highlighted: the 128 rafter, the canoe and the cachaça. Throughout the stories created by novelist Benedicto Monteiro, these objects are shown as possessing magical forces that help the hero overcome obstacles during his mythical journey. At the end of the research, it is concluded that the three magical objects complete each other. The theoretical support for the analysis of the theme is based on the ideas of Joseph Campbell (1994), Gilbert Durand (1992), Gaston Bachelard (1989), Mircea Eliade (1992) and other writers, regarding the myth; by Chevalier & Gheerbrant (1994) and by Jean Suberville (1948), for the study of symbolism.

**Keywords:** Narrative; Wonderful; Myth; Benedicto Monteiro.

## 1. A epopeia e a infância dos povos

A epopeia, como espécie literária, surge na infância dos povos, quando a lenda se mistura com a realidade, o concreto com o abstrato, o histórico com o mítico. São histórias que surgem no seio da comunidade de forma cândida e lírica e, mais tarde, recebem tratamento literário, por parte de escritor. Essa teoria é enunciada por Suberville (1948), quando fala da *Ilíada* e da *Odisseia*, poemas que, segundo o pensador literário, andavam de boca em boca, na Grécia antiga. Ao que tudo indica, Homero foi apenas o redator final da produção literária.

Os argumentos do teórico francês são reforçados por Silva (1975) quando remete à teoria de Benedetto Croce de que os gêneros literários não morrem, apenas se transfiguram em outras espécies. No caso da epopeia, as espécies geradas, na estética moderna, são: o conto, a novela, o romance e a crônica. O grande gênero literário fez surgirem novas espécies. Na estrutura da epopeia, deve ser destacada a figura do herói, protagonista da história e responsável pelo interesse que o poema deve gerar, entre os leitores. Sempre tem força exagerada; vence todas as provas, apesar de ter adversários à sua altura; tem comportamento padronizado, pois deve servir de exemplo para a sociedade. Representa sempre um povo: Aquiles e Ulisses (os gregos), Rolando (franceses), Eneias (romanos).

Outro elemento importante da epopeia é o maravilhoso – a intervenção direta ou indireta de Deus, dos santos, dos anjos ou dos demônios nas ações humanas, como também dos deuses do paganismo. É o caso de *Os Lusíadas* em que aparecem Marte e Vênus protegendo os marinheiros portugueses e Baco e Netuno atrapalhando as ações dos heróis do poema. Mas também existe o maravilhoso fantástico, resultante dos atos das fadas e das bruxas, com suas magias e bebidas fantásticas, como o licor que foi dado a Lindoia, pela feiticeira Tanajura, no *Uruguai*, de Basílio da Gama ou o filtro do amor dado a Tristão e a Isolda, que provocou uma paixão arrebatadora, levando os amantes à morte.

No desenvolvimento da epopeia, os fatos vão se desenvolvendo, focalizando a aventura da viagem mágica do herói, personagem responsável pela unidade de interesse da história narrada em versos. Esses acontecimentos mostrados pelo narrador aparecem embelezados pelo maravilhoso. Essa passagem do protagonista é descrita, desde o momento em que ele é chamado, a passagem pelo limiar; o caminho de provas, quando

vai ter a oportunidade de lutar com adversários que estão à sua altura, mas a vitória é sempre do protagonista e também retrata a sua volta, geralmente com o prêmio da vitória.

Então, a epopeia, nascida na infância dos povos, evoluiu, se transformou em outras espécies, mas, ainda hoje, tem suas marcas nas narrativas modernas: nos heróis e nas heroínas – como é o caso de Bentinho, considerado um herói lunar, pela sua renúncia diante da vida, conforme fala Durand (1992) ou de Miguel dos Santos Prazeres, herói solar, pelo triunfo, na sua viagem mágica.

Essas marcas do poema épico tradicional também se manifestam nos romances modernos, quando determinados instrumentos aparecem ao lado dos protagonistas, seja nos momentos de grandes decisões e de grandes dificuldades, como a cachaça, a canoa ou o terçado 128 foram para Miguel dos Santos Prazeres, na “Tetralogia amazônica”, ou interferem nos devaneios do herói, como o carço de tucumã que leva Alfredo, no “Ciclo do Extremo Norte”, de Dalcídio Jurandir (1976) para regiões desconhecidas.

## **2. A magia dos objetos, na narrativa de Benedicto Monteiro**

Na trajetória do herói mítico, justamente nos momentos de maior perigo ou de grande perseguição, surgem os objetos mágicos ou armas que ajudam o protagonista a se defender. Na opinião de Campbell (1994), esses instrumentos retardam e absorvem a força do Cão do Céu perseguidor, permitindo que o aventureiro retorne para um local seguro e, provavelmente, trazendo uma bênção. Neste caso, podem ser citados como armas, não somente os objetos materiais, como as espadas e os licores e sucos mágicos, mas também os poderes mágicos e sobrenaturais de um deus ou de um feiticeiro, como os encantos de Medeia, nas aventuras de Jasão.

Durand (1992), comentando acerca das armas do herói mítico, diz que esses instrumentos significam o poder e a pureza, citando como protótipo de todos os heróis solares, isto é, daqueles que não se submetem às linhas traçadas pelo destino, a figura de Apolo, quando lança as flechas contra a serpente Píton. O escritor ainda acrescenta que as espadas, dentro da mitologia, aparecem sempre revestida de um sentido apolíneo.

As teorias de Durand remetem às considerações de Chevalier e de Gheerbrant (1994) que consideram a espada o símbolo do estado militar, a bravura e ainda a sua função de poder que, por sua vez, vai apresentar um duplo aspecto: o “destruidor”, embora essa destruição possa aplicar-se contra a injustiça, contra a maleficência ou contra a ignorância, tornando-se positiva; e o “construtor”, pois estabelece e mantém a paz e a justiça. A espada também, na concepção dos atores, está ligada à luz, ao relâmpago e ao

fogo. Dentro das teorias do Cristianismo, aparece como arma nobre que pertence aos cavaleiros e aos heróis cristãos, como São Miguel Arcanjo.

Reunindo o pensamento dos escritores citados, verifica-se que essas teorias acerca dos objetos mágicos refletem o significado das armas de Miguel dos Santos Prazeres, herói da “Tetralogia amazônica”, do escritor Benedicto Monteiro, instrumentos que acompanham o protagonista das narrativas, nas suas aventuras míticas. No entanto, é necessário salientar que Miguel, sendo um caboclo do interior da Amazônia, não possui uma espada, semelhante aos heróis mitológicos e cristãos como: Apolo, Carlos Magno, Rei Artur, São Miguel e São Jorge, mas vive acompanhado do seu “terçado 128” que, devido às circunstâncias, torna-se, muitas vezes, semelhante às armas dessas personagens heroicas: “[...] ora corria, ora andava, ora voava. Eu na minha égua branca levando o meu terçado 128, era um rei” (Monteiro, 1990, p. 25).

Pelo que se deduz das declarações de Miguel, o “terçado 128”, nas mãos do herói, se transformava na mais poderosa arma, simbolizando o poder e a bravura, a ponto da personagem se considerar um rei. Tal fato lembra as considerações de Durand (1992) de que a transcendência, característica do herói mítico, aparece sempre armada. Observa-se, então, que Miguel tem a sua coragem e a sua força agigantada quando está de posse do seu objeto mágico, confirmando a teoria do escritor francês. Torna-se perceptível ainda que o terçado de Miguel pode ser comparado a um cetro, como se o protagonista fosse, naquele momento da aventura, um rei ou um deus, como Apolo, naquele cenário.

Nota-se, portanto, que essa arma dá a Miguel, as qualidades necessárias, como o heroísmo e a bravura, para fazerem dele um herói mítico, um ser sacralizado pelo maravilhoso épico. Vale salientar que o protagonista tem consciência da magia que emana do instrumento:

Eu também, com o terçado 128 na mão, ficava diferente e tinoso deum tudo. Numa briga largava faca, revólver, rifle e espingarda, só pelo terçado. Desafiava os mais terríveis e procurava os mais fortes. Como ninguém brigava de terçado, eu era considerado cabra da peste afamado (Monteiro, 1990, p. 27).

Verifica-se, nas declarações do herói, a confirmação dos poderes mágicos do “terçado 128” que, por sinal, é uma arma feita de ferro que, segundo Durand (1992) é um metal de origem celeste. Crença defendida pelos povos de cultura primitiva e ligada ao surgimento meteórico dos primeiros minerais. Essas ideias do escritor francês são complementadas pelas considerações de Benoist (1976) de que o nome dado ao ferro,

pelas sociedades da Antiguidade é de origem latina – *sidus* – e o escritor também aponta os egípcios como os povos que trabalharam com esse metal extraído dos meteoritos.

Por outro lado, Chevalier & Gheerbrant (1994) confirmam as concepções dos povos antigos sobre a origem sagrada do ferro, comumente adotada como símbolo da robustez, da dureza, da obstinação, do rigor excessivo e da inflexibilidade, características que as qualidades físicas do metal ratificam somente de modo incompleto. Os escritores também apontam para o ferro, uma provável origem ctoniana, isto é, do interior da terra, do mundo das trevas, onde moram as divindades malélicas, tornando-o um metal profano, que não deve ser relacionado com a vida.

Todas essas concepções sobre a origem e a natureza do ferro ratificam a simbologia do “terçado 128”, pois Miguel sempre se acompanha dessa arma, o que o eleva à condição de herói mítico, mitificando também o objeto, porque, em circunstâncias de luta ou de perigo, parece se encher de magia, fazendo com que o protagonista vença todas as provas. Neste ponto, pode-se associar o “terçado 128” às espadas de outros heróis épicos, como a Durandal de Rolando, a Hauteclaire de Carlos Magno e a Escalibur do Rei Artur (Suberville, 1948). Tal fato faz com que, mais uma vez, Miguel dos Santos Prazeres se aproxime dos heróis solares, vencedores de batalhas que sempre conquistam um prêmio, no final da aventura, como também remete às realizações de São Miguel Arcanjo e de São Jorge, dentro das narrativas do Cristianismo.

Durand (1992) falando sobre as armas dos heróis épicos, diz que a noção de justiça a que se ligam esses instrumentos, remete a um processo de corte ou de separação entre o bem e o mal. Por isso mesmo, Miguel, com sua arma, se transfigura num deus capaz de executar tal separação: “Eu saquei o meu terçado que cortava até pensamento. Com ele, eu separava a cor das sombras; dividia as águas correntes das águas paradas. Acho que cortava até o fio do tempo” (Monteiro, 1990, p. 26).

Pelo que se depreende das declarações de Miguel, o seu terçado de ferro vai se fortificando como objeto transcendente, pronto para executar a separação dos elementos da natureza, como o herói fosse Deus, na suprema criação do Universo. O “terçado 128” torna-se um instrumento tão poderoso que pode até fazer o tempo parar. Neste ponto, observa-se que a arma adquire caracteres mágicos, sendo capaz de realizar coisas extraordinárias. Verifica-se, também, que se aprofunda a intimidade entre o herói e o seu objeto mágico: “Tinha que pôr à prova o valor do meu terçado 128. Minha arma, minha alma” (Monteiro, 1990, p. 26).

As palavras de Miguel, acerca do seu instrumento de luta, ratificam o grau de poder e de força que o objeto significa para ele, como também se torna bem expressiva a associação que o herói faz do instrumento com sua alma. Tal comparação remete à pureza e à essência do espírito do protagonista, o que leva a simbolizar o “terçado 128” como um talismã disponível, nos momentos de luta e de perigo. Por outro lado, o pensamento de Miguel também lembra as teorias cabalísticas de Lorenz (1994), ocasião em que o escritor fala da “redução” como uma operação de Cabala que consiste numa adição progressiva até encontrar um número pequeno. No caso do “terçado 128”, a redução se processada seguinte maneira:  $1+2+8=11$ ,  $1+1=2$ . O resultado do processo é dois que corresponde à existência refletida e multiplicada, como também à união de Miguel e a arma.

Neste ponto, confirmam-se as características do terçado do herói como instrumento que reflete a força e a coragem do seu dono, consagrando-o como objeto sagrado, como foram as espadas dos heróis da Mitologia, da Religião ou dos cavaleiros medievais. Por isso mesmo, o “terçado 128” se tornou um companheiro de Miguel, principalmente nas horas difíceis, o que justifica o seu posicionamento quando considera a carma como sua própria alma, a sua essência, isto é, aquilo que ele possui de mais puro. Por outro lado, Miguel salienta as diferentes funções do seu “terçado 128”, mas sempre mostrando que, antes de mais nada, era uma arma para enfrentar grandes desafios:

Terçado 128, este aqui manejava para tirar estrepe do pé, para calafetar canoa fazendo água, pra conservar um arreio de cavalo desprendido no galope, pra cortar bicheira de bezerro novo; ou pra sangrar qualquer bicho do mato. Este terçado então, terçado 128, nas minhas mãos, virava um terrível arma. (Monteiro, 1990, p. 27).

As palavras de Miguel levam a que se deduza que o “terçado 128”, nas mãos do herói, se transfigurava num objeto de estranhos poderes mágicos, ratificando, mais uma vez, a reatualização das espadas de outros heróis míticos e dos heróis cristãos. Essa metamorfose do terçado se torna clara com o emprego da forma verbal “virava”, que dá ideia de mudança, de passagem de estado de uma simples arma para a condição de instrumento sobrenatural, sinônimo de força e de coragem para o caboclo amazônida. Por isso mesmo, o “terçado 128” foi usado por Miguel, no combate a uma cobra gigante, um autêntico dragão que atacou o amigo Luciano, no período da enchente dos rios:

Encontrei o pobre do Luciano quase já morto. E a cobra, a enorme bicha, parêesque tinha dado uma volta, no esteio da barraca pra levar de arranco com tudo para o fundo. Não minto que fiquei com um

desconforme medo. Mas – minha Valença – que estava com o meu terçado 128 (Monteiro, 1980, p. 35).

O fato narrado por Miguel comprova os poderes transcendentais do “terçado 128”, no combate às forças maléficas da natureza representadas, no contexto, pela serpente que atacou a palhoça do seu amigo. Neste caso, detecta-se que a lembrança do porte da arma deu mais coragem ao herói, na luta contra os “bichos do fundo”, como os caboclos da região chamam as cobras e outros animais que vivem nos grandes rios da Amazônia e, geralmente são portadores de encantos negativos que provocam a morte ou lançam alguma maldição sobre as pessoas. No episódio exposto, Miguel enfrenta o monstro com a sua arma, revivendo, novamente, os heróis do catolicismo: São Miguel vencendo Lúcifer e a legião de anjos maus que se rebelaram contra Deus; São Jorge, com sua lança, quebrando os poderes do dragão. São heróis guerreiros que continuamente estão na luta do bem contra o mal. Tal fato se confirma, quando se percebe que o protagonista usa o terçado para proteger as pessoas:

E o bicho apareceu num galho. Um galho podre. um galho seco... Meu padrinho puxo rifle. Esgotou toda a munição sem poder fazer a mira – Nem conseguiu aluir o bicho. Se não fosse o meu terçado 128, o meu padrinho tinha sido engolido (Monteiro, 1990, p. 25-26).

Pelo que se verifica, nos episódios vividos pelo herói, o “terçado 128”, no decorrer da narrativa, cada vez mais se transfigura num objeto mágico, pleno de poderes e de força e, acima de tudo, um autêntico companheiro de Miguel, na hora de enfrentar os perigos e as armadilhas do misterioso caminho de provas que todo herói percorre, em busca da sua divinização. Por isso mesmo, quando a personagem se esquece de sua arma, é como se o próprio chão desaparecesse e a coragem dessa vez ao desamparo, como aconteceu no episódio da Travessia do Lago Grande: “As águas eram um mistério que se derramavam por muito longe. Ah, o meu terçado 128! Me vi desamparado somente com aquele arpão e aquele remo de jacumã” (Monteiro, 1990, p. 124).

Com essas palavras Miguel diz Santos Prazeres ratifica a representação que ele faz do “terçado 128”, mostrando que perder ou estar sem aquele objeto mágico, num momento de dificuldade, era mesmo que perder a alma. Ao lado do “terçado 128”, aparece outro elemento mágico de que Miguel se vale, durante as suas aventuras – “a cachaça”, que funciona como um elixir possuidor de poderes sobrenaturais, desencadeador de coragem para que a personagem se sinta forte, desafiando qualquer perigo que se coloque

a sua frente e ainda serve de ópio para os devaneios e para as viagens do herói. A aguardente funciona então como uma espécie de encanto para o caboclo:

Não, não é por causa do frio que a gente bebe a bicha. Ela também dá uma corangenzinha para enfrentar os muitos malefícios. Pode-se pisar numa arraia, topar com uma cobra, esbarrar com um puraqué, porque nunca ninguém sabe o que é que existe pelo fundo. Cachaça dá coragem por tudo isso. E não é por vício. Não senhor, não é por vício. É que aqui a gente abre o zolho e vê logo a imensidade (Monteiro, 1990, p. 124).

Nas palavras de Miguel, observa-se a caracterização da “cachaça” como elemento de encanto que desperta a coragem no indivíduo que a busca como fonte de evasão e de força. Neste ponto, pode-se comparar a aguardente aos filtros e unguentos mágicos que despertaram sentimentos em algumas personagens, como foi o caso de: Tristão e Isolda que beberam o licor e se amaram até a morte; Lindoia que bebeu o licor preparado pela feiticeira Tanajura e dormiu sonhando com a cidade de Lisboa reconstruída pelo Marquês de Pombal ou ainda Lúcio, que se passou uma pomada mágica, pensando que iria se transformar em pássaro e acabou metamorfoseado em burro – (Luciano, 1992).

Depreende-se, então, que toda essa simbologia da cachaça remete às ideias de Bachelard (1989) que a considera a síntese da água com o fogo, isto é, uma água que arde, que deriva a sua energia de dois elementos contrários. Por isso mesmo, a “cachaça”, como elixir transcendente, pode também provocar os mais variados efeitos: “Cachaça nessa hora serve para esquecer e pra lembrar, serve pra aquecer ou pra esfriar; serve pra morrer ou pra matar; serve pra perder ou pra achar. Cachaça serve também de encanto pra sonhar” (Monteiro, 1990, p. 120).

O discurso do herói confirma os múltiplos efeitos da cachaça, nas ações humanas. Para concretizá-los, o homem fica sujeito ao caráter ambivalente do elixir, como declara Miguel, quando emprega verbos de sentidos contrários – *esquecer/ lembrar, morrer/ matar, perder/ achar*. Com isso, a personagem salienta o aspecto misterioso e encantatório da bebida, que se transfigura em objeto mágico, desencadeador de forças sobrenaturais, de que o caboclo dispõe, nos momentos difíceis. É uma poção que agiganta as suas forças, semelhante ao “terçado 128”, como ele mesmo declara:

Sem meu terçado 128 na cintura e sem cachaça no bucho, como é que eu vou enfrentar o mundo. Remar canoas horas e horas, léguas e léguas, merece muita competência do vivente. Andar no mato, varar os campos, passar os dias e as noites perdido nestas distâncias, carece de muita coragem no corpo todo. (Monteiro, 1990, p. 13; 20).

A linguagem de Miguel, em relação aos dois elementos, confirma, mais uma vez, o aspecto misterioso tanto do “terçado 128” como da “cachaça”. O herói deixa claro que vive diante de uma imensidão que, neste caso, é a Amazônia, onde tem de enfrentar os perigos, enquanto as distâncias, o tempo e o espaço se perdem nas “horas e horas”, nas “léguas e léguas” e nos “dias e dias”, como se nunca houvesse um fim para aquelas horas e para aquelas léguas. Depreende-se, então, que Miguel, juntando o seu “terçado 128” com a aguardente, sente-se protegido, fortalecido e cheio de coragem para vencer os obstáculos que se impuserem, no seu caminho. No entanto, apesar de acreditar nos efeitos mágicos da cachaça, Miguel não deixa de defender as suas crenças nas lendas e nos duendes que pululam pelos rios e pelas matas da Amazônia, mostrando que esses mitos, de maneira alguma, são efeitos do álcool:

Se o senhor me perguntar: existe boto encantado, existe? Existe matinta pereira, cobra grande, boiuna, mapinguari existe? Talvez eu não lhe responda nem que sim nem que não, pra não faltar com a verdade. Pra dizer que foi só a cachaça eu sei que não: cachaça sozinha não é capaz de fazer tamanha carência na minha vista. Ver no escuro, ouvir no silêncio, atravessar sozinho a imensidade, isso o homem que é homem também faz sem a ajuda da maldita<sup>11</sup> (Monteiro, 1990, p. 120).

Nota-se então que Miguel propõe, ao seu ouvinte, uma série de questionamentos acerca da existência dos seres míticos da Amazônia, repetindo, ao final de cada pergunta, a forma verbal “existe”, como que esperando uma resposta, algo que esclareça as suas dúvidas. Apreende-se, portanto, precisa se certificar da realidade, em relação a esses entes sobrenaturais. No entanto, o protagonista sente receio de fazer qualquer afirmação e termina a sua fala defendendo o princípio de que todas as visões e encontros que teve com esses duendes não foram ilusões provocadas pela aguardente, logo os mitos existem realmente.

Todas as interrogações de Miguel, repetidas seguidamente, remetem ao posicionamento de Jolles (1976) de que, quando o universo se constrói para o homem, através de perguntas e de respostas, favorece a instauração do mito. Neste caso, o caboclo indaga e procura responder aos questionamentos, o que ajuda a solidificar a existência das crenças populares. Ninguém afirma se esses entes existem, realmente, mas também há pessoas que provam que já viram ou travaram luta com esses fantasmas.

Por outro lado, detecta-se que a personagem, em seu discurso, faz questão de frisar as situações antitéticas que aconteceram com ele quando se refere a “ver no escuro e ouvir

---

<sup>11</sup> Maldita – designação dada à cachaça, nas cidades do interior do Pará.

no silêncio”, esclarecendo que tudo isso não foi fruto da cachaça e, por isso mesmo, remete ao heroísmo e à coragem do caboclo que salienta, no seu discurso, que o homem que é homem faz tudo sem a ajuda da aguardente, da maldita como o protagonista se refere à bebida.

Outro detalhe que chama atenção, na conversa de Miguel, é que, novamente, o caboclo emprega a palavra “imensidão”, reforçando o caráter misterioso e inexplicável do cenário, como uma região que não tem princípio nem fim, nem tampouco apresenta limites de tempo e, por isso mesmo, reveste-se de uma forte influência mítica, cheia de mistérios, na qual todas as impressões se agigantam e se transfiguram, violando as leis da normalidade. Na verdade, o que se deduz de tudo isso é que, uma simples bebida alcoólica passou a simbolizar um objeto mágico, no contexto de aventuras de Miguel dos Santos Prazeres. A bebida, então, se transfigura em um objeto mágico.

Além do “terçado 128” e da “aguardente”, outro objeto mágico que acompanha Miguel, nas suas andanças, é a “canoa”, inseparável companheira do protagonista, na travessia dos rios, dos lagos e dos igarapés da Amazônia:

Agora só ando de canoa, montaria que entra em qualquer buraco. Nesta canoa, eu pesco, caço e ando por qualquer lado. Atravesso qualquer rio e chego em qualquer distância. Moro de preferência onde posso amarrar minha canoa na porta (Monteiro, 1990, p. 34).

A linguagem de Miguel destaca as funções da “canoa”, em suas atividades como um objeto ou uma arma que o auxilia nas caminhadas e na sobrevivência da vida, como ele mesmo afirma: “pesco, caço e ando”. Tal fato faz com que a “montaria”, em alguns momentos, se transforme na própria casa de Miguel, em virtude da forte relação que se estabelece entre o herói e o objeto, como se um se integrasse à vida do outro. Neste ponto, a embarcação se assemelha ao “terçado 128”:

A proa é que faz o próprio rumo, às vezes divide mantos e mantos de flores pelos lados. Quando sinto saudade da terra-firme, me embrenho pelos altos, subo os rios e me afasto. Ando de canoa até pelas estradas. Mas aqui na várzea é que a canoa tem seus maiores préstimos (Monteiro, 1990, p. 125).

O discurso de Miguel, falando que a canoa conduz o seu próprio rumo, dividindo mantas de flores sobre as águas, ressalta caráter mítico do objeto e também remete às ideias de Chevalier & Gheerbrant (1994) de que a barca é o símbolo da viagem, de uma travessia realizada seja pelos vivos, seja pelos mortos. Os autores citam ainda que, na literatura da Irlanda a embarcação aparece com a simbologia do meio de passagem para

o Outro Mundo. No caso de Miguel, a situação não é diferente, pois se verifica que a montaria se transfigura em veículo de passagem pelos limiares das diferentes provas que o herói teve de cumprir, como foi o caso da travessia do Lago-Grande: “Nunca pensei que uma montaria pudesse viajar e navegar em todos aqueles peraus. Não tinha a menor ideia pra onde o boto me levava... Naveguei este Amazonas de cabo-a-rabo” (Monteiro, 1990, p. 125).

No caso do ritual de passagem, Miguel parece ir e vir, constantemente, da realidade para o mundo mítico, e a embarcação é o veículo que facilita as idas e as vindas do herói. Portanto, a “canoa mágica” de Miguel, pelo que se percebe, acompanha a personagem por todos os lugares, como ele mesmo declara que até mesmo pelas estradas andava de “montaria”. Isso aumenta o caráter mágico da embarcação, na concepção do próprio dono. No entanto, as últimas palavras do discurso do caboclo justificam a teoria de Chevalier & Gheerbrant, citada anteriormente, pois a “canoa”, segundo o protagonista nas suas aventuras, torna-se o seu veículo condutor nas constantes mortes e ressurreições, como acontece com todo herói mítico. Isso pode ser comprovado nos episódios na “travessia do Lago-Grande” e no caminho da “terceira margem”. Por isso mesmo, o caboclo mostra que a montaria tanto nas águas agitadas como nas águas calmas:

Remava, remava, remava..., mas a canoa tinha perdido seu único rumo. Quando topei com o dia, o céu estava muito alto. As águas todas estavam muito calmas, a terra e a mata muito longe. Minha canoa zanzava de bubuia. Estava de novo no meio da Lagoa- Grande. (Monteiro, 1990, p. 124-25).

A linguagem de Miguel revela a fidelidade da pequena embarcação ao seu dono, em todos os estados dos regimes das águas dos rios, dos lagos e dos igarapés. Quando as águas estão agitadas, é preciso remar e a intensidade do ato está na repetição ternária da forma verbal “remava”. No entanto, nas águas calmas, a situação torna-se diferente, o que se reflete no discurso do protagonista – “Minha canoa zanzava de bubuia”, isto, a montaria repousava sobre as águas do lago, como alguém que está cansado. Tal fato aponta que a canoa, cada vez mais integrada à vida de Miguel, pode levá-lo a viajar não somente pelas águas, como o caboclo declarou, anteriormente, mas agora também o conduz para as nuvens: “Foi só embarcar na canoinha de reboque, como já lhe disse, e perder completamente o rumo das distâncias, quando meti o remo nágua misturada com o céu e remei, remei, nuvens e nuvens” (Monteiro, 1991, p. 188).

A fala de Miguel sobre a montaria intensifica o caráter mágico da embarcação, dando a entender que aquele objeto simples, feito de madeira, possuía poderes sobrenaturais, a ponto de transportá-lo nas estradas e de fazê-lo subir ao céu para “navegar nas nuvens”. Observa-se também que, neste contexto, o herói, dentro da sua canoa, perdia a noção de espaço, de distância e de tempo, como se viajasse para um outro lugar, cheio de encantamento, que nem mesmo o protagonista sabia definir. Esses acontecimentos se ratificam com as repetições binárias da forma verbal “remei” e do substantivo “nuvens”. Neste caso, a pequena embarcação, nas águas do rio, se transfigurava talvez até num tapete mágico que fazia o caboclo viajar por regiões desconhecidas. Pode-se até considerá-la um instrumento que faz a personagem se evadir no tempo e no espaço.

### **3. Considerações finais**

Ao final da análise do texto, depreende-se que:

A epopeia é uma espécie literária que gera outras espécies literárias, confirmando a teoria de Croce, citado por Silva (1975). Na narrativa do escritor Benedicto Monteiro, todo o interesse pelos fatos gira em torno da figura do herói Miguel dos Santos Prazeres, figura mitificada pelas credices populares da população do interior da Amazônia. É um protagonista solar, como refere Durand (1992), pois em todas as empreitadas torna-se um vencedor, conquistando um prêmio.

Outro detalhe que chama atenção, é que, no decorrer da narrativa, os fatos são apresentados com expressiva influência dos mitos, o que constitui o maravilhoso épico do texto. Neste caso, mereceram destaque, neste estudo, três objetos considerados mágicos pela personagem. Isso confirma a teoria de Eliade (1992) de que coisas simples podem ser hierofanizadas por um herói épico, isto é, podem se tornar portadores de forças e de poderes mágicos. Isso faz com que influenciem, visivelmente, o comportamento do protagonista, podendo até modificar o rumo dos acontecimentos. No caso das travessias da “Mata-mal-assombrada” e do “Lago Grande”, quando se presume que aconteceria o pior com Miguel dos Santos Prazeres, ele sai vencedor apoiados nos três instrumentos mágicos.

Neste caso, o “terçado 128”, a “cachaça” e a “canoa” possuem papel relevante nas aventuras de Miguel dos Santos Prazeres. Funcionam como elementos portadores de qualidades sobrenaturais que auxiliam o protagonista, nos momentos difíceis, quando se colocam à prova a sua coragem, o seu heroísmo, a sua astúcia e a sua audácia. O terçado age como arma para a defesa da personagem e dá segurança para enfrentar o perigo; a

cachaça faz o caboclo crescer e se tornar um ser cheio de força e a canoa faz o herói revirar o mundo. Pode-se dizer que os três instrumentos juntos completam a vida de Miguel.

Esta análise remete à seguinte observação. Na vida cotidiana da personagem, essas armas funcionam como simples instrumentos de trabalho ou de diversão, como é o caso da aguardente, mas, no mundo mítico de Miguel, aparecem impregnados de uma força diferente e sobrenatural, fazendo companhia ao protagonista e dando-lhe coragem, no caminho de provas que ele tem de enfrentar, na sua trajetória de herói.

Os objetos mágicos de Miguel dos Santos Prazeres lembram os instrumentos usados por outros heróis de narrativas da Amazônia, em suas aventuras e em seus sonhos. É o caso de Alfredo, protagonista do “Ciclo do Extremo Norte”, produzido pelo escritor Dalcídio Jurandir (1976), que possuía um caroço de tucumã que, semelhante a uma varinha mágica dos contos de fadas, levava o garoto a viajar por lugares maravilhosos, diferentes da realidade em que vivia. O caroço da fruta se transfigura em um objeto mágico, pois leva o menino Alfredo a flutuar no espaço, fugindo da cidade de Cachoeira, lugar em que o herói residia. Neste caso, mais uma vez, se recorre à teoria da evasão de personagens, citada Aguiar e Silva (1975), pois o menino tinha o desejo de correr terras, conhecer paisagens diferentes. Tal fato pode ser associado à figura de Miguel que atribuía à sua canoa, poderes extraordinários, percorrendo as águas do Labirinto Verde do *Verde Vagomundo*.

Outra conclusão que se pode tirar é que o herói precisa desses objetos mágicos que vão ajudá-lo nas suas aventuras. No entanto, a supremacia, dentro da narrativa, é sempre do protagonista, considerando que dele depende a unidade de interesse do texto, como acontece em todas as epopeias: Aquiles, para a *Ilíada*; Ulisses, para a *Odisseia*; Eneias, para a *Eneida* e Vasco da Gama, para *Os Lusíadas*. Até os adversários dessas personagens são únicos, visto que podem ser de origem nobre, fortes, inteligentes, mas incapazes de vencê-los. Portanto, nos romances da “Tetralogia Amazônica”, Miguel se torna a força motriz que conduz todos os episódios da sua viagem. Podem aparecer no seu percurso, botos, curupiras e outros seres fantásticos, mas a vitória é do protagonista.

## Referências

BACHELARD, Gaston. *A psicanálise do fogo*. Tradução de Maria Isabel Braga. Lisboa: Litoral, 1989.

BENOIST, Luc. *Signos, símbolos e mitos*. Tradução de Anna Maria Viegas. Belo Horizonte: Interlivros, 1976.

CAMPBELL, Joseph. *O herói das mil faces*. Tradução de Adail Ubirajara Sobrel. São Paulo: Cultrix/ Pensamento, 1994.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Tradução de Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim e Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

DURAND, Gilbert. *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. Paris: Dunod, 1992.

ELIADE, Mircea. *Mito do eterno retorno*. Tradução de José Antônio Ceschim. São Paulo: Mercuryo, 1992.

JOLLES, André. *Formas simples*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.

JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos campos de Cachoeira*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1976.

LORENZ, F. V. *Noções elementares de cabala: a tradição esotérica do Ocidente*. São Paulo: Pensamento, 1994.

LUCIANO. *Eu, Lúcio: memórias de um burro*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1992.

MONTEIRO, Benedicto. *Verde Vagomundo*. Belém. Cultural CEJUP, 1990.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina, 1975.

SUBERVILLE, Jean. *Théorie de l'art et des genres littéraires*. Paris: Éditions l'École, 1948École, 1948École, 1948École, 1948

Sobre os autores

#### **José Guilherme de Oliveira Castro**

Doutor em Letras (PUC/RS, 1997), mestre em Letras (PUC/RS, 1982), graduado em Letras (UFPA, 1967), graduado (Bacharel) em Psicologia (UFPA, 1978), em Formação de Psicólogo (1978) e Licenciado em Psicologia (UFPA, 1981). Líder do Grupo de Pesquisa Interfaces do Texto Amazônico (GITA). Foi professor de Cultura Brasileira da Universidade Federal do Pará e, atualmente, é professor titular da Universidade da Amazônia (Unama), docente permanente (Mestrado e Doutorado) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, atuando principalmente nos seguintes temas: narrativa, conto fantástico, sociedade, imaginário amazônico e lirismo.

CV: <http://lattes.cnpq.br/4564267097302078>

#### **Luis Fernando Ribeiro Almeida**

Doutorando e Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Mestre em Letras (UFPA). Licenciado em Letras com habilitação em português e Literaturas de Língua Portuguesa, Especialista em Língua Portuguesa e Literatura (Faculdade Atenas Maranhense/FAMA). Dedicar-se aos estudos nas áreas de literatura brasileira e teoria literária, com interesse especial na história, nos fundamentos conceituais dos estudos literários,

bem como na historiografia da literatura brasileira. Integrante do Grupo de Pesquisa Interfaces do Texto Amazônico (GITA). Autor dos livros *Entre Margens: Euclides da Cunha e a Amazônia* (Editora Albatroz, 2017) e *Diário de Leitura e Recepção do Leitor* (Dialética, 2024), e dos infantis *O bem-te-vi curioso e outras definições* (@HistorinhasPraContar, 2022) e *A Curacanga* (Albatroz, 2022). Professor da rede pública de ensino. Integrante da equipe de redatores do componente curricular de Língua Portuguesa do Documento Curricular Integrado do Arranjo de Desenvolvimento da Educação dos Guarás/Maranhão. Filiado à Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) e sócio efetivo do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários da Região Norte (GELLNORTE). Membro titular da Academia Pinheirense de Letras, Artes e Ciências (APLAC).

CV: <http://lattes.cnpq.br/2460655891916019>

### **Milena Silva Castro**

Mestra em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA, 2016) e doutoranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura PPGCLC (UNAMA). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade da Amazônia (2004) e em Design de Moda pela Universidade Estácio (FAAP, 2012). Atualmente, é docente na Universidade da Amazônia no curso de Bacharelado em Moda. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Design de Moda. Produção de moda atuando como coordenadora de backstage do Amazônia Fashion Week, desde 2012.

CV: <http://lattes.cnpq.br/3124072189931741>

Texto submetido em: 14/08/2024

Aceito em: 28/08/2024

**CARTAS DE ZULEIKA EM “O MINOSSAURO”, DE BENEDICTO MONTEIRO: VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS NA DITATURA MILITAR PÓS-1964 NA AMAZÔNIA BRASILEIRA**

**LETTRES DE ZULEIKA DANS “O MINOSSAURO”, DE BENEDICTO MONTEIRO: VIOLATION DES DROITS DE L'HOMME DANS LA DICTATURE MILITAIRE DE L'APRÈS-1964 EN AMAZONIE BRÉSILIENNE**

Maria de Fatima do Nascimento  
Universidade Federal do Pará (UFPA)  
Belém-Pará-Brasil

**Resumo:** Este artigo discute quatro cartas, da personagem Zuleika, do romance O Minossauro de Benedicto Monteiro, de dez cartas dela que estão publicadas na referida obra, refletindo a respeito da violação dos Direitos Humanos no período da ditadura militar pós-1964 na Amazônia brasileira, considerando o título II, Dos Direitos e Garantias Fundamentais e alguns incisos do Capítulo 1 Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos da “Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, até a emenda 99/2017”, haja vista que o romancista Benedicto Monteiro sofreu perseguição política, foi preso e torturado em Belém do Pará, logo após o golpe militar no Brasil.

**Palavras-chave:** Benedicto Monteiro; Personagens femininas; Romance na ditadura militar pós-1964 na Amazônia.

**Resumé:** Cet article traite de quatre lettres du personnage de Zuleika, dans le roman « O Minossauro », de Benedicto Monteiro, sur les dix lettres publiées dans l'ouvrage susmentionné, en réfléchissant à la violation des droits de l'homme dans la période de la dictature militaire post-1964 en Amazonie brésilienne et en considérant la Constitution de la République Fédérative du Brésil de 1988, jusqu'à l'amendement 99/2017, ainsi que le titre II sur les droits et garanties fondamentaux et le chapitre 1 sur les droits et devoirs individuels et collectifs, étant donné que le romancier Benedicto Monteiro a subi des persécutions politiques, a été arrêté et torturé à Belém do Pará à partir d'avril 1964, peu après le coup d'État militaire au Brésil.

**Mots-clés :** Benedicto Monteiro; Personnages féminins; Romance dans la dictature militaire d'après 1964 en Amazonie.

## **Benedicto Monteiro, seus romances e o Regime Militar Pós-1964 no Brasil: um recorte**

“[...] Vem da planície verde  
este grito estranho,  
este grito bárbaro  
que já rompeu todas as florestas  
e reboou em todos os igapós.  
Vem da Amazônia,  
este grito forte  
que tem a voz nova das crianças  
e a poesia antiga  
da voz dos meus avós...”  
(Monteiro, 1945, p. 13-14)

Objetivamos neste artigo<sup>12</sup> abordar a violação dos Direitos Humanos que é denunciada nas cartas de Zuleika, personagem feminina, do romance “O Minossauro”, de Benedicto Monteiro, especialmente “a liberdade de expressão, o direito de ir e vir, a liberdade de consciência e de crença e a liberdade de expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação”, com garantia na Carta Magna a todos os brasileiros e a todas as pessoas estrangeiras que residem em solo do Brasil, conforme é expressada em seu artigo 5º da Constituição da República Federativa do Brasil que foi promulgada em 1988. Em seu artigo 5º, traz no “Título II” e “Capítulo I”, “Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos” setenta e oito incisos em algarismos romanos, alguns deles com parágrafos e letras do alfabeto português brasileiro. Aqui usaremos os incisos necessários para relacionarmos às cartas, que são objetos literários e serão analisadas, neste trabalho, conforme segue no artigo 5º com os quatro primeiros incisos:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguinte:

- I - Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta constituição;
- II - Ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude da lei;
- III - Ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;
- IV - é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato.

---

<sup>12</sup> Com muitas alterações, este artigo foi baseado na nossa dissertação de Mestrado “A representação alegórica da ditadura militar em “O Minossauro”, de Benedicto Monteiro: fragmentação e montagem”.

Após vinte anos de Ditadura militar no Brasil (1964-1984), período em que os governos militares eram antidemocráticos e autoritários prenderam, torturaram e mataram muitos brasileiros, em 1985 houve eleições democráticas e em 1986 foi convocada uma Assembleia Nacional Constituinte para a elaboração de uma nova constituição que atendesse os anseios dos brasileiros. Desse documento participaram deputados federais, senadores e a sociedade civil, estando em vigor atualmente.

Kenneth P. Serbin, em seu livro “Diálogos na Sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura”, esclarece que:

Em 1973, a Igreja realizou protestos que duraram meses contra o assassinato de Alexandre Vannucchi Leme, um estudante da Universidade de São Paulo (USP), de 22 anos, que morreu na cadeia horas depois de ter sido preso e torturado, por agentes de segurança. [...].

[...]. A maior parte dos textos sobre a ditadura militar destaca outro importante protesto religioso como o grande despertar da oposição para a luta pelos direitos humanos e pela democracia: o assassinato por tortura do jornalista Wladimir Herzog, em 1975. Nas palavras do colega jornalista e também vítima de tortura Paulo Markun “A morte de Wladimir Herzog mudou o Brasil. Provocou a primeira grande reação popular contra a tortura, as prisões arbitrárias, o desrespeito dos direitos humanos (SERBIN, 2001, p. 382).

Nesse sentido, para discutirmos as referidas cartas de Zuleika no romance “O Minossauo”, necessário se faz conhecer um pouco da vida político-partidária do autor Benedicto Monteiro, que nasceu em 1º de março de 1924, no município de Alenquer, no Estado do Pará e faleceu em Belém (PA) em 15 de junho de 2008. O intelectual paraense, além de poeta, romancista, contista, foi também jornalista, advogado e político, cujo centenário de nascimento comemoramos neste ano de 2024.

Na condição de deputado Estadual e Federal, Benedicto Monteiro sofreu perseguição ideológica e cassação de mandato por parte do regime militar brasileiro pós-1964. Paralelamente às atividades partidárias, exerceu sua função de profissional liberal (advogado) e se destacou como articulista eventual de alguns jornais paraenses. Deixou-nos livros de poesias e contos, mas se consagrou como romancista, pela sua “Tetralogia Amazônica”.

Como romancista, nas décadas de 1970 e 1980, produziu os seguintes livros: “Verde Vagomundo” (1972), “O Minossauo” (1975), “A Terceira Margem” (1983) e “Aquele Um” (1985), narrativas que, conjuntamente, denominou “Tetralogia Amazônica” e nas quais o personagem Miguel dos Santos Prazeres, trabalhador rural

ribeirinho e profundo conhecedor da região amazônica, relata casos ao Major Antônio de Medeiros, ao geólogo Paulo e a um geógrafo, respectivamente narradores de “Verde Vagomundo”, “O Minossauro” e “A Terceira Margem” (1983). Com tais relatos, o autor amazônico compõe a obra “Aquele Um”.

O fato de Benedicto Monteiro ter sido preso, torturado e perseguido político pelo regime militar pós-1964 no Brasil refletiu-se na matéria narrativa desses romances, que apresentam estruturas fragmentárias e estratégia de montagem/colagem, traço também característico do comportamento do Major Antônio de Medeiros, do geólogo Paulo e do geógrafo, já que são todos narradores-compiladores e escritores estreados às voltas com reunião de textos para a composição de seus livros. A partir de agora, vamos nos ater às cartas de Zuleika.

O romance “O Minossauro”, no período da ditadura militar pós-1964 no Brasil, foi publicado na gestão do General Geisel (1974-1979), quando da implementação da dita abertura, embora permaneça uma censura controlada pela Política Nacional de Cultura (1975), a qual se reflete no centralismo da produção intelectual. A “moderna” forma de repressão no governo Geisel é vista, unanimemente entre nós pela sociocrítica, como a mais sofisticada fase repressiva cultural da história da ditadura militar pós-1964. Tal se deve ao perverso jogo para desmobilizar os que não concordavam com semelhante processo: aos cooptados são concedidos incentivos, financiamentos e empregos; aos opositores, além da censura intelectual, são impostos o exílio, o desemprego, a tortura físico-mental e até a morte<sup>13</sup>.

Fatima Nascimento em sua Dissertação de Mestrado: A representação alegórica da ditadura militar em O Minossauro, de Benedicto Monteiro: fragmentação e montagem<sup>14</sup> afirma que:

A vida político-partidária de Benedicto Monteiro, centrada em aspirações reformistas, foi entremeada por muitos dissabores: em 16 de abril de 1964, cassaram seu mandato, ficando seus direitos políticos

---

<sup>13</sup> A propósito, Heloísa Buarque de Hollanda e Marcos Augusto Gonçalves observam o que se segue: “No campo cultural, esse processo conta com uma forte presença do Estado, que se expressa contraditoriamente numa política que oscila entre a censura, repressiva, e o incentivo, produtivo. A originalidade da intervenção estatal na cultura nos parece ser dada nesse momento por essa dimensão produtiva, pela adoção de uma lógica positiva no tratamento da questão cultural: o Estado deixa *tão*-somente de reprimir e passa a fornecer programas para a, intelectualidade, incentivos à produção, *agências* voltadas para a cultura” (Hollanda e Gonçalves, 1980, p. 33).

<sup>14</sup> Benedicto Monteiro nos deu 5 (cinco) entrevistas, das quais publicamos 3 (três) na dissertação de Mestrado, defendida em 2004, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Na oportunidade, ele reconta fatos da sua vida que estão também em seu livro “Transtempo” (1993). Na capa desse livro, há uma fotografia de Benedicto Monteiro desembarcando do avião em Belém do Pará. Ele chega de Alenquer como preso político, em destaque na frente, descalço, algemado. A algema fixa-se num de seus braços e noutra de um policial da Aeronáutica. Vêm muitos militares da aeronáutica acompanhando a prisão.

suspensos por dez anos. Antes da sua cassação, em 2 de abril de 1964, portanto, dois dias após o Golpe Militar (31/03/1964), ele fugiu num jatinho, saindo do aeroporto militar de Belém para Alenquer, com medo de um boato que surgiu na capital do Pará de que ele seria o primeiro a ser preso e assassinado pelos militares

Ao chegar à sua cidade natal, Monteiro verificou que a única saída para ele era se esconder nas matas. Por isso, andou mais ou menos sessenta quilômetros a pé, indo se esconder nas “matas” do Quilombola Pacoval, onde tinha vários amigos. Daí ficou vários dias perambulando, foragido na floresta amazônica, sabendo das notícias do Brasil e do mundo por meio de um rádio de pilha que levava consigo, e pela “rádio cipó”, isto é, pelos mensageiros amigos que se encarregavam de levar as notícias que não eram veiculadas pelo rádio transistor (Nascimento, 2004, p. 9).

Como vemos, era dessa forma que os trabalhadores, especialmente os políticos, que estavam fazendo a defesa ou apoiando a medição das terras para que os agricultores, que já residiam na Amazônia pudessem ter os documentos de suas propriedades, passaram a viver, nesse período nefasto da vida dos brasileiros, escondidos, pois todos eram considerados comunistas e traidores da pátria. Por isso, essas pessoas eram caçadas, como se caçavam, naquela época, os animais da floresta Amazônica, conforme foi caçado Benedicto Monteiro:

Sabendo que havia várias patrulhas caçando-o com ordens para matá-lo, verificou que, naquelas condições, era fácil ser morto a qualquer momento. Por isso, propiciou sua captura, entregando-se aos policiais militares em 16 de abril de 1964, tendo sido algemado, amarrado, preso às margens do Rio Curuá e exposto, em trajes menores e descalço, aos ribeirinhos da região da cidade de Alenquer e Santarém, para intimidar aqueles que, por ventura, ousassem acolher e esconder todos aqueles julgados ou acusados de “comunistas” pelos militares.

Após essa exposição, Benedicto Monteiro foi trazido por seus algozes para Belém do Pará, chegando na noite do dia 17 de abril de 1964 diretamente ao Quartel da Aeronáutica, onde passou a ser torturado, vivendo lá, por sessenta dias, incomunicável. Benedicto Monteiro permaneceu sete meses trancafiado numa cela de dois metros quadrados, dormindo no chão de cimento frio, sendo torturado na calada da noite por militares no Quartel da Aeronáutica e no Quartel do 26º Batalhão de Caçadores do Exército, em Belém do Pará, atualmente 2º Batalhão de Infantaria de Selva – 2º BIS (Nascimento, 2004, p. 9-10).

Segundo Benedicto Monteiro, os militares o acusaram de comunista e subversivo e tomaram como prova de tal acusação o fato de ele ter integrado a comitiva do governo do Estado do Pará (Aurélio do Carmo), do qual era Secretário de Obras, Terras e Aviação, em viagens aos países comunistas: Checoslováquia, Cuba, Rússia e China. E,

principalmente serviu de prova material de acusação de comunista contra Benedicto Monteiro sua composição musical intitulada “O Canto do Lavrador” (1962). Essa música foi criada para ser cantada “[...] nos comícios, nas manifestações e nas reuniões dos sem-terra, dos posseiros e dos trabalhadores rurais”, conforme Benedicto Monteiro expõe nas páginas 187 e 188 do livro *Transtempo* (1993)

#### O canto do lavrador

Agora nós vamos pra a luta,  
a terra que é nossa ocupar,  
a terra é para quem trabalha,  
a história não falha,  
nós vamos ganhar.

Já chega de exploração,  
já chega de tanto sofrer,  
ou morre jogado no eito.  
ou leva no peito  
O jeito é vencer.

Já chega de tanta promessa,  
já chega de tanto esperar,  
a terra na raça ou na garra,  
na lei ou na marra,  
nós vamos tomar.

Agora nós vamos pra a luta,  
a terra que é nossa ocupar,  
a terra é para quem trabalha,  
a história não falha,  
nós vamos ganhar.

(Monteiro, 1993, p. 187-188)

A situação de Benedicto Monteiro agravou-se a partir de 1968, sobretudo, com o Ato Institucional Nº 5, (AI-5, de 13 de dezembro), que afirmava em seu *caput* o seguinte:

São mantidas a Constituição de 24 de janeiro de 1967 e as Constituições Estaduais; O Presidente da República poderá decretar a intervenção nos estados e municípios, sem as limitações previstas na Constituição, suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais, e dá outras providências ([https://www.planalto.gov.br/Ccivil\\_03/AIT/ait-05-68.htm](https://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm)).

Na verdade, o que foi escrito no “AI 5” já vinha acontecendo desde o início do Golpe Militar de 1964, mas a partir desse Ato, os governos militares poderiam cometer

todas as atrocidades que vinham cometendo, mas agora de forma regularizada pelo próprio estado brasileiro. Os ditadores poderiam fazer o que bem quisessem com todos os opositores ao regime antidemocrático, pois não havia Direitos Humanos, os agentes de segurança podiam prender, torturar e matar quem eles considerassem subversivo e comunista, mesmo que não comprovassem os delitos imputados aos presos, por isso depois de solto, Benedicto Monteiro continuou sendo vigiado e perseguido pelos militares e vivendo numa situação de exílio domiciliar, sem poder exercer a profissão de advogado e nem assinar documentos junto aos órgãos de justiça.

### **Zuleika, autora de cartas em “O Minossauro”: violação de Direitos Humanos na ditadura militar pós-1964 no Brasil**

Nesse contexto histórico, “O Minossauro” inicia-se com Miguel dos Santos Prazeres, personagem importante desse livro, chegando sem chamar a atenção no barco flutuante, que está ancorado à margem de um rio, onde fica a equipe da Petrobrás, da qual o geólogo Paulo é o chefe. Essa equipe está explorando petróleo em Alenquer - Pará, na Região Amazônica. Miguel anda foragido nos rios e nas florestas da Amazônia brasileira paraense, haja vista ele temer os militares. O motivo reside no fato de ele ter soltado fogos de artifício na festa de Santo Antônio, padroeiro de Alenquer (PA), ação romanesca realizada no primeiro livro da “Tetralogia Amazônica”. Por isso, é considerado comunista e subversivo. Vejamos sua apresentação:

Não, eu não me alembro como eu nasci. Faz muito tempo. Mesmo sendo ainda novo, faz muito tempo. De memória, não sei o lugar, nem o dia, nem a hora. Quando dei acordo de mim diz'que já era homem. Homem, sim senhor.

Me alembro do dia que nasci de novo. Renasci. Renasci do fogo. Isso eu me alembro. Desse dia, ou melhor, dessa noite, eu me alembro como se fosse hoje. Eu me alembro, também, que era de cima de um morro, um morrote. Era o único morro no meio da cidade. E era a única cidade no meio daquele mundo (Monteiro, 1990, P. 15).

Miguel afirma que renasceu, porque enfrentou os policiais que estavam armados de metralhadoras, quando soltou os fogos e fugiu sem que fosse morto. A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, em seu artigo 5º, a respeito do “Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos”, “inciso VI” afirma que “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias”. Desse modo,

a fala de Miguel sobre sua situação de exílio contada ao geólogo Paulo revela a violação do direito a suas crenças, uma vez que é comum, na Região Amazônica, os católicos soltarem fogos de artifício para louvar os santos padroeiros ou as santas padroeiras das cidades onde residem, no caso da personagem Miguel, ele estava realizando uma atividade para a Igreja Católica: preparar os fogos de artifício e soltar na festa de Santo Antônio, padroeiro de sua cidade, Alenquer, bem como pagando uma promessa. Porém, essa atividade foi encarada pelos militares como subversiva, de acordo com a sua fala, que é um retrospecto do último episódio do livro “Verde Vagomundo”:

Eu tinha fabricado fogos, foguetes e fogos de artifício, para queimar na festa de Santo Antônio. Eram fogos para nove dias e nove noites – O senhor pensa? - queimei tudo numa hora. [...]

Tinha fabricado esses foguetes pra apreciar de longe. Queria, eu mesmo, elogiar minha competência. Queria – como lhe diga – ficar maravilhado. Isso eu queria. Era também uma promessa, deixe que lhe conte: um descargo de consciência. Nunca pensei de ter força de afrontar um coronel. Um coronel de farda. Tomara o senhor visse: um coronel de arma em punho; um coronel em ofício de polícia; em desempenho de forte comando e em desmando de forte governo militar (Monteiro, 1990, p. 16).

Essa história que a personagem Miguel dos Santos Prazeres passa a contar ao geólogo Paulo, reforça a sua situação de degredado na sua própria terra, de onde só aceitar trabalho informal, como mateiro e pescador, na equipe da Petrobrás, em um dos rios da Amazônia, já que ele suspeitava que os militares podiam estar por trás de tal empreendimento. Na equipe há o chefe, o geólogo Paulo, vindo de Belém do Pará, e o engenheiro geofísico Roberto, ex-militante de esquerda, vindo do Rio de Janeiro. Ambos vivem num barco, espécie de casa flutuante em um rio alenquerense.

Lá recebem das namoradas, respectivamente Zuleika e Simone, cartas cifradas com informações sobre o que está acontecendo no Rio de Janeiro e em Belém do Pará sobre a perseguição ideológica e as práticas militares contra a Amazônia. No romance “O Minossauro”, a exemplo de *Verde Vagomundo*, como o Major Antônio Medeiros, encontra-se um narrador-escritor-compiler, o geólogo Paulo, às voltas com a coleta de material para escrever o seu livro, o que pode ser visto nos seguintes parágrafos:

Aqui nesta equipe, estou no lugar privilegiado para ler, estudar, analisar e escrever. Todas as tardes chegam as turmas de topografia e de sísmica, do trabalho com material de campo. Se puder recolher a impressão que cada um traz dos lagos, das matas, da terra e do rio, vou ter material para escrever um grande livro (Monteiro, p. 41).

Quando ouço (e vejo) Miguel viver (e narrar) as suas estórias, fico com inveja da fluência, da veemência e até da poesia, que na sua boca, adquirem as palavras mais simples. Gravadas em fita, escritas numa página, pintadas num quadro, acho que perderiam a vida que explode em puro ritmo (Monteiro, p. 66).

Num contexto de trabalho, Paulo, o geólogo, aproveita as impressões dos trabalhadores e todo o material escrito ou falado que chega à equipe, como as notícias de rádio, as cartas de Zuleika e de Simone e principalmente a fala de Miguel, personagem pária, pertencente a uma tradição oral, que se faz voz dos oprimidos e despossuídos, que agora se encontra como um trabalhador informal, com medo de deixar seu nome nos registros da Petrobrás e ser pego pela polícia, são essas histórias que Paulo vai organizando e escrevendo o seu livro, que é “O Minossauro”. Fatima Nascimento observou que o romance “O Minossauro” apresentava:

[...] uma estrutura romanesca com múltiplos pontos de vista, em que as personagens se articulam como que em blocos de fala (Miguel, Paulo, Locutor de Rádio, Zuleika e Simone). A sequência desses blocos caracteriza-se pela montagem já que, em cada bloco (num total de onze blocos), as personagens rompem abruptamente com os seus discursos, dando lugar ao de outra personagem, numa sequência de fragmentos como, por exemplo, textos oralizantes, depoimentos, citações de diferentes autores e do próprio Benedicto Monteiro, textos jornalísticos, poemas, relatórios, composição musical, cartas, entre outros, que, em sua grande parte, já existiam e que Benedicto Monteiro tomou como empréstimo, usando, dessa forma, a estratégia narrativa da montagem (Nascimento, 2004, p.57-58 ).

O estudioso Peter Bürger, analisando a questão da montagem nas artes plásticas de vanguarda do início do século XX, esclarece:

O que distingue estas obras das técnicas de pintura praticadas desde o Renascimento é a incorporação de fragmentos de realidade na pintura, ou seja, de materiais que não foram elaborados pelo artista. Assim se destrói a unidade da obra como *produto* absoluto da subjetividade do artista (1993, p. 128).

Neste trabalho, por limite de páginas, serão discutidas quatro cartas de Zuleika, embora contabilizem um total de vinte cartas no referido romance, sendo dez de Zuleika e dez de Simone. Essas cartas obedecem às normas gerais que regem a atividade epistolar, na qual existe “a necessidade ou o gosto de comunicar por escrito, que a título particular, pressupõe sempre uma distância mais ou menos considerável a separar o autor da carta e seu destinatário (Buescu, 1997, p. 68).

Semelhantes cartas são fundamentais para observarmos como era difícil viver num período antidemocrático, em que os artistas, sejam cantores, romancistas e afins, eram punidos por causa de seus pensamentos, seus livros, suas composições e seus cantares. Assim, no primeiro bloco de falas do romance, tem-se a fala de Miguel, um texto longo, no qual ele fala de várias situações degradantes vividas no interior da Amazônia, como se tivesse sendo entrevistado por Paulo para conseguir um emprego na firma. Ele vai falando, contando várias histórias que ele viveu na região: “Miguel dos Santos Prazeres, sim senhor, este é o meu nome. Identidade? Não senhor, o meu nome. [...] Não senhor, não nasci no Nordeste. Sim, sou daqui mesmo. Caboco da gema. Nascido, vivido e criado” (Monteiro, 1990, p. 20).

Miguel é um profundo conhecedor da floresta e dos rios amazônicos. Ao mesmo tempo que ele vai respondendo as perguntas a um senhor, que percebemos ser o geólogo Paulo, ele vai falando daquilo que conhece, ou seja, da floresta, dos rios, dos peixes, das caças e das situações vivenciadas por ele e por outros indivíduos da região. Paulo fica encantado com suas histórias e vai querendo saber mais. Em seguida, tem-se o discurso de Paulo, que localiza onde estão trabalhando e o que fazem:

Latitude: entre a linha do Equador e o Paralelo 4°  
Longitude: entre o meridiano 54 e 58 Greenwich  
Local: móvel  
Área: bacia sedimentar de 500.000 quilômetros quadrados  
Material de pesquisa: petróleo  
Método: sismográfico  
Unidade móvel: equipe S  
(MONTEIRO, 1990, P. 39).

Após a informação do local e do tipo de pesquisa que a “equipe S” está fazendo, vem a seguinte observação: “Na sala de rádio chega a notícia” e começam notícias radiofônicas. A maior parte é sobre política: “Os quatro exércitos que compõem as forças de terras brasileiras, com mais de 30.000 homens, mudam de comando”; “O embaixador suíço no Brasil, sequestrado por subversivos, é liberado em troca de 70 presos políticos que são exilados no Chile” (Monteiro, 1990, p. 40). A seguir, tem-se o discurso de Paulo. Ele pensa a Amazônia de forma diferente. Senão, vejamos: “Tenho que me libertar primeiro do condicionamento da literatura que li sobre a Amazônia. Já sei que não vou encontrar aqui, o mundo dos cientistas, dos cronistas e dos viajantes” (Monteiro, 1990, p. 41). Paulo se encanta com tudo o que observa na Amazônia e logo depois recebe a informação de que “O hidroavião voando pelas coordenadas traz a correspondência” (Monteiro, 1990, p. 46).

Depois da fala do Paulo, tem-se a primeira carta de Zuleika, uma estudante universitária de ecologia, que reside no Rio de Janeiro e envia dez cartas para o seu noivo Roberto, engenheiro geofísico, vindo do mesmo Estado. As cartas são disseminadas no romance sempre subsequentes ao discurso do narrador Paulo, uma espécie de organizador do livro, como se estivesse no escritório trabalhando e ouvindo um rádio que traz notícias do Brasil e do Mundo. Eis um fragmento da primeira carta de Zuleika:

*Rio de Janeiro*  
*Querido Roberto*

Você sabe que por sua causa, leio tudo o que aparece nos jornais e revistas sobre a Amazônia. Até notícias de Rádio e TV sobre a região, escuto e vejo como se estivessem ligadas diretamente às suas atividades aí na equipe. Agora mesmo, acabo de ler uma reportagem na qual uma grande revista propõe a seguinte questão: a Amazônia é local onde a humanidade pode tentar novas experiências de vida? Gostei muito das respostas dadas por um arquiteto brasileiro que não resisti ao desejo de transcrevê-las para você. (Não publicaram a fotografia do jovem arquiteto, não sei por que?). Ele diz: “O homem foi à Lua, viu a terra de longe, descobriu como ela é preciosa. Percebeu também que estava perto de destruir seu ambiente natural, que destruindo-o morreria junto com ele”

Zuleika  
(Monteiro, 1990, p. 46-47).

A primeira carta de Zuleika é longa e sempre começa chamado o seu noivo de “querido”. O assunto inicial é sobre um jovem arquiteto que pensa um novo modelo de cidade na Amazônia, ou seja, a “cidade do futuro” em que as casas devem ter a estrutura de barcos, como a casa flutuante onde a “equipe S” da Petrobrás reside, nesse momento, trabalhando num dos rios de Alenquer-Pará, Amazônia. Geralmente é no meio das Cartas que Zuleika informa sobre a ditadura militar. Ela é bastante irônica com relação as questões da natureza. Podemos perceber em seu discurso que ela, pela voz do arquiteto, informa que, se o homem destruir a natureza, vai se destruir também.

Zuleika toma a entrevista que o “jovem arquiteto brasileiro” deu para uma revista no Rio de Janeiro a respeito de seu “projeto da cidade amazônica”, que ela vai disseminando em suas cartas e vai informando como está a situação no período da ditadura militar no Brasil. Vejamos como, pela entrevista do arquiteto, que vem aspeada, ela demonstra esse período:

‘Os homens se concentram nas cidades para aproveitar as facilidades da vida coletiva e do aumento de comunicação entre eles. O futuro das cidades parecia, portanto, ligado ao aumento de seus habitantes e das comunicações dentro dela. Hoje, a explosão demográfica é uma ameaça e o que parecia ser aumento de facilidades (Felicidades?) e, portanto, de liberdades para a vida, a rede urbana de comunicações, está se tornando um aprisionamento do homem, o talão de cheques, e as estradas, o cartão de crédito, e o fio telefônico, o cartão de ponto e a fila de ônibus estão amarrando o homem’ (“O Minossauro”, p. 46).

Essa primeira carta vai dando indícios de que a vida nas cidades grandes não vai bem. Existe a falta de liberdade entre os homens. Significa que a vida coletiva está em perigo por falta de comunicação. Zuleika nas entrelinhas demonstra que não é possível a liberdade, naquele momento, e sugere que existe a repressão das formas de comunicação, especialmente nos grandes centros culturais, como o Rio de Janeiro e quando não se respeitavam os direitos humanos nos governos antidemocráticos, que implementaram o AI 5. Zuleika em suas cartas vai conversando com seu noivo Roberto como se recebesse cartas dele também, mas no livro não há cartas de Roberto. Sabemos que ela recebe carta dele pelas informações das próprias cartas de Zuleika, “[...] você acha que essa equipe pode ser, além do embrião de uma cidade móvel, a experiência de uma indústria flutuante; como sugere o arquiteto? Concordo com você, amor, que ele seja utópico e poético”. [...] (Monteiro, 1990, p. 73).

Zuleika é muito irônica quando traz à baila essas questões sobre a Amazônia, demonstrando que o arquiteto não conhece a Amazônia, mas opina sobre ela como se aqui vivesse e soubesse dos problemas enfrentados pela população local. É na segunda carta que sabemos que ela é uma estudante universitária de ecologia. Eis suas palavras: “[...] Creio que esta carta de amor é uma carta da nossa época, você sabe, não perco a mania de universitária, estudante de ecologia, etc, etc, que você bem conhece...”. Ela vai contando por parte em cada carta o que o arquiteto disse sobre a criação das cidades na Amazônia e é somente no meio das cartas que ela coloca alguma questão explicitamente sobre a ditadura militar no Brasil, conforme veremos num dos excertos da terceira carta.

*Rio de Janeiro*  
*Querido Roberto*

Enquanto aguardo a opinião que você me prometeu sobre a ideia do arquiteto brasileiro a respeito da cidade do futuro, não resisto à angústia de falar a você sobre a razão de sua transferência pra essa equipe aí no baixo amazonas.

Creio que foi o caminho certo. Com o seu temperamento e sua concepção política você não teria condições de se manter aqui e estaria correndo um sério perigo. Só pra você ter uma ideia: X está preso, Y parece que caiu na clandestinidade e Z, condenado a dez anos, está exilado não sei onde. Aqui na nossa faculdade, professores e alunos vigiam-se mutuamente contra a delação generalizada. Ninguém sabe mais quem é professor, estudante ou polícia.

Peço desculpas a você, querido, por ter que tocar neste assunto. Sei que é muito perigoso mas tenho que informar a respeito. Vou tentar engendrar um código para responder a você futuramente. Com a sequência das cartas creio que você entenderá tudo.

Zuleika  
(O Minossauo, p. 85-6).

Podemos observar que Zuleika expõem a situação de um governo que bane de uma nação as pessoas que têm um pensamento diferente da ideologia antidemocrática, ditatorial. De onde sua preocupação com Roberto, engenheiro geofísico que deixou sua família, sua noiva, para trabalhar na Amazônia. Corria o risco de ele ser preso, torturado, exilado ou morto, como ocorreu com muitos brasileiros, cujos corpos até hoje a família não encontrou para dar um sepultamento digno. Zuleika pede desculpas e tem medo de mandar notícias, tendo em vista que, se a correspondência fosse aberta pelos militares, os dois poderiam ser presos. Por causa dessa violação dos direitos humanos é que agora está expressa na Constituição Federal Brasileira a inviolabilidade de correspondência, segundo os incisos IX, XII e XIII:

IX – é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença;

XII - É inviolável o sigilo da correspondência e das comunicações telegráficas, de dados e das comunicações telefônicas, salvo, no último caso, por ordem judicial, nas hipóteses e na forma que a lei estabelecer para fins de investigação criminal ou instrução processual penal;

XIII – é livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer;

Zuleika demonstra em sua terceira carta tal direito e, por isso, tem medo de falar. Contudo, precisa avisar o noivo de que a situação no Rio de Janeiro está difícil, com prisões e exílio de muitas pessoas, devendo ele se precaver. Nessa carta, ela afirma que vai engendrar um modo para dizer o que está acontecendo no Rio de Janeiro para não colocar a vida dele em risco, mas a vida dela também está em risco, pois nesse período ninguém poderia ser amigo ou alertar alguém dos perigos que a pessoa estava correndo, já que era também incriminado por ajudar todos aqueles que os militares ditadores diziam que eram comunistas. Nesse ponto, tem-se a quarta carta, na qual Zuleika vai trazer a

canção de Caetano Veloso, com o que engendra uma forma para despistar os ditadores militares, censuradores da arte e das correspondências:

*Rio de Janeiro*  
*Querido Roberto*

Tenho resistido em falar do meu cotidiano, só pra não dizer a você que “a sua lembrança não sai um minuto sequer do meu pensamento”. Eu sei que isso é chato e já foi dito milhões de vezes. Além das frases piegas e românticas, você iria tomar conhecimento apenas das peças do meu enxoval, dos problemas do meu curso e deste exílio ou degredo idiota em pleno nosso noivado. Sei que você está ansioso para saber notícias do movimento político. O movimento político está parado como diria um deputado conhecido pelas suas gafes. Ou simplesmente não existe, conforme informam informalmente os nossos cronistas bem informados. Você sabe que não devo (nem tenho) condições de apurar o que fazem as forças que atuam clandestinamente. Os protestos parecem que se refugiaram em piadas sibilinas de raros humoristas ou na letra de alguma música proibida pela censura. Parece que já não se discute nem nos bares nem nas esquinas. Caetano Veloso diz muito bem dessa situação na sua última gozação tropicalista: TUDO CERTO. Creio que você já deve ter ouvido no rádio, mas, em todo o caso, vai aqui a letra como lembrete:

Quando você me ouvir cantar  
Venha não creia eu não corro perigo  
Digo não digo não ligo,  
deixo no ar...  
Eu sigo apenas  
Porque gosto de cantar  
Tudo vai mal,  
Tudo ...  
Tudo é igual  
Quando eu canto eu sou mudo  
Mas eu não minto não minto  
Estou longe e perto  
Sinto alegrias tristezas e brinco  
Meu amor  
Tudo em volta  
Está deserto, tudo certo  
Tudo certo  
Como 2 e 2 são 5....

Zuleika  
(O Minossauro, p. 95-96)

A música “Como dois e dois”, de Caetano Veloso, foi composta por ele em 1971 em pleno governo do General Emílio Garrastazu Médici, que se manteve enquanto ditador de 1969 a 1974. Segundo Boris Fausto (2001), Médici foi um dos mais violentos, repressivos ditadores dos governos militares pós-1964 no Brasil. Essa composição de

Caetano Veloso foi censurada e encontra-se muito modificada, sem vírgulas, no romance “O Minossauero”. Trata-se de uma estratégia aos propósitos da comunicação que Zuleika tem com o noivo para falar que a situação do movimento político de esquerda no Rio de Janeiro estava bastante prejudicada. Tanto é que ela afirma que o nome da canção de Caetano Veloso é “TUDO CERTO” com letras de forma para dizer que tudo estava errado. A carta vem na íntegra, no presente artigo, para os leitores observarem como os direitos humanos foram violados no período funesto da ditadura militar no Brasil e estão denunciados em diversos livros que foram produzidos na época, a exemplo de “O Minossauero”, de Benedicto Monteiro.

#### Referências

- ARQUIDIOCESE, de São Paulo. *Brasil Nunca mais*. São Paulo: Vozes, 2001.
- BETTO, Frei. *Batismo de Sangue: A Luta Clandestina contra a Ditadura Militar – Dossiês Carlos Marighella e Frei Tito*, São Paulo: Casa Amarela, 2001.
- BRASIL, (CONSTITUIÇÃO DE 1988). *Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com alterações adotadas pelas emendas constitucionais nº. 1/1992 a 99/2017, pelo decreto legislativo nº 186/2008 e pelas emendas constitucionais de revisão nºs. 1 a 6/1994*. 53 ed. Brasília: Câmara dos Deputados. Edição Câmara, 2018.
- BUESCU, Helena Carvalhão (Org.). *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Lisboa: Editorial Caminho S/A, 1997.
- BÜRGER, Peter. *Teoria da Vanguarda*. Coimbra: Vega, 1993.
- FAUSTO Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque & GONÇALVES, Marcos A. *Cultura e Participação nos Anos 60*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- [https://www.planalto.gov.br/Ccivil\\_03/AIT/ait-05-68.htm](https://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm), acessado em 20 de agosto de 2024.
- MONTEIRO, Benedicto. *Verde Vagomundo*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1974.
- MONTEIRO, Benedicto. *O Minossauero*. Rio de Janeiro: Novacultura, 1975.
- MONTEIRO, Benedicto. *A Terceira Margem*. Belém: CEJUP, 1983.
- MONTEIRO, Benedicto. *Aquele Um*. Belém: CEJUP, 1985.
- MONTEIRO, Benedicto. *Transtempo*. Belém: CEJUP, 1993.
- NASCIMENTO, Maria de Fatima do. **A representação alegórica da ditadura militar em “O Minossauero”, de**

**Benedicto Monteiro** Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária). Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas-SP, 2004, p. 143.

SERBIN, Kenneth P. “Diálogos na Sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura”. São Paulo: Companhia das Letras, 2001: **fragmentação e montagem**. 2004,

Sobre a autora

### **Maria de Fatima do Nascimento**

Professora Associada III de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras (FALE), da Universidade Federal do Pará (UFPA); atua no Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado e Doutorado), Área de Concentração: Estudos Literários e no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS/UFPA). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, Crítica Literária, Benedito Nunes, Clarice Lispector, Literatura da Amazônia, Literatura e Ensino e Leitura Literária. Participa da Exerceu função de primeira tesoureira da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC/ biênio 2014-2015)), e da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP/biênio 2017-2019). Foi membro do Conselho Deliberativo da ABRALIC (2020 a 2023) e Segunda Tesoureira do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários da Região Norte (do GELLNORTE/ 2022-2023. Atualmente é primeira Tesoureira do GELLNORTE (período 2024-2025). Organizou três livros do ProfLetras: dois com Alcides Fernandes Lima: Pesquisa, Ensino e Formação Docente: Experiência do Profletras-UFPA V. 1 e 2, pela Pontes Editores de Campinas São Paulo e Searas literárias: dimensões literárias e práticas de leitura de literatura no Profletras. Rio Branco: Nepan Editora com Francisco Bento do Acre. Organizou ainda os livros de poesia: O Poeta Max Martins: estudos críticos; Poesia e ficção na Amazônia Brasileira pela Pontes editores e o livro Entre os astros e o desastre (2024), de Antônio Moura, pela Editora Corsário Satã- SP.

CV: <http://lattes.cnpq.br/6007359856182459>

Texto submetido em: 14/08/2024

Aceito em: 28/08/2024

**A SIMBOLOGIA DA FÉ AMAZÔNICA EM “O PEIXE”,  
DE BENEDICTO MONTEIRO**

**THE SYMBOLISM OF AMAZONIAN FAITH IN “THE FISH” BY  
BENEDICTO MONTEIRO**

Geovane Silva Belo  
Universidade Federal Rural da Amazônia  
Tomé-açu

Diemerson Ribeiro  
E.M.E.I.F Antonio Juvencio  
Tomé-açu

**RESUMO:** Em busca de compreender as representações simbólicas no imaginário amazônico e na literatura, o presente trabalho objetiva discutir a simbologia da fé no conto “O peixe”, presente no livro *Carro dos milagres* (1975), do paraense Benedicto Wilfred Monteiro (1924-2008). Para tanto, o estudo de caráter bibliográfico, possui um *corpus analítico* constituído pelo conto, observando como o autor traduz as contradições, as mazelas sociais e a religiosidade na narrativa literária, que revela identidades, conflitos e lutas da vida amazônica, nos modos de ver e (re)criar o mundo. Assim, sob um viés mais pragmático, o trabalho segue o itinerário de análises buscando entender os discursos e os modos de narrar de Benedicto Monteiro e como traduzem, simbolicamente, uma Amazônia marcada, não apenas por suas riquezas naturais, mas também por pobreza, abandono e, além disso, pela fé como força representativa da cultura local.

**Palavras-chave:** Elementos simbólicos; Benedicto Monteiro; Carro dos Milagres; Literatura da Amazônia.

**Abstract:**

Abstract: In search of understanding symbolic representations in the Amazonian imagination and literature, this work aims to discuss the symbolism of faith in the short story “The Fish,” present in the book *Car of Miracles* (1975) by the Pará-born Benedicto Wilfred Monteiro (1924-2008). To this end, the bibliographic study has an analytical corpus constituted by the short story, observing how the author translates the contradictions, social ills, and religiosity in the literary narrative, which reveals identities, conflicts, and struggles of Amazonian life, in the ways of seeing and (re)creating the world. Thus, under a more pragmatic bias, the work follows the itinerary of analyses, seeking to understand the discourses and narrative modes of the text and how, symbolically, an Amazon is translated, marked not only by its natural riches but also by poverty, hunger, abandonment, and, moreover, by faith as a representative force of local culture.

**Keywords:** Symbolic elements; Benedicto Monteiro; Car of Miracles; Amazonian literature.

## **Introdução**

Em 1975, o paraense nascido na cidade de Alenquer, no Baixo Amazonas, Benedicto Wilfred Monteiro, publica o livro “Carro dos milagres”, uma coletânea com narrativas que contém relatos, narrativas, representações que vem das ribeiras e trazem histórias permeadas de elementos memorialísticos, nas quais se materializam lutas, vivências e percepções dos povos da Amazônia.

O livro “Carro dos Milagres” (1975) é constituído por sete contos, formados por relatos com estilísticas diferentes, situados em um contexto amazônico em profusão, em que há dor, solidão, injustiça e a resistência humana. Nesta obra, uma das personagens, Miguel dos Santos Prazeres, arquétipo amazônico, representa diversas narrativas monteirianas. Os contos de Benedicto querem ir além do rio e da paisagem, traz representações bem mais do humano, dos dramas individuais e coletivos. Sua Amazônia é social, porque é de sujeitos que teimam em viver e sobreviver em conexão com este mundo desafiador, por vezes, até inóspito. Os narradores se constroem em movimentos, com uma linguagem marcada pela oralidade, pelos saberes de uma Amazônia fecunda, mas conflitiva e sofrível, ainda assim com um olhar potente e poético.

Ao considerar a força da oralidade, os discursos e também a conexão com a cultura na obra de Monteiro, o presente trabalho objetiva discutir a simbologia da fé no conto “O peixe”; entender como a narrativa reflete os modos de vida e os saberes culturais dos povos das ribeiras, diante das adversidades e das contradições sociais.

Diversos fenômenos estão simbolizados nas narrativas do Monteiro, como o Círio de Nazaré, a vida no campo, as viagens de barco, a pobreza e o isolamento social. Suas obras são carregadas de elementos sugestivos e estão entrelaçados à linguagem-vivência do escritor no universo contraditório da Amazônia.

Para tanto, este estudo busca observar na escrita de Monteiro as relações entre a simbologia da natureza, as marcas da oralidade local (representadas pela fala das personagens), os elementos religiosos e também as imagens que evocam os rios, como núcleo e força regimentadora da vida ribeirinha. Dessa forma, estes elementos da cultura amazônica, constituídos de múltiplas sensorialidades, sentidos e vivências surgem como mola-propulsora do narrar e revelam a construção verbo-visual-sonora do universo amazônico marcado pela pluralidade de símbolos.

Dessa forma, além de promover uma discussão sobre temáticas locais que possuem caráter universalizante, o estudo mostra a literatura da Amazônia, em especial, a literatura

de Benedicto Monteiro, como manifestação simbólica de elementos linguísticos, culturais e sociais das Amazôniaas humanas.

Além das simbologias da fé que traduzem o sentido da existência dos povos da floresta, o trabalho se volve para os aspectos sociais representados na literatura de Benedicto Monteiro. O autor, com uma linguagem aparentemente simples, não apenas denuncia, mas, sobretudo, revela os modos de vida, as crenças e os saberes culturais de um povo acometido por contradições, mas que transborda de fé e de esperança.

Nesse sentido, a Amazônia se constitui um lugar de múltiplas representações. Os rios e florestas carregam simbologias da vida, mas também da morte, onde a imaginação constrói um mundo atravessado por incertezas. A força da oralidade dos povos da floresta (re) cria uma Amazônia marcada por estereótipos, em que o mítico-religioso é uma das forças geradoras da ideia de cultura. No entanto, é importante ressaltar que, por trás dessa Amazônia mitificada, existe uma Amazônia real.

Nota-se que a história dos povos da região amazônica é constituída a partir de dois pontos conflitantes: no primeiro, a visão exótica, criada pela magia e o encantamento das narrativas mitificadas sobre a região; em segundo, a violência exacerbada em decorrência da exploração da natureza. Isso tudo “produziu historicamente diferentes formas de relação do homem com a vida, o que significa também diferentes formas de produção de imaginários sociais” (Pizarro, 2012, p. 24).

Nesse universo, os sujeitos da região amazônica, em especial, os ribeirinhos, são partes integrantes dessa natureza viva. Nela, eles seguem o ciclo da vida, buscam compreendê-la enquanto mundo e de se compreender enquanto elemento que forma e transforma esse universo. Um espaço que vai além do geográfico para alcançar o imaginário tendo em vista a expressão simbólica que lhe é peculiar. É deste espaço que o sujeito amazônida continua a olhar o rio que “olha o céu e que também nos olha”, como diz Paes Loureiro (2000, p. 194). A literatura de Benedicto Monteiro dialoga bem mais com este imaginário social, onde o rio é a vida e morte, rua e rumo, sustento e aflição.

### **O percurso de Benedicto Monteiro até *O Carro Dos Milagres***

Em 1º de março de 1924, nascia na cidade de Alenquer, no Estado do Pará, Benedicto Wilfredo Monteiro, o “Seu Bené”, assim carinhosamente chamado por seus amigos. Por meio da leitura de livros de História durante sua formação, Benedicto Monteiro tomou conhecimento da Revolução Francesa (1789), tornando-se simpatizante

das ideias revolucionárias. Nesse mesmo período, conhece o romance *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941), do escritor marajoara Dalcídio Jurandir, uma obra que exerceu forte influência na sua vida intelectual. Em *Transtempo* (1993), autobiografia de Benedicto Monteiro, fica evidente o impacto que a obra dalcidiana lhe causou. Benedicto descreve que ao ter lido o romance de Dalcídio, o prazer foi imenso “como se fosse meu primeiro amor e o meu primeiro orgasmo” (Monteiro, 1993, p. 16).

É importante ressaltar que, nesse período, ler a obra de Dalcídio Jurandir não foi uma tarefa tão simples, uma vez que o colégio onde Benedicto estudava censurava a leitura do romance dalcidiano, sob a justificativa de seus escritos carregarem ideias comunistas. A leitura só foi possível por meio de uma autorização dos padres do Colégio Marista Nossa Senhora de Nazaré. Só então, Benedicto Monteiro se debruça sob a obra que lhe influenciará ao longo da sua trajetória enquanto escritor, jornalista, político e, sobretudo, defensor das causas sociais dos menos favorecidos.

Entre 1943 e 1950, Benedicto Monteiro escolheu viver na cidade do Rio de Janeiro, onde concluiu o Científico no Colégio Rabelo. Embora tenha iniciado o curso de Direito na capital carioca, torna-se Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais (1952) pela Faculdade de Direito do Pará. Em 1950, ao regressar ao estado do Pará, volta às suas origens, em Alenquer, para tomar conta das propriedades rurais dos seus pais, onde casa oficialmente com sua esposa Wanda Marques, genitora dos seus cinco filhos biológicos e um adotado legalmente, de acordo com as leis em vigor no país.

Em sua cidade natal, Benedicto Monteiro torna-se vereador, pelo Partido Social Progressista (PSP), dando início a sua imersão no universo político. Posteriormente, já em Belém, foi eleito deputado estadual, exercendo por duas legislaturas o seu mandato pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Por conta dos seus ideários reformistas, embora nunca tenha sido filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), Benedicto Monteiro foi tachado de comunista e subversivo e teve seus direitos políticos suspensos por dez anos durante o período de chumbo do Regime Militar (1964).

Após o golpe militar, com medo de ser capturado e morto pelos militares, Benedicto Monteiro foge para sua cidade natal, e chegando ao destino escolhido, percebe que o único local capaz de abrigá-lo com segurança seria as matas de Alenquer. A mais de sessenta quilômetros a pé, abrigou-se nas matas do Quilombo Pacoval, onde tinha muitas amizades.

Sabendo que as patrulhas militares estavam procurando-o para capturá-lo e assassiná-lo, Benedicto não vê outra alternativa a não ser se entregar para o regime. Em

16 de abril de 1964, entregando-se aos militares, é algemado e amarrado, às margens do Rio Curuá, sendo exposto publicamente de forma humilhante com intuito de intimidação para quem ousasse ajudá-lo ou ir contra o regime autoritário instaurado.

Na noite do dia 17 de abril de 1964, Monteiro chega ao Quartel da Aeronáutica, em Belém, onde é torturado e fica preso em condições sub-humanas durante sete meses. Após o fim do período de cassação dos seus direitos políticos, em 1982, Benedicto Monteiro se candidata ao cargo de deputado federal, ficando suplente, ele sustenta a tese de que houve fraude eleitoral e após a renúncia de dois deputados que assumiriam o cargo de prefeito, Benedicto reassume o cargo, tornando-se deputado federal pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT) em 1985 e foi reeleito em 1986 pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

Na literatura, Benedicto Monteiro tem sua estreia em 1945, no Rio de Janeiro, com a publicação do livro de poesia intitulado *Bandeira Branca*, pela editora Zélio Valverde. Por toda sua trajetória enquanto político e, sobretudo, de escritor, em especial, pelo livro de contos *O Carro dos Milagres* (1975), em 22 de março de 1984, o romancista alenquerense assume a cadeira número 20 da Academia Paraense de Letras, cujo patrono tinha sido o escritor paraense, Inglês de Sousa, natural de Óbidos e considerado um grande naturalista pertencente ao cânone literário.

### **A simbologia da fé amazônica em *O peixe***

No conto “O peixe” ecoam muitos dramas humanos, corporificados na voz de um narrador/personagem, que, às vezes, assume a posição de personagem/narrador. Ao longo das descrições, percebe-se uma cosmovisão de fé marcada por signos específicos, irmanados da luta por sobrevivência, da esperança contra a fome, da honra contra a vergonha, de deus contra o diabo, em uma dualidade acerca da fé.

Os elementos simbólicos e memorialísticos se convertem em uma narrativa densa, com tensão crescente. Essa combinação marca uma representação de um tempo distinto, um tempo de rio, de pescador, mas também de dor, de fome, de ânsia. Ao descrever a fé e, sobretudo, a urgência de saciar a fome, Benedicto Monteiro nos mostra um narrador embainhado de fé cristã, aflito, faminto, mas crente de que irá pescar algo para apaziguar a miséria da família.

É este o contexto paradoxal da narrativa, diante da exuberância e força das águas, está a pobreza de seus habitantes nas ribeiras. A temporalidade dos acontecimentos gira

em torno de um dia extremamente difícil na vida do narrador, pai de cinco crianças. Ele busca alimentar sua numerosa família durante o inverno amazônico, um período de escassez nos rios, onde as cheias dificultam a prática da pescaria, mesmo para os pescadores mais experientes.

Sendo um período marcado pelas fortes chuvas amazônicas, o pescador troca as ferramentas de pesca e se aventura nas matas, em busca de fontes de alimentos que sejam capazes de saciar a dolorosa fome de sua família. Com poucas habilidades e uma espingarda desgastada pelo tempo de uso, o pescador tenta se aventurar no exercício da caça, no entanto, sua caçada fora um fracasso.

O conto inicia quando o narrador/personagem, bastante cabisbaixo com o fracasso da empreitada de sua caçada, ao regressar para seu lar se depara com o choro dos filhos, consequência da fome que assolava as crianças. Neste momento, sua esposa lança um olhar de reprovação. Tomado pela angústia e pelo desespero, não vê outra saída, a não ser enfrentar as águas caudalosas do lago que um dia fora um pasto.

A trama se enviesa nesta segunda tentativa de conseguir alimento para a família. Embora o pescador soubesse que essa não seria uma tarefa fácil, estava disposto a qualquer esforço e persistência para alimentar seus filhos. Nesse contexto, os elementos da narração, inclusive a descrição do espaço, falam das mudanças geográficas a partir do regime das águas:

de cima da ribanceira eu vi logo o tamanho do bruto: agora sim era um lago! Mas antes já tinha sido um campo. Campo e pasto. Varja. Varja alta. Varja alta e varja baixa entremeada de poços no verão. O sol tinindo e tremendo. Vasto, vasto. Lama e charco. Campinarana baita! Tijuco e chavascal. Mas pelo meio do verão, passava um igarapé. Agora nem sinal! Agora nem sinal de correnteza indicava o que havia por baixo. As ilhas é que faziam a mata se unir por longe uma linha do horizonte. [...] Agora era água. Tudo água. Água por baixo e por cima de tudo. Lago-rio-campo alagado. Água que se estendia para-nunca mais. (Monteiro, 1995. p. 88)

A narração de “O peixe” aponta para um conflito em que a natureza é antagonista, os impactos insondáveis das cheias no inverno amazônico produzem a tragédia social. Daí, outra luta que o pescador trava é contra o tempo, como símbolo da existência em crise. A simbologia da temporalidade reflete a gravidade do drama vivido pelo personagem: “Onde acharia peixe naquela imensidão? Naquela hora, com aquele sol e agora com aquele vento” (Monteiro, 1995. p. 88). E para dificultar ainda mais a vida do pescador, ele estava sem a sua tarrafa. Esses fatores dificultavam cada vez mais o êxito

na pescaria. Pegar um peixe nesse contexto seria um grande milagre. Em busca desse milagre, o pescador inicia a jornada fazendo uma súplica ao padroeiro da pesca, São Pedro:

Haverá de começar com São Pedro, que era padroeiro da pesca. Não exigia que aparecesse uma desconforme piracema, porque era inverno, e a minha tarrafa tinha ficado esburacada em casa por cima do jirau. Os jaraquis, os aracus, os curimatans, pacus, carás, mapiris e maparás, que desciam em cardumes, deviam de estar nas suas ovas pelos buracos dos matupás. Mas bem que São Pedro dar de lambuja, um tambaqui, uma pirapitinga ou mesmo um bom tucunaré. (Monteiro, 1995. p. 90).

O primeiro a ser evocado como símbolo da religiosidade é São Pedro, no entanto, o protagonista tem a plena convicção que o padroeiro da pesca, sozinho não terá condições para realizar a sua prece. Sendo um pescador experiente, herdeiro dos saberes repassados pelas gerações passadas, sabia, por exemplo, quais peixes que aparecem nos lagos da região amazônica durante o período das cheias. Nessas circunstâncias de inverno amazônico, iria precisar da ajuda, não apenas de um único Santo para pegar um peixe, mas de várias forças divinas. A evocação de São Pedro também está carregada de um saber místico que o associa às águas, às chuvas e também a boa pesca, por ter sido este um discípulo pescador de Jesus Cristo.

Ao contextualizar os efeitos causados pelo inverno amazônico, o narrador/personagem chama atenção para a influência do clima da região amazônica na atividade de pesca, uma das fontes de subsistência dos ribeirinhos, que em tempos de cheias fica comprometida. O inverno amazônico transforma o ambiente e essa transformação reflete os efeitos que o inverno provoca e pode ser notado na fala do personagem: “triste e difícil morar isolado na margem desses lagos, que, de repente, ao sabor do Amazonas, viram campos, praias e igapós. O lago agora era muito maior do que eu pensava” (Monteiro, 1995. p. 90). Nesse devaneio do protagonista, fica a interrogação: será que realmente o lago era maior por causa da enchente das chuvas, ou essa sensação de grandeza exacerbada é provocada pelo sentimento de isolamento social vivido pelos povos da floresta?

Seus devaneios recuperam o fracasso da caçada, intensificando a ideia do tempo do inverno em que a caçada quase sempre é uma empreitada difícil. O pescador voltara sem nada. O olhar da mulher logo adivinha o fracasso: “Bastava ela ver que eu vinha segurando aquela espingarda velha, com nojo” para entender que “o traste tinha falhado mais uma vez: batido catolé” (Monteiro, 1995. p. 87). É nesse estado de desaprovação e

reprovação que o narrador/personagem do conto continua à espera do milagre, ou seja, o almoço das crianças: “- São Pedro bem que podia encaminhar um desses peixes que comiam nos pastos, para a banda da linha esticada por baixo do capim” diz o pescador desolado. Ele bem que olhava as duas varas de pesca esticadas: “se mexessem, era sinal de peixe fígado, panela cheia, brando olhar da mulher, alegria das crianças e sossego e paz para mim até na outra hora de comer. [...] A qualquer momento um peixe podia boiar. Boiar ali mesmo na minha frente seria um grande milagre!” (Monteiro, 1995. p. 90-91).

Em meio às súplicas, as horas vão avançando e nada. Diante do silêncio de São Pedro, o pescador recorre ao santo de sua devoção. Santo Antônio surge como símbolo da identidade ribeirinha, é padroeiro da cidade, um ser encantado da fé cristã que compreende o narrador, porque também padeceu na imensidão das águas, buscou terra firme e sofreu com as cheias à procura de uma capela. A história é um relato comum em mitos amazônicos da cristandade, segundo os quais as imagens se deslocam milagrosamente requisitando abrigo e adoração dos fiéis:

Rezei a Santo Antônio que era padroeiro da nossa cidade. Finalmente, Santo Antônio tinha o dever de proteger num raio de muitos e muitos quilômetros todos os seus fiéis. O povo falava que esse mesmo santo adorado na matriz tinha se deslocado milagrosamente da beira de um lago bem longe como esse, à procura de terra firme de beira de rio. Ele mesmo como Santo sabia o quanto era triste e difícil morar isolado na margem desses lagos, que de repente, ao sabor do Amazonas, viram campos, praias e igapós (Monteiro, 1995. p. 91).

Nota-se que além da figura humana como protagonista no conto, o lago formado pelo inverno amazônico (que no verão secava e se transformava em pasto) assume um papel importante na narrativa, pois suas alterações e mudanças determinam a ação do personagem/narrador, como representações simbólicas dos habitantes da região Amazônica. No seu ambiente natural, onde tudo parece ser encantador e grandioso, surge o incontrolável lago, principalmente na incomensurabilidade das águas trazidas pelo inverno amazônico:

O lago era muito maior do que eu pensava. [...] Remava ainda no meio do capim que beirava o lago: canarana, premembeca, murem, mururé, malícia, sororoca e arroz brabo, que ia espaçando, espaçando até encontrar a fundura das águas onde não aparecia mais capim. [...] Podia até atravessar o lago e esperar embaixo das árvores, no meio do igapó. Mas essa somenos travessia levaria horas. Por via das dúvidas, já tinha

deixado armado o espinhei. Finquei duas varas no meio do pasto; estiquei a linha dentro d'água. Deixei os anzóis pendurados pro-que-desse-e-viesse da parte dos rios. Abarcava com a vista quase todo o imenso lago. [...] O vento quente trazia ainda o triste som do choro das crianças. [...] Peguei novamente o remo e tomei distância no rumo do meio do lago. Um homem no meio de imenso lago, quando sabe que as matas ao longe não formam nem a beira, sente tristeza de olhar para a linha do horizonte. E ainda por cima, com fome, é coisa muito fácil de desesperar. (Monteiro, 1995, p. 89-90)

Desesperado, o protagonista levanta-se mais uma vez na canoa, faz um apelo a Nossa Senhora, mãe de Jesus, ela tinha poderes para ajudá-lo. E, além disso, pelo fato de ela ser mãe entenderia a dor de ver um filho chorando por causa da dolorosa fome. Neste momento, pôs-se de pé na sua pequena canoa, e fez um pedido com clamor, em tom quase desesperador: "Aí me ajoelhei. Não para puxar a linha do arpão, ou para tirar o peixe das malhas da tarrafa; eu me ajoelhei foi pra rezar. E prostrado, já no meio do lago, no fundo da canoa, implorei o santo milagre da pesca" (Monteiro, 1995. p. 91).

No entanto, embora suas preces tenham sido carregadas de fé, ele fora ignorado por duas vezes pelos santos a quem recorreu e, em meio ao seu desespero, sente-se completamente abandonado pelas figuras divinas. Mas se afia novamente a uma esperança, agora ainda mais desesperada:

Não, não queria uma canoa cheia: bastava um tambaqui. Tentei rezar a Salve-Rainha até o "nos mostrai" Quando eu era criança, minha mãe sempre dizia: - "meu filho, reza a Salve Rainha até nos mostrai" que tu encontras a caça nas matas e os peixes nos rios, contanto que seja com muita fé". Mas eu nunca tinha experimentado a fé de minha mãe. Aí, me deu de novo aquela cuíra de fé fervente e eu pedi a Deus que me mandasse um peixe. Um peixe que fosse só ao menos para matar a fome dos pirralhos e aplacar o olhar, o triste e duro olhar de minha mulher. (Monteiro, 2995. p. 91)

O "Salve-Rainha" é uma oração católica de invocação e súplica, em um trecho diz: "A vós, bradamos, degredados filhos de Eva, a vós, suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas". A oração simboliza, sobretudo, o desespero do pescador. Em tom ascendente, o narrador aumenta sua súplica mariana, elevando sua oração a uma condição pedinte, miserável, de "fiel" prostrado em busca de um milagre. Sua condição diante do poder divino reflete um caboclo humilde, que não deseja muito, apenas o necessário para saciar a urgente necessidade, para amenizar a fome angustiante: "Não, não queria uma

canoa cheia: bastava um tambaqui”. Por que um tambaqui? Justamente para facilitar a realização do milagre. Já havia pedido um para São Pedro que “bem podia mandar de lambuja, um tambaqui, uma pirapitinga ou mesmo um bom tucunaré” (Monteiro, 1995. p. 90).

O personagem sabia que o tambaqui era um peixe da estação. Mas, para aumentar ainda mais o seu desespero, nem mesmo se prostrando à espera do milagre, suas súplicas foram atendidas. Depois de uma longa espera o caboclo atinge seu limite de desespero. Ele observa que os fenômenos da natureza céu, vento, sol e a água estavam todos agindo contrariamente ao seu pedido de milagre.

A esperança que antes despontava em direção ao sagrado cristão, aos santos, à Virgem Maria, a Cristo e as orações, agora surge como uma inclinação à tentação de Satanás. Depois de analisar o ambiente e sentir aquela ventania quente e exasperante, o pescador alimenta uma esperança que era fruto do total desalento e desconsolo, apela para o Diabo: “Oh, São Diabo, manda um peixe!”, não só pensou, mas ficou em pé na canoa e gritou: “Oh, São Diabo, manda um peixe!”. “Quase que escapulo um pelo-amor-de-Deus. Sabia que com o tihoso não se brinca. E nem se deve falar baixinho conforme se reza aos santos” (Monteiro, 1995. p. 91). Mal acabou de ouvir o som de suas próprias palavras, sentiu que tudo estava tomando outro rumo.

Eventos sobrenaturais começam a surgir, o sol começa a se esconder na mata e espalhar uma luz branda e quase sem vida. A canoa estava totalmente imóvel e a água, luzente e transparente, assim descritas pelo protagonista: “Sofri a extravagância mais esquisita da minha vida. Fiquei entre o céu e o inferno; entre a crença e a descrença; entre a vida e a morte; entre a minha pessoa e a outra dentro de mim...” (Monteiro, 1995. p. 92). Em meio aos devaneios desesperadores, o personagem identifica as imagens de um espaço amazônico até então desconhecido por ele:

Morando tanto tempo naquelas bandas, jamais tinha reparado nas lindas coisas daquele lago. Embaixo daquele gigante espelho, descobri então, mil coisas, mil folhas, mil plantas: capim-àtoa, cipó de lama, folhas de limo, raízes e raízes, tipos de flor, tudo tudo chamando a gente como mãos e acenando como braços. Era a vida de Deus ou a morte do Diabo? Encarei a água como um homem que enfrenta o abismo: para confirmar o equilíbrio. E vi. Vi, por Deus, que eu vi. Vi surgirem do fundo, bem do fundo, do fundo das águas, do meio daquela claridade cristalina, daquela desconforme confusão de cores, umas bolhas que vinham, que vinham, que vinham e espocavam como flores. As bolhas que vinham, viravam ondas na superfície. Aí que eu estatelei. Olhei de novo: as plantas se moviam. Atrás das bolhas, como que nascendo da própria

água, ou da transformação das cores, surgia um peixe. Um peixe!  
(MONTEIRO, 1995. p. 92)

De imediato, o personagem põe-se a imaginar que aquela transformação sobrenatural é resultado de sua infeliz invocação ao demônio, o conflito do personagem se agrava ainda mais. Entre o céu e o inferno, entre a crença e a descrença, entre a vida e a morte, entre o desespero e a espera do milagre, começa o combate entre a mais perfeita obra da criação divina e a tentação de Satã na forma de um peixe, não um peixe qualquer, mas um de cor prateada:

Quem te mandou? Nunca vi tambaqui branco nadando de prancha meio tonteado. [...] Vieste mandado do Céu ou enviado do inferno, sadórico emissário? Tu és cioso ou mal-assombrado? Bem, depois é o fundo da panela: caldo grosso, pirão de puba e pimenta malagueta. Existe a fome das crianças, o olhar duro da mulher e a triste desconfiança. [...] Não, peixe manhoso, desconjuro! Faça pelo sinal da cruz três vezes. E te arrenego a cor, perco até o sabor, que a fome é muito mais forte que a fé nestas paragens. Eu já sentia era o cheiro do peixe na panela, o gosto na boca e a alegria nos olhos das crianças” (Monteiro, 1995. p. 92-93).

Aqui o “sinal da cruz” três vezes remete como símbolo de libertação, de perdão, de proteção. Para o narrador, Satã estava convicto de que seu desespero o faria cair em tentação, mas só não contava com a fé e a determinação recoberta. Nesse momento, o “coisa ruim” estava prestes a ser derrotado pela grande força das orações do caboclo. A verdadeira identidade de Satã, no contexto da narrativa, estava por um fio. É a própria voz do pescador que conta como a sua fé superou até mesmo a “fome das crianças” e como venceu a tentação de Satanás:

Eu então maldei [...]. Quem te mandou. Nunca vi tambaqui nadando de prancha meio tonteado. Que me conste, não deve ser peixe destas bandas nem vivente terrestre destas paragens. Vieste mandado do Céu ou enviado do Inferno, sadórico emissário? Espera aí, que acabo já com a tua franca pavulage. Arrumei o arpão e marquei bem no meio do lombo. Era bem no meio da cabeça e no fio do espinhaço. Ia arpoar: tiro-e-queda no bico de aço. Mas... Uma força de dentro ou de fora de repente relaxou todos os meus músculos e desfez num átimo o mais simples gesto. Aí meu pensamento foi rasgado pelo meio. Parei como a ave que morre voando bem alto. Olhei para o céu e gritei para o fundo, bem para o fundo do lago: - Vai-te, vai-te pro Inferno peixe do Diabo” (Monteiro, 1995. p. 92-93).

Nesse contexto de luta entre o “Bem” e o “Mal” é recobrada a fé como força

representativa da cultura ribeirinha. Em meio ao sofrimento causado pela fome, no limite da consciência e da sanidade, o narrador retrocede do apelo satânico e “desconjura” o “peixe do diabo”. A recorrência ao “Satanás” remonta a concepção antagônica de que esta encantaria representa o pecado, a tentação, a morte do espírito. Embora as súplicas às divindades do catolicismo não tenham aplacado a fome da família, o pescador não podia ceder a tentação do “diabo”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No livro “O carro dos milagre” os elementos simbólicos da cultura amazônica se manifestam por meio da linguagem, das crenças populares, da religiosidade, da fé e das representações simbólicas da natureza amazônica reproduzidas nas vozes de narradores amazônicos. Ao converter elementos memorialísticos em narrativas ficcionais, Benedicto Monteiro revela sua íntima relação com os povos da floresta, fruto de sua formação sociocultural e apreensão da memória coletiva. No conjunto da obra, Benedicto traz referências simbólicas a vários estados de fé, em especial, a recorrência predominante a Nossa Senhora de Nazaré, considerada pelos católicos a padroeira dos paraenses. Por outro lado, sua literatura se volta bem mais para a discussão sobre o contraste social, vivenciado pelos sujeitos da Amazônia.

Com isso, Benedicto Monteiro leva o leitor a conhecer não só o imaginário das encantarias místicas do rio, mas ao imaginário social amazônico do Baixo Amazonas, no qual as implicações mais proeminentes são as da luta pela sobrevivência, em uma contínua adequação e resistência ao regime das cheias e secas. Amarílis Tupiassú diz que existe uma Amazônia não mítica, povoada por brasileiros muito pobres e que guarda na cultura, na fisionomia e na intimidade os elementos da floresta (2005. p. 299). Na literatura de Benedicto Monteiro desponta o drama dos sujeitos nesta Amazônia real, do contraste social, mas, ao mesmo tempo, simbólica, sugestiva, atravessada por diversas manifestações religiosas, principalmente cristãs e da mitologia amazônica. A obra Monteiriana traz justamente esta confluência, da esperança que emerge em meio às contradições sociais. Fala do descaso, do abandono, mas, sobretudo, da fé e do espírito místico como fontes imanentes da cultura.

## **Referências**

- BECKER, Bertha K. **Amazônia**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1998.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Trad. Adail Ubirajara Sobal. 14ª ed. São Paulo: Cultrix / Pensamento, 2000.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Trad. Vera da Costa e Silva et al. 16ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- ELIADE, Mircea. **Aspectos do Mito**. Lisboa: Edições 70, 1963.
- FARES, Josebel Akel. Poéticas orais constroem a história da Amazônia. In: FARES, Josebel Akel (org.). **Diversidade cultural: tema e enfoques**. Belém: Unama, 2006, (Coleção Linguagens: estudos interdisciplinares e multiculturais, v. 2), p. 158-159.
- LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém, Cejup, 1995.
- NASCIMENTO, Maria de Fatima do. **A representação alegórica da ditadura militar em O minossauo, de Benedicto Monteiro: fragmentação e montagem**. 2004. 163 f. Dissertação (Mestrado) - Teoria e História Literária, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2004. [Orientadora Professora Suzi Frankl Sperber]
- MONTEIRO, Benedicto. **O carro dos milagres**. 5. ed. Rio de Janeiro: PLG- - Comunicação, 1980.
- MONTEIRO, Benedicto. **Transtempo**. Belém: CEJUP, 1993, p. 16.
- PIZARRO, Ana. **Amazônia, as vozes do rio: imaginário e modernização**. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2012.
- TUPIASSÚ, Amaríllis. **Amazônia, das travessias lusitanas até agora**. Estudos avançados, Belém, 2005, p. 299.

Sobre os autores

### **Geovane Silva Belo**

Doutor em Educação pela UFPA/PPGED na linha Educação, Cultura e Sociedade. Mestre em Artes pela UFPA/PPGARTES, especialista em Ensino e Aprendizagem de Língua Portuguesa e Literaturas pela mesma instituição. Graduado em Letras (UEPA). Docente na Universidade Federal Rural da Amazônia em Tomé-açu, onde coordena o Projeto de Extensão Encantarias da Palavra e é vice-líder do Grupo de Estudos em Literatura, Cultura e Sociedade (GELICS). Suas experiências acadêmicas se voltam para Discursos sobre Educação, Escritoras e Escritores da Literatura da Amazônia Paraense, Letramento Literário Amazônico e inclusão. Desenvolveu estudos sobre Ideias de Educação, História intelectual, Literatura, Cinema, Cultura e Sociedade e

Cultura Surda. Recebeu diversos Prêmios Literários, entre eles, o Prêmio Dalcídio Jurandir da Fundação Cultural do Pará (2012), Preamar de Cultura e Arte (2022) e Prêmio de Ficção e Não Ficção da FCPA. Pertence à Academia Castanhalense de Letras. É autor de "Pequenas Divagações no Tempo (2014), A Semântica da Tristeza (2019). Estardalhaço (2021) e Para meu pai, o Boto (2024).

CV: <http://lattes.cnpq.br/5408979200502757>

### **Diemerson da Silva Ribeiro**

Licenciado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa (UFRA/ Tomé-Açu) e Pós-graduando em Linguagem, Cultura e Formação Docente por esta mesma universidade. Pesquisa a trajetória intelectual e o pensamento de intelectuais da Amazônia Paraense e a relação entre Literatura da Amazônia e Cultura Amazônica, narrativas orais, discursividades e identidades. Ainda na graduação, foi membro do projeto de extensão Tecituras - Diálogo entre música, literatura, cultura e sociedade. Integra o Grupo de Estudos em Literatura, Cultura e Sociedade (GELICS ). Atuou como bolsista Capes no programa residente pedagógico em Tomé-Açu, nas escolas Antonio Brasil e Desembargador. Na graduação, experienciou a prática docente na educação básica. Com experiências nas escolas urbanas, principalmente em áreas periféricas, compõe o grupo de professores que atuam na Educação do Campo no município de Tomé-Açu.

CV: <http://lattes.cnpq.br/6222905060433442>

Texto submetido em: 01/06/2024

Aceito em: 20/06/2024

**A MEMÓRIA NA AMAZÔNIA SOB O OLHAR DE  
MIGUEL DOS SANTOS PRAZERES, DE BENEDICTO MONTEIRO**

**MEMORY IN THE AMAZON UNDER THE GAZE OF MIGUEL DOS SANTOS  
PRAZERES, BY BENEDICTO MONTEIRO**

Cristina Dias Nogueira<sup>1</sup>

Denise de Souza Simões Rodrigues<sup>2</sup>

**Resumo**

Este texto é resultado da pesquisa desenvolvida ao longo no Programa de Pós-Graduação em Educação/Mestrado da Universidade do Estado do Pará e comunga a junção entre saberes científicos sobre a educação amazônica e o encantamento pela literatura brasileira de expressão regional, mais especificamente da obra de Benedicto Monteiro. O artigo tomando como principal fonte a chamada tetralogia monteiriana, composta pelos romances que têm como elo o personagem Miguel dos Santos Prazeres, que caracteriza o cabôco amazônida. Os romances que compõe a tetralogia permitiu analisar os processos educativos não formais, silenciados e postos à margem das discussões sobre educação, apesar da sua relevância histórica. Esta abordagem é inovadora no campo da educação, que tradicionalmente se propõe a produzir estudos e análises sobre e para o campo da educação formal.

**Palavras-chaves:** Memória, cultura, identidade cultural, processos educativos não formais, literatura.

**Abstract**

This text is the result of research developed throughout the Postgraduate Program in Education/Master's Degree at the State University of Pará and shares the combination of scientific knowledge about Amazonian education and the enchantment with Brazilian literature of regional expression, more specifically from work by Benedicto Monteiro. The article takes as its main source the so-called Monteirian tetralogy, composed of novels linked to the character Miguel dos Santos Prazeres, who characterizes the Amazonian caboco. The novels that make up the tetralogy allowed us to analyze non-formal educational processes, silenced and marginalized from discussions about education, despite their historical relevance. This approach is innovative in the field of education, which traditionally aims to produce studies and analyzes about and for the field of formal education.

**Keywords:** Memory, culture, cultural identity, non-formal educational processes, literature.

## **Introdução**

O estudo ora apresentado pesquisa as relações entre cultura e educação na Amazônia e considera aspectos do projeto de dissertação de mestrado<sup>15</sup> intitulado *Educação e memória na Amazônia, a partir do olhar de Miguel dos Santos Prazeres, de Benedicto Monteiro*. Os objetivos da investigação foram, construir um entendimento acerca dos elementos da cultura, construídos em comunidade, que caracterizam a identidade dos povos da Amazônia, através da obra de Benedicto Monteiro; discutir memória e identidade, na perspectiva do amazônida, contextualizado pelo personagem Miguel dos Santos Prazeres; entender como os processos educativos não formais, através dos quais se organizam as principais funções sociais entre os homens nesta região, atuam como processos de identidade; relacionar o rio e a memória, para o cabôco<sup>16</sup> amazônida, nas experiências do autor, contadas através do protagonista da tetralogia.

Estes objetivos foram traçados a partir da compreensão de que a educação desenvolvida no dia a dia da comunidade garante a sobrevivência das tradições e dos saberes, voltados para a formação do amazônida, o conhecimento acerca da natureza, da cultura e de todos os aspectos relacionados à vida do homem na sociedade. Neste contexto, a opulência cultural local remete à história da formação do território brasileiro e se materializa em manifestações de um repertório complexo, apoiado na oralidade, através de mitos e lendas.

Os estudos destacaram a relevância da linguagem oral, para a região. Ela é o suporte da memória e o meio de sobrevivência das diversas práticas que passam de pai para filho, ao longo de gerações e caracterizam a identidade dos homens enquanto seres sociais, que vivem em coletividade. Ou seja, os processos identitários, que no contexto da Amazônia, são narrados através das aventuras do personagem Miguel dos Santos Prazeres, personagem elo das Obras *Verde vagondo* (1972), *O Minossauro* (1975), *A terceira Margem* (1983), *Aquele um* (1985) e *O Homem rio* (2008), do escritor paraense Benedicto Monteiro.

O olhar para a cultura local tem em vista análise histórica da literatura, desta

---

<sup>15</sup> Defendido em 2020, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade do Estado do Pará

<sup>16</sup> Cabôco, o mesmo que caboclo. Preferimos usar cabôco por estar próximo à linguagem usada nas obras de Benedicto Monteiro. A origem etimológica da palavra é do tupi caá-boc, tirado do mato.

forma, é possível compreender e analisar o processo de elaboração da identidade cultural dos povos da Amazônia, por meio das informações e do repertório trazido pelo personagem em foco, analisando a educação e a memória do caboco amazônida, aqui entendidos como fundantes para se compreender a história desses povos.

No que tange à metodologia, foi feita uma pesquisa documental e bibliográfica, na primeira mergulhou-se sobre trabalhos, mídias, entrevistas, que nos deram indícios sobre o próprio escritor e o contexto histórico de elaboração. Na bibliográfica, conheceram-se outros recortes de estudos científicos acerca da obra do autor. Configura-se aqui uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, seguindo uma abordagem etnometodológica, com enfoque materialista, histórico-dialético, por apresentar crítica social, econômica e cultural.

### **Cultura é memória**

Benedicto Monteiro, através do herói Miguel dos Santos Prazeres, nos seus romances *Verdevagomundo* (1972), *O Minossauro* (1975), *A terceira Margem* (1983), *Aquele um* (1985) e *O Homem rio* (2008) conta sobre homens e mulheres amazônidas. Este trabalho investiga a cultura, a memória e a educação na Amazônia, por meio do protagonista das obras supra referidas. A partir daí constrói uma visão mais complexa acerca da memória do amazônida, nas aventuras e nos conflitos vividos pelo herói da narrativa e entender os processos educativos não formais na região, tendo em vista as histórias do narrador e a superação da estereotipação do amazônida, como sujeito sociocultural.

O recorte do presente estudo requer uma fundamentação teórica e traz os conceitos de cultura em Carlos Rodrigues Brandão, Canclini (1995), Yúdice, (2013), de memória como em Michael Pollak (1989) e Maurice Halbwachs (2004), a Etnometodologia, com o enfoque do materialismo histórico-dialético, em Joël Candau (2016), Clifford Geertz (1989) e Denise Simões Rodrigues (2017).

Elementos importantes para a caracterização cultural da Amazônia são visualizados nas obras literárias estudadas, permitindo elaborar um estudo com base, em primeiro lugar, nadialética entre memória e identidade, de Joel Candau (2016), conceito que se une de maneira fundamental aos estudos detalhados por Clifford Geertz (1989), que veem toda a cultura como um conjunto de símbolos e significados. Assim como Denise Simões Rodrigues (2017), na leitura da obra de Cornelius Castoriadis,

propõe uma importante contribuição conceitual elaborando uma crítica histórico-social na dialogicidade da relação entre o processo de urbanização da Amazônia e a resistência das culturas tradicionais dos povos da floresta. Por meio da simbologia das tradições católicas do Círio de Nazaré, ilustradas em “O homem rio”, que mostra o processo de migração do caboco amazônida para a cidade, atraído pelas celebrações e pelo encantamento despertado, diante discurso capitalista de modernidade, é possível conectar os conceitos de memória, identidade, cultura e a análise crítica e social, conforme o recorte de Rodrigues (2017) da obra de Castoriadis.

Quando eu cheguei em Belém, que me encontrei com os rios formando as baías, as ilhas formando o arquipélago e as águas formando um imenso estuário, foi que eu senti mesmo que a minha vida era comandada pelas águas. Pelos rios de todos os tamanhos. Aliás, esses nomes de arquipélago e estuário, eu só fui ouvir em Belém nas explicações que me davam. Belém mesmo que estava em minha frente, vista da água, era feita de ferro, de cimento e de pedra. E de muitas cores misturadas. De casas e coisas que eu nunca desconfiava. Fui logo apresentado pros edifícios. Eram os imensos prédios que mais que avultavam. Mas pra mim, como antigo fogueteiro, pirotécnico oficial da festa de Santo Antônio de Alenquer, o que me interessava mesmo era ver o Círio de Nossa Senhora de Nazaré. Como eu já disse, eu queria ver mais, muito mais. Queria ver os fogos jogados de noite no arraial, e de dia também, no trajeto daquela procissão de fé desesperada. Esse sempre foi o meu propósito pra chegar em Belém (Monteiro, 2008, p.20).

Junta-se à discussão a categoria Cultura, vista enquanto construção sistêmica fundamentada em conhecimentos e valores (Brandão, 2015, p.138). O que é expresso nos romances que compõem a referida tetralogia, nos quais o herói Miguel é uma representação do caboco amazônida, com seu olhar sobre o Mundo permeado pela sua relação com a natureza, que se materializa através da sua relação com o rio, o que determina sua forma de ver e atuar no Mundo.

Memória é uma categoria que se fundamenta em Michael Pollak (1989) e Maurice Halbwachs (2004), uma vez que as obras em questão se constituem através de relatos de rememoração, em torno das aventuras do nosso herói. E essa rememoração traz consigo um conjunto de elementos da cultura que são produto de memória coletiva: tradições, costumes e saberes. Tudo isso é essencial para compreender o personagem Miguel, enquanto narrador das histórias contadas pelo romance de Benedicto Monteiro, expressão do homem da Amazônia, com sua forma de viver, de atuar no mundo e, tendo como contexto temporal o período histórico da ditadura militar.

Minha esperança era viajar também pra Belém, pra ver a festa de Nossa Senhora de Nazaré. Não pense que era pra fugir dos militares que queriam me prender. Não senhor. E que eu sabia que em Belém, durante essa festa, se dá a maior queimação de fogos do mundo. Sim, no dia do Cirio e nos dias e nas noites de festejos que se prolongam por quinze dias. E, e ainda tem a queimação de fogos dos estivadores do porto de Belém. E, o que eles fazem na passagem do Cirio, pra homenagear a Santa na sua berlinda. Bem na horinha de sua passagem pelo sindicato (Monteiro, 2008, p. 17).

Já os processos educativos não formais, tão essenciais para a construção da identidade amazônica, se constroem no dia a dia da comunidade e garantem a sobrevivência das práticas produtivas, o conhecimento sobre a natureza, as práticas medicinais e religiosas, em contraponto a uma dominação cultural de uma perspectiva branca, capitalista e urbana. Deste contato cultural (Canclini, 1995, p.141/142), olhar que faz deste homem um estereótipo de atraso e ignorância, em virtude dos estágios do desenvolvimento das políticas do sistema capitalista em locais diferentes da região amazônica. Este tipo de educação ainda é marginalizado no reconhecimento da sua relevância para os homens da floresta e, em virtude disso, ainda pouco estudado.

Os estudos desenvolvidos neste campo se encaixam na perspectiva de cidadania cultural (Yúdice, 2013, p.43), categoria que produz conceitos acerca dos direitos difusos de se ensinar sua língua e sua cultura, segundo uma perspectiva de diversidade cultural. O que é fundamental para a análise crítica social da marginalização dos saberes e práticas econômicas e medicinais, que resistem através das práticas orais de ensino. Praticadas no leito das comunidades. As tradições orais são as bases dos projetos de economia sustentável da floresta.

### **Aspectos romanescos**

Como já foi dito, o objeto desta pesquisa tem como referência o personagem Miguel dos Santos Prazeres, que é um herói, elo entre os romances da tetralogia de Benedicto Monteiro, que mostra aspectos essenciais para a caracterização do caboco amazônida. Dentre os aspectos culturais, o escritor paraense enfatiza o vocabulário típico, com palavras e composições, tais como aglutinações, que evidenciam a forma de ser e de pensar do homem desta região; a forte religiosidade na vida do amazônida, sobre a qual a figura do padre exerce grande influência sobre as pessoas e suas formas de pensar e na cultura de forma geral e, por conseguinte, sobre os processos educativos. Um exemplo claro de tudo isso é o modo como se dá a escolha do nome do personagem.

Aqui se destaca um aspecto de extrema relevância para os processos identitários dos povos da Amazônia, que é a questão da religiosidade. Este elemento da cultura, tão importante em todas as partes do mundo, especificamente na Amazônia, carrega uma característica muito própria, que é a origem radicada em três continentes diferentes. Assim, aspecto de uma base cultural, são agregados aos elementos culturais de outra base. De forma mais específica, aglutinam rituais religiosos cristãos, das religiões indígenas e as de origem africana.

A leitura da tetralogia monteiriana nos aponta para outro conceito de grande relevância sociológica: a memória. Esta, por sua vez, perpassa por toda a elucidação dos diversos matizes e nuances dos elementos da natureza e as paisagens que compõem a Alenquer do personagem, importantíssimo para a construção do perfil deste herói e, neste sentido, se destaca o espaço emocional ocupado pela água, na vida do personagem Miguel, bem como a natureza, que se apresenta como o espaço de sua atuação de vida e trabalho no Mundo, enquanto mateiro, pescador, que rema, pesca, nada... Estas atividades passam a ser objeto de rememoração quando ele migra para a capital, Belém.

Aqui a narrativa presente em *O homem rio* consegue, já no seu enredo, refletir sobre o discurso capitalista de superioridade da estrutura urbana sobre a vida do caboco amazônida na floresta, fornecendo elementos para uma reflexão acerca da importância histórica dos processos educativos desenvolvidos no dia a dia da comunidade, entre diversos atores e estão presentes nas mais diversas formas de educação.

Esse emaranhado de informações é apresentado nas narrativas, trazendo uma infinidade de elementos culturais que caracterizam a Amazônia, como os já descritos, nas aventuras do personagem, seus dilemas, seu olhar sobre a vida, suas dores e as dádivas de ser amazônida, as relações de trabalho e entre o homem e a natureza.

O espaço/tempo como elementos da composição deste personagem, na leitura dos romances, enfatiza aspectos históricos e geográficos. Dentro da constituição do tempo histórico, destaca-se o contexto da ditadura militar. Nesse sentido, surgem as viagens do herói pelo mundo, tanto para fugir da ditadura, como para narrar as suas aventuras amorosas, de certo modo, demonstração de virilidade, característico do homem da região.

O senhor deve se lembrar, do que eu lhe contei do major e do coronel do Exército Um quis me fazer pirotécnico da festa de Santo Antônio. Não consegui. E o outro, quis me prender, justamente por causa desses mesmos fogos de artifício que eu fiz como pirotécnico.

Também não conseguiu. Veja só, apesar de ser um fato importante na minha vida, eu nunca entendi essa contradição. entre esse Major e esse Coronel. Não eram todos dois militares? Não eram todos dois do Exército? Não eram todos dois querendo salvar a mesma pátria? (Monteiro, 2008, p. 167).

Ao situar as narrativas constantes nas obras aqui analisadas no período da ditadura militar no Brasil, o escritor consegue através de suas metáforas testemunhar sobre o conjunto de emoções que giram em torno da vivência deste período da História do Brasil, que afeta a região. O que o escritor consegue ressignificar sua própria história de vida, marcada por perseguições políticas e prisões.

Para expressar mais este aspecto, Benedicto fez seu principal narrador pai de sete filhos, com sete mães de etnias diferentes: cabocla, japonesa, turca, negra, nordestina, portuguesa e índia, o que aponta a questão da multietnicidade e do multiculturalismo na Amazônia.

A importância literária dessas obras torna Benedicto Monteiro reconhecido, prestigiado e estudado no Brasil e no exterior, com trabalhos nos mais diferentes recortes, mas ainda insuficientes para a riqueza das informações que elas apresentam sobre os homens da região. Pois nelas, Benedicto mostra os mistérios da Amazônia, a partir do seu personagem-elo, com as histórias, o vocabulário, a cultura, a forma de viver do homem da região. Ou seja, os aspectos identitários que contam as vivências e os olhares do caboco amazônida sobre a vida, ligando-os ao espaço-tempo do rio e da floresta.

Aqui é necessário destacar a forma como o rio é descrito pelo personagem, mostrando como este recurso natural aglutina aspectos identitários dos povos da Amazônia. Sendo ele o espaço onde a figura do personagem elo entre os romances demonstra seu conhecimento sobre a natureza, atua no mundo e o lugar onde vivem os seres que habitam o imaginário do amazônida. O que faz uma analogia à realidade dos rios da Amazônia, tão importantes para a subsistência, para o deslocamento e para educação, ao aglutinar os diversos elementos do ideário social, dos mitos e lendas.

Outro aspecto de grande relevância, quando se busca contextualizar, historicamente, as obras aqui em interpretadas, é a importância da água para o futuro do planeta. A Amazônia, nesse contexto, assume uma posição geográfica estratégica, mundialmente, em virtude do volume de água do Rio Amazonas. Estendendo sua relevância econômica, geográfica, biológica e cultural para a principal fonte da vida, o recurso natural que mais impacto tem sofrido pela ação do homem. O que remete ao

conceito de ecologia, objeto também abordado na tetralogia monteiriana, retomado de forma mais aprofundada e técnica pelo escritor na sua obra *Alfabetização ecológica* (2010).

### **Algumas considerações finais**

Em primeiro lugar, a relevância histórica da diversidade étnica produz grande riqueza cultural. Percebe-se um grande processo de miscigenação, através de várias origens étnicas, o que é evidenciado na tetralogia, como os saberes dos homens da floresta. Leitura através do personagem, tendo ele filhos com mulheres de sete origens étnicas diferentes, evidenciando a diversidade: caboco, de origem japonesa, turca e portuguesa mostra a relevância histórica da imigração destas etnias para a região Norte; bem como as etnias negra e as dos nordestinos.

Multietnicidade na Amazônia, que perpassa por todas as suas práticas de vida e trabalho. A medicina popular é exercida pelos povos da floresta e está envolta por elementos da natureza e do imaterial.

A respeito da linguagem oral pode-se afirmar que sobre ela se estruturam os processos educativos não formais, nas comunidades, os quais são responsáveis pela sobrevivência das tradições e, por consequência, todos os aspectos relacionados à vida e à produtividade dos homens da região.

Os saberes, tais como aqueles relacionados à origem dos componentes míticos, que tomam forma de elementos da natureza e podem estar relacionados às origens indígenas ou africanas, com influências das outras etnias e assumem destaque nas narrativas na região e assumem configurações identitárias que sobrevivem através da oralidade, como nos conta o próprio Miguel:

Pois imagine, entre a cabeça do búfalo e do jacaré, apareceu a cabeça de uma cobra. Só os olhos brilhantes e a língua como se fossem chamas de fogo davam forma para essa nova cabeça. Os olhos vermelhos do búfalo, os olhosbrilhantes da cobra e a sua língua de fogo eram as únicas coisas que iluminavam aquele escuro. De repente, no meio daquelas sombras meio confusas, apareceu um bico de pássaro tipo água. E pra me confundir ainda mais, surgiu do nada, uma cabeça de peixe. A boca cheia de dentes enormes. Podia ser até uma piranha gigante, mas também podia ser uma piraíba, que é uma espécie de tubarão de água doce. Havia também uma cabeça que aparecia e desaparecia naquelas sombras. Não dava pra distinguir se era um sapo ou um morcego. Mas quando esse tal de animal

fantasma virou verde-sombra, a luz da poronga alumiu um imenso lagarto. Não, não era um lagarto, era uma camaleão verde-negro. Bem verde, de um verde desconforme. Estava mais pra dragão, pelo tamanho e pelo fogo que saía pela sua boca e pelos seus olhos que tinham um brilhar esquisito. Aquele fogo que saía dos olhos do búfalo e dos olhos e da língua da cobra era o mesmo que saía da boca do camaleão preto todo esverdeado. (Monteiro, 2008, p.142).

Assim, o personagem Miguel vive suas experiências e narra como pensa e vive o homem na Amazônia, mostrando a importância do rio:

Olhe só, quantos rios por aí. Como já lhe falei, mas é bom sempre relembrar. Desde o grande rio Amazonas trazendo águas lá do Perú, até o Tocantins que vem do centro do Brasil, deságuam em frente de Belém. E ainda tem os menores, como o Capim, o Guamá, o Acará, Moju e o próprio rio Pará. Por falta de rio, penso que não vou morrer de saudade, pois foi nos rios que eu me criei e sempre viajei. (Monteiro, 2008, p.14).

E é assim que a memória de uma certa Amazônia se evidencia através das representações de Miguel dos Santos Prazeres, de Benedicto Monteiro.

## REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Nós, os humanos do mundo à vida, da vida à cultura**. São Paulo: Cortez, 2015.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2008. Introdução à edição de 2001. As culturas híbridas em tempos de globalização.
- \_\_\_\_\_. **Consumidores e Cidadãos**. Conflitos multiculturais da globalização. Tradução de Maurício Santana Dias. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HALBWAACHS, Maurice. **A memória coletiva**. tradução Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis/RJ: Vozes Limitada, 2011.
- MONTEIRO, Benedicto. **O Homem rio: A saga de Miguel dos Santos Prazeres**. Belém: Amazônia, 2008.

MONTEIRO, Benedicto. **O Minossoauro** - 4ª Ed. Belém: Editora Amazônia, 2010.

POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Tradução do francês de Dora RochaFlaksman. Estudos históricos, Rio de Janeiro, Vol. 2 n.3, 1989

WATSON, Rod, GASTALDO, Édson. **Etnometodologia e Análise da Conversa**. Petrópolis,RJ: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC – Rio, 2015.

YÚDIC, George. **A conveniência da cultura na era global** / George Yúdice; traduçãoMarie-Anne Kremer. - 2. ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 5ªed.revista. São Paulo, Editora Nacional, 1976.

RODRIGUES, Denise Simões. Política, Memória e Educação na Amazônia Paraense nos Períodos Colonial e Imperial à Luz da Teoria de Cornelius Castoriadis. **Projeto História**, São Paulo: PUC. V. 60, pp.252-280, Out-Dez, 2017

SKITTBERG, Liliane. **Personalidades históricas do Pará – Benedicto Monteiro**. Disponível em: <https://youtu.be/xhOt9pEyDmc> Acesso em: 18 abr. 2018.

Sobre as autoras

#### **Cristina Dias Nogueira**

Mestre em Educação, Especialista em Metodologia da Educação Superior pela Universidade do Estado do Pará, tem experiência com cursos de extensão em Prevenção ao Uso de Drogas nas Escolas Públicas pela Universidade de Brasília e em Educação Democrática pelo Projeto Missão Pedagógica no Parlamento. Atualmente é especialista em educação classe II Secretaria Executiva de Educação do Estado do Pará, atuando principalmente nos seguintes temas: gestão de recursos federais, recursos pedagógicos, recursos tecnológicos intangíveis e recursos tecnológicos tangíveis.

<http://lattes.cnpq.br/6101869936780383>

#### **Denise de Souza Simões Rodrigues**

Denise de Souza Simões Rodrigues, doutora em Sociologia (Universidade Federal do Ceará, 2001) com a tese Revolução Cabana e Construção da Identidade Amazônica. Foi Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará e atualmente é Professora Titular de Sociologia da Universidade do Estado do Pará. É membro do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire do CCSE/UEPA, e professora associada da ANPED e a SBHE. Lidera o grupo de pesquisa Sociedade, Ciência e Ideologia do CCSE/UEPA, onde se articulam vários projetos de pesquisa e extensão. Seus trabalhos atuais em Sociologia enfatizam a Amazônia em especial nas áreas da cultura e educação, do imaginário e da política, com um recorte teórico demarcado pelas concepções de Cornelius Castoriadis e Paulo Freire.

<http://lattes.cnpq.br/1594626425442266>

Texto submetido em: 06/06/2024

Aceito em: 12/06/2024

## O VERDE MUNDO DE BENEDICTO MONTEIRO<sup>17</sup>

Aristóteles Guilliod de Miranda

Faço a ligação e aguardo. O telefone toca; em seguida atendem:

— Alô? Eu gostaria de falar com o Benedicto Monteiro...

— Quem deseja?...

Identifico-me. Instantes depois ele atende. Uma voz suave, pausada, mas já demonstrando um certo conhecimento, me diz quebrando um pouco a impessoalidade que pode conter uma ligação telefônica: — Diga, companheiro... Marco o encontro para dali a três dias.

Enquanto me dirijo à residência de Benedicto Monteiro fico pensando em como será a minha acolhida; como será o mundo pessoal, familiar, deste escritor cuja obra já ultrapassa os limites regionais e até nacionais, com livros traduzidos para o francês, italiano, alemão e espanhol, e que começa a ser descoberto por críticos e estudiosos estrangeiros, como o professor alemão Klaus Meyer-Koeken, que em seu trabalho **A ilusão de oralidade no romance brasileiro**, publicado na Alemanha, analisa o romance *Aquele um*, do referido escritor paraense, ao lado de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, e *Jorge, um brasileiro*, de Oswaldo França Jr.

Ofuscando um pouco a seriedade do trabalho proposto — entrevistar e posteriormente traçar um perfil do entrevistado —, o que vinha à minha mente era aquela sensação gostosa do novo, algo muito importante para mim: conhecer melhor aquele que é considerado o maior escritor amazônida da atualidade, para quem a crítica brasileira não tem poupado elogios, pelas características peculiares de sua obra, despontando

---

<sup>17</sup> Entrevista realizada como trabalho de conclusão da disciplina A construção da personagem do texto de perfil jornalístico, ministrada pelo Prof. Dr. Oswaldo Coimbra, no Curso de Mestrado em Letras/ Teoria Literária, da Universidade Federal do Pará, em 1999.

isolada no meio das muitas “águas escrevíveis” de nossa região e, particularmente, no Pará. Como exemplo, bastariam as palavras definitivas do prof. Benedito Nunes, que ao referir-se ao livro *Verde vagomundo*, diz que *Benedicto Monteiro escreveu o primeiro romance contextual da realidade amazônica*.

*Mesmo copiando de um gravador onde gravei em fita todas  
as nossas conversas, não sei se posso transpor para o papel  
com fidelidade, a linguagem interessantíssima desse caboclo  
Benedicto Monteiro*

Benedicto Monteiro me recebe à porta. De bermuda, tênis, camisa esporte, barba por fazer. Após as reapresentações — já havíamos nos falado algumas vezes, em ocasiões mais formais, como lançamento de livros dele e sobre ele, e palestras sobre sua obra, que Benedito faz questão de prestigiar —, faz-me sentir mais à vontade. E eu, que no caminho matutava sobre como dirigir-me a ele, se Doutor Benedito ou somente Benedito, descubro à minha frente o Bené, simplesmente.

Ainda assim, estávamos num ambiente neutro: o pátio da casa. Mas logo vem o convite: Vamos para o meu esconderijo!

Entramos na casa. É uma casa simples, de um conjunto residencial no caminho do aeroporto de Belém, já devidamente reformada e ampliada para abrigar uma família grande. Subimos uma escada em espiral e logo chegamos à biblioteca-escritório de Benedito. Em meio a livros, papéis, máquina de escrever, mesa e cadeiras, uma rede bem amazônica se destaca. É ali que Bené vai se acomodar para começarmos o nosso bate-papo.

Apesar de tantos anos de contato com a imprensa, repórteres, entrevistadores, Benedito não consegue disfarçar uma pontinha de inquietação para com a finalidade desta entrevista, apesar de já lhe ter exposto, mais de uma vez, a pretensão de tê-lo como tema de um trabalho acadêmico. Talvez lembrasse da “repórter” que certa vez insistiu numa entrevista, mas que só poderia ser realizada na residência do próprio Benedito. O verdadeiro motivo, mas oculto, era o de constatar a “mansão” em que morava o escritor.

— Não repara a bagunça! É que minha filha chegou com os filhos e se instalou aqui. Agora que ela já foi eu estou reorganizando as coisas. Sabe, eu nunca tinha tido um espaço assim, só meu, para os meus livros, minhas coisas. Agora, depois de várias mudanças, parece que consegui. Este espaço é mais para organizar, guardar as coisas. Escrever, eu escrevo em qualquer lugar, em qualquer circunstância....

É um gabinete pequeno, com duas estantes, uma de frente para a outra. Uma parede vazia e outra com uma janela que dá para o quintal. Próximo à janela, um retrato: Benedicto preso, algemado, descalço, entre guardas — lembranças de 64. no centro da sala, uma mesa com tampo de vidro, onde estão a máquina de escrever e muitos papéis. Duas cadeiras, a rede e livros, muitos livros espalhados por todos os lados, mas principalmente ao redor da rede, que é o local preferido de trabalho de Benedicto. Ele diz que se ficar muito tempo sentado, sente dores nas costas; na rede não tem este problema.

Os livros estão abertos ou com páginas marcadas. Em cima da pilha **Motins políticos**, de Domingos Antonio Raiol:

*É que estou escrevendo um livro para-didático sobre a Cabanagem. E já encontrei tanta coisa fantástica, que eu mesmo me surpreendo! Por exemplo: descobri que por ocasião do movimento houve uma organização feminista. Acho que foi a primeira organização de mulheres que se fez no mundo. E aqui no Pará! Das mulheres dos cabanos! Já naquela época se organizou uma associação de mulheres. Não era bem propriamente dos cabanos, mas já no sentido da sociedade, uma organização política da mulher. Você vê as mulheres gregas, romanas, todas elas no sentido da dominação. Essa (a das mulheres cabanas) é uma organização de mulheres para influir na sociedade...*

Pergunto sobre artigos e trabalhos de crítica sobre sua obra. Consciente, Benedicto confessa ter-se descuidado deste assunto, por conta da sua atividade política, mas diz que agora está se organizando. Com relação a isso, mostra-me resenhas de jornais e revistas, com opiniões de pessoas de peso como Benedito Nunes, Darcy Ribeiro, Leo Gilson Ribeiro, Jorge Amado, José Paulo Paes, Antônio Hohlfiedt, Ápio Campos, Lúcio Flavio Pinto e João de Jesus Paes Loureiro. Um naipe de escritores e críticos da mais alta qualidade a opinar sobre a obra deste escritor que, quando perguntado se se sente um escritor regionalista ou um ficcionista latino-americano, diz apenas que se sente um “escritor amazônico”, pelas peculiaridades da região, tanto no contexto brasileiro quanto no continental:

*A realidade do Baixo ou do Médio Amazonas é diferente de qualquer outra. É própria...*

Pergunto a respeito da correlação que se faz entre a sua obra e a de outros escritores latino-americanos, como Gabriel García Márquez, Alejo Carpentier, Júlio Cortázar e Juan Rulfo. Bené me diz que só depois que começaram a falar sobre o assunto é que foi ler estes autores:

*Não houve uma inspiração nelas. Se há uma aproximação, talvez esta seja por conta da realidade latino-americana, lutando contra as interferências externas, em busca da sua própria identidade.*

*Sai apressadamente para a porta da rua, queria respirar.  
A cidade estava escura e morta.  
Benedicto Monteiro*

Benedicto nasceu em Alenquer, no Baixo Amazonas. Filho de fazendeiro, fez seus estudos em Belém, no Colégio Nazaré, ali, já se destacava por seus trabalhos, seu texto, a ponto de chamar a atenção do famoso professor Paulo Mendes. Quando concluiu o curso secundário, voltou para Alenquer. O professor Mendes deu-lhe uma lista de livros indispensáveis para qualquer pessoa que quisesse ter uma noção básica de literatura. *Levei para Alenquer, mas foi muito difícil conseguir os livros. Nem em Belém. Muita coisa, quando havia, só no Rio de Janeiro.* E foi para o Rio de Janeiro estudar Direito na Faculdade Nacional, concluindo o curso em Belém. No Rio lançou seu primeiro livro, *Bandeira branca*, de poemas, com boa repercussão junto à crítica.

*Mas eu me decepcionei com a poesia. Não com a poesia em si. É que o público de poesia é diferente, mais restrito, mais eclético e não pensei mais em poesia. Continuo escrevendo, até. Às vezes me vem uma ideia que eu trabalho poeticamente, mas não tenho planos para lançar outro livro. Mais tarde, quem sabe...*

E Alenquer? Você ainda tem contato com a cidade ou é como o Drummond diz sobre Itabira “uma fotografia na parede. Mas como dói...?”

*A minha Alenquer é aquela que está nos meus livros. Ela continua viva ali. Esta Alenquer de agora não conheço. Deixou de ser uma cidade próspera para ser um subúrbio de Santarém!*

A confissão sai sem mágoa ou rancor. Aliás, durante todo o depoimento de Benedicto, não se percebeu ódio ou desejo de vingança pelos acontecimentos por ele vividos ao longo de quase quarenta anos de militância política ou intelectual. Indignação apenas quando fala do episódio de um livro editado com fins didáticos, feito à base de obras de escritores paraenses, do qual ficou de fora:

*O que fizeram comigo, naquele livro, é um crime! Excluírem o único escritor que fez literatura contextualizada na Amazônia, num livro que se propõe a analisar essa literatura é uma loucura! Ignorar minha obra, a que tem mais repercussão nacional?!*

Mas a Alenquer de Benedicto está, literalmente, na parede, na fotografia feita quando ele foi preso. Nos idos de 1964, Benedicto se escondera nas matas de Alenquer.

A esposa já quis que ele tirasse o quadro da parede, jogasse fora. Mas Benedicto diz, orgulhoso, que não:

*Talvez eu seja o único a possuir um documento fotográfico comprobatório da prisão e cassação.*

Só as palavras arrastavam... arrastavam como correntes ou como esteiras de tanques. Inesperadamente chegou um avião militar, que depois de sobrevoar longamente a cidade, desceu no Igarapé em frente, trazendo vários oficiais, sargentos e um contingente de polícia  
Benedicto Monteiro

Os acontecimentos relacionados à prisão de Benedicto, por motivos políticos, e o seu trabalho como escritor, estão intimamente ligados. E Alenquer no meio.

Antes de ser cassado como deputado estadual pelo golpe de 64, ao lado da atividade política, Benedicto fazia pesquisas linguísticas na sua região, o Baixo e o Médio Amazonas. Seu desejo era escrever um trabalho sobre a linguagem daquela região e ser professor de Linguística na Universidade. Com o golpe, sua casa foi invadida e os livros, gravações, fichas, todo um trabalho de vários anos foi perdido. Nunca mais soube o paradeiro desse “material subversivo”, como foi considerado. A tetralogia amazônica projetada por ele é, também, um pouco de resgate desse material coletado com tanto esforço, e perdido talvez para sempre nas águas barrentas da intolerância. Alenquer, a cidade natal, escondeu-o em seus braços verdes e líquidos, mas não impediu a prisão. Mais que preso, teve que negociar a vida:

*Eu negocieei a minha vida. Quando fui cassado e estava sendo perseguido para ser preso, me embrenhei nas matas de Alenquer. Na cidade, cercaram tudo: canoas, barcos, tudo era vigiado. Meu pai ficou preso em casa, sozinho. Minha mãe tinha vindo para Belém. Com tudo isso eu consegui saber que na patrulha que estava me procurando havia um soldado escalado para me matar. Seria uma história simples: eu teria reagido à prisão! Consegui enrolar a patrulha. E como eu levava dinheiro no bolso, comprei a minha vida, negociando com o sargento a minha prisão.*

Na prisão, Benedicto foi mantido inicialmente incomunicável por mais de trinta dias. Para não se deixar abater pela falta de notícias dos familiares e para não se deixar influenciar pelas conversas que ouvia, que incluíam sua morte, foi desenvolvendo uma capacidade de abstração total, criando um mundo seu, interior, totalmente desvinculado da cruel realidade de fora dos muros. Esse exercício, ainda que doloroso no início, veio a ser utilizado pelo escritor no seu dia a dia literário. Ele diz que hoje escreve em qualquer

lugar, em qualquer circunstância, independente de barulho, tensões, estado emocional, etc., sendo capaz de ser interrompido em seu trabalho de escritor para desempenhar outra atividade – a de advogado, por exemplo – sair para cumprir aquela tarefa e depois voltar, reintegrando-se novamente ao trabalho anterior.

A prisão foi também um estímulo para o ressurgimento do escritor. *Bandeira branca* havia sido lançado em 1945. Depois disso, Benedicto nada mais publicara.

*Eu não pensava em ser escritor. Eu, desde os tempos de colégio, era orador, um bom orador. Tinha pouca coisa escrita. Havia publicado um livro de poesia, que tinha sido bem recebido pela crítica; mas poesia, sabe como é, pouca gente lê. Então eu me desinteressei de escrever. Mas lia muito, sempre e tudo. Leio vários livros ao mesmo tempo. Quando fui preso e fiquei incomunicável, sendo inclusive ameaçado de morte, pensei: diante de tantas histórias, tantas calúnias que se fazem sobre mim, se eu morrer qual dos Benedictos morrerá? O que vai ficar para a minha família, para os meus filhos? Então achei que deveria escrever. Mas na prisão eu não podia escrever. Lá, depois, eu li, li muito. Thomas Mann, Joyce, por exemplo. Livros que eu não tinha tido tempo de ler. Tinha um tenente que, para me sacanear, perguntou se eu não gostaria de ler. Eu disse que sim. Que pena, disse ele, na biblioteca do quartel só tem uns livros em francês. Você lê francês? Eu disse que sim. Então ele me trouxe uns livros de um autor francês fantástico, que é uma espécie de historiador das guerras coloniais francesas na Indochina, na Argélia. Já pensou, relatos sobre libertação e liberdade do jugo colonialista!? E o tenente pensado que estava fazendo uma ruindade comigo...*

Quando saiu da prisão, cassado, impedido de trabalhar, Benedicto voltou à advocacia. Nesta vislumbrou um caminho ainda não trilhado e que poderia ser bastante útil na região: o Direito Agrário. Saiu à procura de bibliografia e nada encontrou. Nem aqui e nem em outro local. Partiu então para procurar material de outros países, encontrando alguma coisa em francês. Então resolveu escrever um livro sobre o assunto. Na compilação do material ressalta que teve de ler seis mil Diários Oficiais que apresentavam sentenças e decisões relacionadas ao assunto.

*Quando saí da prisão já tinha em mente o Aquele um (livro escrito apenas a linguagem oral). Quando comecei a escrever, vi que aquele livro não seria um livro engajado, como eu achava que deveriam ser autor e obra. Então bolei o Verde vagomundo, que tem tudo isso sem ser panfletário. Até Ecologia tem lá. E olhe que, saído da prisão, perseguido, tendo tido minha casa invadida e minhas coisas vasculhadas e sequestradas, consegui escrever um livro sem rancor, sem nada, mas nada mesmo*

*autobiográfico. A única referência a que me permiti foi a do deputado cassado que andava por aquela região.*

Com o trabalho literário que já foi comparado ao de Guimarães Rosa, Benedicto Monteiro não vê neste autor nenhuma influência direta, tendendo mais para reconhecer em Dalcídio Jurandir um precursor do caminho que iria trilhar, principalmente no que se refere à linguagem. Mas ambos, Guimarães Rosa e Dalcídio Jurandir, tiveram uma grande importância também para o leitor Benedicto.

*Guimarães Rosa representou um marco na literatura nacional. Quando li Guimarães Rosa eu fiquei impedido de ler o resto. Primeiro foi difícil, mas quando li... Depois, não conseguia ler mais nada. Embora ele não tenha sido uma influência direta no meu modo de escritura, ele foi fundamental. Só que eu não me baseei. Como eu pertença a uma realidade amazônica, tive que buscar o velho Dalcídio. Dalcídio se antecipou a Guimarães Rosa. A linguagem amazônica é anterior à linguagem do sertão. Aprendi com Dalcídio o caminho da linguagem, essa linguagem nossa. Mas é muito diferente a minha literatura. A minha linguagem é mais visual. Eu visualizo as coisas.*

E um, homem.... só é mesmo homem...  
quando faz um filho – escreve um livro – e planta uma árvore  
Benedicto Monteiro

Não sei quantas árvores Benedicto Monteiro terá plantado. Ou se as plantou. Seria difícil sabê-lo, principalmente quando se vive numa região como a Amazônia, onde alguns locais, como a Alenquer da infância do escritor, eram praticamente intocados, ainda não atingidos pelo furor desenvolvimentista e depredador que se seguiu ao golpe de 64, numa espécie de metáfora político-econômica a exorcizar fantasmas, e que pelas suas repercussões até os nossos dias, ainda carece de um estudo aprofundado.

Se não plantou árvores literalmente, literariamente Benedicto Monteiro nos deu uma verdadeira lição sobre a natureza amazônica e suas árvores no episódio do Paulato, que aparece no *Verde vago mundo*, mas que também é desenvolvido, de forma, autônoma, no livro *Carro dos milagres*.

Pródigo em árvores, em filhos (cinco) e em livros – oito, até agora –, Benedicto Monteiro, por trás de uma aparente calma e tranquilidade, abriga um escritor em constante atividade literária. Dizendo escrever em qualquer lugar, como em aviões e outros recintos, independente do barulho ou atividades ao redor, mas principalmente o fazendo na sua rede, Benedicto demonstra uma lida incessante com a palavra. Mostra-me uma pilha de

artigos já prontos – mais de vinte –, que faz publicar semanalmente no jornal. Isso quando não surge um fato novo durante a semana que o faça discorrer sobre o assunto.

Além dos artigos vejo também os originais de dois livros mais recentes escritos por Bené: *Maria de todos os rios* e *Transtempo*, este uma autobiografia romanceada; aquele, um mergulho na alma feminina, por uma ótica totalmente feminina, no qual Benedicto vem apostando todas as suas fichas, achando que o livro deverá ter grande repercussão nacional, funcionando como alavanca para o *Transtempo* e também para os livros anteriores.

Manuseio os originais. Escritos em um bloco de papel encadernado à semelhança de um livro, a escrita revela uma letra miúda, legível, bem arrumada, demonstrando apuro e cuidado com a redação. Poucas rasuras, poucas emendas. Como ele mesmo diz,

*Meus originais estão prontos para serem impressos, Veja, parece já diagramado...*

Bené, você tem “fantasmas” como escritor? Falta de imaginação?

*Não. Eu não sei o que é isso. Você vê, eu conclui agora três livros: o “Maria...”, o Transtempo e o Pensar ecológico, um livro que trata a Ecologia de uma maneira diferente, tanto dos radicais, que acham que a natureza é intocável, quanto dos que defendem o tal desenvolvimento sustentável. Eu procuro uma terceira posição, sem radicalismos. Além desses, fui contratado para escrever um para-didático sobre a Cabanagem. Ainda tenho pronto um trabalho semelhante àquele que fiz com o Dalcídio no Cancioneiro de Dalcídio, só que ampliado: além do Dalcídio, o Guimarães Rosa, para mostrar a poesia que existe nos dois. E mais: um romance sobre o caso do Sebastião Hoyos, outro romance que é uma espécie de contra-romance ao “Maria...” Maria é uma prostituta que circula nas cidades ribeirinhas e conta sua história para uma psicóloga. Este outro seria o romance da psicóloga. Poesia também não parei. De vez em quando, no meio de um trecho, surge algo petiço. Aí eu escrevo. Não tenho a pretensão de publicar agora. Mas é um exercício...*

E segue Benedicto com seus livros, seus planos, suas metas. Hoje, vivendo exclusivamente para a literatura (*Não pretendo voltar à advocacia... Política? Só se mudassem as regras do jogo, porque não tenho mais estrutura para ficar fiscalizando meus votos*), Benedicto não é muito tentado a entrar no mercado internacional, apesar de já ter livros traduzidos, por temer as traduções.

*Eu acho que o que eu faço aqui está bem. Temos 140 milhões de habitantes. Se 10% leem, já são 14 milhões. Aqui em Belém temos mais de um milhão de habitantes;*

*10% seriam cem mil. Com uma média razoável teria uma boa vendagem para os meus livros. (Um adendo: Carro dos milagres já está na 10ª edição. Verde vagomundo, com a “pirataria” da editora, vendeu “por fora” uns 35 mil exemplares). Com indignação, Benedicto relembra o episódio das primeiras edições do “Verde...”*

*Eu não fazia questão do dinheiro. Eu queria era o “best seller” que vocês me tiraram...*

A conversa continua fluindo fácil, sobre vários assuntos, durante mais de duas horas. Benedicto é um exímio contador de histórias. Vai destrinchando fatos, citando pessoas, relatando situações vivenciadas. Propõe-se a ajudar no que for possível e passa-me o material que já possui sobre sua obra. Em determinada altura, Benedicto diz algo que poderia servir como síntese de si mesmo:

*Eu podia ser um rico fazendeiro; podia ser um político influente no seu beneplácito com essa engrenagem política; podia ser um empresário de sucesso – eu tinha condições de ser. No entanto, eu deixei de ser tudo isso para ser escritor, porque intimamente eu me satisfaço com o que estou fazendo. Na literatura exerço minha plena e total liberdade.*

*Tantos anos andei pelo mundo. Sempre transitoriamente. Aprendi que porto mesmo, é só a maturidade. E, chegada mesmo, é só o último regresso. E o pior, é que eu tenho certeza, com certeza absoluta, que só a história de Cabra-da-Peste, daria um surpreendente romance. O simples relato de sua vida, feito na sua própria linguagem, me tocou tão profundamente, que me fez reformular completamente todo o conceito que eu tinha de herói, de um patriota, de um bandido.*

Benedicto Monteiro

Sobre o autor

### **Aristóteles Guilliod de Miranda**

Doutor em Biologia e Epidemiologia de Agentes Infecciosos e Parasitários (UFPA, 2013) mestre em Letras: Linguística e Teoria Literária (UFPA, 1995), Graduado em Letras (UFPA, 1990), e em Medicina (UFPA, 1977) É médico do Ministério da Saúde e da Universidade Federal do Pará. Tem experiência na área de Medicina, com ênfase em Angiologia e Cirurgia Vascular, atuando principalmente nos seguintes temas: cirurgia, ética médica, história da medicina e História das Ciências

Texto submetido em: 14/08/2024

Aceito em: 28/08/2024

**MEMÓRIAS DE BELÉM EM TESTEMUNHO DO ESCRITOR  
BENEDICTO MONTEIRO<sup>18</sup>**

José Denis de Oliveira Bezerra (UFPA)  
Josebel Akel Fares (UEPA)  
Venize Nazaré Ramos Rodrigues (UEPA)  
Wellingson Valente dos Reis (IFPA)

Esta entrevista é resultado de parte da pesquisa *Memórias de Belém em Testemunho de Artistas* (2005-2006), coordenada e executada por professores e discentes do Grupo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA), registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil 5/CNPq, ligado ao Centro de Ciências Sociais e Educação, da Universidade do Estado do Pará. O projeto teve como proposta contribuir para a recuperação da memória sociocultural de Belém/PA e processou a urdidura de uma cartografia de Belém, de meados do século XX (1940-1960), por meio da voz das lembranças de idosos com mais de 65 anos. Como pesquisa qualitativa, utilizou-se da metodologia da História Oral. O trabalho desenvolveu-se em três partes. A primeira etapa constituiu-se do projeto *Memória de Belém em histórias de velhos* (2004), os intérpretes foram moradores do Asilo Pão de Santo Antônio<sup>19</sup> e se registrou a cidade no aspecto sociocultural, de forma geral, como bairro, moradia, equipamentos urbanos, transporte, saúde, escolaridade, divertimento, moda, política. A segunda etapa, *Memória de Belém em Testemunho de Artistas* (2005-2006), por meio de vozes de artistas das diferentes expressões estéticas, a Belém desenhou-se, especialmente, pelas narrativas vindas do mundo das artes, os aspectos artísticos da cidade: espaço, formação e circulação. Na

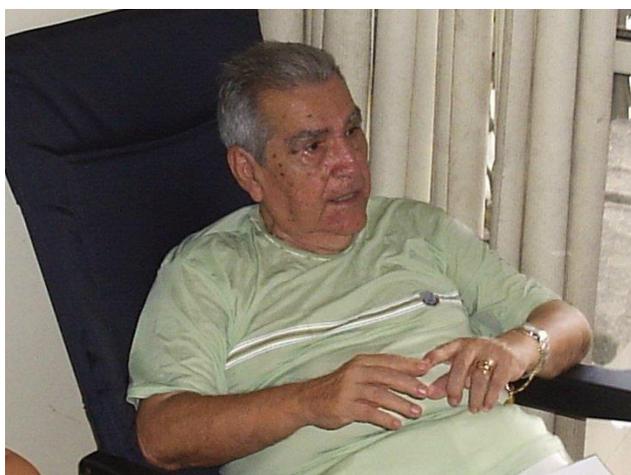
---

<sup>18</sup> O material que apresentamos é resultado de uma entrevista realizada com o escritor Benedicto Monteiro, em dois momentos: 28/09/2005 e 21/10/2005. Foi conduzida pelas pesquisadoras Josebel Akel Fares e Venize Nazaré Ramos Rodrigues, juntamente com José Denis de Oliveira Bezerra e Wellingson Valente dos Reis, na época estudantes do curso de Letras e bolsistas de iniciação científica, hoje professores pesquisadores. A transcrição foi realizada por José Denis de Oliveira Bezerra. A edição apresentada, com notas e atualização de informações, foi produzida por Josebel Akel Fares e José Denis de Oliveira Bezerra.

<sup>19</sup> Fundado em 1970, oficialmente chama-se Associação da Pia União do Pão de Santo Antônio e localiza-se na AV. José Bonifácio Nº 1758, bairro do Guamá, Belém/PA.

terceira parte, *Memória de Mestre: Belém Antiga em Narrativas de Professores da Educação Básica* (2007-2009), prosseguiu-se a urdidura do município por meio da voz de educadores de diferentes graus de ensino, e assim reconstruir as dimensões da educação e da história social, com traços expressos nos relatos sobre escolas, professores, métodos de ensino, bem como movimentos educacionais para além do instituído.

A pesquisa *Memória de Belém em Testemunho de Artistas* processou a urdidura de uma cartografia de Belém, de meados do século XX (1940-1960), especialmente desenhada pela voz da memória de artistas plásticos, atores, músicos, escritores e outros mestres da arte, que viveram neste tempo – espaço da capital do Estado do Pará. As lembranças evocadas nas narrativas relatam sobre literatura, teatro, música, cinema, casas de espetáculos, livrarias e demais signos artísticos, bem como o movimento artístico-cultural, depõem sobre o marco histórico do projeto, que é a chegada da televisão à Belém, além de (re)construírem dimensões da vida sociocultural da cidade, e possibilitarem a composição da trama de uma história coletiva. Foram entrevistados onze (11) artistas, entre os quais o escritor Benedicto Monteiro, que nos recebeu em seu apartamento na Travessa Castelo Branco, para duas sessões, uma vez que não foi possível finalizar o roteiro em apenas uma entrevista.



Figuras 1 e 2 – Benedicto Monteiro no momento de seu relato, em seu apartamento.  
Fotografia de Denis Bezerra (2005).

Fonte: Acervo de Pesquisa do Grupo de Pesquisa CUMA.



Figura 3 – Josebel Akel Fares e Benedicto Monteiro no momento da entrevista.  
Fotografia de Denis Bezerra (2005).

Fonte: Acervo de Pesquisa do Grupo de Pesquisa CUMA.



Figura 4 – Benedicto Monteiro e Wellingson Valente dos Reis. Fotografia de Denis Bezerra (2005).

Fonte: Acervo de Pesquisa do Grupo de Pesquisa CUMA.

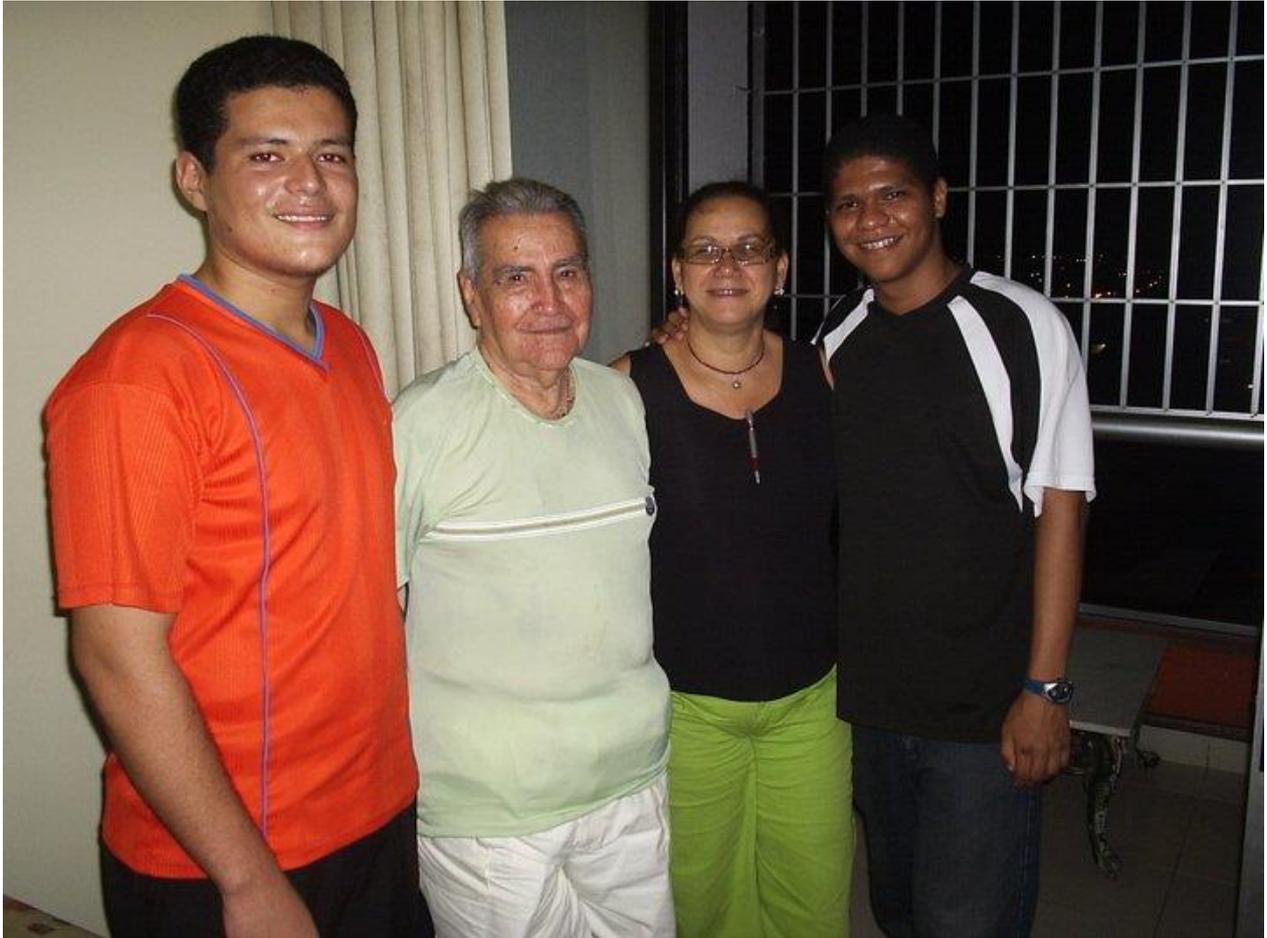


Figura 5 – Registro no momento final da entrevista. Da esquerda para direita: José Denis de Oliveira Bezerra, Benedicto Monteiro, Josebel Akel Fares, Wellingson Valente dos Reis. Fotografia de Venize Rodrigues Ramos (2005).

Fonte: Acervo de Pesquisa do Grupo de Pesquisa CUMA.

## **O ARTISTA**

**Nome:** Benedicto Wilfred Monteiro

**Data de Nascimento:** 01/03/1924

**Data de Falecimento:** 15/06/2008

**Local de Nascimento:** Alenquer/PA

**Pais:** Ludgero Burlamaqui Monteiro e Heribertina Batista Monteiro

## **EDUCAÇÃO, ESCOLAS**

**Quando o senhor veio para Belém?**

*Eu vim na década de 50, em 1950. Aliás foi na década de 40, né? Porque eu me formei em 1942, no curso de humanidades no Colégio Nazaré. Eu fui interno, passei cinco anos interno no colégio, que só era homem, não havia mulher, era só homem. Então, eu me formei. Vim para Belém, só para estudar, exclusivamente para estudar.*

**E os teus pais vieram para Belém?**

*Não, eles só vieram depois de velhos, que eu trouxe, eu é que trouxe eles.*

**Como era o internato?**

*Era um convento, nós só tínhamos saída no domingo, que nós saíamos para visitar a família, era o único dia. O resto era tudo no colégio, lá era um colégio fabuloso, muito bom, não encontrei nada de ruim. Então, era um colégio fantástico, porque ele vivia para estudar, que dizer, para ensinar. Eram os irmãos maristas que dirigiam tudo e os professores, lá nós não tínhamos nem professora, não existia nenhuma professora. Então, nós estudávamos de acordo com o ensino nacional, nesse período que era uma coisa importante, porque esse pessoal de advogado agora não passa nem na OAB.*

**Que cursos era? E só havia esse?**

*O curso era o de humanidades. Este era o mais importante. Eram cinco anos, não era quatro, como é agora. Depois, tinha o colegial com Medicina ou Direito. Então, eu fiz o curso de humanidades aqui, o pré-colegial no Rio [de Janeiro] e a admissão para universidade eu fiz lá. Fiz os meus dois anos de Direito lá, que era naquela época de Ciências Jurídicas e Sociais, diferente do que é hoje o curso de Direito. Hoje o curso de Direito é como se você estivesse treinando um advogado, então o cara tinha que saber leis e do resto do mundo ele não sabe. Naquela época nós estudávamos sociologia, ciências econômicas, direito internacional, quer dizer, era um curso importante, era uma preparação para política da época, porque naquela época era os bacharéis, então você se preparava para ser político ou então dirigente da burguesia.*

**Tinha uma preparação para a vida política? Mas era uma visão focada?**

*Essa era uma visão política. Não era visão da civilização em que nós vivemos, diferente de agora, muito diferente.*

**Havia outros colégios tradicionais?**

*Era o Colégio Nazaré, o Moderno, o Paes de Carvalho e o Santa Catarina. E das meninas do Gentil, os públicos só Escola Normal e o Paes de Carvalho.*

### **Que não deixava de ser da elite, apesar de público?**

*Claro, claro. Para ser professora tinha que ter ajuda, senão não chegava lá. Eu vim para cá, porque meu pai era rico, meu pai era fazendeiro, tinha fazenda, essas coisas todas. Eu vim para cá para estudar.*

### **Naquela época, a navegação particular tinha essas firmas que distribuía as castanhas, usadas pelos estudantes?**

*Tinham navios, cada um tinha três, quatro navios, que faziam essa rota Belém–Manaus, Manaus–Belém, quer dizer, quando eu estudava no [Colégio] Nazaré, eu não tinha nem tempo de passar minhas férias em casa, porque a viagem de Belém–Alenquer, Alenquer–Belém é quinze dias, então era época das férias.*

## **ARTES**

### **Como era mundo das artes nessa época?**

*Ontem mesmo eu tive uma discussão com o Valente, ele é historiador anedótico, ele pega as pessoas e estão prontas, não sabe porque veio, de onde veio e pronto. Eu sempre fui preocupado com os problemas gerais. Então, naquela época nós tivemos aqui em Belém três imperialismos: tinha o português, o inglês e o francês. O português, vocês conhecem mais; o inglês era terrível porque toda a nossa economia estava vinculada ao inglês, toda tanto que toda a nossa estrutura aqui de Belém é inglesa: o bonde, o porto era inglês, a navegação era inglês, o telefone era inglês, o tipo de telefone que era usado era inglês, entendeu? Tudo isso era dominado pelos ingleses, muito pouca gente se preocupa com isso, entendeu? Tem uma marca aí, esse porto aí, porque esse porto aí foi quem estragou toda uma paisagem de Belém, porque nós éramos um porto para exportar mercadoria para Europa.*

### **A Globo com a minissérie baseada na obra Mad Maria, de Márcio Souza, recuperou um pouquinho dessa história, né?**

*Recuperou um pouquinho e era isso. Esse Farquhar<sup>20</sup>, que eles falam aí, ele era americano, mas era inglês, eles citavam um problema inglês. Então, essa colonização*

---

<sup>20</sup> “Percival Farquhar nasceu em York, na Pensilvânia, EUA, em 19 de outubro de 1864, filho de Arthur Briggs Farquhar, um bem-sucedido industrial norte-americano. [...] Obtendo a concessão para construir a estrada de ferro Madeira-Mamoré, iniciou a obra em 1907. Preocupado em melhorar a navegação do rio Amazonas para aumentar as rendas do porto de Belém, administrado pela companhia Port of Pará, de sua propriedade, formou em 1909 a Companhia de Navegação da Amazônia. Ainda nessa região criou a Amazon Development Company e a Amazon Land & Colonization Company, para a qual foram doadas terras que hoje constituem o território do Amapá” (Fundação Getúlio Vargas). Disponível em:

*portuguesa que todo mundo sabe; a inglesa na disposição da sociedade, quer dizer, eles pegaram o porto de Belém, fizeram o porto de Belém, fizeram um porto de Manaus, que naquele tempo Manaus era mais várzea, eles fizeram o Flutuante do Roadway, que era um porto em cima d'água, diferente do de lá que tem agora, depois fizeram isso e negociaram com essas duas coisas como de Manaus e o de Belém. O resto não existia para eles. O terceiro [imperialismo] era o cultural, que era o francês, porque era uma coisa geral do Brasil, que até hoje você tem. Então, eu me lembro bem que o Chico Mendes, que foi meu professor, o Francisco Mendes.<sup>21</sup> Então, quando eu saí do colégio, eu pedi para ele uma relação de livros para que eu pudesse me aperfeiçoar – eu já escrevia naquela época – e ele me fez uma relação. Eu cheguei aqui em Belém não tinha nenhum livro, eu tive que ir ao Rio [de Janeiro] para poder comprar minha pequena biblioteca daquela época, porque era tudo em francês, a tradição era em francês. Então, eu saí do Nazaré conhecendo mais a França e a Revolução Francesa do que a história do Brasil e a história do Pará. Tanto que eu fui motivado na literatura, depois eu escrevi um livro de contos, com 45 contos, no Rio de Janeiro, foi um livro muito bem aceito pelos jornais. Depois, eu larguei de escrever e fui administrar as fazendas do meu pai e deixei de escrever. Quando eu voltei a escrever foi por causa do Guimarães Rosa.*

### **E o cinema, o teatro, como Belém se movimentava em relação as artes?**

*A referência que eu tenho de arte, tinha duas formas de arte completamente diferentes: tinha o teatrinho, o teatro brasileiro, o teatro que nós todos conhecemos, o teatro que vinha para cá, lá no [Largo de] Nazaré e fazia aquelas coisas, o teatro. E tinha a grande força da criação paraense que são os pássaros, os bois e a pastorinha,<sup>22</sup> era a grande*

---

<<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FARQUHAR,%20Percival.pdf>>.

Acesso em: 14 out. 2024.

<sup>21</sup> Francisco Paulo do Nascimento Mendes (10/01/1910 – 09/05/1999) foi um importante professor de Literatura, ligado ao movimento artístico e literário paraense do século XX. Referência intelectual de muitas gerações, atuou na docência na Escola Normal (hoje Instituto de Educação do Estado do Pará – IEP), no Colégio Estadual Paes de Carvalho, na Universidade Federal do Pará, além de escolas particulares. Para conhecer mais sobre essa personalidade, indicamos a leitura de: NUNES, Benedito (Org.). **O amigo Chico, fazedor de poetas**. Belém: Secult, 2001.

<sup>22</sup> De acordo com o historiador Vicente Salles, os principais gêneros do movimento teatral popular paraense são: Pastorinha, nas festividades natalinas; Pássaro Junino e Boi bumbá na quadra junina; Teatro Nazareno, com apresentações de músicas, teatro de revista, nas festividades do Círio de Nazaré. Indicamos a leitura de: SALLES, Vicente. **Épocas do Teatro no Grão-Pará ou Apresentação do Teatro de Época**, Tomo1 e Tomo 2. Belém: UFPA, 1994; MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **O teatro que o povo cria**: cordão de pássaros, cordão de bichos, pássaros juninos do Pará; da dramaturgia ao espetáculo. Belém: Secult, 1997.

*força. E era incrível, eu assisti as apresentações, os pássaros entravam nas casas e faziam aquela coisa, era uma coisa fantástica.*

**Tinha o Teatro da Paz, da elite, e tinha o popular que ficava ali no Largo de Nazaré?**  
*No Largo de Nazaré, na Praça Batista Campos, no Largo da Pólvora, os Pássaros se apresentavam durante o período todo, a festa junina era geral, contaminava toda a sociedade. Então, eles dançavam nas casas, no teatro, nas casas eram contratados para dançar, eram convidados para dançar, então traziam a vizinhança toda e um outro tipo de manifestação que, infelizmente, está [fora do cânone]. É, mas agora o Vicente [Salles], ele tem uma visão, no meu ponto de vista, errada sobre o negro. O negro no Pará não tem nada, não tem nada, tem manifestações, em algumas manifestações houve uma mistura, não tem nada que não tenha na Bahia, no Maranhão, no Rio de Janeiro. O que nós temos é indígena, isso é uma questão, fazer esse apanhado indígena, porque tudo que nós temos em matéria de arte, de criação vem de lá, tudo, tudo que nós somos vem do indígena. Agora, nós somos europeus, nós somos americanos, agora mais americanos do que outra coisa. Mas, na realidade, eu acho fantástica essa posição do Jatene<sup>23</sup> que, através do Ney Messias,<sup>24</sup> faz o resgate da música popular. Se nós temos vários ritmos, que esse pessoal nem conhece, porque a gente vai se contaminar com ritmos que não tem nada a ver conosco, por exemplo, o carimbó que é uma música fantástica.*

**Nessa época, se conhecia o carimbó, se dançava e onde dançava?**

*Se dançava nas cidades, em Belém não tinha. Aqui se ouvia as músicas de pássaros, bois e as pastorinhas, isso que a gente vivia. Isso que era música paraense. Não, não, não tinha, não tinha um movimento musical como hoje. As rádios tocavam música americana.*

**Já havia essa influência americana?**

*Já. Eu me lembro que eu levei, eu compunha, eu era, como é que se diz?, um folgado, um seresteiro e quando eu voltei para minha terra, o que eu ia falar, o pessoal canta isso, canta aquilo. Eu tinha que levar a música americana para eles ouvirem, porque não tinha, não tinha rádio nenhuma. Há poucos dias, um cara me falou um negócio importante, há poucos dias ou foi ontem, que é uma coisa que deveria ser feita era um resgate da Rádio Nacional. A Rádio Nacional era a rádio que atingia todo o Brasil e, lá*

---

<sup>23</sup> À época da entrevista, o Governador do Estado do Pará era Simão Jatene (2003-2006).

<sup>24</sup> Ney Emil da Conceição Messias Júnior, em 2005, era Presidente da Fundação de Telecomunicações do Pará - FUNTELPA, hoje Fundação Paraense de Radiodifusão, na gestão do Governador Simão Jatene (2003-2006).

*no Rio, ela tinha uma força fantástica, estava no teto do maior edifício da cidade, entendeu? Era formidável e teve um movimento fantástico no Brasil e foi desaparecendo, desaparecendo, essa Emilinha Borba, esse pessoal que você ver por aí, eles eram originais disso. Waldemar Henrique foi disso, compreendeu? Pois é, essa coisa é que precisa ser resgatada no país.*

**O senhor falou de invasão americana. E no cinema, como era o cinema?**

*Era a mesma coisa americana, totalmente americana. Agora, nós tínhamos uma outra coisa aqui, que as pessoas esqueceram que era, como é que chamava?, tinha um nome pejorativo, que era nacional: as chanchadas. As pessoas assistiam muito. Todo mundo ia, o cinema era uma arte popular. Aparecia em todos os cinemas. Nós tínhamos aqui muitos cinemas. E era uma coisa tremenda, quando vinha uma chanchada dessas, todos adoravam. Carlito, Oscarito, Grande Otelo, essa gente toda aí. Era tudo produzida no Brasil.*

**Como era a relação entre a cultura popular e a cultura erudita?**

*Isso aí era a divisão da sociedade. A nossa sociedade era Belle époque. Tanto que o [Antônio] Lemos foi em Paris copiar as praças. Aqui, a [Praça] Batista Campos é uma cópia de Paris, a Avenida Boulevard Castilho França também é outra cópia, até o nome era cópia, Boulevard Castilhos França, porque lá chama-se Boulevard. Essa coisa toda era uma sociedade que comandava, que tinha dinheiro, que participava. Agora o povo, o povo mesmo, não ia nessas coisas, ele tinha sua própria relação.*

**O que vinha para o Teatro da Paz? O que a elite assistia?**

*Só a elite assistia as óperas. A grande divisão era de classes, quem não tinha fazia suas músicas. Os pássaros, o que fizeram com os pássaros é uma tristeza, uma tristeza.*

**Nesta época havia espaço para formação de artista?**

*Nesta época era tudo popular, não tinha teatro, escolas de teatro, essas coisas todas.*

**Os pássaros, as pastorinhas, eles formavam? Eles passavam conhecimento?**

*É, eles formavam, por exemplo, sobre a cultura dos indígenas, também das coisas que nós apreciamos. E eles passavam esse conhecimento, passavam, já havia formação, a música ainda é nesse país aquela classe, a música erudita que chamam, e ela teve uma influência muito grande aqui, por causa da situação da sociedade, quer dizer, na época*

*da borracha tinha um teatro desse [Teatro da Paz], fantástico, que era toda uma influência...*

**Quais os outros espaços apresentavam cultura aqui?**

*Aí é que tinha essa divisão, a produção popular era um espaço familiar.*

**E seu gosto em relação à música?**

*Em matéria de cultura, eu tenho uma ginga ampla, eu gosto de música erudita, gosto de música popular, sendo que agora eu estou mais voltado para a música popular. Eu acho até que é um absurdo isso que eles estão fazendo aqui. Pegar o Teatro da Paz e fazer a mania dele, do Gilberto,<sup>25</sup> porque ele é cantor, então, ele brinca com isso aí, tem isso na cabeça.*

**Aqui havia artistas que sobreviviam de sua arte?**

*Os artistas não sobreviviam de sua arte, não que eu saiba, não. Não tinha um grande artista, nem cantor, como nós temos agora, alguns cantores bem representativos, nem isso existia. Tudo vinha do Rio, era uma influência fantástica sobre nós aqui.*

**O governo investia na cultura?**

*Não, até hoje, né? O ensino é uma porcaria, no Brasil, não é só aqui, é uma porcaria. Não existe uma repercussão, por exemplo, eu estou na Academia [Paraense de Letras], e fiz isso várias vezes e vou fazer ainda mais, a academia, a antiga academia, era para discussão das obras, discutia internamente, mas discutia, e essa nem isso acontece. Eu publico dois livros, tu pensas que foi discutido na academia?*

**ESCRITURAS, LEITURAS, CRÍTICA**

**O que escreves hoje é uma recuperação do que escrevias naquela época?**

*Não, absolutamente é outra coisa. Porque o Guimarães Rosa fez uma coisa extraordinária, ele pegou o sertão brasileiro e jogou nos livros dele, é uma coisa fantástica, inventou uma forma de escrever que ninguém tinha nessa época, que é a ilusão da realidade. Tanto é que, depois que eu li Guimarães, eu achava que não podia ler mais nada.*

---

<sup>25</sup> À época da entrevista, o Teatro da Paz tinha como seu diretor Gilberto Chaves. Sua gestão foi marcada pela valorização da música erudita, por meio de concertos e dos Festivais de Ópera do Teatro da Paz.

### **É o que fazes também?**

*Pois é, eu peguei o Dalcídio, que foi antes de Guimarães Rosa, e aí comecei a escrever, mas a escrever já nesse outro sentido.*

### **A sua obra configura o homem amazônico, o caboclo de que falas?**

*É, o pessoal olha o caboclo e pensa que ele não tem inteligência, que ele não tem criatividade, o meu não, o meu caboclo é inteligente como todos são. Então, como eu ia explicando para vocês, nós sofremos três imperialismos: um português, que agia mais na cidade e nos costumes; mas o intelectual era francês e o comercial era o inglês. Então, nós fomos sempre dominados sempre. E o Brasil é um país dominado sempre, nunca deixou de ser, essa independência é uma farsa, a República é outra farsa, não tem nada de República e não tem nada de independência, porque ninguém sabia (parou para mostrar o mapa hidrográfico do Pará).*



Figura 6 – Benedicto Monteiro mostrando aos entrevistadores o Mapa das Bacias Hidrográficas do Pará, presente em seu livro *Ecologia e Amazônia*.<sup>26</sup>Fotografia de Denis Bezerra.

Fonte: Acervo de Pesquisa do Grupo de Pesquisa CUMA.

<sup>26</sup> MONTEIRO, Benedicto. **Ecologia e Amazônia**: ideias sobre a alfabetização ecológica. Belém: SECTAM, 2004.

*Quer dizer, eu não peguei essa civilização fluvial que somos nós, nós somos uma civilização fluvial, nós temos um povo mestiço que não existe igual no mundo, temos uma terra fantástica. Então, eu entrei nessa coisa escrevendo sobre isso, porque os outros escrevem... O próprio Dalcídio, que é um grande escritor se perde nessa questão do exame da sociedade, quer dizer da natureza. Quer ver? Ele escreve sobre o Marajó, que é um troço fantástico e ele se custa dos homens, não da natureza.<sup>27</sup> Nós premiamos um livro, que eu acho que vocês devem pegar ele, ele é da Imprensa Oficial paraense, é o “Maré Morta” de um “cabôco” do Marajó, um “cabôco” mesmo, se olhar para ele você vai ver que é um “cabôco” lá do Marajó, escreveu esse livro uma riqueza.*

### **Quem é o autor?**

*É o José Maria de Lima,<sup>28</sup> ele não é conhecido, eu tenho falado sobre ele, mas ele não é conhecido, coitado ele não tem a mídia ao lado dele. Então a gente pegou esse fantástico Romance, que eu considero, eu até dei menção honrosa, pela Academia. Já está publicado, porque quando a academia deu essa menção, ela já mandou publicar pela Imprensa Oficial, deixa só vocês irem lá que tem o livro. Depois de Dalcídio Jurandir, em matéria de literatura de prosa, eu acho que é ele, e é uma modéstia qualquer.*

### **Hoje não há críticas e antigamente havia?**

*Também não havia, menos, muito menos, porque antigamente era os panfletários, o Maranhão, o Marques, quer dizer eram pessoas que escreviam no jornal, inclusive o Lemos, eram pessoas que escreviam, mas não tinha assim nada. Por exemplo, o Haroldo*

---

<sup>27</sup> Aqui o entrevistado quis enfatizar que o escritor Dalcídio Jurandir, em seus romances, dá mais ênfase ao homem do que a natureza. No Pará usa-se essa expressão “se custa” para dizer que se dá muita atenção, ênfase a algo.

<sup>28</sup> “José Maria de Lima nasceu no município de Muaná, localizado no maior arquipélago flúvio-marítimo do mundo, em 1933. Com graduação em pedagogia, o escritor sempre se interessou por registrar no papel as características de sua terra, repleta de contradições. Com tramas que retratam o cotidiano e os conflitos do povo marajoara, é transmitido um pouco de sua essência. Recebeu o prêmio Samuel Wallace MacDowell da Academia Paraense de Letras, além de ter recebido menção honrosa no Prêmio Dalcídio Jurandir 2012 na categoria romance” (Blog Flor do Marajó). Disponível em: <<https://flordomarajo.blogspot.com/2016/11/resenha-do-livro-ave-marajo-do-escritor.html>>. Acesso em: 15 out. 2024.

Maranhão<sup>29</sup> fundou aqui um espaço para literatura,<sup>30</sup> só que caiu logo e ninguém tomou conhecimento.

### **E livraria?**

*Era uma tristeza, eu não disse para vocês que eu procurei meus livros e não tinha nenhum, aliás tinha, mas muito restrita, tinha duas ou três livrarias no máximo, que ficavam geralmente na [Rua] João Alfredo. Elas traziam livros e tudo, mas era sugestionada pela sociedade, a elite.*

### **Como era a questão dos livros, dos autores, tinha alguns autores conhecidos da época?**

*Dalcídio Jurandir ninguém nem falava, nunca se falou, foi preciso uma luta, e eu faço parte dessa luta, porque eu cheguei e gostei. Dalcídio era um grande escritor, mas ninguém falava. Não havia espaço para a literatura.*

### **Nem para declamar, discutir poesia?**

*Nada. Como não acontece hoje. O que tinha, por exemplo, era os declamadores e as declamadoras, que eram pessoas que sabiam a poesia e eram chamadas para os teatros ou para as festas para declamar as poesias para as pessoas.*

### **Se reuniam também nas academias paraenses?**

*A academia sempre foi uma torre de marfim, até hoje ainda é assim. A luta lá é jogar a academia para o interior. Mas tem muita gente que não frequenta a academia, porque é antigo, é coisa de velho. Mas, enquanto eles forem vivos, eles são imortais.*

### **A Academia dos Novos teve alguma repercussão?**

*Nada, era apenas aquele pequeno grupo, mas não tinha repercussão na sociedade, nos jornais, excetuando o suplemento dos jornais Folha do Norte e Província [do Pará], o resto não tinha.*

---

<sup>29</sup> Haroldo Lima Maranhão (Belém, 7 de agosto de 1927 — Rio de Janeiro, 15 de julho de 2004) foi um escritor, jornalista e advogado brasileiro. Considerado como um dos mais importantes prosadores paraenses do século XX, Haroldo Maranhão participou da Geração Modernista de 45 no Pará e coordenava o Suplemento Literário da Folha do Norte (ver a nota 13), jornal que pertencia a seu avô, Paulo Maranhão.

<sup>30</sup> O entrevistado faz referência ao Suplemento Dominical Arte-Literatura do Jornal Folha do Norte (1946-1951), importante espaço de reflexão e divulgação do movimento literário moderno em Belém/PA. Os líderes desse movimento são considerados, pela crítica, como os organizadores da chamada Geração de 45 no Pará, um recorte regional da Segunda Geração Modernista Brasileira.

### **E as dificuldades para fazer uma publicação?**

*Aqui não tinha onde publicar, tinha aqui uma coisa que publicava aquela poesia de cordel, que é outra coisa que nós abandonamos, nós tivemos grandes cordelistas aqui no Pará. Isso eles publicavam, mas era popular, era para o Ver-o-Peso, que os outros não ligavam. Lembro do escritor Zé Vicente, tinha alguns que eu não tenho aqui na cabeça, mas eram notáveis, Zé Vicente era notável. O povo apoiava, comprava no Ver-o-Peso, lá na feira. O fluxo de cultura acontecia muito mais no espaço popular.*

### **Na época o que se lia em Belém?**

*Eram os franceses e alguns raros brasileiros, [José] Lins do Rego, Jorge Amado, essa gente, mas raramente, coisa rara, se você for fazer um teste vai ver que tinha uns dez a doze pessoas (...). Se não tivesse o domínio da língua francesa, se não soubesse escrever como os franceses escreviam, não adiantava.*

### **Sua construção de leitura foi francesa?**

*Foi, eu fui educado no Colégio Nazaré, então eu saí sabendo mais da história da França que do Brasil, e da Revolução Francesa, eu acho que sou doutor. E saí de lá sem saber que aqui tinha uma revolução chamada Cabanagem. É um exemplo, estou dando um exemplo, eu era completamente analfabeto, em história do Brasil nem tanto, mas história do Pará eu não sabia nada, como ninguém sabe.*

### **O que o senhor gostava de ler?**

*Tudo que era contista e romancista francês, eu li Proust, Flaubert, Guy de Maupassant, todos esses grandes escritores franceses e ingleses. Os franceses não só, mas de modo geral, porque quando eu saí do Nazaré, eu saí falando e escrevendo francês, então facilitava. Tinha esses romances brasileiros, que a gente tem aí, os grandes romancistas brasileiros: Jorge Amado, Graciliano Ramos, Lins do Rego, que são grandes escritores realmente, Machado de Assis, e a minha leitura era essa, francesa e brasileira. Lia aqueles mais importantes, mas não tinha assim nenhuma influência portuguesa, por causa do meu amor à Cabanagem, eu sou anti-português.*

## **CONDIÇÕES DE VIDA NA CIDADE**

### **Como era Belém em relação à moradia, ao transporte, e outros aspectos?**

*Belém foi uma cidade mal feita, nos recuperamos agora. Essa questão fluvial de Belém, que diz Belém, nessa parte onde está o cais do porto, isso aqui era uma praia, uma praia*

*linda, mas como nós não tínhamos a menor noção do que era praia, os ingleses chegaram lá, pegaram o rio e fizeram esse porto, que é uma coisa fantástica, uma obra fantástica, você chega ali e ver uma coisa fantástica. Construir aquela casa, o Port of Pará, linda, mas a sociedade não tinha. Até quando eu cheguei aqui, quem mandava eram os marajás. Eles eram a maior força econômica local. Não eram os portugueses, eram eles que mandavam aqui, eles vinham do Marajó. Agora o Marajó para eles lá era ganhar o dinheiro lá, e se mostrar aqui em Belém. Eu me lembro ainda quando era garoto, estudante do Nazaré, eu ia para porta ver o Lobato, que tinha o único carro, único carro de Belém passar, era um carro sem cobertura, Lobato que tinha! Só uma pessoa.*

### **E qual era o sistema de transporte?**

*O sistema de transporte era o bonde. Só havia o bonde e o trem, que pegava desde aqui de Belém. O trem foi outra coisa estúpida que tiraram aqui de Belém, estupidamente sem nenhuma explicação. Belém é, como eu digo, uma cidade mal feita. Nós temos as coisas lindas que estão aparecendo aí, que o Paulo Chaves<sup>31</sup> está fazendo, arquitetonicamente, mas fora isso não tinha mais nada. Belém era uma cidade... Para vocês terem uma ideia, quando fui secretário de estado, é eu era secretário de estado e a minha secretaria era Secretaria de Terras e Viações. Então tratava de obras, de terras e das contas, aí eu cheguei lá mudei e tirei viação e coloquei água: Secretaria de Terras e Água. E quem tratava de água aqui era a COSANPA,<sup>32</sup> então a COSANPA era da minha secretaria. Naquela época, eu não estava interessado nessa questão de água, eu estava na questão do rio, igarapé, essas coisas todas. E eles me apresentaram um estudo que uma empresa tinha feito sobre as águas, eles achavam que metade das terras de Belém eram inabitáveis, não podia ter nem criação de animal, era isso que eles achavam. Então, que dizer, o povo de Belém é esse que está nas macrodrenagens, que morava nas baixadas, como se falava no Rio nas favelas, aqui para nós é a baixada.*

---

<sup>31</sup> Paulo Chaves Fernandes foi Secretário de Cultura do Pará nas gestões dos Governadores Almir Gabriel (1995-2023) e Simão Jatene (2003-2007 e 2011-2018).

<sup>32</sup> Companhia de Saneamento do Pará.

### **O que era centro e o que era baixada nessa época?**

*Tudo, toda essa parte... Você pega aqui na frente de Belém você tem essa coisa que pega da Vila da Barca<sup>33</sup> e vai lá, mas agora não tem um monte de coisa. O chique o que era o bairro de Nazaré, a Batista Campos e a Cidade Velha.<sup>34</sup>*

### **Aqui aos arredores tinha vacarias?**

*As vacarias tinham nas ruas de Belém, aqui na Magalhães Barata tinha vacaria, aí nessa Padre Eutíquio, Travessa que vai da Boulevard Castilho França até a Estrada Nova, no bairro da Condor tinha vacaria. A partir daí era tudo baixada. Tudo baixada. Aí tinham vacarias, enormes vacarias, toda essa rua, da Conselheiro Furtado, essa margem era tudo vacaria, não tinha nada até lá na Condor, que dizer, esse terreno que vai daqui<sup>35</sup> até lá na Condor era tudo vacaria. É como essa Domingos Marreiros até a Alcindo Cacela era toda uma baixada, não tinha nenhuma rua aterrada, e havia iluminação do jeito que há até hoje.*

### **E a questão da saúde, quais os hospitais que existiam na cidade?**

*Os hospitais que existiam era a Beneficente Portuguesa, que era dos portugueses, melhor hospital que tinha em Belém; o outro é a Santa Casa, e aquele dos evangélicos, o Hospital Belém. Não tinha mais nada essas coisas todas, que a gente vê hoje em razão do crescimento da cidade. O hospital popular, onde o povo poderia ir era o Pronto Socorro da 14 de Março, o Pronto Socorro que fazia tudo isso, tanto que agora não tem lugar para ele. Postos de saúde? Não, isso não havia, não existia.*

---

<sup>33</sup> Situada no bairro do Telégrafo, em Belém/PA, a Vila da Barca é uma área residencial construída sobre uma região alagada, sobre estruturas de palafitas. Desde a década de 1990 vem passando por processos de urbanização, com novas estruturas de habitação. O entrevistado refere-se a esse espaço como exemplo de área urbana periférica que precisa de ações do poder público, para melhorias da comunidade.

<sup>34</sup> Durante o período da Belle Époque, quando a cidade de Belém passou por transformações urbanas, as áreas que hoje correspondem aos bairros de Nazaré e Batista Campos passaram a abrigar a população abastarda, a burguesia local. Assim, pavimentou-se avenidas e ruas, construíram-se praças a modo francês, palacetes, sendo considerado, a partir de então, como bairros nobres. O bairro da Cidade Velha corresponde as áreas do centro histórico de Belém, onde a cidade surgiu e ganhou os primeiros aparelhos urbanos após o processo urbanístico do século XVIII, como igrejas neoclássicas, teatros, comércio etc., hoje abriga vários prédios públicos do poder judiciário e executivo, como a Prefeitura de Belém, e museus históricos. Morar nesses bairros, até hoje, possui uma simbologia de poder econômico e social.

<sup>35</sup> A entrevista ocorreu no apartamento do entrevistado, localizado na Travessa Castelo Branco, entre os bairros de São Brás e Guamá. A referência que Benedicto Monteiro faz são os bairros São Brás/Guamá (daqui), passando pela Cremação e Condor. Já quando menciona as Ruas Domingos Marreiros e Alcindo Cacela refere-se aos bairros do Umarizal e Fátima (antigo bairro da Matinha), região cheia de antigos igarapés e igapós, alagados. Esses braços de rios foram transformados nos chamados canais, após o processo de urbanização, onde pessoas moram em suas margens.

## COMUNICAÇÃO

### **Como o senhor se comunicava com seus pais? Por cartas?**

*Sim. Cartas. Eles moravam em Alenquer e só os visitava nas férias, então em outros momentos do ano, como estudava em Belém, eu me comunicava por meio de cartas.*

### **O senhor tinha costume de escrever cartas?**

*Não, eu sou um péssimo escritor de cartas, eu tenho um amigo editor lá no Rio que diz que eu sou tão péssimo, que eu tinha uma carta de Drummond sobre o meu livro e eu não respondi.*

### **E os espaços da mídia, como o rádio?**

*A rádio é um instrumento da mídia, ela não sai, não larga seu local e o rádio refletia isso. Tinha programas de auditórios no Brasil inteiro, que era outras coisas que deveriam ser resgatadas, não como nos tempos atuais, mas como era mesmo. A rádio sempre foi muito importante. Aqui, para nós do Pará, a rádio foi muito importante, porque você conversava com sua família através da rádio, mandava recado, recebia recado, entendes? Fazia tudo, ainda hoje tem um pouco.*

### **O senhor usava o rádio?**

*Usava, sempre usei, quando eu fui deputado em 1958, eu acho, eu montei uma estação de rádio. Só para falar com eles [os pais] em Alenquer, eu tinha um aparelho comum, eu disse: “faz um negócio, que é só para mexer aqui, e eu quero que o pessoal fale lá”. Ele fez um para mim e um para lá, aí eu falava com eles.*

### **O senhor acompanhou as rádios novelas?**

*Não, isso eu nunca acompanhei. A radionovela era coisa de mulher.*

### **Quais eram os jornais da época?**

*Os jornais eram esses dois que vocês falaram, que acabaram: a Folha do Norte e a Província, mas eu sempre estava ligado ao Rio, eu passei oito anos no Rio, de 1943 a 1949.*

### **Havia algum colunista nesses jornais que o senhor gostava de acompanhar?**

*Havia, mas não literário, colunista político, literário não há grandes escritores a não ser...*

### **Na época da televisão, o que aconteceu em Belém?**

*Olha, a televisão foi uma coisa importante que aconteceu aqui, aconteceu no Brasil, não somente no estado do Pará. Nós aqui tivemos a TV Marajoara, que era do Assis Chateaubriand e depois a TV Liberal. Era só essas duas, tiveram muita influência também. E tinha programas locais, todas as estações tinham.*

### **E o senhor tinha o aparelho de TV? As pessoas iam a sua casa assistir?**

*Tinha aqui em Belém e lá [Alenquer]. Iam bastante. Agora mesmo, eu cheguei de Alenquer, renovou. E fazia uns trinta anos que eu não ia lá, levando a biblioteca eu fundei um clube. Eu tinha a minha influência com algumas pessoas. Então, os clubes... lá tinham dois clubes, eles tinham os jogadores, mas os jogadores não podiam entrar no clube, como acontece até hoje. Aí eu fundei um clube chamado Internacional, com eles, com os jogadores trabalhando para construir a sede e tudo, e eles tem liberdade com os outros. Foi uma coisa importante, a gente veio buscar um conjunto aqui em Belém para tocar, aí eu fundei por isso, nos outros [clubes] os jogadores não podiam entrar no clube, mas no meu podia. Agora, eu fui porque eu fui reinaugurar o clube, estava quase acabado, eu mandei uma pessoa para lá para ele organizar, ele organizou, ele reconstruiu o clube e eu fui reinaugurar e levar à biblioteca três mil livros, que eu consegui e levei para lá, parte da minha biblioteca eu dei, eu levei para lá. O que eu ia dizer é que fui para lá fazer isso, mas cheguei em Santarém, todo mundo queria entrevista, rádio, televisão. Eu tinha que falar, aí falei que ia para Alenquer para reinaugurar o clube e ia inaugurar a biblioteca, mas não tinha ninguém lá para dizer: “olha, faz isso, faz aquilo”. Eu tinha muitos amigos, mas não tinha contato. Sabe que fui recebido por mais de trezentas pessoas me carregaram, me beijaram, me sacanearam de tudo que é jeito. O mais importante é que eu fui deputado federal e estadual, duas vezes. Tem muita coisa que eu fiz lá, e fui recebido como escritor.*

### **Quais as mudanças que a TV gerou aqui em Belém?**

*Ela deixou um pouco mais presente a questão do Rio de Janeiro. Era o rádio que transmitia as coisas e ela tornou presente e ela começou a mostrar as coisas e as televisões daqui procuravam imitar os programas de lá. Então, a televisão é sempre isso, trazer essa questão do Sul, transmitir para nós essa vida do Sul.*

**E quem possuía aparelho de TV em Alenquer?**

*No princípio era muito difícil, mas agora começou a se popularizar, eu fui a Alenquer, no Baixo Amazonas, e como Alenquer é uma cidade desprezada, como muitas cidades são desprezadas pelo governo, tinha dito que não ia mais em Alenquer, com pena daquele povo, mas agora fui. E lá não tem uma estação transmissora só de Alenquer, mas eu me assustei com a quantidade de antenas parabólicas, coisa impressionante, quer dizer, eles estão em contato com o mundo e não estão em contato com as coisas daqui, é impressionante.*

**Quais os programas que o senhor gosta de assistir?**

*Eu gosto muito de programas humorísticos, nem todos, tem uns aí que a gente nem pode ver. Eu, por exemplo, sou fã de A Grande Família, é o único que eu vejo, que é engraçado, porque a gente precisa de riso.*

**Na época tinha outros programas?**

*Tinha, tinha, inclusive, pessoas aqui que eram humoristas. Aqui mesmo em Belém tinha artistas locais, o Armando Pinho, tinha produtor como o Ubiratan Aguiar, era o Pierre Beltrand, mas tudo vinculado à questão do Rio de Janeiro.*

**A programação era dividida em horários?**

*Era uma programação como outra qualquer, só que tinha a prevalência carioca.*

**Na época assistia bastante comerciais?**

*Existia bastante.*

**O senhor lembra de algum?**

*Não, eu sempre detestei a propaganda.*

**RELIGIOSIDADE E FESTAS****O senhor sempre acompanhou o Círio? Era diferente de hoje?**

*Não, o Círio só tem uma andada, ela anda, anda, sempre foi isso, desde que eu me entendo, sempre foi isso, a corda... Tanto que eu tenho um poema sobre a corda, todinha.*



Figura 7 – Capa da obra *Discurso sobre a corda*, de Benedicto Monteiro.<sup>36</sup>

**Além de Nossa Senhora, qual era as outras festas que tinham na época?**

*Olha, uma das coisas que é errada aqui e os escritores, os poetas, esqueceram da grande influência que tem a religião sobre nós. Uma influência fantástica, eu sou por exemplo materialista, até hoje eu tenho uma influência muito grande, e em mim mesmo, por eu não ser cristão, nem franciscano, eu não digo que não tenho religião, para o cara não se ofender, eu digo não sou cristão, nem franciscano, mas a influência é enorme. Todo município aqui no estado do Pará tem influência, e não aparece, agora que nós estamos resgatando essas coisas.*

**O senhor sempre gostou de acompanhar essas festas?**

*Não, eu gostava de ver, agora vou dizer quando eu entro numa igreja, numa catedral, o tamanho.... impressionante, logo que a gente entra numa igreja sente sempre alguma*

---

<sup>36</sup> MONTEIRO, Benedicto. *Discurso sobre a corda*. Belém: Cejup, 1994.

*coisa, né? Muita coisa eu sinto. Aquela liturgia da igreja até hoje me comove, eu gosto, quando eu vou à missa, que o padre não é estrangeiro, é português, fala português, eu me comovo com aquelas coisas, os santos hoje das igrejas tão bonitos, tão lindos.*

### **Como era a Paixão de Cristo?**

*Tudo era igual aqui, só tinha o apoio da sociedade, por exemplo, esse encontro de Santa Maria com Jesus, que fazem aqui, era célebre e menor, a pessoa ia para ouvir a Verônica, ficava arrepiado de ouvir a Verônica.<sup>37</sup> A Verônica era um acontecimento, assim como a Fafá vai cantar agora, a Verônica era um acontecimento social, o pessoal ia para ouvir a Verônica. Isso não só aqui, em todo o estado era isso. O que aconteceu em relação à religião foi essa questão do domínio dos evangélicos, a capital eles tomaram conta, mas a religião era uma religião da sociedade.*

### **As comidas típicas sempre acompanham as festas. O senhor sempre as saboreou?**

*Claro, claro, eu sou vidrado. Eu gosto de tudo que é fruta do mato, eu adoro e gosto muito de peixe, só como peixe aqui em casa, e o pessoal lá de Alenquer me manda, pirapitinga, bacu, tambaqui, tucunaré, eu só como essas coisas de lá.*

### **Como eram as festas carnavalescas aqui em Belém? Eram em clubes?**

*As festas nesses clubes eram iguais a Alenquer. Os grandes salões eram os do Clube do Remo, Assembleia Paraense, era frequentado por toda a elite. A Assembleia teve que fazer a sede campestre, porque a outra já não dava mais.*

### **Mas também tinha muita festa em casa de família?**

*O carnaval, por exemplo, era em casa de família. Era isso que se fazia, estas festas, estas coisas todas, era isso que se fazia, se reunia nas casas e se programavam. Havia o famoso*

---

<sup>37</sup> Em Belém/PA, em toda Sexta-feira Santa ocorrem duas procissões católicas, de forma simultânea: Procissão do Senhor dos Passos e Procissão de Nossa Senhora das Dores. A Primeira sai da Basílica Santuário Nossa Senhora de Nazaré (Praça Santuário) e percorre o trajeto: AV. Nazaré, Assis de Vasconcelos, Gaspar Viana, Presidente Vargas, Manuel Barata, Travessa Padre Prudêncio, Gaspar Viana até a Igreja das Mercês. A segunda sai da Igreja de São João Batista (Rua São João Diogo, Cidade Velha) e percorre o trajeto: Travessa Joaquim Távora, Rua Dr. Malcher, Rua Padre Champagnat até a Rua Siqueira Mendes, Trav. Dom Bosco até a Dr. Assis, Rua Capitão Pedro Albuquerque até a Rua Ângelo Custódio, Praça Felipe Patroni, Av. Portugal, Rua 16 de Novembro até a Igreja Nossa Senhora das Mercês (Arquidiocese de Belém. Disponível em: <<https://arquidiocesedebelem.com.br/procissao-e-sermao-do-encontro-2024/>>. Acesso em: 17 out. 2024). Em frente à Igreja das Mercês ocorre o encontro das duas procissões, simbolizando o encontro da Virgem Maria com seu filho Jesus, no caminho para o calvário.

*assustado, era um carnaval, os amigos se fantasiavam, quando tinha aniversário, e entravam na casa e faziam a festa.*

### **Havia o carnaval de rua? Como eram as batalhas de confete? E as agremiações?**

*Havia, mas era importante, como é até hoje. É assim como fazem hoje lá na Cidade Velha. Havia também o carnaval dos clubes do Remo, do Paysandu, da Tuna, as escolas de samba – algumas são antigas.*

### **Como eram lembradas as outras datas como Independência e Finados, Natal?**

*Finados sempre foi muito religioso, sempre foi uma data muito lembrada. Agora em relação às outras, 7 de Setembro era uma festa comandada pelos militares e estudantes, só isso. A Independência do Brasil... (risos), até agora nós estamos esperando. O Natal era uma coisa mais familiar, muito mais familiar, hoje você não vai para o Natal, você marca num restaurante, faz amigos. Naquele tempo, não, era diretamente com a família.*

## **COSTUMES**

### **Como os homens e as mulheres se vestiam na época?**

*Tudo a mesma coisa, quem determina isso é a mídia, a mídia paga lá, joga e acabou. Aqui era absurdo usar luvas, o traje europeu já era absurdo, imagine se for usar luvas, a questão da luva e do chapéu eram menos usados aqui por causa do clima.*

### **E o namoro nessa época?**

*Eu acho que não mudou muito, apenas adaptou aos costumes. A droga invadiu esse espaço, hoje se for em qualquer Parafolia, Carnabelém,<sup>38</sup> que tem um grupo lá, que vai para se drogar.*

### **A questão do sexo como se encarava?**

*Se falava nisso, mas não era abertamente, quer dizer, tanto o homem, quanto a mulher, eles se guardavam. Essas coisas até na literatura era censurada, se for olhar não encontra, tenho um livro é inédito, porque a mulher fala de sua sexualidade.<sup>39</sup>*

---

<sup>38</sup> Festa de estilo micareta que foram muito intensas na década de 1990 e nos anos 2000 em Belém/PA.

<sup>39</sup> Refere-se a obra de sua autoria *A terceira Dimensão da Mulher* (2002).

## **E a questão do corpo?**

*Nessa época não havia essa doutrina do corpo, essa doutrina comercial, se trajava sem a necessidade de expor o seu corpo, tanto o homem, quanto a mulher. Hoje não, o homem fica sem camisa e a mulher com aquele biquinizinho. Isso não existia, aliás, isso é meio brasileiro, a gente está impondo isso para o mundo, hoje nós estamos exportando essas roupinhas de mulher para o resto do mundo.*

## **POLÍTICA**

### **Como eram as campanhas políticas e quais os principais políticos?**

*No Pará, eu pertencço a uma época que era baratismo e anti-baratismo.<sup>40</sup> O Barata<sup>41</sup> era o Barata, era um líder. Na minha opinião, foi o melhor governador que o Pará já teve. O Barata era militar, muito consciente da autoridade dele e determinava coisas que eram contra os direitos humanos. Ele tinha uma lancha e saía para visitar, com todo o secretariado dele, aí chegava lá, audiência pública, o pessoal chegava contando história, pedindo as coisas, ele ia anotando. O que podia atender, ele atendia, agora em matéria de social. Por exemplo, se uma pessoa chegava lá e dizia: “eu tenho uma terra assim, assim”, ele mandava buscar o fazendeiro na casa dele, prendia no barco e estava resolvido, era fantástico. Aqui os portugueses eram todos contra ele, todos eles não admitiam, como eu não admito, eles não fizeram nada para nós, ao contrário, nos massacraram. Eu tenho tido convite para esse Clube Literário Português, tenho recusado, eu não quero nem falar, então, ele tinha essa ideia. Tudo dele era popular. Por exemplo, ele era o único governador que tinha semanalmente audiência pública, ele esperava lá no palácio, o pessoal fazia as filas, e o secretário estava lá do lado, ele dizia: “fulano, isso eu não posso, toma nota aí e faz”; e ele ia fazer. Então, ele era um cara fantástico, mas como eu era estudante, eu era contra ele. Meu pai era baratista e eu era contra, por causa dessa questão de atender mal as pessoas, eu não tinha percebido outras questões. Quando eu fui secretário de estado, que eu cheguei na secretaria, do Moura*

---

<sup>40</sup> Baratismo e Anti-baratismo, movimento político que marcou o Pará durante as décadas de 1940 e 50. O primeiro eram as pessoas e políticos que apoiavam o Governador Magalhães Barata. O segundo, seus opositores, um dos principais foi Paulo Maranhão, dono do jornal Folha do Norte. Em oposição, Magalhães Barata criou O Liberal.

<sup>41</sup> Joaquim de Magalhães Cardoso Barata (Belém, 2 de junho de 1888 – 29 de maio de 1959) militar e político brasileiro. Interventor Federal do Pará de 1943 a 1945 e o 25º Governador do Estado de 1956 a 1959.

*Carvalho<sup>42</sup> e do Aurélio do Carmo,<sup>43</sup> então quando eu cheguei na secretaria não existia problema de terra, para vocês terem uma ideia não existia nem o mapa do Pará. Eu fui para questão de terreno e disse para o governador: “olha, eu não quero saber nada de obras, isso vai ficar com os meninos, que eu vou para a questão de terra”. Aí eu comecei a trabalhar com essa questão de terra, o único problema que eles cuidavam era das castanheiras, a ENAR, era só os castanhais, nesse departamento. Então, eu comecei a estudar o problema da legislação agrária, como no Brasil não tem nada, eu tive que fazer uma pesquisa em seis mil (6.000) diários oficiais. Tinha um colega meu, que era o Orlando Fonseca, que era advogado, eu disse: “Orlando, me empresta a tua coleção de diários” [ele tinha toda a coleção], “eu te trago aqui um carro”. Ele disse: “Não, traga um caminhão”. Eu tive que levar um caminhão. Agora, quando chegou na minha casa, tu já imaginou? Seis mil (6.000) e eu comecei a ver que o Barata era um cara de grande visão, até o Passarinho<sup>44</sup> chegar a governador toda a legislação foi ele que fez. Aquela época ele já proibia o desmatamento. Nos anos 1960.*

### **O senhor foi deputado Estadual e Federal?**

*Três vezes deputado Estadual e duas Federal. A primeira pelo PTB, que ganhou mais não levou, depois continuei pelo PTB e fui eleito.*

### **Nesta época qual era a bandeira mais importante de luta?**

*Aqui era o baratismo e o anti-baratismo, na questão nacional não havia muita importância.*

### **Não havia nenhuma força nacional?**

*Quando eu me elegi deputado, o Jango [Jânio Quadros] já era presidente, eu era do partido dele, eu tinha uma intimidade com ele, muita intimidade, era um homem muito simpático, não porque até hoje. Mas ele gostava muito de mim, mais muito mesmo. Tanto que quem marcava audiência do governo com ele era eu. Ele esteve aqui, veio, ele*

---

<sup>42</sup> Luís Geolás de Moura Carvalho (Belém, 25 de julho de 1906 – Belém, 13 de setembro de 1988) militar, pecuarista, empresário e político brasileiro, Governador do Pará por duas vezes: 1947-1951; 1959-1961.

<sup>43</sup> Aurélio Corrêa do Carmo (Belém, 31 de janeiro de 1922 — Belém, 1 de maio de 2020) político, magistrado e advogado brasileiro. Foi governador do Pará de 1961 até 1964, quando foi deposto pelo golpe militar de 1964 liderado no estado por Jarbas Passarinho e Alacid Nunes.

<sup>44</sup> Jarbas Gonçalves Passarinho (Xapuri/AC, 11 de janeiro de 1920 – Brasília/DF, 5 de junho de 2016) militar, político brasileiro. Foi governador do Estado do Pará (1964-1966), ministro do trabalho, da educação, da previdência social e da justiça, além de presidente do Senado Federal.

*recebeu o título de cidadão belenense ou paraense, nesse meu livro eu tenho uma foto com ele, o livro de História do Pará.*

### **Desembarcando em Belém, preso em 1964, o senhor foi preso aonde?**

*Fui preso em Alenquer, nas matas de Alenquer, eu fui para uma propriedade do meu pai, eu conhecia a propriedade, eu conhecia as castanheiras, e tinha muita castanheira, e tinha muito local para me esconder lá.*

### **Mas o senhor sabia que estavam lhe perseguindo?**

*Já, já, quando eu saí daqui de Belém, eu saí em uma viagem cinematográfica, porque eles fecharam as estradas, e eu estava aqui. Aí chegou um amigo meu com um projeto e disse: “Eu sou piloto de um avião de dois motores, ele está completamente abastecido e está na base aérea. Se o senhor quiser podemos pegar e ir para fora”. Ele queria me levar para fora do país. Eu disse: “vamos!”. De lá paramos em Alenquer, eu disse para ele me deixar lá em Alenquer: “eu não quero ir para fora do país”. Eu fiquei na mata escondido, depois encontrei alguns amigos e eu fui andando para casa dos meus pais. 60 Km de mata, de mata pura. Aí eles puseram a polícia, o exército, a marinha tudo atrás de mim. Como eles prenderam meu pai na cidade, eu resolvi me entregar, seria uma forma de libertá-lo.*

### **Por que o senhor era considerado um elemento tão perigoso?**

*Só perguntando para eles.*

### **Por que o senhor era janguista, não era?**

*Era, eu era amigo do Jango, do governo, petebista, defendia a reforma, aliás eu fazia a reforma agrária. Não só defendia, como fazia. A Rodovia Belém-Brasília, tudinho era projeto meu para reforma agrária, eu coloquei trinta mil pessoas na beira da estrada. Depois tomaram os títulos de posse. Porque eram contra mim e contra a reforma agrária, por isso. Não tinha nada que autorizasse eles a fazerem isso.*

### **A lei do Jango colocava que 100 km pertencia ao governo?**

*Ao contrário, isso aí já foi do golpe de 1964, o Jango apenas desapropriou 10 km das margens de cada estrada federal, ou planejada, para que pudesse fazer a reforma agrária. Agora o golpe militar quando chegou fez em vez de 10 km, 100 km em cada*

*estrada planejada, por planejar ou sem ser planejada. Isso tomava 75% do território do Pará, quando poderiam estar distribuindo terra para as pessoas. Isso era ignorância. A história é muito complicada.*

### **As oposições, as greves ou alguma oposição grande ao regime?**

*Não, eles não deixavam ter fontes contestadoras ao governo, eles fecharam as centrais, os sindicatos. O controle era absoluto, quem falava era preso. Não houve nenhuma reação, a não ser os cantores como Chico Buarque, Caetano Veloso. Mas nenhum movimento direto.*

### **Aqui no Pará o PTB teve uma força para confrontar esse regime?**

*Não, o PTB nunca teve uma força popular, eles ganharam uma força após a redemocratização do território, que eles colocaram vinte mil pessoas na rua. Nessa época eles não tinham força.*

### **Nem os sindicatos?**

*Os sindicatos sempre foram “apelegados”.*

### **Nem os estivadores?**

*É, os estivadores não eram, mas não tinham força política. Teve aquela questão dos estudantes que invadiram Brasília. Inclusive com um paraense morto, mas aqui sempre foi pouca resistência. A resistência que tinha era a minha, mas a minha bancada toda votou contra mim. Eu só ganhei um voto, Hélio Gueiros,<sup>45</sup> Gerson Peres,<sup>46</sup> todos votaram contra.*

### **E as campanhas eleitorais de antes tinham alguma diferença para a de hoje?**

*Tinha, antes tinha pessoal, tinha pessoal que tinha uma visão nacional do problema e se manifestava.*

### **E como eram as campanhas, já que não havia televisão?**

---

<sup>45</sup> Hélio Mota Gueiros (Fortaleza, 12 de dezembro de 1925 – Belém, 15 de abril de 2011) advogado, jornalista e político brasileiro, Governador do Pará (1987-1991) e Prefeito de Belém (1993-1997).

<sup>46</sup> Gerson dos Santos Peres (Cametá, 2 de maio de 1931 – Belém, 21 de abril de 2020) advogado, jornalista e político brasileiro filiado ao Progressistas (PP).

*Tinha a propaganda nas rádios, boca de lata, havia as convenções no Teatro da Paz e até a distribuição de brindes.*

### **Como foi a questão das diretas aqui em Belém?**

*Era uma questão nacional e teve muito apelo popular, principalmente dos jovens.*

### **O senhor participou?**

*Particpei em São Paulo, no Rio e aqui.*

### **O seu livro sobre ecologia<sup>47</sup> é uma forma de conscientizar os professores sobre o assunto?**

*É, porque muitos professores falam sobre ecologia, mas não sabem o que é. São analfabetos sobre o assunto. Eu defendo a ecologia como principal disciplina hoje na Amazônia.*

Sobre os entrevistadores/autores

#### **José Denis de Oliveira Bezerra**

Artista, ator, diretor teatral, performer, professor e pesquisador de teatro. Doutor em História, pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia/UFPA (2016). Mestre em Letras: Linguística e Teoria Literária/UFPA (2010). Graduado em Letras- Licenciatura Plena em Língua Portuguesa/UEPA (2007). Técnico em Ator pela Escola de Teatro e Dança da UFPA /ETDUFPA (2007).. Professor da Escola de Teatro e Dança da UFPA. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes/PPGARTES/UFPA, na linha de pesquisa Memórias, Histórias e Educação em Artes. Coordenador do PPGARTES/UFPA (2021). Presidente da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas – ABRACE (2022-2023), coordenador do GT História das Artes do Espetáculo da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas/ABRACE (2019-2021). Trabalhou na Universidade do Estado do Pará, atuando no curso de Letras- Licenciatura em Língua Portuguesa/Belém (2009-2014). Lidera e desenvolve atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão no Grupo de Pesquisa Perau – Memória, História e Artes Cênicas na Amazônia/UFPA/CNPq. E-mail: denisletras@yahoo.com.br

#### **Josebel Akel Fares**

Doutora em Comunicação e Semiótica: Intersemiose na Literatura e nas Artes (PUCSP, 2003); mestra em Letras: Teoria Literária (UFPA, 1997); estágio Pós-Doutoral em Educação (PUCRS, 2012). Licenciada em Letras. Professora titular da Universidade do Estado do Pará/ Programa de Pós-Graduação em Educação. Coordenou a editora da UEPA (EDUEPA), foi editora da Revista Cocar e é editora da Revista Sentidos da Cultura. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura, pesquisa principalmente temas ligados à Cultura e à Educação na Amazônia. Foi

---

<sup>47</sup> Livro *Ecologia e Amazônia: ideias sobre a alfabetização ecológica* (2004).

Líder do Grupo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas – CUMA-UEPA (2003-2023). Membro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL/ GT de Literatura Oral e Popular), e da Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPED/GT de Educação e Arte). E-mail: belfares@uol.com.br

**Venize Nazaré Ramos Rodrigues**

Licenciada em História (UFPA) e Mestra em Ciências da Educação: Docência na Educação Superior pelo Instituto Pedagógico Latino Americano e Caribeno, Universidade Felix Varella-Cuba, Professora assistente IV (UEPA). Tem experiência na área de História, atuando principalmente nos seguintes temas: Amazônia, História oral, Memórias, Cultura e Cidade. Membro dos Grupos de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA-UEPA) e Amazônia: História, Culturas e Identidades, Associada da Associação Brasileira de História Oral (ABHO) e da Associação Nacional de Professores Universitários de História (ANPUH). Coordenou o Curso de Licenciatura em História (UEPA). E-mail: venizerodrigues@gmail.com

**Wellingson Valente dos Reis**

Mestre e Doutor em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia. Especialista em Estudos Linguísticos e Análise Literária (UEPA), Licenciado em Letras - Língua Portuguesa (UEPA) e em Letras - Língua Espanhola (UNAMA). Atualmente, é professor de Língua Espanhola e do Curso de Letras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). É líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Arte, Cultura e Educação (GIPACE/IFPA) e participa do grupo de pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA-UEPA). E-mail: wellingsonreis@uol.com.br

Texto submetido em: 18/10/2024

Aceito em: 04/11/2024



REVISTA  
SENTIDOS  
DA  
CULTURA

**RETRATOS, REFIGURAÇÕES E POESIA DE  
BENEDICTO MONTEIRO**

## **Metáfora e ousadia, com apresentações de poemas de Benedicto Monteiro**

Paulo Nunes

Há autores que iniciam suas trajetórias na literatura optando por um gênero textual e depois descobrem-se noutra gênero, desafio de refundar-se nas rinhas da linguagem. Iniciam-se estes, por exemplo, poetas e depois redescobrem-se na prosa de ficção. É o caso de Benedicto Monteiro; ele estreia com o livro de poemas *Bandeira Branca* (antologia aclamada por Dalcídio Jurandir), mas depois desenvolve mais amiúde, com competência singular, o conto, a novela e o romance.

Há, no entanto, na obra deste multifacetado intelectual de Alenquer, no Pará, dois livros que passam quase despercebidos do grande público: a) *O Cancioneiro de Dalcídio, Comunicação/Falângola*, 1985, e *Poesia do Texto*, Cejup, 1998. Após sua estreia com *Bandeira Branca*, em 1945, livro de poemas apresentado por Dalcídio Jurandir, Benedicto deixa o gênero poema em estado de latência, em sistema de "pause", até esta sublevação estética ser retomada em *Cancioneiro de Dalcídio*, livro publicado (por isto restrito) em Belém, pelo tradicional editor paraense Giorgio Falângola, embora em parceria com a Comunicação editora.

Em *Poesia do Texto*, Monteiro desdobrou-se – ato de ousadia! - ao recriar a prosa de três ícones da literatura brasileira: Guimarães Rosa, Euclides da Cunha e Dalcídio Jurandir. Chama a atenção dos leitores o desafio, a disciplina que se impôs o autor de *Carro dos Milagres* em ressignificar a 'poesia do texto' de nomes consagrados da literatura nacional.

Ao ler este ato de ousadia vérbico-estético de Monteiro, vêm à tona os ensinamentos de Roland Barthes em *Aula* (2007) na qual o intelectual francês, da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, caracteriza a literatura como “revolução permanente da linguagem”. No mesmo livro Barthes identifica três potenciais conceitos herdados dos gregos antigos: *mathesis* (todos os saberes se concentrariam na literatura, uma linguagem enciclopédica de conhecimento), *mimesis* (representação demonstrável

ou impossível de ser demonstrada) e semiosis (a literatura relaciona as palavras e as coisas, pois tem a realidade como expressão do desejo de se 'fazer ser' na sociedade).

Ao interpretarmos os poemas de Benedicto Monteiro, desencravados da prosa poética de Dalcídio, perceberemos as três características da estética grega didaticamente apontadas por Roland Barthes.

Para esta seção, uma celebração ao Benedicto poeta, selecionamos poemas 'extraídos' do útero do 'romance-rio' do autor marajoara, Dalcídio, criador da principal obra contextual do romance amazônico, a quem Benedicto Monteiro de diversos modos se identifica como um aprendiz.

### **Poemas de Benedicto Monteiro**

#### **MARINTAMBALO**

Clara  
a moça afogada no Araquiçaua  
também dançava ao sol  
com um colar de goiabas  
maduras no pescoço.

Mas as caturras  
vinham dos campos  
da larga e solta enchente  
atraídas pela luz...  
só para afogar-se  
na água do alguidar.

#### **ANDREZA**

Roxos os lábios  
de tanto chupar pixuna  
pernas esfoladas  
de tanto subir nas árvores  
pés ariscos  
de tanto correr no aterroado.

E nos olhos  
aquela cor de areia  
ou de lama  
que reluzia de malícia

Assim era Andreza:

retinta de sol  
com aquela fome  
de caminhar nos descampados.  
O ENTERRO DA BORBOLETA

Era uma louca ideia  
enterrar no chão a borboleta  
as cores  
e todo o movimento.

Cavou o buraco  
jogou dentro o inseto  
cobriu tudo de terra  
mas na hora de responder  
disse que tinha enterrado  
no chão  
uma semente.

Que semente?

Não,  
não foi uma semente  
foi um mistério.

## IRENE

Irene  
era aquele silêncio de sempre  
a gravidez  
parecia lhe ter tirado a voz  
e os movimentos.

Deusa e grávida  
atravessava os campos  
e pejada como nuvem  
derramava de seus cabelos  
a noite e a chuva  
sobre a terra.

## ORAÇÃO A SÃO BENEDITO

Jogue na correnteza  
ao menos um alqueire  
São Benedito de toda esta calamidade  
O senhor não pode?

Antigamente

ah papouco de foguetes  
quando passava um barco  
pela ribanceira.

Mas agora o santo só faz é ficar mais negrinho  
o olho mais branco  
o beijo mais urucu  
encolhido encolhido  
no altar  
sem poder  
entre castiçais apagados.

Negro não tem vem lá em cima  
São Benedito,  
seus tambores de preto  
só tocam em mãos de samba  
ou de macumba.

Não soam onde há harpa e anjo cantando  
tudo lá em cima é muito rosado  
os querubins de outro e arminho  
e os brancos  
sempre mandando.

#### MOÇA DA PORTEIRA

Em que boi  
búfalo  
igaçaba  
ferra ou caçada e  
m que proa de montaria:  
em que rede ou tarrafa  
cobrindo peixes e águas  
no âmago do rio.

De que jeito cresceu  
baixando a bainha do vestido  
pra ser donzela  
sem tempo de ser  
ou sendo  
sem tempo de viver  
colhida  
ao pé da porteira  
como flor do sol  
atolada  
nas águas barrentas  
dos campos marajoaras.

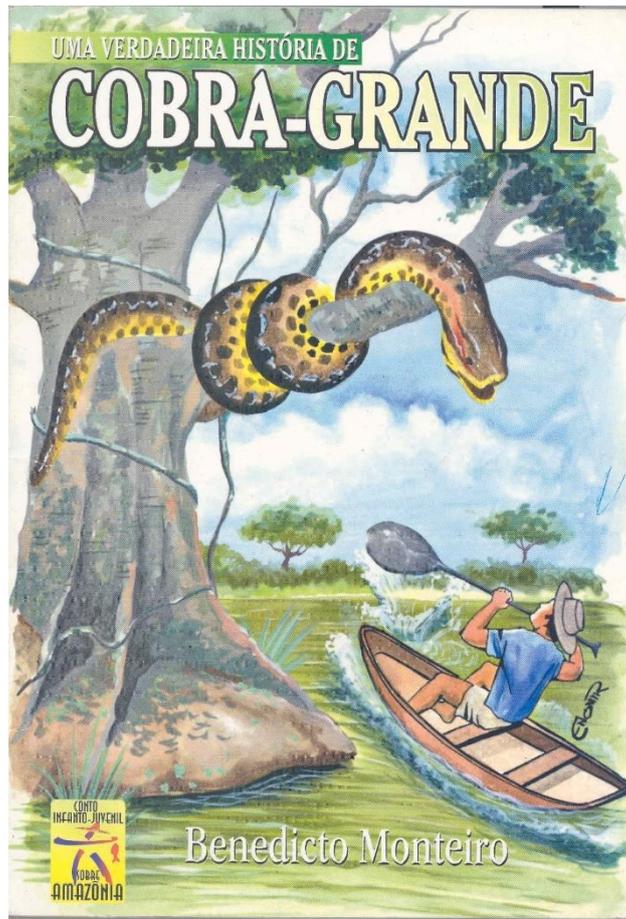
## Outras publicações literárias:

### Literatura Infantil

Benedicto Monteiro, entre tantos gêneros, escreveu literatura infantil, mas esta parte da obra, que consistia em uma trilogia, ficou inédita e pouco se sabe sobre o assunto.

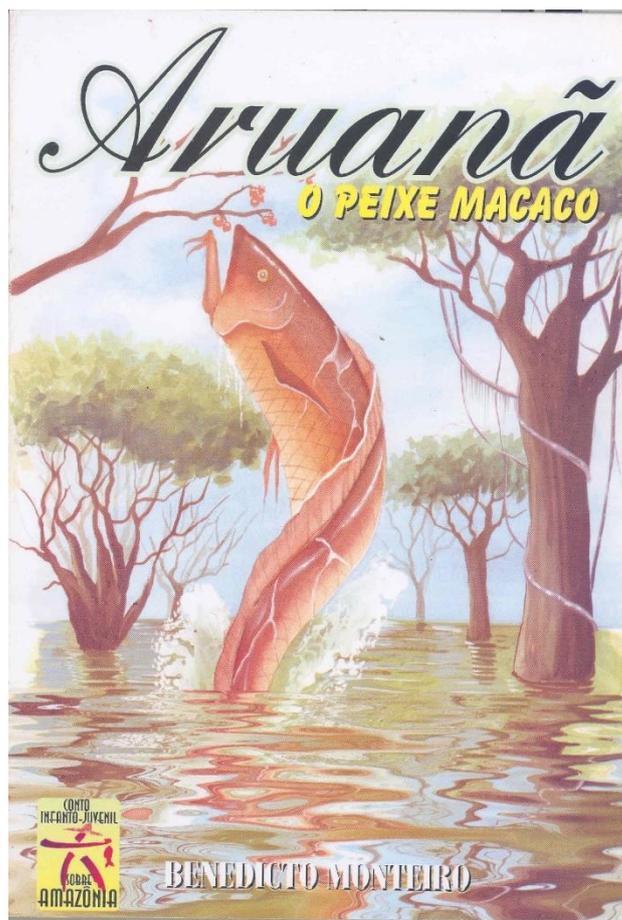


*Na literatura infanto-juvenil o que existe para a criança e para a juventude, são pequenos contos refletindo sobre a realidade de outros países ou de outras regiões que não a região amazônica. Os contos que compõem a presente coleção, são todos referentes às lendas e aos costumes amazônicos. Eles vêm preencher uma grande falta nas primeiras leituras dos nossos jovens e das nossas crianças, principalmente nas escolas onde os professores não contam com material didático e para-didático a respeito. Podem até auxiliar os pais na educação dos meninos e das meninas, fazendo conhecer um pouco da nossa cultura e realidade regional. O leitores observarão que Benedicto Monteiro, para ser mais fiel com a realidade, procurou usar em sua narrativa termos do linguajar caboclo, mesmo que, em alguns casos tivesse de desconsiderar qualquer compromisso gramatical. Vejamos alguns dos termos encontrados no texto: ...dessa viajada, bando de capivara, aningal, aningas, restinga de matupá, uns quantos, estrupício, atordoado, proa, encante, taluda, abarrotada...*

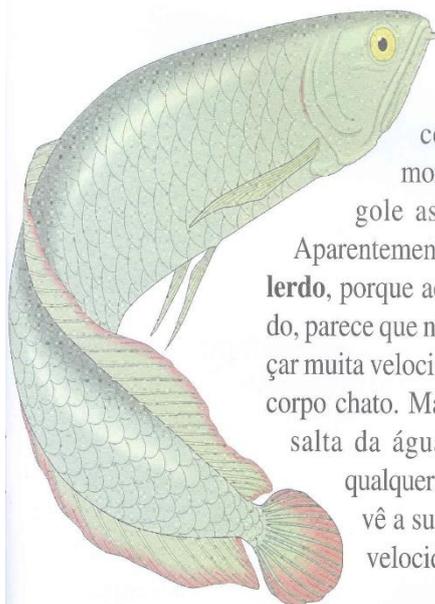


Existem muitas lendas sobre a cobra-grande, na Amazônia. Os caboclos chamam a essas cobras de Boiúna ou Boiassu. As lendas mais conhecidas são as da Cobra-Mundiada e da Cobra-Norato. Mas a que avô Lulu contou ao Michael, não era lenda, era uma história verdadeira. Trata-se da maior cobra que existe nas águas do rio Amazonas, a Sucuri ou Sucuriju. Essas são mais da água do que do mato. E chegam atingir muitos metros de tamanho e têm nos olhos, uma enorme força magnética, com a qual atraem as suas vítimas.





O aruanã, é um peixe da Amazônia. Ele geralmente vive nos igarapés. É muito grande, comparado com as sardinhas e os jaraquis. Tem o corpo chato e comprido e uma boca enorme para a sua

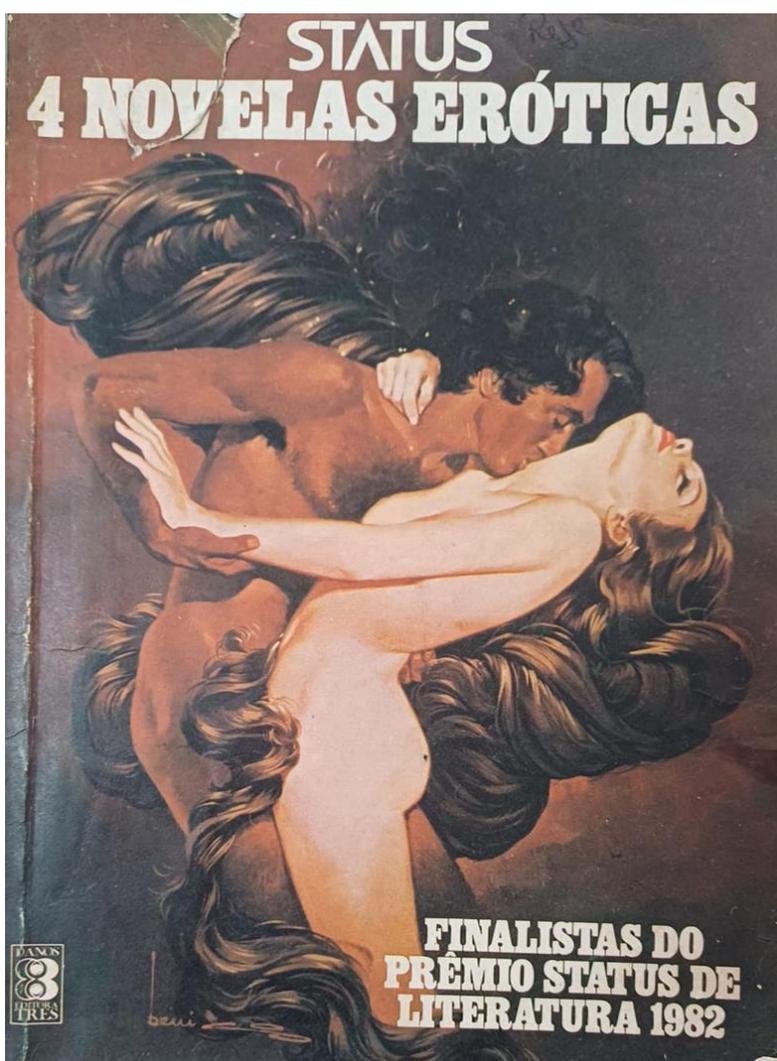


para a sua cabeça e o resto do seu corpo. Ele não morde, apenas engole as suas presas.

Aparentemente, é um peixe **lerdo**, porque ao vê-lo nadando, parece que não pode alcançar muita velocidade nesse seu corpo chato. Mas, quando ele salta da água para comer qualquer coisa, aí que se vê a sua força e a sua velocidade.

## Literatura erótica

Pouca gente sabe, mas Benedicto Monteiro está entre os vencedores do Prêmio Status de Literatura, versão 1982, e devido a isto, o alenquerense figurou ao lado de outros escritores laureados: Amílcar Neves, Marco Antonio de Menezes e Geraldo Lopes de Magalhães. A revista Sentidos da Cultura traz aqui a capa da publicação que correu os países de língua portuguesa nos anos 80.



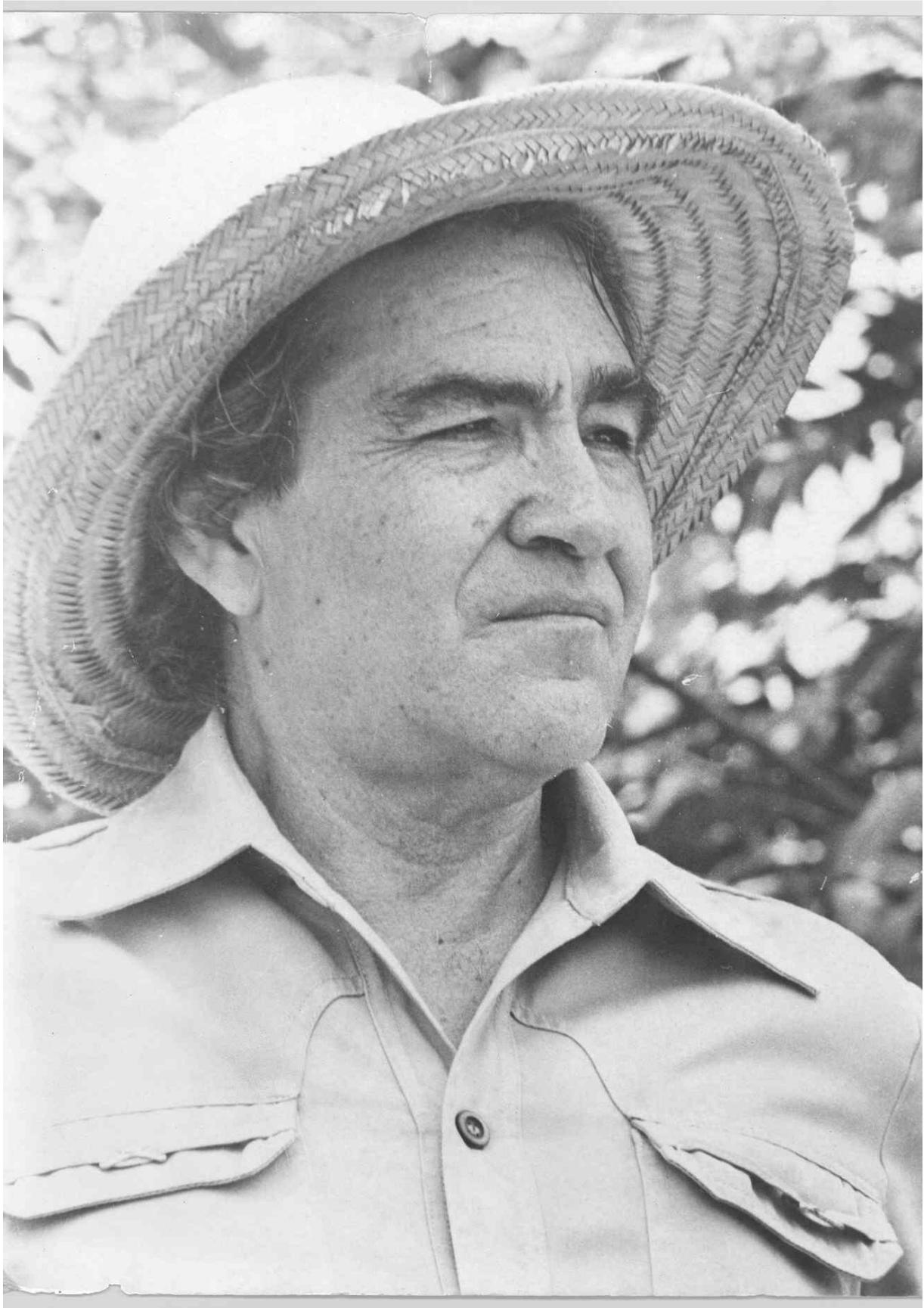
## **Narrativas fotográficas**

Todas as imagens desta seção foram gentilmente cedidas pela família Monteiro e fotografadas em diferentes tempos e espaços. Organizamos um álbum de fotografia, tentando organizá-lo cronologicamente. Antes destas, juntamos fotos individuais do escritor em diferentes épocas em close, perfil e plano americano, com objetos de cena ou não. As demais estão apresentadas em duas partes: Família, infância e juventude e Registros da atuação política. Importa explicar que houve um grande esforço da família do Benedicto, dos editores, de amigas e outras pessoas para identificar as personagens que figuram nas fotos, todavia não foi possível. Então, pedimos aos leitores que ao identificar pessoas e locais de fotos, enviem para revista através do email:

[sentidosdacultura@gmail.com](mailto:sentidosdacultura@gmail.com)

### **Closes, perfis, planos americanos**

As imagens que se seguem foram gentilmente cedidas pela família Monteiro e fotografadas em diferentes tempos e espaços. É como se elas tivessem em um álbum de fotografia organizadas cronologicamente. Antes destas, juntamos fotos individuais do escritor em diferentes épocas em close, perfil e plano americano, com objetos de cena ou não.



Benedicto Monteiro, em visita no sul do Pará. Vestimenta característica de suas missões fundiárias.

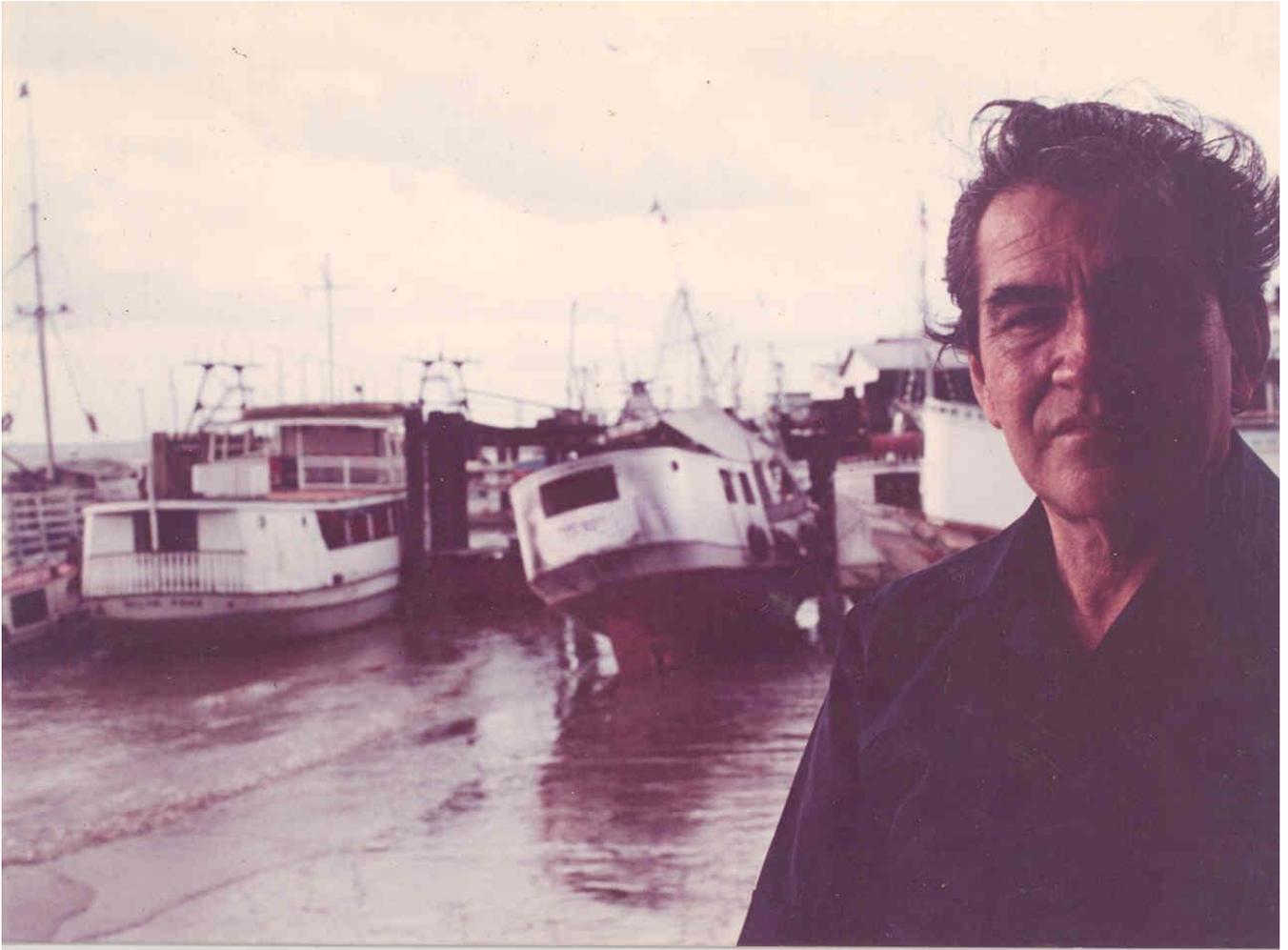
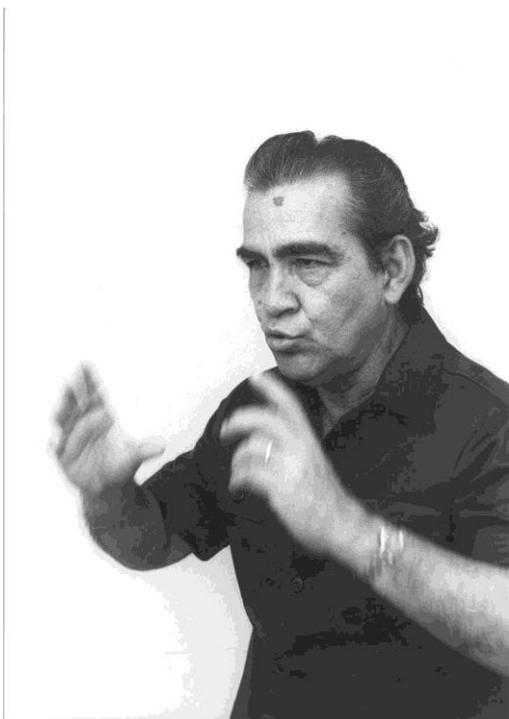


Foto: Leila Jinkings, local: Ver-o-Peso, capa da Revista Veja. A matéria indicava o romance Verde VagoMundo, como o mais vendido no país.

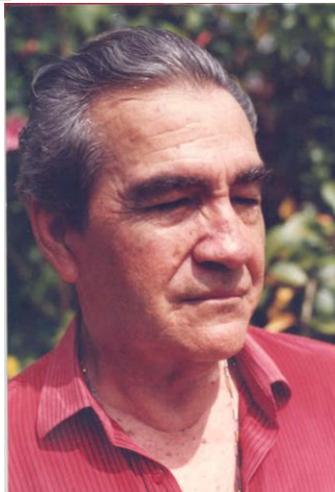
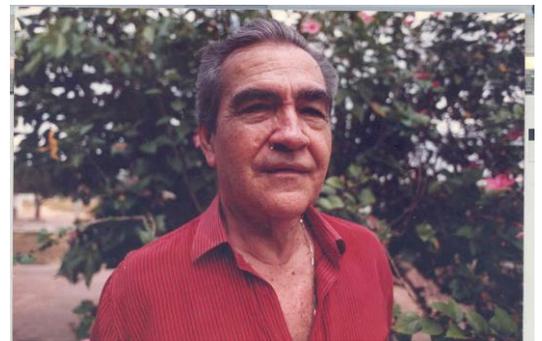
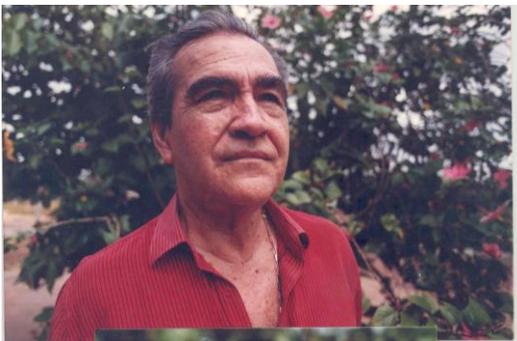
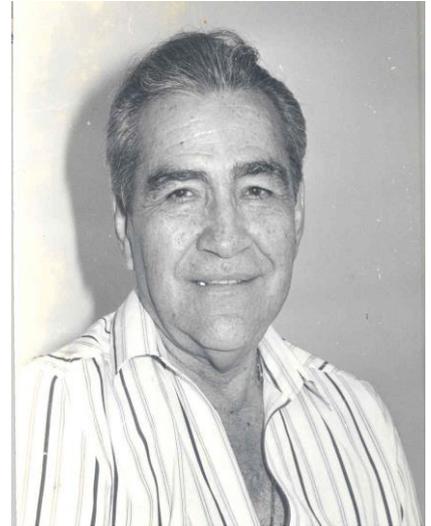
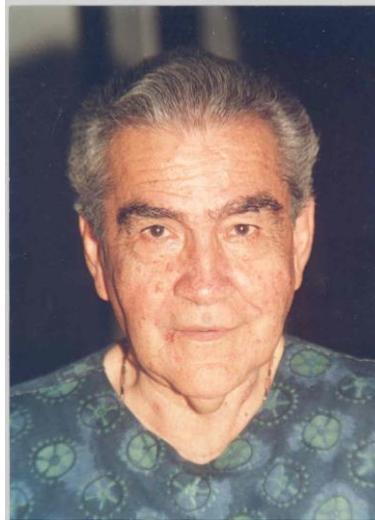


Benedicto Monteiro em discurso em defesa da terra e dos trabalhadores rurais. Como referência à temática citamos o livro do autor, *Direito agrário e processo fundiário*, 1980.



Foto: Registro da posse de Benedicto Monteiro na Academia Paraense de Letras.

As demais fotos compõem acervo familiar.



Fotos: registros feitos na casa do autor.

## Família, infância e juventude

Na cronologia, inicialmente, temos imagens de Alenquer, que intitulamos como **Família, infância e juventude**. A primeira foto é dos pais do escritor, Heribertina Batista Monteiro e Ludgero Burlamaqui Monteiro e em seguida com sua esposa, Wanda Marques Monteiro. Nas demais vemos a inserção de Benedicto na igreja, na escola, no lazer - futebol. Os registros finais desta parte são fotos da enchente de Alenquer, do ano de 1953, feitas por Fotos Gil, conforme anotações nas fotos.



Foto: Heribertina Batista Monteiro e Ludgero Burlamaqui Monteiro, pais de Benedicto Monteiro.



Foto: Benedicto Monteiro e Wanda Marques Monteiro, sua esposa. Dia da posse na Academia Paraense de Letras.



Foto: Benedicto Monteiro, em Alenquer com seu time de futebol, “Internacional”, referência à Internacional Comunista. Benedicto é autor do hino do time que também é o da cidade.



Foto: Benedicto Monteiro, Colégio Dom Amando, Santarém.



Fotos: Benedicto Monteiro, Colégio Marista, Nossa Senhora de Nazaré.



Fotos: Benedicto Monteiro e amigos, cassino da Urca, Rio de Janeiro.



Fotos: Benedicto Monteiro e amigos, Rio de Janeiro. Época de publicação do livro *Bandeira Branca*. Benedicto é expulso da casa do tio, depois que descobre que o sobrinho era comunista, nesse período, ele vai morar com Dalcídio Jurandir.



Fotos: Benedicto Monteiro e amigos, Rio de Janeiro.



Fotos: Benedicto Monteiro e Aldo Arraes, seu primo, em Alenquer.



Fotos: Foto Gil, cenas amazônicas: as cheias em Alenquer, 1953.



Fotos: Foto Gil, cenas amazônicas: as cheias em Alenquer, 1953.

## Registros da atuação política

A segunda parte da sessão são fotos que chamamos de **Registro da atuação política** também com clics feitos em diferentes tempos. Nas primeiras, antes da ditadura militar, em que são mostradas fotos sempre coletivas. Há fotos de manifestações políticas, em comícios e fotos em que Bené aparece ao lado do, então, presidente, João Goulart (Jango), no (único) período parlamentarista da República do Brasil, momento das discussões das reformas de base, que foi deposto pelo Golpe Militar de 1964, liderado pelo alto escalão do Exército e o governador do Pará, Aurélio do Carmo deposto no mesmo dia.

Em seguida, a antológica foto da prisão do Bené, nas matas de Alenquer, onde aparece algemado pela PM. Depois, temos imagens do período pós ditadura, de abertura, nestes registros aparecem não só o Benedicto tomando posse como Imortal na Academia Paraense de Letras e também como deputado federal, ao lado de importantes políticos e artistas do cenário local e nacional, como o presidente José Sarney, o governador Jader Barbalho, que na época encabeçava as mudanças no Estado, Alacid Nunes, Helio Gueiros, Almir Gabriel, Zeno Veloso, Arnaldo Jordy, Mário Cardoso, Paulo Fonteles, (brutalmente assassinado por defender os movimentos do campo), Fafá de Belém, Acyr Castro, Adernirson Lage, entre muitos outros.



Foto: Congresso Nacional de Escritores, 1945, da Associação Brasileira de Escritores, ABDE, fundada em 1942.

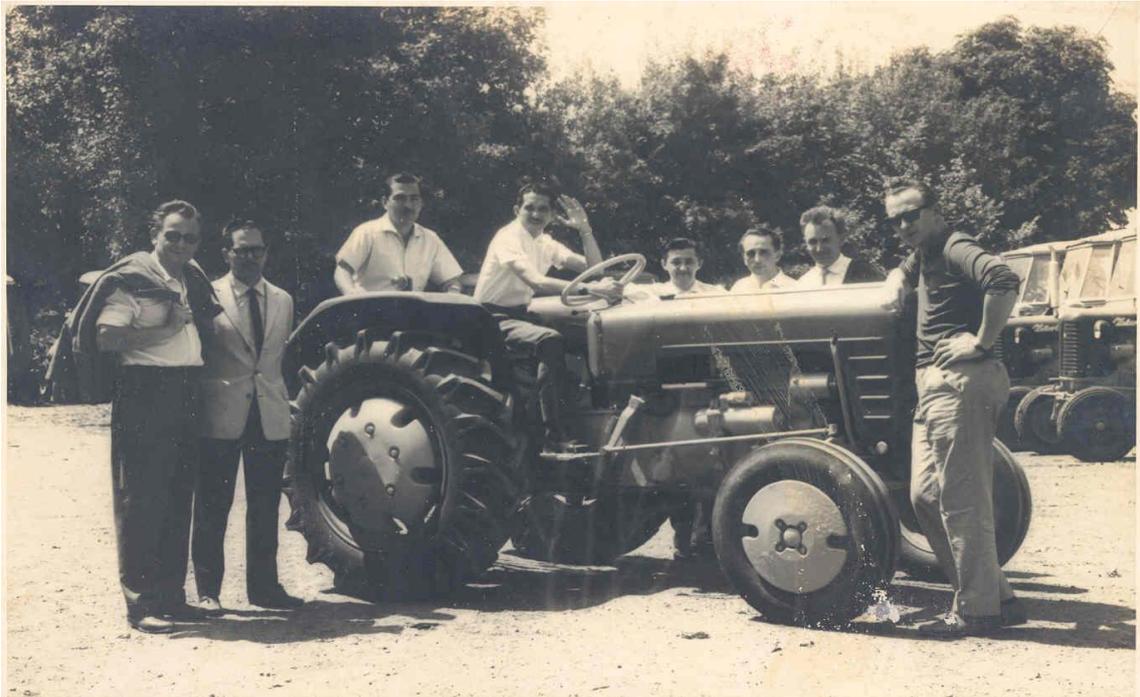


Foto: Benedicto Monteiro em missão parlamentar, antiga Tchecoslováquia. Período anterior ao golpe de 1964.

Foto: Benedicto Monteiro, apresenta Jango aos trabalhadores rurais do Pará.

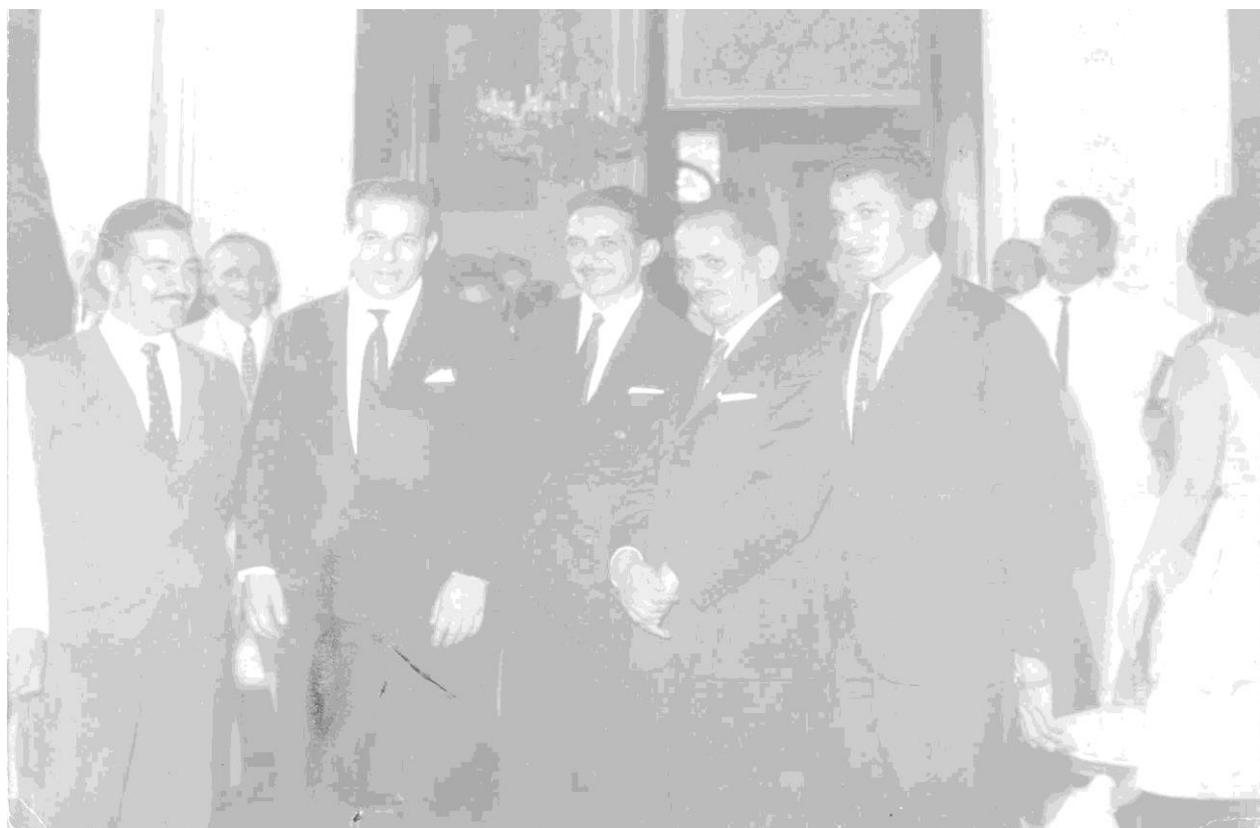
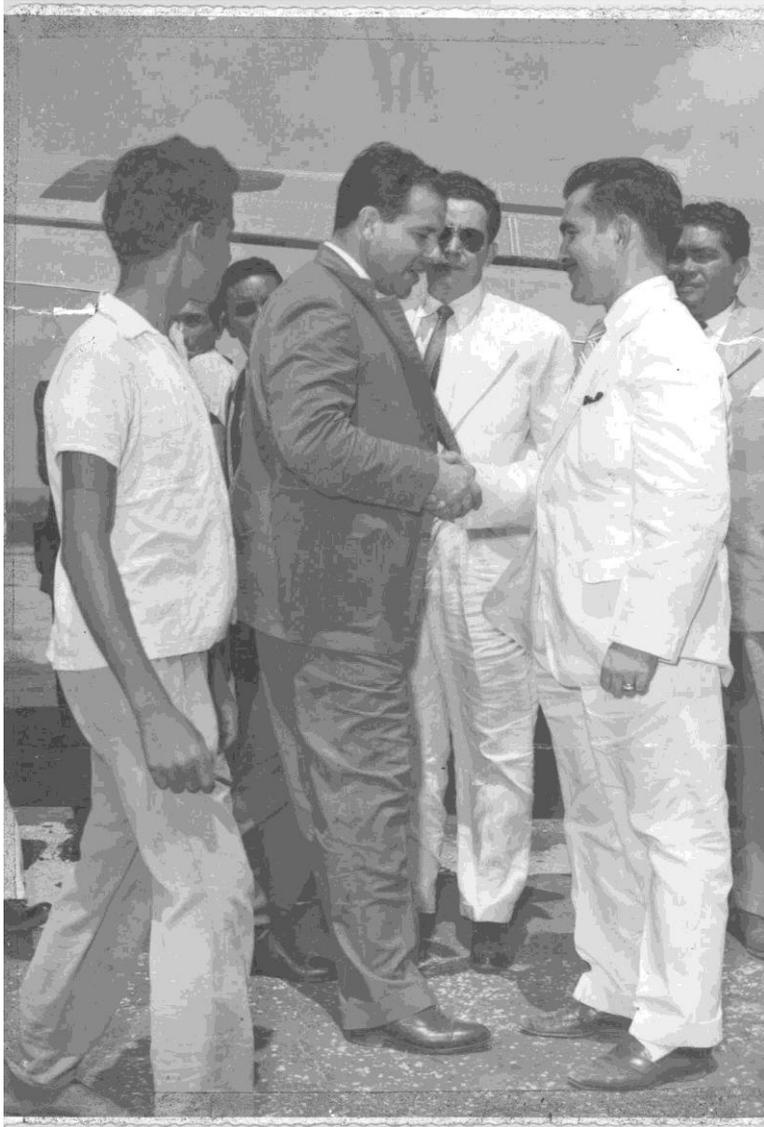


Foto: Benedicto Monteiro, Jango, Aureliano Chaves e Brizola.



Fotos: Benedicto Monteiro e Jango, Pará.





Fotos: Benedicto Monteiro como deputado estadual, em comício com trabalhadores rurais, oeste do Pará.



Foto: Benedicto Monteiro em missões políticas em defesa da terra e dos trabalhadores rurais do Pará.



Foto: Prisão de Benedicto Monteiro, 1964.

Foto: Benedicto Monteiro e Sobral Pinto, de óculos.



Foto: Benedicto Monteiro e correligionários de Jango, Palácio do Catete, Rio de Janeiro.



Foto: Benedicto Monteiro, deputado estadual em missão parlamentar, Rio de Janeiro.

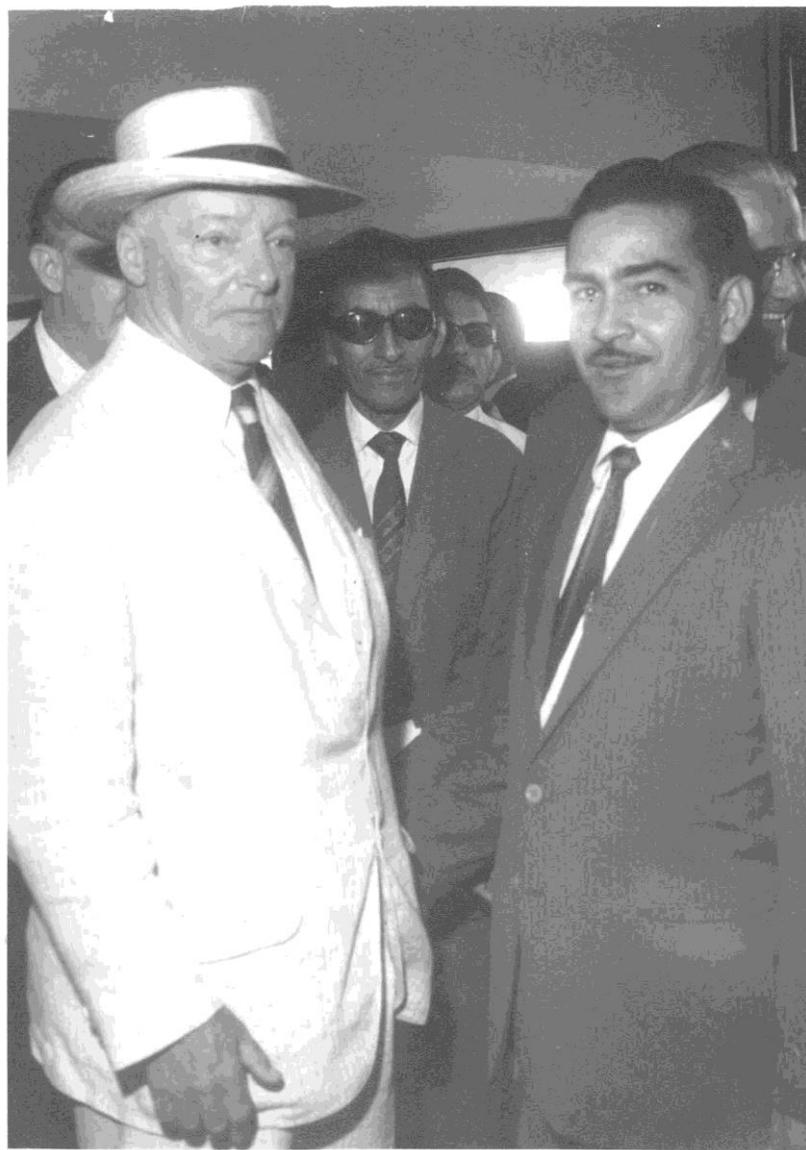


Foto: Benedicto Monteiro e Marechal Teixeira Lott., Rio de Janeiro.



Foto: Benedicto Monteiro, Dionísio Hage e Gerson Peres compõem a bancada paraense no Congresso Nacional, época da Constituinte.



Foto: Benedicto Monteiro e Alacid Nunes, entre as décadas de 70 e 80.



Foto: Benedicto Monteiro e sindicalistas em reunião com Aureliano Chaves, 1988.



Fotos: Benedicto Monteiro em comícios pela defesa da terra e dos trabalhadores rurais do Pará.



Fotos: Benedicto Monteiro em comícios pela defesa da terra e dos trabalhadores rurais do Pará.



Foto: Benedicto Monteiro, Jader Barbalho e Domingos Juvenil na assinatura do documento de criação da Procuradoria Geral do Estado.



Foto: Benedicto Monteiro e Paulo Fonteles, militantes pela luta fundiária.

Foto: Benedicto Monteiro e Hélio Gueiros, confrades na Academia Paraense de Letras.



Foto: Benedicto Monteiro, Acyr Castro e Platilha, assessor de Bené.



Foto: Benedicto Monteiro na criação da Defensoria Pública do Estado do Pará, 1983.



Fotos: Benedicto Monteiro na criação da Defensoria Pública do Estado do Pará, 1983.

Foto: Benedicto Monteiro e Zeno Veloso, lançamento de livro.



Foto: Benedicto Monteiro e Almir Gabriel.

Foto: Arnaldo Jordy, Marcelo Freitas e Benedicto Monteiro, homenageado na Assembleia.



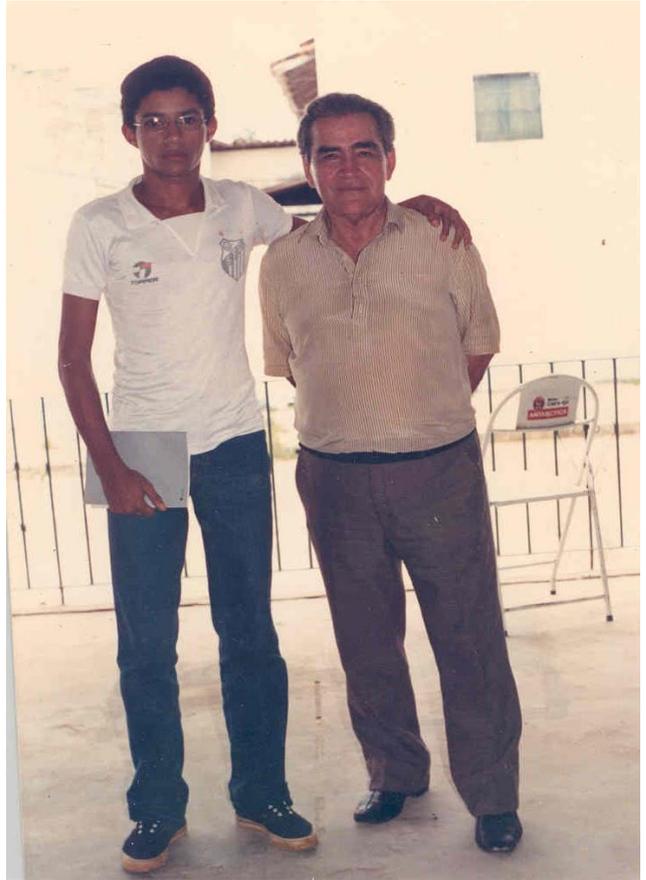
Foto: Júlia Rosa, na época vereadora de Marabá, Benedicto Monteiro e o esposo da vereadora.



Foto: Benedicto Monteiro, homenageado. Presenças de João Augusto Oliveira (foi dep. Estadual e prefeito de Oriximiná), Mário Cardoso e Acyr Castro.



Foto: Benedicto Monteiro em seu primeiro mandato como deputado federal e José Sarney, Presidente da República, 1985.



Fotos de participação em eventos de educação e cultura.

**ALGUMAS PRODUÇÕES JORNALÍSTICAS  
DO E SOBRE O AUTOR**

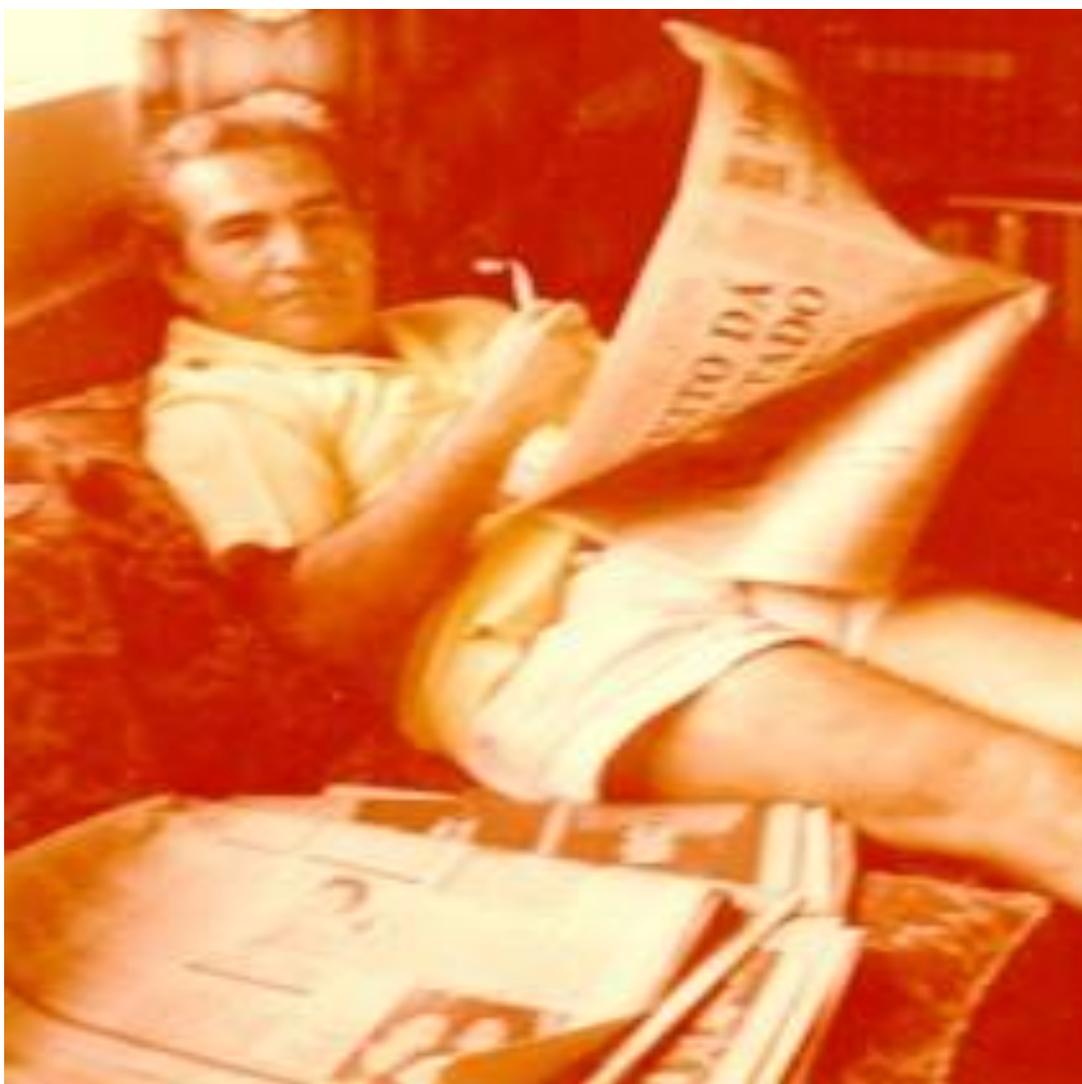


Foto: Benedicto Monteiro aos 50 anos, retorno aos jornais.

Do autor

A Província do Pará

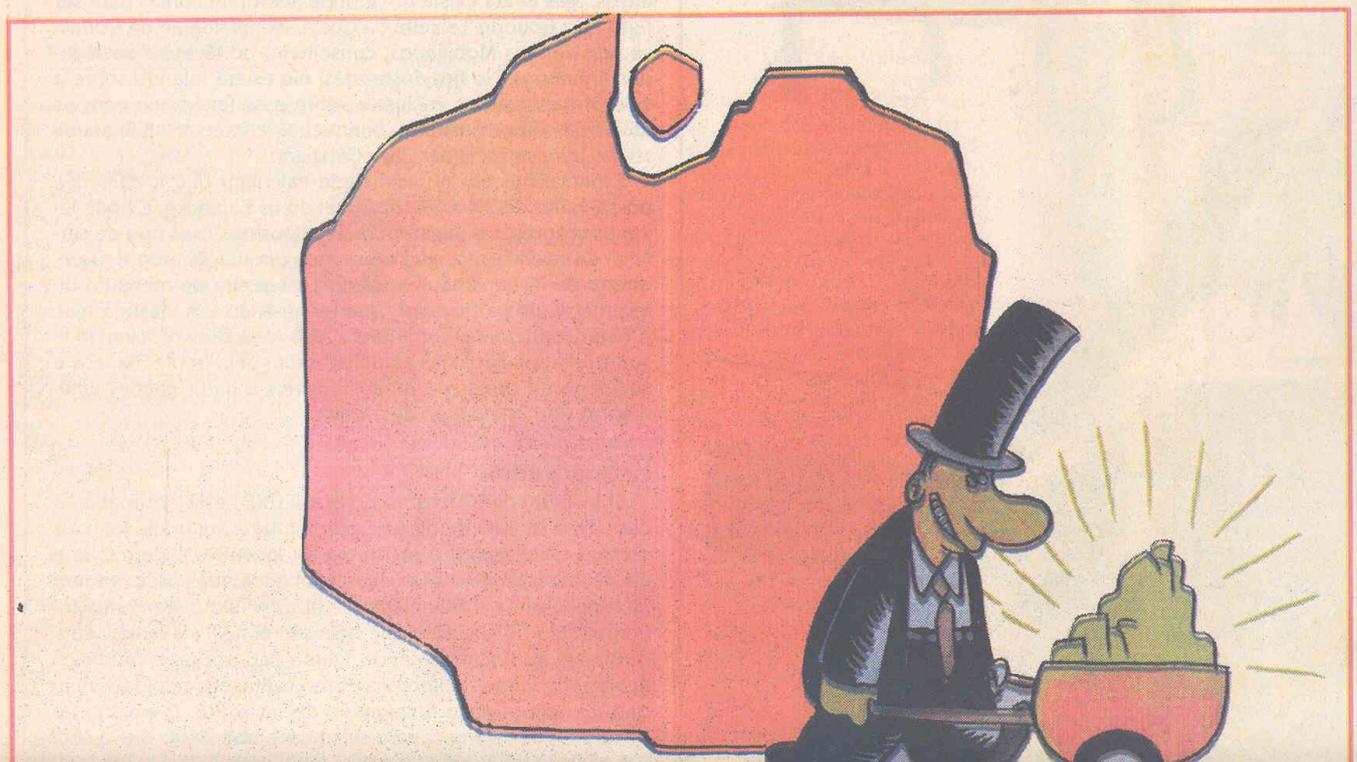


**Parlatório**

**BENEDICTO MONTEIRO**

*De circunlóquios nada sei,  
O caso conto como o caso foi,  
Na minha frase de constante lei  
O patife é patife, o boi é boi.  
(Batista Campos)*

# Belém, a cidade sem sentido



## O lugar de fazer buraco

O caboco pensador pede que eu diga ao governador Almir Gabriel, que não se preocupe com os buracos que a Vale do Rio Doce deixaria no solo do Pará. Basta ele se lembrar do Amapá, que era nosso território e que tinha uma montanha de manganês para explorar. Como era na época de uma ditadura, decretaram logo um território federal. Chamaram um coronel do Exército, arrumaram um empresário brasileiro testa-de-ferro, construíram um porto moderno e exportaram em 30 anos, todo o minério que havia na montanha e no subsolo que era paraense. Deixando apenas o buraco no solo do Estado do Amapá. O nosso Estado, que era o dono do solo, não recebeu nem agradecimento pelas terras e nem indenização

pelo minério explorado.

Da mesma forma, ele quer que eu avise o governador, que não é impossível eles transferirem as minas para os seus quintais, conforme declarou à imprensa. Podem sim, governador, eles já fizeram isso embaixo dos nossos olhos. E foi lá mesmo no Amapá. Derrubaram uma montanha e cavaram um imenso buraco em apenas 30 anos. Só que, naquela época, nós estávamos sob uma ditadura. E mesmo assim, eles tiveram que decretar um Território Federal. Agora, como nós estamos numa democracia, a conversa é outra. Mas já está iniciada. Vão fazer o Estado de Carajás. E aí, o senhor não precisa ficar vexado. Os buracos, os imensos buracos, não vão ficar no Pará, vão ficar mesmo no Estado de Carajás.

Um tal senhor Juarez Saliba Avelar, superintendente das Minas de Carajás, hoje de propriedade da Companhia Vale do Rio Doce, disse em entrevista à imprensa, que Belém não faz o menor sentido. Não é um idéia nova. Muitos empresários do sul e do centro-sul do Brasil, que vieram aqui atrás do dinheiro público da Spvea, (hoje Sudam) e do Basa, pensaram assim, agiram assim, embora não tenham tido a desfaçatez de proclamar essa idéia perversa numa entrevista à imprensa. Receberam o dinheiro, gastaram um pouco em obras de fachada e levaram a maior parte da grana para os seus Estados.

Essa prática vem de longe. Se se fizesse o inventário dos projetos fraudados e fracassados financiados pela Sudam e pelo Basa, a quantia de dinheiro público roubado da Amazônia, alcançaria cifras astronômicas. Aliás, nem precisa vasculhar os arquivos desses órgãos. Basta ver a área marginal de Belém, a margem da estrada que liga Belém a Icoaraci, o Distrito Industrial e as áreas cercadas de Ananindeua, para se ter

uma vaga idéia do desperdício do dinheiro público. Isso sem falar nas milhares de fazendas e serrarias que se espalharam por todo o território do Pará.

Os políticos e os empresários de fora, parece que já estão acostumados, nesse particular, com a negligência e a omissão das lideranças e dos governantes paraenses. Alguns analistas acham, que as pessoas daqui, que ocupam eventualmente cargos nos governos ou nas corporações, têm se contentado com as comissões que recebem para viabilizar os recebimentos, sem se importar com a execução dos projetos. E sendo assim, eles recebem o dinheiro, gastam um pouco aqui ludibriando a fiscalização, quando tem, e se mandam para o Rio, São Paulo, Curitiba, Brasília e até para Miami.

Mas nunca tiveram a caradepau de dizer nas nossas fuças, que Belém, que lhe serviu de apoio, que lhe deu toda hospitalidade, é uma cidade sem o menor sentido. Esse tecnoburocrata que disse isso, está cuspidno no prato que está comendo e ainda vai comer, ajudado pelos capitais internacionais, que são os mais beneficiados com as privatizações.



## Parlatório

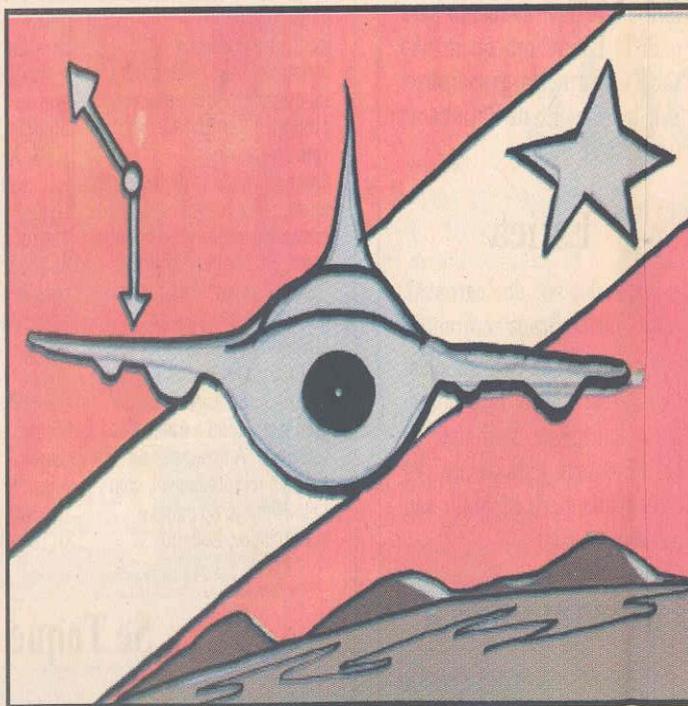
**BENEDICTO MONTEIRO**

*De circunlóquios nada sei,  
O caso conto como o caso foi,  
Na minha frase de constante lei  
O patife é patife, o boi é boi.  
(Batista Campos)*

### Mais uma vez, atrasados

Desde a declaração de independência do Brasil, do reino de Portugal, que o Pará chega atrasado. Foi preciso decorrer um ano, para que o Brasil largasse Portugal e aderisse à independência política do Brasil. Agora se dá a mesma coisa com o turismo. Vamos chegar novamente atrasados. Ninguém ignora que o Pará tem melhores condições de desenvolver o turismo, do que Manaus, São Luís e Fortaleza. No entanto, essas cidades estão mais avançadas nas condições do turismo que a nossa querida Belém.

As razões são muitas e todas dependeram e dependem do governo. Dos governos federais e estaduais que passaram. Mas, aqui em Belém, podemos constatar esse atraso em relação ao aeroporto. Quando se tratou de implantar os grandes projetos na Amazônia, as bases geográficas e econômicas estavam no Pará. As sedes do BASA e da SUDAM ainda estão aqui. Os financiamentos todos passaram por aqui.



Construíram-se sedes para os bancos, para as empresas, para a Sudam e até para hotel cinco estrelas, mas o dinheiro escapuliu das nossas mãos.

Quanto ao porto e o aeroporto, haviam promessa de dragagens na baía e, no aeroporto, a de ampliação de nossa estação de passagei-

ros. Parece que há quinze anos se fala nisso. Nesses quinze anos, Manaus foi privilegiada com o seu grande e moderno aeroporto por causa da zona franca. E construíram-se hotéis cinco estrelas e até pousadas na 'selva para servir ao turismo. Como lá não tem uma baía, abriram-se janelas para o rio.

Agora leio nas revistas nacionais, que estão sendo inaugurados os complexos aeroportuários internacionais de São Luís e Fortaleza. Os que assinam em baixo, são os governos do Maranhão e do Ceará, o Banco do Nordeste, a Embratur, o Infraero, o Ministério da Aeronáutica, o Ministério do Planejamento e o Brasil em Ação, todos do Governo Federal. Como não podia deixar de ser a ajuda do BID, Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Esses dois complexos aeroportuários internacionais de São Luís e Fortaleza não estavam nem pensados, quando se cogitou da ampliação do aeroporto de Belém, mas segun-

do a propaganda dos governos interessados, eles foram feitos para o desenvolvimento da indústria do turismo, que vai criar empregos e mais renda para essas capitais.

Quanto ao Pará e Belém, chegamos mais uma vez atrasados. Em relação a São Luís, Fortaleza e Manaus.

## OPINIÃO

**Os sem-terra e os sem teto**

BENEDICTO MONTEIRO

Minha mulher e os meus filhos não gostam que eu relembre os idos de 1964 quando eu fui cassado, preso, processado e marginalizado porque usava duas palavras-de-ordem sobre a reforma agrária. Naquela época eu já reclamava terra para quem nela trabalha e dizia que se a reforma agrária não fosse feita na lei, ela seria feita na marra. Durou mais de uma geração para que essa advertência se cumprisse. Pena que ela esteja se cumprindo justamente num governo do Partido Social da Democracia Brasileira, o PSDB.

Na verdade, durante todo esse tempo aqueles que falam sobre reforma agrária confundem essa profunda reforma social com a simples colonização. E, o que é pior, com um simples assentamento de trabalhadores em terras de conflitos. É absolutamente impossível pensar-se em reforma agrária com o tipo de educação que temos com o estado calamitoso em que se encontra quase todo o nosso sistema viário. Isto sem levar em conta a falta absoluta de uma política agrícola que atende os pequenos lavradores. Confesso que não sei o que aconteceu com os milhares de sindicatos rurais que tínhamos no Brasil inteiro e com suas federações que chegaram a ter sede em todos os Estados e em Brasília. Não tenho lido nos jornais notícias sobre suas atividades em prol da reforma agrária. E, diferentemente da CUT, da CGT e da Força Sindical, seus nomes não aparecem nos noticiários da imprensa nacional.

Mas, o pior para nós daqui do Pará, é que essa falta de reforma agrária gerou entre nós, aqui no Norte, outros sem mais coisas, sem outras coisas mais. Como os sem-pão vivendo com outros alimentos naturais da nossa terra, os sem-emprego que se espalham pelas ruas das cidades à procura de biscates e os sem-ouro perambulando de mina em mina por este nosso imenso território da Amazônia. Bem, os sem-teto, esses já fizeram de Belém a capital das invasões. E se entocam nos terrenos, nos conjuntos habitacionais e até nos edifícios, sempre ameaçados de despejo pela polícia e pela justiça.

Os milhões de trabalhadores rurais que precisam de terra, de trabalho crescem a cada dia. E parece que não encontrando abrigo nos seus sindicatos formaram o movi-

mento dos sem-terra, o MST, que já ganhou a sua identidade na base da luta campal. Não pensem os desavisados que os trabalhadores e os lavradores sem-terra, estão todos no MST. O MST é apenas a vanguarda, os mais organizados, os mais aguerridos, os mais corajosos que resolveram não mais esperar. Estão alertando a Nação para esta outra verdade do Real. A outra face da moeda, dessa moeda "forte" que tanto compraz equipe econômica e o próprio Presidente da República. Estou dizendo que essa estabilidade que garante as fortunas dos banqueiros e a intocabilidade dos bancos não dá terra a quem nela trabalha, não dá pão a quem tem fome e que o simples assentamento que o governo pretende fazer não é e nunca será uma reforma agrária.

Quanto aos sem-teto, que em Belém somam milhares de milhares em sua grande maioria, são também os expulsos de campo, pela falta de reforma agrária. Uma categoria de gente que nasceu com essa modernização que urbanizou o mundo. Enquanto não arrumam emprego, eles tentam se agasalhar entre os excluídos. Mas formam áreas de explosão em plena área urbana de facilíssima combustão.

Lembro-me de muitas lutas que travamos nesses longos anos, nelas morreram Gabriel Pimenta, Paulo Fonteles e João Batista porque eram advogados dos sem-terra e eu, eu escapei por milagre. Talvez porque tenha uma irmã freira carmelita descalça, Irmã Maria Inez, que inclui todos os dias o meu nome nas suas orações. Mas, não é por isso que eu vá deixar de expressar a minha revolta, a minha indignação e a minha comoção diante desse massacre praticado em Eldorado nosso sofrido Pará.

A nossa história está cheia de visionários que morrerá em busca de ouro, diamantes e esmeraldas. Mas também está cheia dos que morreram em busca da justiça social. Infelizmente eu clamei e clamei há trinta anos, que se não fizessem a reforma agrária na lei, ela seria feita na marra. Está aí o massacre dos sem-terra significativamente feito nas terras de um município que, miseravelmente, se chama Eldorado. Só espero que no fim, essa luta não seja como a Cabanagem, uma revolução perdida para o povo paraense, que pagou com o genocídio, o idealismo e o heroísmo de 40 nativos que morreram pela liberdade.

## O meu grande equívoco

Benedicto Monteiro

O fato de eu ser escritor me permite uma grande e isenta aproximação com o ser humano. Conheço relativamente as pessoas com quem tenho relações e as pessoas envolvidas na política e na vida pública. Não tenho ilusões sobre elas. Tenho convivido ao longo de toda a minha vida, com essas pessoas, com as quais reparto, troco, confronto e tolero as nossas virtudes e defeitos. Creio que, em toda a minha vida, vivi assim, andando numa corda bamba entre o ideal e a realidade. Hoje, reconheço, que voei mais na ilusão do ideal do que andei no equilíbrio da corda bamba da realidade. Não guardo mágoas nem ressentimentos dessa minha vida. Mas não posso deixar de constatar que cometi um grande equívoco.

Olhem que, por nunca ter me transformado, em relação ao poder e ao dinheiro, como faz a maioria dos seres humanos, eu já tinha na minha vida idealista, esse sentimento e essa certeza de que o poder e o dinheiro tudo transformam. Vi mesmo, com os meus próprios olhos, parentes, clientes e pessoas amigas se transformarem, do dia para noite, só com o toque do dinheiro ou com a subida dos degraus do poder. A transformação brusca dessas pessoas é inenarrável. É realmente assombrosa. Não devia portanto, ter mais qualquer dúvida em relação a essa fraqueza da personalidade. E é justo declarar que eu sempre dava esses descontos quando avaliava a sinceridade e a gratidão nas minhas amizades.

Raciocinando sob esse prisma, tinha que adotar, com os companheiros, parentes e amigos, esse terrível critério da relatividade. Só seriam companheiros, parentes e amigos até o confronto, quando tivessem de decidir entre o poder, o dinheiro e a amizade. Essa seria sempre a dura e cruel realidade. Todos os sentimentos de respeito, consideração e amizade estariam sujeitos a essa questão do poder e do dinheiro. Aliás, o povo é muito sábio quando diz que, quando a miséria entra pela porta, a honra sai pela janela. Infelizmente, até o amor, o amor de irmão, o amor filial, o amor sexual, está sujeito às variações dessa cruel realidade.

O que me mantinha voando na ilusão do ideal e andando na corda bamba da realidade era um sentimento de que a ética e a moral estruturadas sob os princípios do nosso sistema jurídico, ainda eram a principal inspiração da nossa sociedade. Mesmo avaliando as criaturas sob essa ótica da influência do poder e do dinheiro, eu achava que certos padrões de ética e de moral não poderiam ser ultrapassados, sem que a sociedade punisse exemplarmente todo aquele que exagerasse na corrupção, na deslealdade e na fraude.

Esse foi o meu grande equívoco. Porque não acompanhei o crescimento populacional vertiginoso do nosso povo. Mal pude compreender que a estrutura educacional urbana e rural na qual vive a nossa sociedade, não tinha e nem tem condições de fornecer aos indivíduos, uma consciência moral e ética que influísse nas decisões coletivas. Desde as eleições diretas e gerais para a escolha dos representantes e governantes, até os colegiados culturais, judiciais administrativos. A crise no nosso ensino básico, passando pelos colégios e chegando até às universidades, agrava essa deficiência e ineficiência que contaminam não só todos os colegiados oficiais e oficiosos, como até mesmo e principalmente a nossa incipiente e nascente formação comunitária.

Entre quase todas as decisões coletivas, se joga sempre a suspeita de que houve a influência do poder e do dinheiro. E são raras, raríssimas as autoridades que escapam às falhas, nesse sentido, de seus funcionários e auxiliares. Infelizmente, é essa realidade de que conturba quase todas as espécies de idealismo. Esses fatos, esses atos, essas pessoas e essas coisas, aparecem à nossa vista quase a todas as horas. E não vemos nos aparelhos de Estado, na influência das religiões, nos organismos da sociedade nenhum remédio imediato para corrigir ao menos os que exageram na prática do crime justamente contra a patrimônio da Pátria, o patrimônio do Estado e, principalmente, o patrimônio do Município. Esse exemplo maior da impunidade nacional é que impede a organização da sociedade e retarda a retomada de uma nítida consciência do bem comum e do bem público.

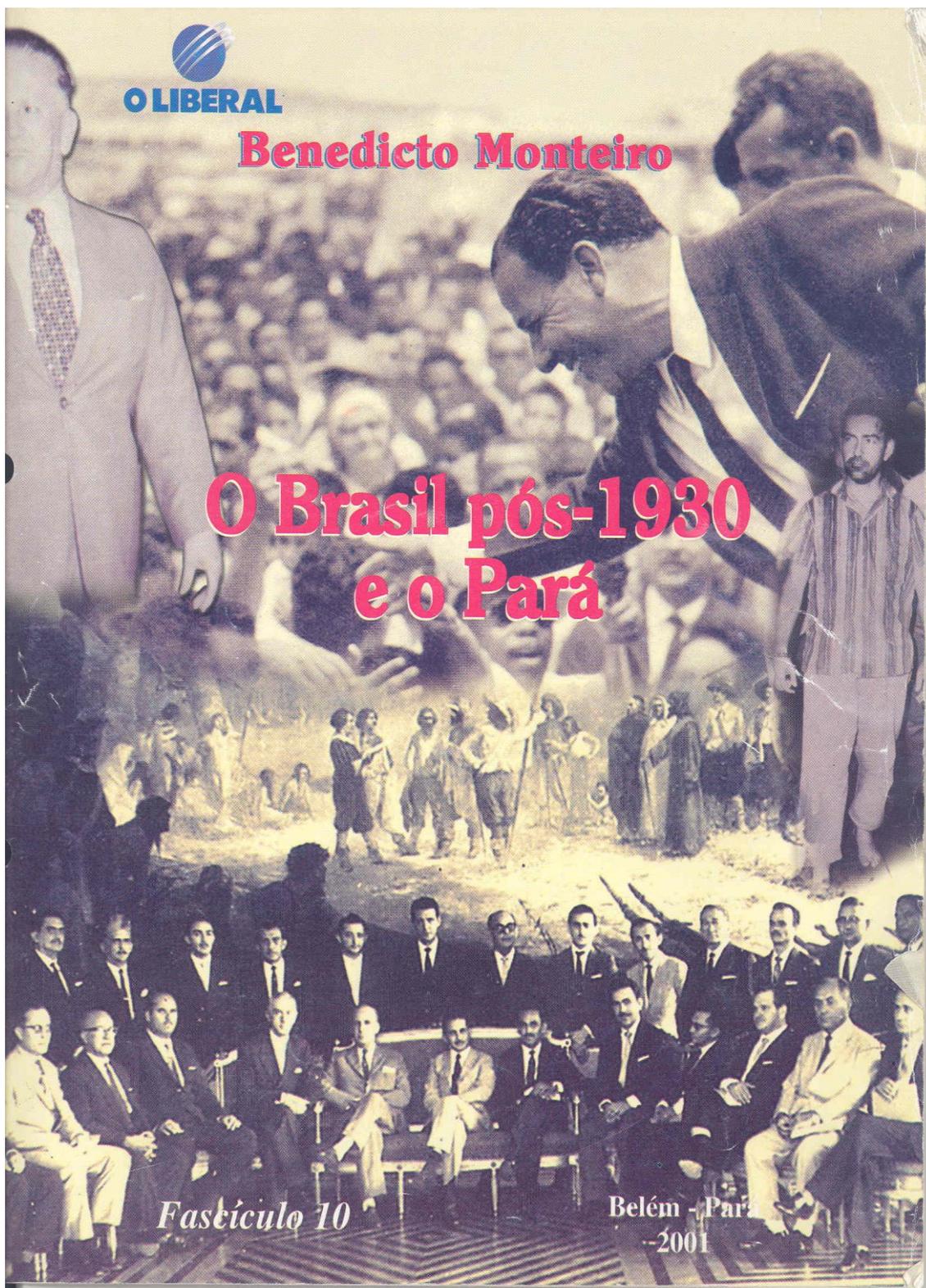
Agora, os meus amigos e correligionários que resolveram comandar a minha campanha de candidato a deputado federal, descobriram que o meu nome político deve ser BENE. Dizem eles, que é uma questão de Marketing. São quatro letras de simples divulgação e compreensão para o leitor. Ajuda na nova linguagem matemática e torna a propaganda mais fácil, mais barata e mais veloz. Estamos na era da velocidade.

Sei de tudo isso, mas, nesse afã de conquistar o eleitor da mass-mídia, eu não quero esquecer o meu nome jornalístico e literário. Foi com o Benedicto Monteiro que enfrentei a lavagem cerebral, os interrogatórios de madrugada. Enfrentei nos porões das prisões militares, as acusações caluniosas, as torturas psicológicas, as prisões e a marginalização da sociedade. Foi com esse nome que emergi da grande noite autoritária, que sepultou inúmeros valores regionais e nacionais a pretexto de combater a subversão de 1964.

Benedicto Monteiro foi o nome que adotei para escrever o Verde Vagomundo, O Minossauo, A Terceira Margem, Aquele Um e O Carro dos Milagres, que serviu de leitura obrigatória para vestibulares da Universidade e tem servido para toda a espécie de trabalhos dos estudantes do Pará. Também foi com este nome que escrevi o meu livro de Direito Agrário e Processo Fundiário, já adotado por várias Universidades do Brasil. Foi com este nome que eu me elegi Deputado Federal Constituinte em 1986. E é com este nome que lanço o meu livro Transtempo, minha autobiografia romanceada da era da velocidade.

Se puder, quero que os meus amigos e eleitores votem no BENE, por ser mais fácil de ler, de escrever e de pronunciar. Por ser mais íntimo, mais carinhoso, mais amigo. Mas, por favor, não esqueçam de ligar esse apelido ao meu nome verdadeiro, que traz a lembrança da minha mãe e do meu pai. O nome com o qual reconstruí a minha vida política e literária, enfrentei o Tribunal Militar e fui absolvido de todas as falsas acusações que fizeram contra mim. A Justiça Militar embora seja castrense, é uma justiça digna que, no auge da repressão ideológica a partir de 1964, garantiu a liberdade e a dignidade de muitos brasileiros.

Eu sou o BENE, mas sou também o Benedicto Wilfredo e o Benedicto Monteiro. Como se diz nos bilhetes protocolares: ficarei muito grato pelo voto dos meus leitores e eleitores.



<sup>48</sup> MONTEIRO, Benedicto. **História do Pará**, fascículo 10. Editora: Amazônia, Belém-Pa, 2001.

## 12 - A CONSTRUÇÃO DO MITO PARAENSE

**E**m fevereiro de 1943, pelas mãos do próprio Getúlio Vargas, Barata voltava ao poder no Pará. Alguns analistas atribuem essa nomeação à necessidade que Getúlio tinha de um homem forte no Norte, por causa da II Guerra Mundial e em virtude da Guiana Francesa estar ocupada pelos alemães. Ao chegar em Belém, Barata recebeu uma das maiores consagrações populares já tributadas a um homem público no Estado. Voltou pregando a paz, mas realizando a mesma política populista de antes, visitando sistematicamente o interior e cobrando dos seus prefeitos a melhor e maior assistência às populações pobres.

Apesar do longo período de Malcher no poder como governador e interventor (oito anos), o prestígio de Barata continuava o mesmo. Não só pelo seu carisma pessoal, mas também pela sua participação revolucionária e pela sua atuação nas administrações passadas. Como revolucionário na região do Baixo e Médio- Amazonas, ele tinha se tornado uma lenda de coragem e heroísmo. Como administrador, ele adquiriu a fama de homem justo que sempre ficava ao lado dos mais fracos e dos mais pobres. Tal era o seu comportamento como governante, que a elite de Belém tornou-se logo a sua principal adversária.



Barata tinha muitos aliados e adversários. Porém, quando do seu último governo, já eleito democraticamente, promoveu reunião com opositores como Catete Pinheiro, Benedicto Monteiro, Geraldo Palmeira e Stelio Maroja, que estão na foto.

### Texto complementar

## Medidas administrativas de Barata

A reforma do magistério e da magistratura atingiu muitas pessoas que se sentiram prejudicadas e que, em virtude do caráter autoritário do governo revolucionário, não tiveram para quem apelar. O rigor do fisco contra os grandes comerciantes provocou os maiores conflitos com as classes conservadoras. E, evidentemente, as violências, pratica-

das nessas circunstâncias, armaram contra ele uma ferrenha oposição, principalmente na capital.

Entretanto, foram as medidas administrativas tomadas por Barata que alicerçaram o seu prestígio e a sua popularidade junto ao povo do Pará. Entre tantas, as principais foram:

## 14 - GOVERNOS SEM TUTELA DA UNIÃO



Apesar de o Brasil ser uma República Federativa, são raros os governadores do Pará e prefeitos de Belém que exerceram seus mandatos sem a tutela dos governos federais. Talvez só mesmo os governos cabanos, na época da Regência, e os governos da República com Paes de Carvalho, Augusto Montenegro e Antônio Lemos, em virtude da boa situação econômica financeira decorrente da exportação da borracha. Depois da Revolução de 1930, só Zacharias de Assumpção e Magalhães Barata governaram sem a influência do poder central.

O presidente João Goulart pretendia fazer reformas de base, para começar um projeto de desenvolvimento mais justo para o Brasil. Com ele, inaugurava-se também uma nova perspectiva social para o Estado do Pará, incluindo a reforma agrária séria e profunda. Com o golpe de 1964, entretanto, o Pará ficou mais do que nunca tutelado pela União e as reformas de base foram esquecidas.

Arquivo Benedicto Monteiro



## 15 - O PARLAMENTO E O PRESIDENCIALISMO



A renúncia do presidente Jânio Quadros, até hoje inexplicada, chamou à sucessão o vice-presidente João Goulart, que se encontrava em viagem oficial à URSS e à China. Apesar da resistência à sua posse, manifestada pelos militares, houve um acordo político entre as forças que compunham o Congresso e estabeleceu-se no país um parlamentarismo híbrido, sendo Tancredo Neves o primeiro-ministro.

Porém, esse regime teve curta duração, pois o próprio presidente convocou um plebiscito

que restabeleceu o presidencialismo, devolvendo a João Goulart a plenitude dos poderes presidenciais. João Goulart lançou, então, a campanha para as reformas de base, que compreendiam as reformas agrária, tributária, bancária, administrativa e educacional.

Além disso, João Goulart decretou a regulamentação da lei que controlava a remessa de lucros das empresas estrangeiras para o exterior, promulgou o Estatuto do Trabalhador Rural, mandou fiscalizar com rigor a contabilidade das empresas multinacionais e ratificou a nacionalização de duas empresas americanas feita por Leonel Brizola, no Rio Grande do Sul.

Serviram de pretexto para a deposição de João Goulart várias manifestações populares, envolvendo sargentos, soldados e marinheiros, no Rio de Janeiro, que foram tidas como quebra da hierarquia militar. Mas, na realidade, sabe-se hoje através de estudos documentados, que já havia no país todo um processo de reação à forma populista e anti-americana com que João Goulart estava governando e pretendia continuar.

Arquivo Benedicto Monteiro



João Goulart, presidente do Brasil, e Benedicto Monteiro, secretário de Estado no governo Aurélio do Carmo.

## 16 - O GOLPE DOS MILITARES

**T**odas as organizações, tanto da direita como da esquerda, utilizavam os mais variados instrumentos de propaganda, como livros, jornais, revistas, teatro, cinema, pondo em debate as ideologias da sociedade.

Não era à toa que João Goulart preconizava as reformas de base para poder governar. Possivelmente, ele sabia que sem essas reformas estruturais, o crescimento econômico, via aceleração industrial, não reduziria as desigualdades sociais internas, mas determinaria sim o aumen-

to da dependência externa e agravaria a superpopulação das cidades, com as conseqüências que estamos sofrendo hoje em relação à educação, à saúde e à segurança.

Mas, com certeza, foi a campanha pelas reformas de base, o decreto de encampação das refinarias de petróleo particulares e as medidas tomadas contra as multinacionais que deflagraram o golpe militar de 1964, que se autodenominou de revolução, com apoio da Igreja Católica, da maioria do Congresso e das Forças Armadas, no dia 1º de abril.

O Ato Institucional nº 1, de 9 de abril de 1964, que legitimou a Revolução (o que na verdade melhor seria dizer uma contra-revolução diante de tudo que vinha sendo feito por Goulart), anunciava no seu texto: "A revolução vitoriosa se investe no exercício do Poder Constitucional. Este se manifesta pela eleição popular ou pela revolução. Esta é a forma mais expressiva e mais radical do Poder Constituinte, se legitima por si mesma." Mais adiante: "Fica, assim, bem claro que a revolução não procura legitimar-se através do Congresso. Este é que recebe deste Ato Institucional, resultante do Poder Constituinte, inerente a todas as revoluções, a sua legitimação".

Comício pelas reformas de base em Belém. Benedicto Monteiro discursa ao lado do presidente João Goulart, governador Aurélio do Carmo e vice Newton Miranda.



Arquivo Benedicto Monteiro

## 17 - A DITADURA BUSCA LEGITIMIDADE

**E**videntemente que o expediente jurídico encontrado pelo alto comando da revolução para ferir a Constituição e estabelecer, assim, um Estado contra-revolucionário foi o Ato Institucional, que passou a vigorar acima da Constituição Federal e, portanto, acima do Estado de Direito e das leis vigentes em todo o país.

Benedicto Monteiro, deputado estadual paraense, ao lado do governador Leonel Brizola (Rio Grande do Sul) e do governador paraense Aurélio do Carmo, outros políticos que também foram retirados à força do cenário político pelo golpe de 64



Arquivo Benedicto Monteiro

A partir de 1964, os governos militares passaram a governar baseados nesses atos institucionais que foram sendo editados conforme as circunstâncias políticas exigiam. A ideologia era a da Doutrina de Segurança Nacional, inspirada nos postulados da guerra-fria, adotada oficialmente pelo Estado Maior das Forças Armadas, apoiada pela Escola Superior de Guerra e instrumentada pelo recém-criado Serviço Nacional de Informações (SNI).

Com os atos institucionais, os militares passaram a governar o país como se fosse uma grande caserna, substituindo a ação política pela estratégia militar. Nada se fazia sem a audiência do Conselho de Segurança Nacional.

A primeira providência foi desfazer-se das lideranças políticas tradicionais, como aconteceu com as cassações de Juscelino Kubistchek, Carlos Lacerda, Adhemar de Barros e Jânio Quadros.

## 18 - ELIMINANDO OS LÍDERES POPULARES



o mesmo tempo em que se desfazia das lideranças políticas com centenas de cassações de mandatos e de direitos políticos, e também fazendo milhares de prisões e processos políticos-criminais, o alto comando investia-se a si mesmo de todos os poderes constituintes assumindo o papel dos poderes Legislativo e Judiciário que ficaram, por sua vez, proibidos de opinar.

E através dos atos institucionais, das emendas constitucionais, das leis e dos decretos, os militares tomaram muitas decisões: extinguíram os partidos políticos, cassaram e prorrogaram mandatos, mudaram as leis eleitorais, estabeleceram eleições indiretas para governos estaduais e prefeitos das ca-



Arquivo Benedito Monteiro

No Pará, muitas lideranças políticas, entusiasmadas com as reformas de base, engrossaram a fila dos opositores ao novo regime de 1964

pitais, submeteram as polícias militares ao controle do Exército, demitiram funcionários estáveis de carreira, criaram Comissões Especiais de Investigação

Sumária, abriram Inquéritos Policiais Militares (IPMs), suspenderam e removeram juízes, fecharam sindicatos, proibiram greves, e censuraram a imprensa, as letras de músicas, os livros e os espetáculos suspeitos de subversão ao regime político dominante.

Arquivo Benedito Monteiro



As autoridades eleitas pelo voto popular foram perseguidas quando não aceitavam as imposições do golpe de 1964

## 21 - PERSEGUINDO A OPOSIÇÃO

**M**esmo existindo o Congresso Nacional, depois de muitas cassações de mandatos e mediante a garantia do presidente da República ao presidente da Câmara dos Deputados, Adauto Lúcio Cardoso, de que não haveria mais cassações de deputados, no dia 12 de outubro novas cassações se tomaram públicas e foram comunicadas oficialmente ao presidente da Casa por um oficial do Exército. Houve resistência por parte de Adauto Cardoso e de outros deputados, mas mesmo assim o Congresso foi fechado pelas tropas do general Meira Matos, e a situação consumada.

Encerrado o mandato do marechal Castello Branco, o general Arthur da Costa e Silva foi eleito indiretamente para presidente da República e, em 13 de dezembro de 1968, assinou o Ato Institucional Nº 5 que reforçava ainda mais o estado de exceção.



Luiz Geolás de Moura Carvalho (terno escuro, ao centro), passou o governo do Pará a Aurélio do Carmo (à sua direita).

Não contentes com todos esses instrumentos de poderes, uma junta de ministros militares que substituiu o general Costa e Silva, outorga em 17 de outubro de 1969 a Emenda Nº 1 à Constituição de 1967, que passou a ser a verdadeira Carta Magna, com as adaptações dos vários atos institucionais e complementares.

## 22 - O GOLPE MILITAR NO PARÁ

**O** golpe militar de 1964 ocorreu em pleno mandato de Aurélio do Carmo, como governador do Estado. Antes mesmo de ter o seu mandato cassado, o autor destes fascículos, como seu secretário de Estado e no exercício de seu mandato de deputado estadual, foi cassado pelos seus colegas da Assembléia Legislativa, sem direito à defesa, numa única sessão que aprovou um projeto de resolução e que foi assim mesmo publicado. Mais tarde, Benedicto Monteiro, mesmo tendo sido secretário de governo e deputado, escritor e advogado, seria preso, torturado e mantido, por

mais de sete meses, numa cela solitária na cidade de Belém.

Os deputados, àquela altura dos acontecimentos, em 1964, elegeram o coronel Jarbas Passarinho em substituição a Aurélio do Carmo, que foi cassado juntamente com o seu vice-governador Newton Miranda.

Seguiram-se a Jarbas Passarinho, no governo do Pará, os governadores Alacid Nunes, Fernando Guillon e Aloysio Chaves, que fizeram excelentes governos, do ponto de vista da competência administrativa e da moralidade. Mas todos, sem exceção, condicionaram as suas atividades políticas e administrativas às orientações que recebiam dos governos militares.

Arquivo Benedicto Monteiro



Benedicto Monteiro desembarca em Belém, preso, em 1964

## Sobre o autor

6 -- 1º Caderno -- ~~A Província do Pará~~ -- Belém -- Quarta-feira, 07 de m

Walter Pinto



# Biratan



# O (duro) ofício de escrever, segundo Benedicto Monteiro

Proseguindo a trilogia amazônica iniciada com o romance "Verde Vagomundo" ao qual se seguiu o livro de Contos "O Carro dos Milagres", Benedicto Monteiro lança, agora, o romance "O Minossauro", sob o obo-oba geral.

Recebido com entusiásticos aplausos pela crítica, "O Minossauro" configura, cristalina, o que "Verde Vagomundo" e "O Carro dos Milagres" já antecipavam: Benedicto Monteiro é uma das mais gratas revelações da literatura nacional contemporânea.

Benedicto Monteiro se colocou de vez na primeira fila dos romancistas da Amazônia e do Brasil, saudou Jorge Amado "Benedicto Monteiro é mais do que uma promessa: é a afirmação de um talento, uma força narrativa nova e vigorosa no horizonte da literatura brasileira atual", disse Léo Gilson Ribeiro.

"Ele é talvez o maior romancista desse mundo ainda não atingido pelas frentes de penetração, guiado pelos rios, marcado pelo tempo sem tempo, sem indicadores "civilizatórios", a página de Gênese ainda não escrita, na expressão de Euclides da Cunha" comentaria Lúcio Flávio Pinto.

Mas os elogios não ficam por aí. Outros críticos,

como Affonso Romano de Sant'Anna, Haroldo Bruno, Flávio Moreira da Costa, Marco Aurélio Nogueira e Benedito Nunes, também se manifestariam favoravelmente ao trabalho de Benedicto Monteiro.

"Um dos méritos do livro está no desejo de pensar grande, continentalmente. Não é a toa que o autor cita Julio Cortázar e Alejo Carpentier", comentaria Affonso Romano de Sant'Anna, na revista "Veja", se referindo a "O Minossauro".

"A transposição à estética literária do regional — e de um regional como o amazônico, que é a própria síntese inaugural da terra — constitui o tema e personagem desse escritor que transita com a mesma desenvoltura e originalidade pelo romance e pelo conto", já se antecipava Haroldo Bruno, em "O Globo".

"Com 'O Minossauro', Benedicto Monteiro não só dá continuidade à experiência de "Verde Vagomundo", como se afirma como o grande romancista atual do norte do país", reconheceria, por sua vez, Flávio Moreira da Costa, na revista "Escrita".

Não menos pródigos foram os elogios de Marco Aurélio Nogueira, também da revista "Escrita": "Temos com 'O Minossauro' um exemplo gratificante e estimulante de como se pode fazer, no Brasil de hoje,

uma literatura madura, segura e participante".

Bem mais profundo, situando o romance num plano mais filosófico, Benedito Nunes, por seu turno, não pouparia boas referências, em relação a Benedicto Monteiro: "Benedicto Monteiro escreveu o primeiro romance contextual da realidade amazônica", assegurou.

Simplez, antes de mais nada, o parense de Alenquer Benedicto Wilfredo Monteiro, advogado militante e ex-político, se não chega a ficar indiferente, também não se deixa empolgar com as perspectivas que se abrem à sua carreira literária.

Com 52 anos, "quatro filhas, um filho e um neto", Benedicto Monteiro se revela de uma lucidez encantadora, se mostrando plenamente consciente acerca do papel que, como escritor, assumiu ao se propor, como afirma, a fazer "a interpretação de uma civilização amazônica que está prestes a desaparecer".

Essa, pelo menos, é a impressão deixada a partir da entrevista que abaixo se segue, prestada por Benedicto Monteiro na véspera de sua última viagem ao Rio de Janeiro, para onde seguiu a fim de ir adiantando os preparativos de seu próximo romance, "Terceira Viagem".



Fazendo, de sua obra, uma espécie de inventário da Amazônia e, com isso, representando um contrapeso a um tipo de criação intelectualizada e, algo alienante, ele se coloca, sem dúvida, dentre as grandes expressões da literatura brasileira atual.

Entretanto, ao contrário do que possa sugerir sua condição, Benedito Monteiro está longe de corresponder à imagem do intelectual tradicional, afetado e dado a abstrações bizantinas. Por vezes, ele chega a ser de uma simplicidade comovida.

"O que você acha? É, por exemplo, a pergunta que acompanha cada uma de suas observações, independente de qual seja o interlocutor, numa evidência dessa humildade, na raiz da qual talvez esteja a sua predisposição ao questionamento.

Aliás, é provável que seja nessa abertura à crítica e à autocrítica que reside, fundamentalmente, a importância do trabalho de Benedito Monteiro, para quem escrever representa, dentre outras coisas, "uma forma de viver".

"Pra mim, escrever representa a melhor maneira de ser livre e, ao lado disso, exercer uma vocação pública", afirma Benedito, o que não chega a surpreender em se tratando de uma pessoa preocupada com o dever da modernidade.

Sobre o romance, ele tem opinião muito própria. "Na minha opinião, o romance, do ponto de vista sociológico e literário, foi uma forma de expressão artística da burguesia, e como a burguesia está cada vez mais complicada, o romance tende a ser uma forma literária muito complexa", diz.

Do seu ponto de vista, é praticamente inevitável que o romance venha se constituir numa somatória de todos os gêneros literários, dada a realidade presente. "O romance, hoje, tem que apresentar um pouco de tudo para expressar a complexidade do momento atual", conforme Benedito Monteiro.

Crítico intransigente dos que, num contexto como o nosso, fazem do romance um exercício experimental, ele enfatiza a necessidade de um trabalho comprometido. "Afinal, há todo um mundo que ainda não foi expressado literariamente", argumenta.

Assim, para Benedito Monteiro, descortinar a sua realidade é um imperativo ao qual não pode se furtar o nosso escritor. "Outra coisa não se justifica, para um país sobre o qual tanto se tem a escrever", e a sua opinião.

Com a mesma veemência, ele também se opõe aos que, escrevendo se limitam a realidades típicas de certas classes. "Num país como o Brasil, com uma formação tipicamente rural e cujos homens da cidade são oriundos do campo, isso é uma fraqueza", lamenta.

Não menos exigente ele se mostra em relação ao papel do escritor num contexto em vias de desenvolvimento. "Acho que o escritor, em qualquer circunstância, tem por obrigação ser livre, pois se ele assume e exerce o seu com-

promisso, logo estará sendo fiel consigo e com seu povo", frisa Benedito Monteiro.

No que tange ao seu trabalho, ele garante, ao julgar, precisamente, o descobrimento da imensidão amazônica, "que continua, aí, desafiando a todos". "O que pretendo é expressar a realidade social amazônica", ressalta.

"As minhas pretensões são, sinceramente, modestas, daí me surpreender, por exemplo, quando um Benedito Nunes afirma que eu teria escrito o primeiro romance contextual sobre a Amazônia", confessa Benedito Monteiro, assegurando a surpresa diante da repercussão de suas obras.

Especificamente sobre a trilogia iniciada com "Verde Vagomundo", prosseguida com "O Minossau" e que culminará com o lançamento de "Terceira Viagem" Benedito Monteiro diz se tratar de um diagnóstico de "um mundo em vias de extinção".

"Independente de qualquer coisa, o que eu quero é dar a interpretação de uma civilização amazônica que está prestes a desaparecer, esmagada pelo desenvolvimento arbitrário, sacrificada, a cada dia, pelo crescimento desordenado", explica.

E para os que vêem em sua obra traços nitidamente autobiográficos, Benedito Monteiro esclarece: "Meus livros não são em nada, mas em absolutamente nada, autobiográficos, mas apenas refletem toda a minha experiência, nada mais".

Pensando em termos continentais, ele não aceita os estreitos limites do "pretensão regionalismo". "A América Latina se impõe ao mundo justamente pela universalidade, então, tendo em conta que a Amazônia é uma parte do mundo, ao escrever sobre ela terei, necessariamente, que apelar para o universalismo", destaca.

"Por que um romancista que escreve sobre a Amazônia terá que ser menos universal que um que escreva sobre a Guatemala?" Pergunta, completando a sua linha de raciocínio. "É importante, como já disse, não esquecer que a Amazônia faz parte do mundo".

Excluindo as preocupações de ordem intelectual, a maior das aspirações de Benedito Monteiro é conseguir sobreviver enquanto escritor. "Acho que seja possível e espero chegar a uma situação na qual possa ser apenas escritor".

Dedicando "o maior respeito" aos que se dedicam ao ofício de escrever, ele se furta a tecer considerações a respeito dos que, como ele, se voltam para a produção literária, em Belém. "Há, por aqui, muitos intelectuais trabalhando com seriedade e talento", é o máximo a que se permite, nesse aspecto.

Sua vida ele garante obedecer à mesma rotina, apesar de haver se tornado um nome sempre em evidência. "Já disse, certa vez, que aprendi a criar um mundo, então, isole-me das circunstâncias, ainda que atento à realidade do povo", conclui Benedito Monteiro.



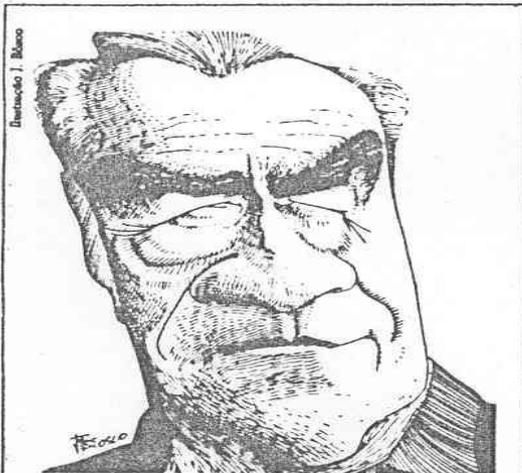
### A crítica de Verde Vagomundo

"Verde Vagomundo", primeiro romance de Benedicto Monteiro, chegou às livrarias em 1972, sendo escolhido neste mesmo ano como um dos dez melhores livros, segundo a Revista Veja.

#### A crítica de Leo Gilson

Em seus comentários sobre este livro, Leo Gilson Ribeiro, crítico literário de Veja, diz o seguinte: "Bons romances são raríssimos nas exuberantes matas amazônicas. Agora, ao lado dos seringueiros de 'A Selva' do romancista português Ferreira de Castro, já existe um escritor da Amazônia. Com 'Verde Vagomundo', o paraense Benedicto Monteiro traz um sotaque inédito à literatura brasileira: o do Pará e o do Amazonas. Vocabulos de sonoridades estranhas e mágicas: panema, embiara, taxizeiro, manhatani, givides.

A veemência social de Benedicto Monteiro não tem o sentimentalismo de Ferreira de Castro: sem emotividade, num estilo quase seco, ele alterna a denúncia de injustiças com trechos de um surrealismo fascinante, que o aproximam já do cubano Alejo Carpentier em suas descrições da



## O mundo vagoverde de Benedicto em debate hoje

**Benedicto Monteiro fala de seus romances, hoje, num debate que faz parte do projeto "O autor e sua obra", promoção do NAEA. Considerado um dos mais fecundos escritores da Amazônia, ele tem suas obras estudadas em várias universidades do país. Caderno Dois, página 1.**

selva e as alucinações de fantasia que ele gera como uma febre".

#### A Crítica de Haroldo Bruno

Haroldo Bruno, no Jornal O Globo também falou da obra de Benedicto Monteiro, em particular de Verde Vagomundo, que dá início à tetralogia da Amazônia. "A obra de Benedicto Monteiro ressalta logo a amplitude da perspectiva física que, fundando-se nessa "pesada paisagem verde", nesse "vago vazio, vagomundo, vagoespaço" a conferir o timbre do seu estilo e a sugerir a solidão, o abandono a que está relegado a homem da região, fogu a um social pitoresco ou tetralógico para oferecer, com o poder da transfiguração da arte literária, no caso a narrativa que se ergue em epopéia ou saga, um quadro astropoético de grandes proporções".

Haroldo Bruno diz ainda: "A transposição à estética literária do regional - e de um regional como o amazônico, que é a própria síntese inaugural da terra - constitui o tema e o personagem desse escritor, que transita com a mesma desenvoltura e originalidade pelo romance e pelo conto".



### Um romance-conto-poesia: O Minossauro

Trata-se do segundo romance da tetralogia de Benedicto Monteiro sobre o fabuloso verde vagomundo da Amazônia, visto "por dentro" e revelado "de dentro" em sua realidade total, multifacética - ecológica, humana, social e psicológica. Sua obra realiza um desbravamento no sentido inverso da já legendaria estrada, uma verdadeira picada cultural transamazônica que nasce nos igarapés e atinge os centros urbanos deste País-Continente.



### A Terceira Margem na opinião de Antônio Hohlfeldt

Em "A Terceira Margem", Monteiro realiza uma fascinante narrativa-síntese dos trabalhos anteriores, em que a margem alternativa se configura tanto como a realização literária essencial como o espaço-tempo mitológico em que o personagem Manuel dos Santos Prazeres, o Cabra da Peste, participante do episódio da queima dos fogos de artifício (em "Verde Vagomundo"), encontra enfim seu pouco e permite a narrativa que aqui se faz.

O autor concretiza, na verdade, uma espécie de épico do anonimato daquele povo amazônico, retomando e aprofundando a questão da "civilização fluvial".

A "Terceira Margem" identifica-se, enquanto narrati-

va, com sua própria paisagem e, neste sentido, é como se o leitor navegasse por igarapés, furos e paranás, descobrindo, à custa de observação acurada, dentre o verde de estranhas e múltiplas tonalidades, a realidade que ali se desenha e se esconde ao mesmo tempo.

Ela é também uma obra voltada para si mesma enquanto indagação e construção de uma linguagem específica, artificial enquanto invenção, mas apaixonante e instaurada de uma nova realidade, como ocorre com toda a linguagem verdadeiramente artística.

Antônio Hohlfeldt é crítico literário da Revista Isto É, de onde foi extraída esta matéria.

# Livros

## O pesquisador do linguajar e das crenças da Amazônia

Benedicto Monteiro fala de suas experiências na época da repressão militar e como deputado federal — e reclama do descaso com a literatura

Maurício Melo Júnior  
Especial para o CORREIO

O universo da literatura brasileira abriga mais mistérios do que possa imaginar nossa vã filosofia. Nela tem até escritora salvando a vida de minossau. Nélida Pinon quando leu *Verde Vagomundo* ficou tão encantada com seu protagonista que escreveu para o autor pedindo que não o matasse. E Miguel dos Santos Prazeres, o Abilhado-do-Diabo, o Cabra-da-Peste, o Minossau-ro está vivo até hoje.

Nélida ainda confessou ter tido a nítida impressão de que o livro tinha sido escrito por várias pessoas. "Talvez aquilo para ela fosse um defeito do livro, mas era o maior elogio que ela estava me fazendo", revela Benedicto Monteiro, um paraense de Alenquer, 16 anos, criador do caboclo Naguel e um dos maiores escritores do país.

Benedicto estreou na literatura em 1945 com um livro de poesias, *Bandeira Branca*. Apesar de ter sido bem recebido pela crítica e de ter um relativo êxito comercial, o autor sentiu que a poesia, como até hoje, era de comunicação restrita e não atingia o grande público. Assim, deixa de escrever para se dedicar à política.

**Prisão e linguística** — Suas viagens políticas, entretanto, lhe permitiram um contato mais próximo com o falar do caboclo amazônico. Assim começou a fazer uma pesquisa que queria transformar em tese de mestrado. Chegou a reunir uma série de fichas e fitas onde registrava esse falar típico. Mas veio a Revolução de 1964 e, além de cassar seu mandato de Deputado Estadual, confiscou toda a pesquisa.

Priso, passou sessenta dias absolutamente incommunicável. "Senti que poderia desaparecer e em nome passar da forma

nada se desaparecesse naquele momento". Depois de libertado — "quando passei a viver mais ou menos normalmente" tentou recuperar o material através da

justiça e não conseguiu até hoje. Para não perder o material pesquisado, com o que tinha de memória, começou a escrever. Daí nasceu *Verde Vagomundo*.

**Respeito** — Consciente de que quando o intelectual quer retratar as peculiaridades do linguajar brasileiro, quase sempre apela para o caricatural, Benedicto procurou outra vertente. Mostrou que esta linguagem não é errada, mas "tem um ritmo próprio, uma concepção própria", embora gramaticalmente errada. Outra preocupação foi colocar na boca dos personagens o pensamento deles próprios, criando em sua obra um forte apelo de respeito ao ser humano e à natureza. "O importante é que o respeito dessas pessoas, passem a ter a mesma importância do respeito das elites", acredita. E pelo avanço das questões ecológicas, Benedicto está com a razão.

As crenças e os sentimentos do homem da Amazônia estão tão presentes em sua obra que o autor acredita ser isso uma coisa intrínseca a si mesmo. "Não tive qualquer preocupação em me adaptar à moda da ecologia, a esta nova ciência que estava nascendo, mas apenas refletir o sentimento do caboclo", pois "não é a toa que vivemos e conservamos a Amazônia a milênios". E mesmo a colonização desordenada, não conseguiu apagar de todo as características da região.

**Esperança** — Esta colonização, além de destruir as florestas, tem desprezado e prejudicado a literatura local. "Todos os escritores que se tornaram nacionais, embora fossem da província, moraram no Rio de Janeiro". E cita dois exemplos. Márcio de Souza que saltou e despontou e Dalecido Jurandir, que mesmo talentoso e premiado, pereceu por não deixar a província. Mesmo assim a região tem evoluído com romancistas como Vicente Cecim e poetas como Rui Barata.

"A profissão do brasileiro é a esperança, pois só assim a gente pode encarar esse mundo cão". Essa esperança lhe fez trazer, como Deputado Federal, grandes

dos. "Eu me preparei a vida toda e vim ansioso para discutir essas idéias com outras pessoas que tivessem experiência na matéria. E minha frustração foi essa, não poder discutir o direito e a reforma agrária".

**Desprezo** — Mas Benedicto prefere falar mesmo é de literatura, embora com certa mágoa. "Aqui o escritor é uma pessoa de terceira categoria. Qualquer jogadorzinho de futebol, qualquer cantorzinho de rádio é mais importante que o escritor. Esse é o problema. Um problema de cultura e educação até, pois o fundamental para a vida do escritor é acabar ou diminuir o analfabetismo".

Mesmo assim o escritor não desanima. Depois de ter conseguido, com o *Aquele Um*, saciar uma grande parcela de sua preocupação linguística, procura trabalhar novos elementos do seu universo.

Recentemente, Benedicto aprontou um romance biográfico, *Transtempo*, onde procura descrever dois ângulos de sua vivência: a prisão e a liberdade. "As vezes chego à conclusão de que era mais livre na prisão do que na liberdade". Outro tema do romance é o tempo. Sua visão é de que o homem moderno vive simultaneamente o passado, o presente e o futuro e que o calendário, como grade do tempo, quase perde a função.

À Um outro novo romance está recebendo o ponto final. E *Maria de Todos os Rios*, e aborda a saga da mulher amazônica. "Descobri que a mulher tem sido extraordinária na vida amazônica". Mas o escritor tem encontrado algumas pedras no caminho. "Como o romance é narrado na primeira pessoa, tenho tido dificuldades de narrar, por exemplo, as experiências sexuais de Maria". Mesmo assim quer resgatar essa dívida com o mundo feminino da Amazônia.

A volta à poesia está se dando através da recriação em versos da prosa de outros autores. Acredita que esta experiência seja inédita, mesmo na literatura mundial. Já até escreveu um livro — *Cancioneiro de Lúcio* sobre a obra de Lúcio Jurandir e agora trabalha Guimarães Rosa. Mas o romancista Benedicto Monteiro não esquece sua prisão perpétua com a

# O heroísmo e a religiosidade do mito Minossauro

Minossauro é um termo que deixará muita gente à cata de um significado. Mas não adianta ir atrás do mestre Aurélio. Ele também não registrou o termo. Na verdade, esta é uma criação do próprio Benedicto. Inspirado nas mitologias grega e amazônica, o romancista criou este homem-réptil.



Encantada tanto pelo ser como por seu discurso, Maria do Carmo Pereira Coelho se debruçou sobre sua vida durante mais de três anos. Desde que leu o livro pela primeira vez, isso em 1975, sonhava fazer uma tese de mestrado sobre o personagem. A oportunidade veio em 1983, quando concluiu o Mestrado em Teoria da Literatura, pela UnB. Mas o parto não foi lá tão fácil. Professora da Fundação Educacional, quando foi liberada para escrever o trabalho, precisou se aprofundar no estudo de antropologia e comunicação

e não pôde concluí-lo em tempo hábil. De volta às salas de aulas passou a dormir uma média de duas horas por dia e aproveitar as horas vagas. Cinco meses depois botava o ponto final em sua obra:

Como o próprio nome diz, a tese aborda apenas uma das múltiplas faces da literatura de Benedicto Monteiro. Apenas seu lado mítico. Daí Miguel, o Minossauro, o Afilhado-do-Diabo, surge como síntese do espírito mítico amazônico.

**Natureza** — Miguel, indubitavelmente, é um herói. Seu mundo é rico de lendas e constantemente beira o fantástico. Absorvendo plenamente este clima ele o repassa para suas histórias. Daí nasce o mítico, que se torna uma das mais fortes facetas do seu criador. E daí Maria do Carmo extraiu três pontos fundamentais. Seu comportamento enquanto herói, suas concepções religiosas e a presença do mito do "eterno retorno". E a conclusão é uma só. Miguel é um herói mítico que surge em todo seu esplendor.

Segundo Maria do Carmo *O Minossauro* se mostra ainda "como uma luta entre a Natureza e a Cultura e é a natureza,

como cosmos, que sai vitoriosa". Entretanto a cultura do protagonista merece destaque e até ganha algumas reflexões bastante lúcidas. Como exemplo, a sua religiosidade. "Todas as suas crenças convivem com outras religiões, sobretudo com a religião católica: se diz católico devoto de Santo Antônio, faz promessas, mas não dispensa as 'rezas' e as 'benzedadeiras' e outros ritos fetichistas num sincretismo típico do caboclo amazônico. A questão da religiosidade aliás é tratada com carinho e especial atenção na tese. Suas veedas são aprofundadas até o extremo. A autora chega mesmo a afirmar que os elementos míticos do livro se apóiam em dois suportes semânticos. O épico e o religioso.

Embora por vezes recaia num academicismo que poderia ser dispensado, Maria do Carmo consegue levar o leitor ao entendimento pleno de sua obra. De quebra, desvenda toda a mitologia amazônica que sobrevive na mente primitiva de Miguel. (Maurício Melo Júnior).

■ Elementos Míticos no Minossauro. Maria do Carmo Pereira Coelho. Editora Regional. Brasília, 1990. 136 págs.

# Um grande ato de amor entre o caboclo e a floresta

*Aquele Um* foi publicado em 1985. Depois deste romance, síntese de toda a trajetória do caboclo Miguel dos Santos Prazeres, Benedicto Monteiro não publicou mais nada. No livro são narradas várias aventuras do afilhado-do-Diabo, apresentando-o por inteiro e só, levando o autor a, ousadamente, dar nova roupagem a algumas histórias já contadas em outras obras.



O romance é dividido em três partes distintas. Primeiro vem sua saída da casa paterna, sua formação e sua relação quase amorosa com a floresta. Depois é a luta para a conquista de seu sonho maior e todo amor pelo rio. Neste trecho ele torna-se quase anfíbio. É o próprio Minossauro. Por fim, vem sua relação diante da invasão da Amazônia, o mundo masculino e a resistência do caboclo. Assim Monteiro formaliza e revela os mistérios do

mundo e do homem amazônico, que tem em Miguel um forte estereótipo. Humilde, determinado e com um profundo sentimento ecológico, traz a disposição de desafiar o próprio destino para defender suas crenças.

A recriação do linguajar ribeirinho é o forte de Benedicto neste livro. Entretanto não se apresenta apenas um retorno a Guimarães Rosa. Monteiro além de imprimir elementos políticos e sociais, preserva o sentimentalismo, o respeito e sobretudo o carinho que marcou a prosa do mineiro.

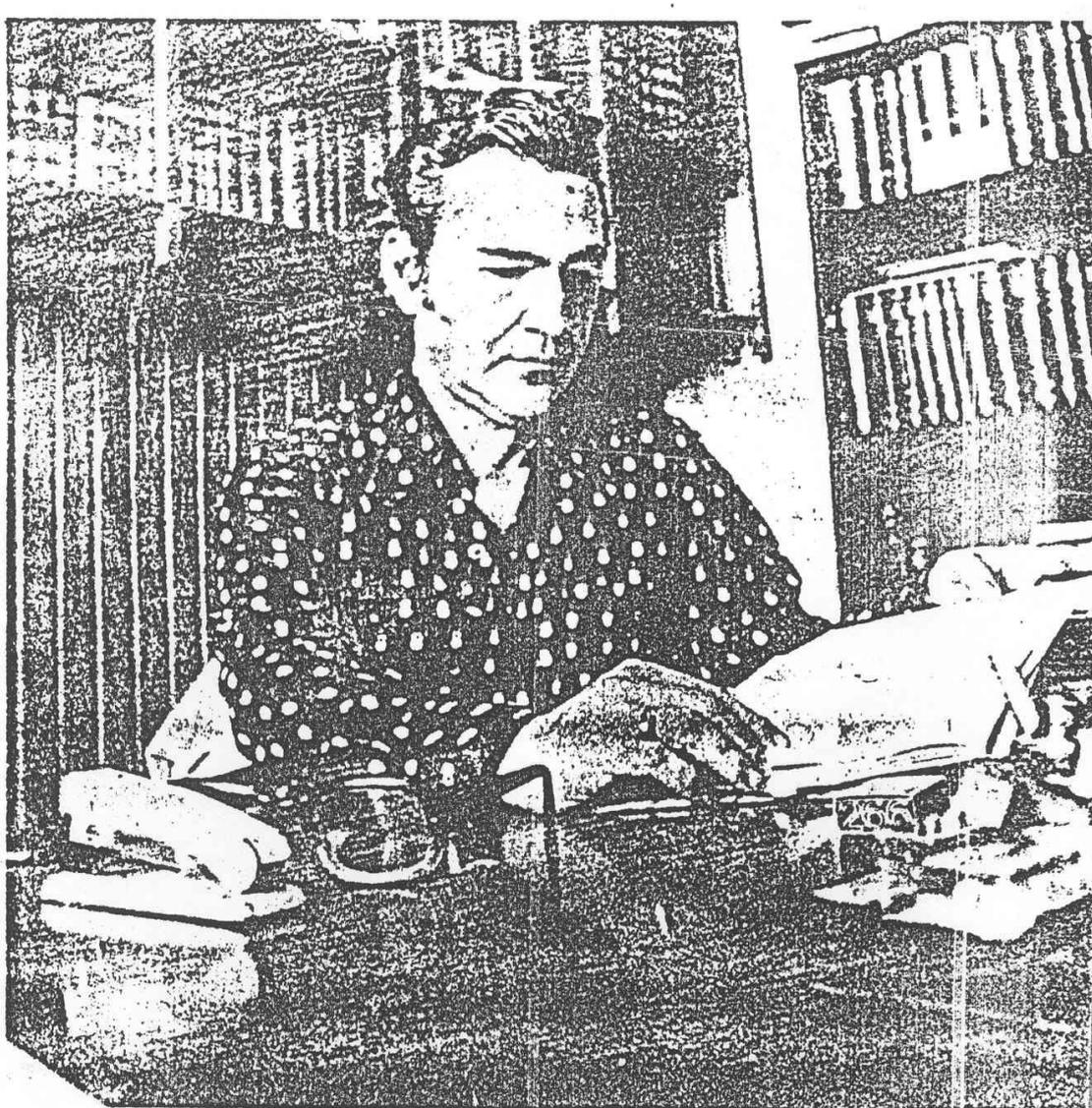
**Ecologia** — Uma outra preocupação do caboclo é deixar marcado sua doma sobre a liberdade e o destino. Até mesmo traça um fio delgado e firme entre os dois. Não quer casar para não perder a liberdade. Não se torna bandido porque sua "grande vocação na vida, sempre foi ser mesmo um grande pirotécnico". Neste destino deixará impregnado até nos filhos. "Se o senhor visse os meus filhos, aí que o senhor ia separar em mim todos os meus destinos". E o sentimento de liberdade só encontra barreira no respeito às águas. "O Amazonas bravo é a única entidade

que me põe na presença da morte".

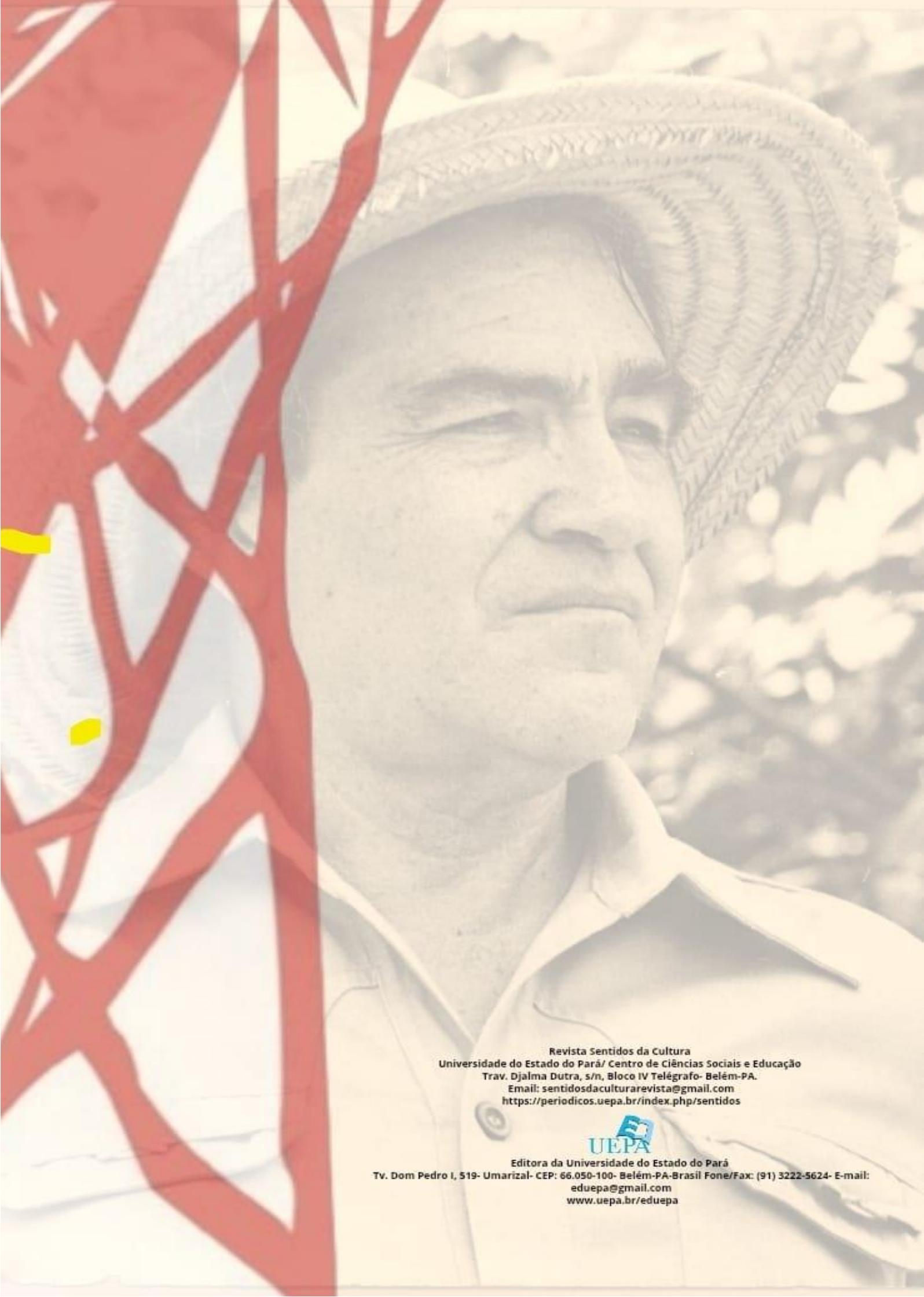
Miguel toma para si ainda todas as crenças e desejos do caboclo. Traz por dentro uma humanidade que o faz reverenciar a natureza e amar o universo que o cerca. Daí nasce toda uma relação íntima do homem com a natureza, que o leva a buscar uma árvore que simbolize sua ausência da casa paterna.

A união de todos esses sentimentos, deságua na resistência permanente do amazônida, levando Benedicto Monteiro a criar uma das mais fortes metáforas da nossa literatura. Cada um dos sete filhos que Miguel tem com mulheres de diferentes raças, vem marcado por um forte traço seu. Apesar da mistura dos sangue, há sempre a predominância da característica cabocla. Apesar de toda invasão, a Amazônia estará sempre marcada por sua própria presença forte e indestrutível. E esta lição é o legado maior da obra literária de Benedicto Monteiro. (Maurício Melo Júnior)

■ *Aquele Um*. Benedicto Monteiro. Editora Marco Zero e PLG - Comunicação. Rio de Janeiro, 1985. 224 págs. Edição esgotada.



Maior sonho é poder ser somente escritor



Revista Sentidos da Cultura  
Universidade do Estado do Pará/ Centro de Ciências Sociais e Educação  
Trav. Djalma Dutra, s/n, Bloco IV Telégrafo- Belém-PA.  
Email: [sentidosdaculturarevista@gmail.com](mailto:sentidosdaculturarevista@gmail.com)  
<https://periodicos.uepa.br/index.php/sentidos>



Editora da Universidade do Estado do Pará  
Tv. Dom Pedro I, 519- Umarizal- CEP: 66.050-100- Belém-PA-Brasil Fone/Fax: (91) 3222-5624- E-mail:  
[eduepa@gmail.com](mailto:eduepa@gmail.com)  
[www.uepa.br/eduepa](http://www.uepa.br/eduepa)